



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão de abertura da 39ª Reunião de Cúpula do Mercosul e sessão de trabalho

San Juan-Argentina, 03 de agosto de 2010

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar a companheira Cristina Kirchner, presidente da Argentina e presidente *Pro Tempore* do Mercosul,

Cumprimentar o companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,

Cumprimentar o companheiro José Mujica, presidente do Uruguai,

Cumprimentar o companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia,

Cumprimentar o companheiro Sebastián Piñera, presidente do Chile,

Cumprimentar o nosso querido secretário-geral da Unasul, companheiro Kirchner,

Cumprimentar os companheiros representantes de organismos internacionais,

Cumprimentar o nosso querido Governador da Província de San Juan,

Queria cumprimentar os chefes de delegações,

Queria cumprimentar os representantes do Parlamento do Mercosul,

Cumprimentar os representantes dos movimentos sociais aqui presentes,

E dizer para a Cristina que vou fazer um esforço imenso para não levar todo o tempo que levávamos para falar, alguns anos atrás.

Mas queria começar reconhecendo que ontem à noite quando eu cheguei aqui, às dez e meia da noite, onze horas – o companheiro Celso Amorim já estava recolhido, certamente telefonando para sua mulher –, eu me encontrei com os meus assessores que, unanimemente, me disseram que esta reunião de San Juan tinha sido a melhor reunião, depois de Ouro Preto, do



Mercosul – já faz muito tempo –, e estava todo mundo feliz com o conteúdo e a qualidade das decisões que foram aprovadas aqui. Portanto, eu acho que o clima de San Juan, Governador, permitiu que o Mercosul avançasse nisso. Esta, na verdade, deve ser considerada a Declaração de San Juan, grande declaração.

Bem, queria dizer aos companheiros que eu sou decano do Mercosul, sou o presidente mais velho. De idade, estou igual a Pepe, mas de participação no Mercosul eu sou o presidente que mais tempo está exercendo a Presidência. O que é triste é que para quem está no governo oito anos não é nada, e para quem está na oposição oito anos é uma eternidade. *Entonces*, eu tenho que sair para contemplar um pouco a oposição que quer disputar uma eleição, embora vá perder.

Segundo, dizer um pouco, Cristina, do clima que era o Mercosul, no começo. O companheiro Kirchner não está aqui presente agora, deve estar em uma bilateral. Mas eu queria dizer que os avanços do Mercosul, na minha visão, foram avanços extraordinários. Eu lembro que eu fiz uma campanha para presidente da República em 2002, em que o grande tema da campanha era se iria prevalecer a implantação da Alca ou não. E o movimento social, o movimento sindical, o meu partido e as pessoas de esquerda no meu país, todos éramos contra a Alca, todos. E éramos acusados de não querer que o Brasil se desenvolvesse, éramos acusados de não perceber a importância dos Estados Unidos para o desenvolvimento da América do Sul. E nós afirmávamos que na Alca não tinha nenhuma proposta condescendente, como teve a proposta da criação da União Europeia, em que países como Portugal, Grécia, Espanha, receberam ajuda financeira para desenvolver os seus países, investimentos em infraestrutura, e se colocarem, mais ou menos, em igualdade de condições. Então, a Alca, no fundo, no fundo, no fundo, era uma proposta que não tinha nenhum propósito de ajudar com que os países mais pobres pudessem ter ajuda para se desenvolverem e se transformarem em países



minimamente competitivos com os países ricos.

O dado concreto é que nós ganhamos as eleições. Depois de algum tempo, veio o Kirchner e ganhou as eleições. O dado concreto é que dois anos depois que estávamos na Presidência da República, nem os Estados Unidos falavam mais em Alca, ninguém falava mais em Alca. Talvez, alguns saudosistas acreditassem que poderiam continuar falando na Alca. E nós fizemos uma coisa e a história, às vezes leva anos para mostrar e às vezes... Eu lembro quantos discursos eu ouvi, eu lembro quantas vezes eu lia jornal de países aqui do Mercosul, em que os presidentes participavam de algumas reuniões e voltavam para os seus países dizendo: “O Mercosul não adianta, porque o Mercosul não vai para a frente, porque é preciso nos voltarmos para tentar fazer acordo direto com os Estados Unidos”. Nós nunca fizemos nenhuma crítica a quem quisesse fazer acordo, com quem quisesse. Era um direito soberano de cada país fazer acordo com os Estados Unidos, fazer acordo com a Europa, fazer acordo com o Japão. Mas o que nós queríamos era fortalecer o potencial de similaridade que nós tínhamos e que não era explorado.

Pois bem, eu acho que os resultados econômicos do Mercosul demonstram, por si só, o acerto das decisões que nós tomamos quando resolvemos fortalecer o Mercosul. É só pegar o fluxo comercial e, além do fluxo comercial, pegar os avanços de integração, e, sobretudo, pegar os avanços da interação política que houve entre os nossos companheiros governantes, ministros e o povo em geral. Há um processo de confiabilidade hoje que não havia dez anos atrás ou que não havia oito anos atrás.

Além disso, nós tivemos a oportunidade de fazer duas reuniões da América do Sul com os Países Árabes – parecia impossível e aconteceram as duas reuniões –; nós fizemos duas reuniões entre a América do Sul e o continente africano – parecia impossível e aconteceram as reuniões –; e nós fizemos a primeira reunião, em 200 anos de independência, de toda a América



Latina mais o Caribe, que foi a reunião de Sauípe, na Bahia, o que parecia impossível.

Muitas vezes, muitas vezes, nós ficamos ansiosos porque vamos a uma reunião e não voltamos para casa com nada para dizer para o nosso povo: “Eu conquistei tal coisa”. Todos nós ficamos ansiosos. Eu, no começo, ficava nervoso porque o Kirchner ia para as reuniões, ficava um dia e depois o Kirchner vinha embora para a Argentina. Eu falava: por que é que ele não fica os dois dias com a gente aqui e tal? Depois ele virou, agora, secretário-geral da Unasul. Agora ele vai ter muito mais dor de cabeça e muito mais reuniões do que ele tinha na época.

Aprovamos a entrada da Venezuela no Mercosul e, lamentavelmente, o Parlamento brasileiro demorou quatro anos para aprovar, muito mais por preconceito político, porque não há nenhuma divergência econômica para [não] ter aprovado. Eu acho que a mesma coisa pode se dar no Paraguai, e é preciso que a gente trabalhe para que outros países façam parte do Mercosul. Não tem lógica, não tem lógica, não tem lógica, nem econômica, nem cultural, nem comercial, que nós que temos milhões de quilômetros de fronteira seca em que o nosso povo pode transitar de lado a lado, que a gente não tenha um comércio muito mais forte, que as nossas empresas não se desenvolvam construindo parcerias. A gente não precisa abdicar das nossas relações com outros países, mas a gente tem que privilegiar as nossas relações. Afinal de contas, se a gente não cuida dos filhos da gente, a gente não pode dar palpite nos filhos dos outros. É preciso, primeiro, cuidar de onde nós temos um potencial extraordinário.

Nós temos energia, nós temos petróleo, nós temos gás, nós temos possibilidade hídrica como nenhuma parte do mundo tem, nós temos tudo que o mundo precisa, sobretudo para dar exemplo nessa discussão sobre a questão do clima. Os países ricos fazem discursos de bonzinhos, mas querem que nós submetamos o nosso desenvolvimento para cuidar de coisas que eles



não cuidaram. Foi por isso que nós não tivemos acordo em Copenhague, porque a grande proposta, a grande proposta de contenção de emissão de gases de efeito estufa dos companheiros americanos era de apenas 4%, se pegássemos como base 1990. A Europa poderia ter oferecido 30%, ofereceu 20%. E eles acham que podem resolver o problema do mundo dando um pouco de dinheiro para os países pobres não desmatarem as suas florestas, ou seja, para os países pobres ficarem pobres, subdesenvolvidos, enquanto eles podem, sofisticadamente, cada vez mais, exportar para nós produtos de valor agregado, cada vez mais sofisticados.

No fundo, no fundo, é isso que está em jogo nessa discussão. Ninguém quer abrir mão dos privilégios conquistados. E nós não queremos manter privilégios, nós queremos conquistar o direito do nosso povo ter o mesmo direito que eles já têm. Cada argentino, cada brasileiro, cada boliviano, cada venezuelano, cada chileno, cada uruguaio, paraguaio, cada companheiro do Haiti tem que ter o mesmo direito de ter acesso a todos bens materiais que eles têm porque, senão... Se o planeta Terra não oferece matéria-prima suficiente para todo mundo ter o padrão de vida alemão, é preciso, então, que a gente discuta como utilizar corretamente as matérias-primas e as riquezas que existem no mundo.

Então, essa é uma discussão que vai se dar muito forte em Cancún, e essa discussão vai se dar, outra vez, Cristina, com os Estados Unidos, ela vai se dar, outra vez, com a Europa, e ela vai se dar com a China. E nós precisamos estar preparados e, quem sabe, construir uma proposta do Mercosul; quem sabe, o Kirchner trabalhar para a gente construir uma proposta da Unasul; fazer o possível para a gente fazer uma proposta, mas sem abrir mão do direito de continuarmos nos desenvolvendo. Esse é um dado delicadíssimo.

Então, eu acho que nós avançamos de forma extraordinária. E quero, Cristina, dizer que eu só tenho uma frustração, que era um sonho meu: que era



que nós pudéssemos construir o acordo entre Mercosul e União Europeia, na sua Presidência e na Presidência do companheiro Zapatero, o que não foi possível. E agora, como o grande adversário dessa união me parece que são os companheiros franceses, eu agora vou ter cinco meses pela frente para tentar convencer os franceses a fazerem o acordo União Europeia e... Deus queira que a gente consiga e, quando, em dezembro, quando em dezembro, eu for passar a Presidência, acho que é para o Paraguai, lá... eu já estou dizendo que a reunião será convocada lá em Foz do Iguaçu, porque além do Mercosul, nós vamos visitar a escola que está sendo construída... a Universidade Latino-Americana, com professor latino-americano, com currículo latino-americano, com aluno latino-americano, e já vai ter uma base funcionando nos prédios de Itaipu... Então, vai ser lá a reunião.

Bem, ditas essas coisas, eu queria dizer aos companheiros que os avanços que nós conseguimos são visíveis e o nosso povo sente. Eu tenho sempre uma parte improvisada e uma parte institucional. Essa institucional é porque o Brasil vai ter uma nova pessoa que vai assumir a Presidência. Então, eu preciso deixar algo provado, do que foi o meu penúltimo discurso.

Eu gostaria, companheiros e companheiras... É quase um agradecimento à lealdade que nós tivemos nesses anos de convivência. Acho que a América do Sul e o Mercosul hoje são exemplos de como o mundo poderia viver em paz, de como o mundo poderia viver sem armas nucleares, de como o mundo poderia viver sem guerra, de como o mundo poderia viver de forma muito mais harmônica. Eles poderiam aprender conosco, poderiam aprender conosco. Eles não poderiam ter os ciúmes que tiveram nesses últimos dias, que eu peço a paciência de vocês para contar.

Eu, Cristina, não conhecia o Presidente do Irã, até que eu o encontrei na ONU, uma vez, e resolvi conversar com ele. Depois que conversei com ele, fui conversar com o Obama, fui conversar com o Sarkozy, fui conversar com a Angela Merkel, fui conversar com o Gordon Brown, sobre o problema dos



conflitos entre iranianos, europeus, Estados Unidos e Israel. Depois eu fui à Palestina conversar com o presidente Abbas; depois eu fui a Israel conversar com o Primeiro-Ministro de Israel; depois eu recebi o Presidente de Israel no Brasil, tivemos conversa; depois tive uma conversa com o Presidente da Síria; recebi o Presidente do Irã no Brasil, e depois eu fui ao Irã.

O que me deixou profundamente chocado é que nenhum dos presidentes, dos grandes do Conselho de Segurança, tinham conversado com o Irã. Estive com Medvedev... mostrando para eles que era necessário que alguém pegasse o telefone e chamasse o Presidente do Irã para conversar, afinal de contas nós tínhamos lá os homens mais importantes do Planeta, que são os homens que têm... são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Eu não sei se é pelo fato de serem os membros permanentes do Conselho de Segurança, que são os cinco países que vendem mais armas no mundo, são os países que têm bomba nuclear. Então, deveriam chamar o Irã para conversar. Essas coisas a gente resolve na conversa, como foi resolvido o acordo aduaneiro agora, aqui. Em dois minutos de conversa o Lugo decidiu.

Pois bem, diziam que era impossível, que o Irã não queria sentar para conversar. O Primeiro-Ministro da Turquia e eu, Celso Amorim e o chanceler deles, depois de 18 horas conseguimos assinar um documento em que ele se dispunha a sentar à mesa de negociação com o Grupo de Viena, que era o grupo composto por Rússia, Estados Unidos e França. Não, só os três. Qual não foi a minha surpresa, qual não foi a minha surpresa, que quando ele manda o documento no domingo à noite – porque nós exigíamos prazo –, os países do Grupo de Viena, em vez de começarem a dizer “Bom, estão criadas as condições para negociação”, começaram a discutir o aumento das sanções. Possivelmente, eles nem queriam ler o documento. E o documento – o que me deixou mais irritado –, é que o documento – e eu posso dizer para vocês aqui –, o documento que nós firmamos com Ahmadinejad era a carta explícita que o



Obama mandou para mim e mandou para o Primeiro-Ministro da Turquia. Exatamente o que Obama disse que era possível fazer, nós fizemos.

De repente, aquilo que era para ser um acordo virou sanções. Eu não acredito em sanções porque essas sanções, também, têm problemas. Deve ter sanção para as empresas argentinas, para as empresas brasileiras, mas não deve ter sanção para as empresas russas, não deve ter sanção para as empresas americanas, não deve ter sanção para as empresas chinesas. Eles vão continuar... A Rússia vai continuar fazendo a usina nuclear do Irã, a Argentina... o Chile vai... a China vai continuar cuidando do petróleo lá, e os outros mortais comuns é que vão ficar fora.

Eu fiquei muito decepcionado porque hoje eu me pergunto se as pessoas querem paz ou se as pessoas querem manter o clima de instabilidade que existe para poder utilizar a teoria, muito conhecida, de Maquiavel: é preciso dividir para reinar. Hoje eu tenho essa convicção, porque não é possível, não é possível que as pessoas não conversem com quem está nos conflitos, para negociar. Como é que eu posso fazer pacto com o Piñera se eu não me sentar com o Piñera para conversar? Como é que a gente vai restabelecer a harmonia entre Colômbia e Venezuela, se Chávez e o novo presidente não sentarem para conversar. Como é possível resolver um conflito do Brasil com a Argentina, se eu e Cristina não sentarmos para conversar? Então, em política, a gente não pode terceirizar o mandato que o povo nos deu. Em política, quem foi eleito precisa exercer o seu mandato e fazer o que tem que ser feito, negociar, conversar, porque, às vezes, um companheiro nosso, assessor, pensa diferente. Eu acho, acho que... Eu queria fazer esse depoimento aqui, porque eu ainda vou discutir com eles na ONU, ainda vou discutir com eles no G-20. Eles não vão... Nós vamos fazer uma discussão profunda sobre isso, porque eu acho que...

Nós não queremos guerra. E se alguém quiser saber um lugar tranquilo no Planeta, olhe para a América do Sul, olhe para este continente. Aqui nós



temos todos os defeitos do mundo, mas faz muito tempo que nós não fazemos guerra entre nós. Às vezes, temos guerra verbal, que não fere ninguém, não ataca ninguém. Por exemplo, eu fiz uma... eu falei uma coisa com a imprensa, nesses dias, e o Uribe ficou meio nervoso e fez uma nota. Sabem como é que eu vou me vingar de Uribe? Eu vou, na segunda-feira à noite, jantar lá, no jantar de despedida dele, para ele saber que eu não tenho nenhum problema com ele, que eu gosto dele, que é meu amigo, e que eu quero ajudar a construir a paz. Então, o meu gesto vai ser ir jantar, para ver se ele me convida para sentar ao lado dele, ainda, para a gente poder conversar. Senão, a gente não constroi a paz no mundo, senão a gente não constroi a tranquilidade, senão a gente não constroi o Mercosul, não constroi a Unasul, não constroi o Parlamento do Mercosul. Por que não aprovamos o Parlamento do Mercosul? Qual é a dificuldade que nós temos? Qual é a grande divergência de fundo, que a gente não tem um Parlamento? Que vai ajudando a gente a fazer as coisas, com erros e com acertos. Nada, nada, nada vai ser definitivamente pronto, é um processo de aprendizagem. E nós vamos aprendendo com os erros, sabendo que não pode ter supremacia de um país sobre outro país, sabendo que o Parlamento não pode aprovar uma coisa que fira a soberania de um outro país. E a gente só vai atingir a maturidade política quando a gente tiver responsabilidade.

Então, meus queridos companheiros e companheiras, eu acho que... Eu vou deixar o meu discurso escrito aqui para outra oportunidade. Eu acho que nós ainda temos muito, muito o que fazer. Por exemplo, no Brasil nós aprovamos uma grande política de inovação tecnológica. E essa política de inovação não pode ser só para o Brasil, nós temos que ter laboratório no Mercosul inteiro. Cada país do Mercosul tem que ter um laboratório... [estar] conectado com um laboratório para a gente poder avançar nessa questão da inovação tecnológica, que é uma necessidade, hoje, do mundo. A questão energética, nós não podemos ficar, a cada inverno, a cada verão, vendo um



país nosso ter problema energético. Nós temos que sentar e pensar, definitivamente, como é que nós vamos resolver esse problema.

Então, companheiros... eu queria, Cristina, te dar os parabéns. Acho que a tua Presidência foi, na minha opinião, uma extraordinária Presidência. Acho que este documento assinado é uma demonstração do avanço extraordinário que nós tivemos. Eu espero que na minha Presidência a gente possa avançar um pouquinho mais, e que em outras presidências a gente possa avançar um pouquinho mais, até que o Mercosul seja uma coisa que ninguém tenha mais dúvida de ninguém e que nós sejamos amigos de verdade na construção de um bloco político, econômico, social e cultural.

Portanto, eu quero agradecer a todos vocês pelo tratamento que me deram, nesse tempo todo. Obviamente que não é o discurso de despedida porque vai ter outro discurso, mas é quase... tudo o que eu faço, daqui para a frente, é quase a última vez. Sinceramente, saio daqui com a consciência de que... lá no meu país tem gente falando contra o Mercosul, lá no meu país tem gente falando contra o Mercosul, lá no meu país tem gente achando que não vale a pena a gente manter relações privilegiadas com a Bolívia, com o Uruguai, com o Paraguai, são todos países “pequeninos”.

Eu quero dizer o seguinte: as pessoas não sabem... Eu estava com o Lugo, quando um jornalista brasileiro perguntou: “Companheiro Lula, como é que você está investindo US\$ 400 milhões numa linha de transmissão, se quem vai pagar o custo dessa linha de transmissão é o povo brasileiro?” Eu perguntei [respondi] para ele: perguntem o preço de uma guerra, que vocês vão perceber que nós não estamos gastando absolutamente nada com a construção dessa torre.

Portanto, muito obrigado, companheiros, e feliz Mercosul.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial do presidente de Camarões, Paul Biya

Palácio Itamaraty, 04 de agosto de 2010

Excelentíssimo senhor Paul Biya, presidente de Camarões, e sua senhora, Chantal Biya,

Minha querida companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu querido companheiro senador da República, presidente do Senado, José Sarney,

Senhor Jean (incompreensível), vice-primeiro-ministro de Camarões, por meio de quem cumprimento os demais ministros de Camarões,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento todos os ministros brasileiros,

Senhores parlamentares,

Senhores embaixadores,

Senhoras e senhores,

É uma grande honra receber a primeira visita de um presidente camaronês ao Brasil, no ano em que comemoramos o cinquentenário da independência desse país amigo e de outras 16 nações africanas.

Esse meio século de vida independente é rico de significado e de esperança. São 50 anos lutando contra o legado de atraso e subdesenvolvimento deixado por séculos de colonialismo, que via na África apenas uma fonte de matérias-primas e um reservatório de mão de obra escrava.

No limiar do século XXI vemos com entusiasmo uma África senhora de seu destino, que não será mais presa fácil de nenhuma partilha entre potências dominantes. Vemos nesse renascimento africano uma esperança para o



mundo.

Com seus 800 milhões de habitantes, a África é uma das peças chave para um novo ciclo de expansão da economia mundial que combine crescimento, combate à fome e à pobreza, redução das desigualdades sociais e desenvolvimento sustentável.

Meu caro amigo presidente Biya,

O Brasil se orgulha de ter sido o primeiro país latino-americano a reconhecer a independência de Camarões. Ao longo dos anos nossa relação consolidou-se na ONU, na OMC, nas negociações sobre mudança do clima e na busca por uma governança econômica global de um novo tipo.

Camarões e Brasil trabalham lado a lado em todas essas frentes em favor do multilateralismo, da eliminação dos subsídios agrícolas e do acesso das exportações dos países em desenvolvimento aos mercados das nações desenvolvidas.

Como detentores de importantes reservas florestais, nossos países são ativos promotores do manejo racional dos recursos naturais e de um acordo para redução das emissões de gases de efeito estufa. Defendemos o fim das nocivas condicionalidades dos organismos financeiros internacionais, que asfixiam as economias dos países mais pobres.

Essa comunhão de pontos de vista sobre os grandes temas da atualidade proporcionou renovado impulso ao relacionamento bilateral. Com a abertura da Embaixada do Brasil em Yaoundé, em 2005, reforçamos significativamente nossos contatos no nível, tanto governamental quanto privado.

A visita de Vossa Excelência amplia as oportunidades para o fortalecimento da cooperação, dos negócios e do diálogo político. Resultados concretos já podem ser observados em várias esferas. O comércio bilateral teve expressivo aumento nos últimos anos. Entre 2002 e 2008 elevamos nosso intercâmbio de US\$ 14 milhões para US\$ 136 milhões. Em 2010 vamos superar os US\$ 200 milhões.



Também estão em curso várias iniciativas importantes em saúde, agricultura e energia, que serão complementadas com os acordos que assinamos hoje nas áreas cultural, de turismo e de pecuária. Em setembro próximo enviaremos nova missão técnica a Camarões nas áreas de extensão rural, pecuária e cooperativismo. Em conjunto com a França, estamos concluindo os ajustes necessários para implantar projeto trilateral em apicultura.

A relação com Camarões possibilita um maior contato nosso com o centro-oeste africano. Sua posição no Golfo da Guiné o torna porto de entrada natural para o escoamento de produtos destinados aos países sem acesso marítimo, como o Chade e a República Centro-Africana. Seus aeroportos já atendem rotas internacionais e recebem aeronaves de grande porte, o que faz de Camarões um parceiro em potencial para a abertura de voos diretos entre países da África e o Brasil.

Senhor Presidente,

Quando resolvemos fazer da África uma das prioridades da política externa brasileira, não atuamos apenas por um sentimento de solidariedade ou pela consciência da dívida histórica que temos com esse continente irmão. Estreitar os laços com a África, para nós, brasileiros, é sobretudo resgatar o conhecimento de nossa própria identidade nacional, é compreender o nosso presente, é construir o nosso futuro.

Ao aprovar, recentemente, o Estatuto da Igualdade Racial, vencemos uma batalha importante na luta contra a exclusão. No Brasil, combater a desigualdade e a discriminação é mais que um imperativo moral, é uma condição inescapável para construir um verdadeiro Estado democrático.

É com esse espírito de concórdia e solidariedade que peço a todos que levantem um brinde em homenagem a Vossa Excelência e a todo o povo de Camarões.

(S211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de anúncio dos atos assinados em conjunto com o presidente
da Venezuela, Hugo Chávez**

Caracas-Venezuela, 06 de agosto de 2010

Bem, companheiro Chávez,
Companheiros empresários brasileiros,
Ministros que me acompanham,
Companheiros da Venezuela,
Empresários e companheiros da imprensa,

Na verdade, Chávez e eu temos uma convivência política como chefes de Estado há oito anos, mas nunca tivemos tempo de sentar em torno de uma mesa e poder trocar experiência [sobre] o que aconteceu em cada país do ponto de vista dos avanços sociais.

E um dia, Chávez – faltam cinco meses para terminar o meu mandato –, eu poderei vir aqui à Venezuela sem toda essa minha assessoria, *solito*, porque político sem mandato nem vento bate nas costas. Mas eu virei, eu virei aqui para conversar porque o sucesso das políticas sociais que nós implantamos no Brasil é reconhecido por qualquer empresário que você perguntar aqui, do Brasil, como uma das razões do sucesso da economia brasileira, ou seja, os pobres tiveram acesso a dinheiro, à educação e a emprego.

Eu vou terminar o mandato agora, no dia primeiro de dezembro [1º de janeiro] e estaremos entregando o país com 14,5 milhões de novos postos de trabalho criados nos meus oito anos de mandato. Isso é o resultado de um conjunto de políticas, que vai desde coisas simples, bancarização, porque pobre não entrava em banco. Pobre, no Brasil, passava longe do banco e ele



não tinha nem coragem de andar perto... de entrar perto do banco, porque tinha um polícia dentro do banco achando que ele era ladrão. E hoje os pobres entram no banco, abrem as suas contas, contraem seus empréstimos, às vezes US\$ 200, às vezes... – eu estou falando em dólar para todo mundo entender – às vezes US\$ 50; às vezes US\$ 1 mil. O que é impressionante é que o pobre paga, porque *el* pobre tem como patrimônio seu *nombre* e ele paga as suas dívidas.

Eu quero, para me despedir, Chávez, dizer para você da alegria de termos feito... assinado 28 acordos. Foram 28 acordos que podem se somar aos tantos que nós já assinamos e quando, na última reunião, em dezembro, formos fazer avaliação da quantidade de acordos, nós vamos perceber que nós fizemos, em oito anos, o dobro ou o triplo do que foi feito em cinco séculos.

Eu quero agradecer aos empresários brasileiros porque os empresários brasileiros, apesar da preocupação de algumas notícias, de que a Venezuela vai estatizar as empresas brasileiras, de que a Venezuela não paga as empresas brasileiras, eu quero dizer para você da confiança que esses empresários têm cada vez que eu os convido para virem à Venezuela trabalhar um projeto. Eu sei da extraordinária relação que você mantém com todos esses empresários e sei o quanto eles podem contribuir para a Venezuela. A mim me gostaria muito – gostou do “a mim me gostaria muito, Tónico”? –, a mim me gostaria que os nossos empresários não quisessem fazer as coisas sozinhos aqui na Venezuela; que a gente tentasse fazer parcerias com empresários da Venezuela para que eles pudessem ficar economicamente fortes, e que amanhã eles pudessem ir ao Brasil fazer investimentos no Brasil, associando-se a empresas brasileiras.

Eu estou convencido, Chávez, eu estou convencido de que nós conseguimos descobrir o óbvio. Eu digo sempre que a política, ela seria muito fácil, se todo político fizesse só o óbvio, ninguém precisasse inventar nada. E por que o óbvio? Ora, porque a Venezuela está muito próxima do Brasil,



porque o Brasil está muito próximo da Argentina, porque a Argentina está muito próxima do Uruguai, que está do Paraguai, que está da Bolívia, que está do Equador, que está da Colômbia, que está do Peru. Nós somos ligados, nós somos ligados. É que nem uma criança, no cordão umbilical, ligada a sua mãe. Um belo dia alguém nos disse que nós não deveríamos nos conhecer, que nós deveríamos mirar ao Norte, ao Norte era que nós deveríamos tudo: a nossa sorte, o nosso crescimento, o nosso desenvolvimento. E nós acreditamos nisso no século XIX, acreditamos no século XX, e somente há pouco tempo nós começamos a descobrir que nós temos muito mais a oferecer uns aos outros do que a receber do Norte. Houve um tempo, Chávez, que o Norte, pelo fato de ter uma temperatura muito mais correta que a nossa, ou seja, temperatura... – inverno é inverno, frio é frio, calor é calor – eles eram detentores da sabedoria da produção de alimentos. Mas eles não sabiam que um dia, neste continente, nós íamos ter uma empresa de tecnologia para agricultura tropical como a Embrapa, que produz de forma extraordinária, competindo com qualquer parte do mundo. É isso o que nós queremos fazer com a América do Sul, com a América Latina e com a África, e o que nós assinamos hoje é apenas mais um corte no cordão umbilical para que a gente ganhe vida, e esse menino e essa criança chamada relação Sul-Sul, nunca mais dependa de uma pessoa tão distante chamada Norte.

Vamos construir entre nós aquilo que eles construíram entre eles. Eles, um dia, acreditaram neles, e são o que são hoje. Nós passamos muito tempo sem acreditar em nós e por isso ficamos mais pobres. Agora, graças a Deus, nós nos descobrimos e nós sabemos que quem pode não são eles. Nós podemos, nós queremos e nós seremos grande pátria, grande nação e um grande continente.

Um abraço.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião de instalação da Secretaria da Cúpula América do Sul-África

Caracas-Venezuela, 06 de agosto de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o nosso querido companheiro Hugo Chávez, presidente da República da Venezuela,

Cumprimentar o companheiro Néstor Kirchner, secretário-geral da Unasul,

Cumprimentar o nosso companheiro anfitrião, companheiro Nicolás Maduro, ministro das Relações [Exteriores] da Venezuela,

Cumprimentar o Ministro das Relações Exteriores da Nigéria, por meio de quem cumprimento todos os demais representantes de países da África e da América do Sul aqui presentes,

Cumprimentar o meu companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Delegados convidados,

Eu tenho um discurso muito pequeno, mas eu queria dizer algumas palavras na política, e eminentemente política. A África, a América do Sul e a América Latina como um todo foram países que durante séculos não tiveram o direito de elaborar suas próprias políticas, definir suas próprias decisões, porque fomos colônia durante muito tempo na América do Sul e na América Latina, e a África foi colônia durante muito tempo.

Eu tenho visitado, companheiros, 29 países africanos no meu mandato. É mais do que o somatório de todos os presidentes da história do Brasil. Tenho percebido que a colonização, ela pode ter sido feita de forma diferenciada, dependente [dependendo] de qual país era o colonizador, mas a verdade é que nós, na América Latina, até o século XVIII, e a África, até o século XX, muitos



países, dependíamos do que os nossos senhores falavam ou deixavam a gente fazer. Somente a partir do século XX é que nós começamos a discutir, entre nós, as nossas igualdades, as nossas possibilidades, e pensar na construção de um futuro comum entre aqueles que não tiveram chance, nem no século XIX, nem no século XVIII e nem no século XVII. Passamos a conhecer a nossa independência, no caso da América do Sul, duzentos anos atrás. O Brasil ainda fará 200 anos de independência em 2022. Ainda faltam 12 anos para que a gente complete 200 anos de independência. A Argentina tem 12 anos na nossa frente.

Pois bem, eu sei que são difíceis essas reuniões. Sair da Nigéria para chegar a Caracas é muito difícil; sair do Brasil para chegar à Tanzânia é muito difícil; sair da Argentina para chegar à Nigéria também é muito difícil. Na verdade, não é que é difícil. É que nós fomos habituados a achar mais perto ir para os países que nos colonizaram ou ir para os países economicamente ricos. Todos nós nos habituamos a ir para a Europa e para os Estados Unidos, todos nós. Nós não olhávamos uns para os outros. Nós, muitas vezes, nos víamos como inimigos. De Cabo Verde ao estado do Ceará, no Brasil, são apenas três horas e meia de avião. Do Senegal também, menos de quatro horas de avião. Entretanto, durante décadas, nós passávamos por cima do Senegal, íamos a Frankfurt, íamos a Londres, íamos a Paris, a Roma, e não parávamos em Cabo Verde, e muito menos no Senegal ou em qualquer outro país africano. Assim valia para o Brasil, valia para a América do Sul e valia também para os países africanos com relação à América do Sul. Nós... os nossos colonizadores nos obrigaram, do ponto de vista cultural, a entender que a saída para os nossos países estava na boa vizinhança e na boa política que nós mantivéssemos com os colonizadores.

Agora o que nós estamos descobrindo? Nós estamos descobrindo que África e América do Sul, ou África e América Latina, não utilizaram 5% do potencial de relações políticas, econômicas e culturais. Vejam que coisa



absurda! Há muito tempo os americanos abandonaram a África, pelo menos do ponto de vista dos interesses econômicos imediatos. Agora a China descobriu a África, e todos nós sabemos que os nossos companheiros chineses precisam de muita matéria-prima, precisam de muito alimento, precisam de muito minério de ferro, e todos nós sabemos onde é que tem essa riqueza mineral. Nós sabemos o potencial da Argentina, sabemos o potencial da Bolívia, sabemos o potencial da Venezuela, do Brasil, da Nigéria. Todos nós temos alguma coisa importante a oferecer para o outro país.

Entretanto, nós temos que resolver alguns problemas. Nós precisamos acreditar que as nossas reuniões não são inúteis. Muitas vezes nós gostamos de participar de reunião, achando que vamos sair da reunião com algum benefício imediato, e não é possível. Nós temos que construir essa possibilidade de que o benefício imediato seja um benefício duradouro, seja uma relação política, cultural, comercial forte, porque quanto mais o mundo precisar de comida, mais nós sabemos que está exatamente na nossa América e na nossa África a possibilidade de produzir o alimento necessário, que o mundo precisa, da troca de tecnologias entre nós. Nós temos mais similaridades, nós temos mais possibilidades, nós somos mais iguais e, portanto, nós poderemos fazer muito mais se nós acreditarmos que essa relação pode ser uma coisa muito forte.

Companheiro Kirchner, companheiro Chávez, sabem que não foi fácil a gente construir a Unasul e chegar aonde nós chegamos. Em 200 anos de independência, foi a primeira vez que nós conseguimos fazer uma reunião entre todos os países da América Latina e do Caribe. Nunca tínhamos nos reunido, nunca. Então, se nós não nos conhecemos, nós não podemos fazer negócios, nós não podemos nos ajudar, nós não podemos construir a nossa política, numa teoria muito simplista, para terminar o meu discurso.

Eu digo todos os dias que um belo dia, um belo dia a maioria de índios da Bolívia descobriu que era possível eleger um índio presidente da República,



e elegeu um índio presidente da República. Um belo dia, os negros da África do Sul descobriram que 26 milhões de negros eram superiores aos 6 milhões de brancos, e começaram a eleger presidente da República. Nós, América Latina, Caribe e África somos, praticamente, quase metade dos países que compõem as Nações Unidas, mas nós, muitas vezes, nem conversamos quando estamos lá, e muitas vezes até trabalhamos uns contra os outros quando estamos lá. Nós diluímos, dispersamos a nossa força, a nossa possibilidade por falta de relação política, por falta de entrosamento.

Então eu quero, Chávez, te dar os parabéns. É a segunda reunião, eu participei da primeira na Nigéria, participei da segunda em Isla Margarita, e estou agora participando da mesa presidencial estratégica e da Secretaria Permanente da ASA. Eu estou vendo que faltam muitos companheiros aqui, possivelmente por outros afazeres. Eu lembro quando tu estavas recém na Presidência e que nós fizemos aqui o G-15. Está lembrado de uma reunião que fizemos aqui? A dificuldade de trazer os companheiros? Eu, agora, fui... Nós, agora, fomos ao Irã e fizemos uma reunião com o G-15. Eu vim na tua, mas você não foi...

Pois bem, nós fizemos a mesma discussão que estamos fazendo aqui agora. Pela minha experiência de oito anos de governo, por tudo que eu posso conhecer hoje das viagens que fiz, o potencial entre nós é infinitamente superior à capacidade de imaginação que qualquer um de nós tenha do nosso potencial. Acontece que nós precisamos parar de acreditar que a solução dos problemas da pobreza da África ou que a solução dos problemas da pobreza da América Latina ou da América do Sul vai ser resolvida porque alguém rico vai lembrar da gente e vai querer vir aqui ajudar-nos. Não vai acontecer nunca. Cada povo constrói a sua riqueza a partir da sua capacidade de formação de quadros, a partir da crença e da autoestima que o povo tem no seu país e a partir da crença e da autoestima que ele tem nessa junção de iguais para tomar decisões.



Eu, Chávez, estou deixando a Presidência do meu país no dia 1º de janeiro de 2011, mas eu tenho a convicção de que o Brasil, a partir de 2011, estará com a mesma disposição, participando de tantas quantas reuniões forem necessárias para que a gente consiga fazer com que essa unidade – que durante muito tempo foi apenas uma peça retórica de discurso em campanha eleitoral – seja, de verdade, atitudes práticas de governantes que acreditam que o Norte já tem demais e que a relação Sul-Sul é o que pode garantir que a gente possa se desenvolver, e um dia ver os povos dos nossos países terem as mesmas condições de vida dos países ricos.

Portanto, muito obrigado, companheiro Chávez, por estar realizando esta reunião, e mesmo não estando na Presidência do Brasil, quando precisar de um companheiro para uma reunião entre África e América do Sul, estarei disponível para contribuir.

Um abraço.

(\$211B)



Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de anúncio de atos assinados em conjunto com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez

Caracas-Venezuela, 06 de agosto de 2010

Apenas, apenas para dizer aos companheiros José Roberto Rondón, vice-presidente da Banca Comercial do Banco da Venezuela, e às pessoas que estão com ele, que eu vivi a emoção do processo de bancarização no Brasil. Não sei se era bom (incompreensível) traduzir, ou se tem alguém traduzindo, porque não tem nada pior do que você falar e não ser entendido. Como todo mundo pensa que entende português e todo português pensa que entende espanhol, é melhor um bom tradutor para a gente entender tudo. Mas poderia falar ao microfone...

Então, eu queria dizer que eu vivi, junto com a Maria Fernanda, a emoção do processo de bancarização no Brasil, quando as pessoas mais pobres do Brasil, pessoas que viviam de catar papel na rua, as pessoas que viviam de receber apenas o Bolsa Família, poderiam entrar em um banco no Brasil e serem tratadas como uma cidadã, como um cidadão de primeira categoria.

Nós fizemos uma revolução no Brasil, na questão de crédito, na questão da bancarização e na questão do financiamento habitacional. A Maria Fernanda dirigiu a Caixa Econômica (falha no áudio), era um banco no Brasil que sempre era tido como um banco que não tinha dinheiro para nada. De repente, a Caixa Econômica, hoje, dispõe de R\$ 280 bilhões de crédito; ela vai financiar, neste ano, para habitação e saneamento, por volta de R\$ 60 bilhões, isso é um pouco mais do que US\$ 30 bilhões. E isso eu penso que ela, hoje, é responsável pelo pagamento de grande parte das políticas sociais do governo brasileiro.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Então, eu queria dizer aos companheiros da Venezuela: estejam certos que vocês estão fazendo uma experiência extraordinária, e vocês vão perceber, em um curto espaço de tempo, como vai mudar a vida das pessoas.

Obrigado, Chávez.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
jantar oferecido pelo presidente da Zâmbia, Rupiah Bwezani Banda**

Lusaca-Zâmbia, 07 de julho de 2010

Não vieram os óculos.

Bem, Excelentíssimo senhor Rupiah Banda, presidente da República da Zâmbia, e sua senhora, Thandiwe Banda,

Presidentes Kaunda e Chiluba,

Presidente da Suprema Corte, senhor (incompreensível)

Presidente da Assembleia,

Senhores ministros,

Ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil, em nome de quem eu quero cumprimentar a todos os ministros brasileiros e todos os ministros da Zâmbia,

A minha... a primeira visita de um presidente brasileiro à Zâmbia é, antes de tudo, oportunidade para nos conhecermos melhor. Zâmbia é inspiração constante para a democracia africana. No passado, deu apoio à luta de libertação nos países vizinhos. Hoje, permanece um marco de estabilidade, um modelo de responsabilidade pública e compromisso com o bem-estar coletivo.

Seus invejáveis índices de crescimento se explicam pela combinação consistente entre políticas sociais e equilíbrio macroeconômico. Zâmbia demonstrou que, como no Brasil, é possível combinar desenvolvimento econômico e distribuição de renda.

Senhor Presidente,

Vossa Excelência visitou o Brasil em 1975, como ministro das Relações Exteriores de Zâmbia. É importante lembrar que no dia 24 de abril de 1975 eu estava assumindo a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São



Bernardo do Campo e Diadema. Agora, na qualidade de primeiro mandatário, continua a ser artífice da parceria entre nossos países. A abertura de embaixadas em Lusaca e Brasília é peça fundamental nos esforços para acelerar o diálogo bilateral e incrementar nossa cooperação.

Na reunião da Comissão Mista, em Lusaca, avançamos na cooperação entre os nossos países, em particular nas áreas de educação, saúde, esporte e agricultura.

Amanhã estaremos juntos em um encontro pioneiro de empresários da Zâmbia e do Brasil. São eles os verdadeiros agentes da relação econômica que queremos construir.

O desafio de combater a exclusão social e a pobreza é tema central de nosso diálogo. O acordo sobre segurança alimentar que estabelecemos permitirá difundir tecnologias e multiplicar experiências exitosas. Inspirado no Fome Zero brasileiro, o Programa Mundial de Alimentos quer fazer da Zâmbia exemplo de como assegurar bem-estar e dignidade para todos.

A fertilidade da terra também coloca Zâmbia na vanguarda de outra revolução na África – a dos biocombustíveis. A Embrapa brasileira está em condições de cooperar na produção local de biocombustíveis.

Também sabemos do empenho da Zâmbia em combater o HIV-Aids. Já estamos cooperando na luta contra este flagelo. A fábrica de antirretrovirais que o Brasil inaugurará em breve, em Moçambique, permitirá à Zâmbia beneficiar-se dos medicamentos ali produzidos e de seus serviços de capacitação e treinamento.

Senhor Presidente,

Nossa parceria requer bases econômicas mais sólidas. Mesmo antes da crise de 2008, nossas trocas de US\$ 1,5 milhão para US\$ 18 milhões. É muito pouco, podemos ir bem além desses números.

Empresas brasileiras de mineração e transporte já estão presentes aqui. A localização estratégica de seu país, unindo a África Austral e Oriental, faz de



Zâmbia um aliado importante nos projetos de agroindústria, infraestrutura e turismo que o Brasil desenvolve na região.

O empreendedorismo brasileiro está à disposição da Zâmbia para ajudá-la a realizar seu enorme potencial hidrelétrico, reduzindo sua dependência de combustíveis fósseis importados. Ao mesmo tempo, a exportação de excedentes promoverá a integração energética no Cone Sul do continente.

Estamos empenhados em identificar e explorar novas possibilidades de parceria em setores de tecnologia de ponta como o de televisão digital. O sistema adotado no Brasil é o mais adequado para países em desenvolvimento: conjuga interatividade, mobilidade e custo menor.

Caro amigo Banda,

Zâmbia e Brasil reagiram à crise financeira com coerência e determinação. Na contramão da ortodoxia liberal, recusamos a integração irresponsável aos mercados financeiros mundiais, em busca do ganho fácil, mas ilusório.

Apoiamos a produção e estimulamos o consumo popular de modo a compensar a contração dos mercados externos. Com isso, aceleramos a saída da recessão e estamos ajudando a puxar a recuperação mundial. Não causamos a crise, mas somos parte de sua solução. Não é mais possível excluir os países em desenvolvimento das decisões globais.

A ONU tem que mudar. Seu Conselho de Segurança, seu Conselho de Segurança deve tornar-se mais representativo e transparente.

Também devemos unir forças para concluir as negociações de Doha de acordo com o seu mandato original, isto é, uma rodada para o desenvolvimento. Agricultores africanos, latino-americanos e caribenhos e dos países pobres da Ásia não podem continuar a sofrer a competição desleal de produtos subsidiados pelos países ricos.

O aquecimento global ameaça diretamente países em desenvolvimento com vocação agrícola. A comunidade internacional precisa reduzir



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

drasticamente suas emissões, sem comprometer o direito dos países pobres ao crescimento. Vou a Cancún, no final do ano, para a COP-16, comprometido com esse objetivo.

Tenho a convicção de que Zâmbia e Brasil estarão sempre juntos nesta caminhada. Espero poder receber Vossa Excelência em visita ao Brasil, para poder consolidar esta parceria.

É com esse espírito de amizade, concórdia e solidariedade que peço a todos que levantem um brinde em homenagem a Vossa Excelência, à sua esposa e a todo o povo da Zâmbia.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de sanção do Projeto de Lei que cria a Política Nacional de
Resíduos Sólidos**

Palácio Itamaraty, 02 de agosto de 2010

Esse chapeuzinho aqui é para fazer uma homenagem ao IBGE, que ontem começou o censo de 2010. Então, não é para ninguém ficar com medo quando chegar uma mulher ou um homem, bater à porta da sua casa, do seu apartamento, eles vão estar com um crachá grande aqui no peito, uma blusa do IBGE, e eles precisam saber coisas que vão ficar na intimidade do IBGE, ninguém precisa saber. Eu fui entrevistado hoje. Eu espero que a gente contribua, para a gente poder, em novembro, saber quantos nós somos.

Já tirou fotografia, Stuckert? Cadê o Stuckinha? Já tirou a foto com o chapéu? Então está bom, vou tirar o chapéu.

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar a companheira Izabella, ministra do Meio Ambiente,

O companheiro Antônio Patriota, ministro interino das Relações Exteriores,

O nosso querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação. E aí, Fernando, te dar uma boa notícia: ontem... ontem, não, sábado, eu estava indo para a “boca maldita”, no Paraná, no centro comercial, quando um menino, um jovem, pede para conversar comigo na cerca, eu vou conversar com o jovem, e ele me comunicou que ele morou 12 anos na rua e, neste ano, ele se forma em psicologia pelo ProUni.

Queria cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Queria, também, cumprimentar o companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,



Quero cumprimentar o senador César Borges,

Os deputados federais... É Doutor Nechar?

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Teixeira,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Rômulo Mello, presidente do Instituto Chico Mendes

Quero conversar... cumprimentar o companheiro Vicente Andreu, presidente da Agência Nacional de Águas,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Marcio Pochmann, presidente do Ipea, que está lá na ponta,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Antonio Bacchim, prefeito de Sumaré, que falou em nome de todas as representações municipalistas,

Quero conversar [cumprimentar] o Victor Bicca, do Compromisso Empresarial para a Reciclagem,

Quero cumprimentar o companheiro Severino, nosso companheiro do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, por meio de quem cumprimento todos os companheiros e as companheiras que estão aqui presentes.

Bem, eu vou ler. Só no Brasil isto é possível: o chefe da reciclagem fala de improviso e o Presidente lê o seu textozinho aqui, humildemente.

Em setembro... Mas é importante, porque a imprensa não percebe, mas eu fico de olho quando vocês estão escrevendo ou não estão escrevendo. Aí, eu vou dizer aqui, só para as pessoas saberem o que aconteceu de fato e de direito. Em setembro de 2007, quando encaminhei à Câmara dos Deputados o anteprojeto da Política Nacional de Resíduos Sólidos, pouca gente, mesmo no nosso meio, acreditava que ele ia ser aprovado. Isso porque um texto sobre o mesmo tema tramitava há 20 anos no Congresso Nacional, sem resultar em uma Lei.



Três anos depois, é com muito orgulho que participo desta cerimônia em que, finalmente, sancionamos a criação de uma política nacional para esta área, e que simboliza a vitória das entidades que atuam nas mais variadas etapas das cadeias produtivas, na prestação de serviços e na sociedade civil.

A adoção de uma lei nacional para disciplinar o manejo adequado dos resíduos sólidos é uma revolução em termos ambientais. Ela organiza uma série de instrumentos que estavam dispersos sem, no entanto, perder de foco a principal questão, que é a questão social.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos trata da preservação ambiental e da proteção da saúde pública. Seu maior mérito, contudo, é a inclusão social de trabalhadores e trabalhadoras humildes que, durante muitos anos, foram esquecidos e maltratados pelo poder público brasileiro. Nesse sentido, ela está de acordo com a missão, que nosso governo assumiu, de fazer o Brasil crescer para todos, reduzindo as desigualdades sociais e preservando o meio ambiente.

Esta lei beneficiará milhares de homens e mulheres em todo o país. É o caso do nosso querido Severino e da Maria Madalena, a quem tive o prazer de conhecer na Primeira Expocatador, no ano passado. Graças à profissionalização da atividade de catador de papel e de material reciclável, Severino e Madalena reconquistaram o respeito próprio, a dignidade e o direito de andar de cabeça erguida nas ruas deste país.

O primogênito de Severino ganhou uma bolsa de estudos em escola particular e não tem mais vergonha de dizer que o pai trabalha na catação. E Madalena, que se casou com um metalúrgico – não eu, porque já sou casado com a dona Marisa –, mora em casa própria, financiada com a declaração de renda de sua atividade de catadora.

Meus amigos e minhas amigas,

A geração de resíduos sólidos, nos dias de hoje, é um fato inevitável. Mas podemos evitar as suas consequências desastrosas. Da mesma forma,



podemos evitar a repetição do descaso que condenou famílias inteiras a uma existência sub-humana nos lixões das grandes cidades.

E essa questão não é responsabilidade exclusiva dos governos. Todos que produzem e consomem bens geradores de resíduos sólidos precisam estar a cada dia mais conscientes de seu papel na defesa de nosso meio ambiente e dos direitos dos milhares de cidadãos que trabalham na cadeia da reciclagem.

Quero, portanto, expressar o meu reconhecimento a todos aqueles que trabalharam duro para que essa lei fosse aprovada, e que possibilitaram ao Brasil dar um salto extraordinário em sua regulamentação social e ambiental.

Estou certo de que esse projeto só se tornou realidade graças à ampla participação de todos os setores sociais envolvidos com o tema e à sensibilidade social de nossos parlamentares, que tanto contribuíram para o debate e o aprimoramento dessa Lei.

Veja, companheiros e companheiras, como é que as coisas acontecem no nosso país: você tinha um projeto de lei que tramitava no Congresso Nacional havia 20 anos e esse processo não conseguia andar dentro do Congresso Nacional. Nós mandamos um processo e, em três anos, esse projeto conseguiu andar.

Qual é a diferença concreta? A diferença concreta é que, possivelmente, você tinha um projeto de um único deputado, que não tinha feito articulação com os partidos políticos, que não tinha feito articulação com os outros deputados e que, portanto, ficava como se fosse uma coisa dele na gaveta, não era nem tirado para ser votado na Comissão.

Na medida em que o governo manda um projeto, articula os líderes dentro do Congresso Nacional, tem um ministro para cuidar especificamente disso, ainda com o apoio da Ministra do Meio Ambiente... Vocês, nesses últimos anos, se organizaram muito. Se a gente for analisar a organização de vocês há 15 anos, há 10 anos e agora, vocês estão quase que mais fortes que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC nos anos 70, quando eu comecei a minha



vida sindical.

Pois bem, eu queria pedir para vocês e para a nossa querida ministra Izabella, que nós precisamos tomar cuidado para não demorar para regulamentar. Porque quando nós aprovamos a lei que regulamentava a questão habitacional, nós ficamos praticamente dois anos... Saneamento, nós aprovamos a lei e ficamos dois anos sem regulamentar. E eu só fiquei sabendo que não tinha sido regulamentada porque eu fui a um congresso de arquitetos e engenheiros lá em Minas Gerais, em Uberaba, e lá o Presidente da entidade fez uma queixa de que havia dois anos que a lei tinha sido aprovada e que não tinha sido regulamentada. Ora, para que diabo a gente faz uma lei, se não precisa regulamentá-la?

Bem, então, agora, companheiro Severino, companheiros do movimento, companheira Izabella, agora é o seguinte: agora nós não podemos passar mais de 90 dias para regulamentar uma lei. Então, agora, é preciso juntar todos os ministros envolvidos na regulamentação, todos, sem distinção, ver quem é que vai criar problema, porque também nós criamos problemas no nosso meio: tem ministro que não concorda com alguma coisa. E, dessa vez, eu vou falar para a Erenice: não tem que ficar esperando um ministro concordar. Na hora em que constituir a base do projeto, leva à minha mesa, para a gente regulamentar, porque eu só tenho cinco meses de mandato, gente, o tempo passa, o tempo passa. Para a oposição, o tempo demora para caramba; para mim, está passando que...

Então, eu queria dizer, Izabella, do orgulho, porque eu conheço, senão pessoalmente, todos os companheiros, eu convivo com eles, nesses oito anos de presidente, todo ano eu tenho encontrado com eles mais de uma vez, às vezes eu encontro com eles mais do que eu encontro com a minha mulher. Sei dos avanços que esses companheiros estão tendo, sei dos avanços. É por isso que, outro dia, em uma entrevista, eu chorei quando eu lembrei do financiamento que foi feito pelo BNDES aos catadores, às cooperativas; eu



fiquei entusiasmado com aquele carrinho que Itaipu fez, não sei se está funcionando, mas o dado concreto é que ninguém que passa de carro nas ruas deste país pode olhar para um catador e se sentir melhor do que um catador, porque na verdade o catador só existe porque aquele que pensa que é chique não aprendeu ainda a cuidar do lixo que ele próprio produz, seja na sua casa, seja na sua cidade ou seja no seu local de trabalho.

É um processo de evolução democrática, é um processo de evolução educativa, e eu penso que nós vamos caminhando rapidamente. Eu estou convencido, Severino, de que não tem mais volta. Eu estou convencido de que os prefeitos, por exemplo, na próxima Marcha dos Prefeitos, eu já não vou estar mais na Presidência, mas eu acho que os prefeitos precisam, da mesma forma que eles apresentam para nós, o governo federal, uma pauta de reivindicação a cada ano, e a gente atende muitas coisas para o ano seguinte, vocês precisam aprender a vir às Marchas dos Prefeitos e fazerem pauta de reivindicação para que os prefeitos, nas mais diferentes cidades, tratem vocês como cidadãos e cidadãs de primeira categoria, e não como cidadãos ou cidadãs de segunda categoria. E eu penso que assim nós vamos evoluindo, vamos evoluindo... Eu queria dizer uma novidade a vocês, que está sendo terminado, aqui, nós estamos em uma fase de discutir um fundo garantidor para o Fies. Você sabe que o Fies é o financiamento de estudantes, e que, muitas vezes, já estive quase à beira da falência, muita gente não queria emprestar dinheiro, porque diz: “eu vou emprestar, e aluno não paga”. E, por isso, as coisas foram definhando, definhando, definhando, definhando... O Fernando Haddad me comunicou, e é importante dizer, porque vai ter muitos filhos de vocês que vão poder entrar na universidade, ou pelo ProUni ou pelo Reuni ou pelo Fies, por quê? Porque agora nós vamos financiar; ninguém vai precisar apresentar mais o fiador, ninguém vai precisar mais de alguém para ser o fiador, nós vamos ter um fundo garantidor. Então essa pessoa vai entrar na universidade, vai estudar; depois de formado, ele tem um ano e meio de



carência; vai pagar 3,5% de juros ao ano e vai ter 16 anos para pagar. Então, daqui para frente, só não vai virar doutor quem não quiser.

Eu ousou dizer para vocês que na hora que a gente implantar o nosso Fies, os Estados Unidos, que é tido como país que tem o melhor programa de financiamento de educação, certamente, o nosso amigo Obama vai mandar alguém aqui para ver que o Brasil já tem o melhor programa de financiamento de educação deste país. E vamos ver...

Tudo isso tem que acontecer até o dia 31 de dezembro, tudo isso, porque quem vier depois vai ter que ter outras coisas pela frente, outros desafios, e nós apenas queremos deixar um paradigma mais elevado, não é isso, Fernando? Ninguém vai ter que fazer o que nós já fizemos; vai ter que evoluir.

Eu acho que os catadores são um exemplo de uma evolução que aconteceu neste país. Eu, sinceramente, sinto motivo de orgulho. Sei... Eu sei que tem até companheiros... Esses dias, encontrei com um, todo afoito, com uma bandeira enrolada aqui (incompreensível): “eu vou ser candidato, Presidente”. A mim não importa que o companheiro seja candidato e não eleito... e não se eleja. A mim não importa. Só o fato de alguém que estava predestinado a ser tratado, a vida inteira, como se fosse a ralé da sociedade, de ser olhado de forma vesga, de ser tratado como se fosse um pária, só alguém descobrir: “eu quero ser candidato”, eu já acho uma revolução na cabeça dele, extraordinária, porque ele já não se sente... ele já não se sente inferior a ninguém; ele já está dizendo: “eu posso”. E quando um ser humano descobre “eu posso”, sai da frente, porque ele vai ser um grande vencedor.

Parabéns a todos vocês que trabalharam; parabéns ao Congresso Nacional e parabéns às entidades que ajudam os companheiros a se organizarem.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-El Salvador
São Paulo-SP, 09 de agosto de 2010**

Meu caro companheiro e amigo Mauricio Funes, presidente de El Salvador, e sua companheira... nossa querida companheira Vanda Pignato,

Meu querido Hugo Martínez, ministro das Relações Exteriores de El Salvador, por meio de quem cumprimento todos os integrantes da comitiva de El Salvador,

Meu querido companheiro Miguel Jorge, ministro da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior [Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior], por meio de quem cumprimento toda a comitiva do meu governo,

Meu caro companheiro Benjamin Steinbruch, presidente em exercício da Fiesp,

Companheiros empresários de El Salvador, empresários brasileiros,
Companheiros da imprensa,
Amigos e amigas,

Eu prometo ser muito breve porque acho que é importante ouvirmos o companheiro Mauricio. Mas vocês sabem que estão faltando menos de cinco meses para terminar o meu mandato, e eu tenho dois microfones aqui à minha frente, eu não sei ficar sem falar, então...

Como é uma reunião com empresários, eu queria me dirigir, especificamente, aos empresários brasileiros e aos empresários de El Salvador, e tentar, em breve... em curto espaço de tempo, contar um pouco daquilo que aconteceu no Brasil, que eu acho que é o sucesso do Brasil e que eu acho que pode ser o sucesso de El Salvador e pode ser o sucesso de qualquer país do mundo.



A primeira coisa que nós temos que ter clareza – os empresários de El Salvador, o companheiro Mauricio e a Vanda sabem – é que El Salvador é um país pequeno, de 6 milhões de habitantes, que durante 12 anos gastava 60% do seu orçamento por conta de uma guerra. Eu acho que ninguém que viveu uma experiência como aquela vivida em El Salvador deseja aquilo em qualquer outro país do mundo. Existem milhões e milhões de razões para que a gente fale em paz todos os dias, e não existe nenhuma razão para que a gente fale em guerra a vida inteira. Graças a Deus, o Brasil é um país que, há muito mais de um século, vive em paz. E quando eu assumi a Presidência da República eu tinha um compromisso, primeiro, de consciência. Vocês sabem, a minha origem é do movimento sindical, aqui tem vários companheiros que me conheceram em greve. Está aí, atrás, o Luís Eulálio de Bueno Vidigal, que foi o primeiro presidente da Fiesp, em 1978, que quando nós começamos a fazer as primeiras greves foi a São Bernardo do Campo conversar comigo. Era impensável, era impensável que um presidente de uma federação fosse a uma sede de um sindicato, e o Vidigal foi conversar comigo. Aqui tem muitos empresários com quem eu fiz greve. Eu estava falando com o Mauricio do Delfim Netto. Eu passei tanto tempo fazendo críticas ao Delfim Netto. Quando as pessoas vão virando personalidades vão ficando importantes, tudo que acontece de errado a gente encontra alguém para jogar a culpa. E teve um tempo em que tudo era o Delfim Netto, apesar dele não ser o presidente da República, mas ele era tão forte que era mais forte que o presidente, a tal... pela inteligência dele, pela participação dele.

Mauricio, hoje eu posso te dizer que depois de muito tempo, já na campanha, eu hoje reconheço e admiro o Delfim Netto como uma das pessoas mais extraordinárias que este país teve, uma figura inteligente, e que nos momentos mais difíceis do meu governo ele poderia ter escrito artigos me esculhambando, dizendo: “Está provado que operário não sabe governar mesmo. Tem que ir lá, voltar a comer marmitta no bandeirão, que é o que você



sabe fazer”. Ele fez um dos mais extraordinários artigos defendendo a mim e defendendo a política econômica do governo, mesmo quando alguns companheiros do PT criticavam a nossa política econômica.

Bem, eu estou contando esses casos para mostrar a evolução que os anos e o exercício do cargo nos dão. Eu vou deixar o governo, Mauricio, daqui a cinco meses, com a consciência mais tranquila do que a consciência de qualquer passarinho que esteja descansando na selva em El Salvador; com a consciência tranquila do dever cumprido, sabendo que fizemos muita coisa e sabendo que ainda tem muita coisa para fazer. E o que é gostoso é a gente descobrir que o povo aprendeu a gostar das coisas boas. Então, quanto mais a gente faz, mais o povo reivindica. Essa é que é a coisa extraordinária da democracia, é as pessoas terem desejos infinitos de melhorar de vida, de trabalhar, de ganhar seu salário. Vocês sabem quantas décadas nós passamos, neste país, em que tinha desaparecido da porta das fábricas qualquer placa dizendo “Precisa-se”, e nós, em oito anos, vamos entregar o mandato com a geração de 14 milhões e meio de empregos formais, coisa que era impensável acontecer neste país.

Eu tenho tido com os empresários brasileiros, Mauricio, uma relação... eu, certamente, já vim mais à Fiesp do que fui à CUT, porque... certamente, porque “santo de casa não faz milagre”. Eu tenho vindo muito aqui porque eu tenho um pensamento sobre o papel que os empresários brasileiros podem jogar e que muitas vezes não jogamos porque não sabíamos que precisávamos jogar, ou nós mesmos, às vezes, não nos dávamos a importância que a gente deveria ter. Nós não tínhamos orgulho de nós mesmos porque nós aprendemos que tinha gente melhor do que nós e, portanto, nós éramos já, de pronto, tratados por nós mesmos como se nós fôssemos inferiores.

Nós não tínhamos uma boa relação na América do Sul. Eu sou o primeiro presidente da República que visitou todos os países da América



Central. Aqui neste país, com exceção do Imperador, em 1800 e pouco, que pegava um navio, saía por seis meses, de viagem, para ir para o Líbano ou para ir não sei para onde, os presidentes gostavam muito de ir para a França, para Londres, para... alguns para Miami, outros para Nova Iorque. Não existia muito... mesmo aqui, o nosso continente.

Este ano a gente vai fechar a nossa balança comercial com a Argentina, quase na ordem de US\$ 30 bilhões, quase 30 *mil millones*. Gostou do meu espanhol? *Mil millones*? Pois bem, quando eu cheguei aqui, a gente tinha US\$ 7 bilhões ou 8, porque nós tínhamos aprendido, não era culpa individual de ninguém: todo mundo quer vender para os Estados Unidos. Só que os Estados Unidos, também, têm limite para comprar. Todo mundo tem limite. Todo mundo quer vender para a Europa, mas a Europa também tem limite para comprar. E quando chega a um determinado limite, nós viramos competidores, e quando nós viramos competidores, viramos inimigos.

Vocês sabem que no meio... neste mundo globalizado, esse negócio de comércio é guerra, é guerra... guerra ou problemas políticos internos de cada país. Nós não fizemos acordo na OMC, por conta da política americana e por conta da política na Índia. Mas o acordo estava quase pronto, faltava quase nada para a gente resolver, e parou. Já tem dois anos que não se fala mais na Rodada de Doha. Só nós, aqui no Brasil, falamos na Rodada de Doha. E o Brasil não queria nada. A gente dizia: Não, o que nós queremos é fazer uma política que possa favorecer os países menores, que os países ricos possam abrir seus mercados para os países menores.

Eu tenho conversado muito com os empresários. Graças a Deus, os empresários brasileiros têm viajado muito, ou junto comigo ou sozinhos, ou junto com o meu ministro Miguel Jorge. Nós temos montado delegações; para quase tudo quanto é país que a gente pode, leva delegações de empresários para que eles possam ver e conhecer outros empresários, os empresários dos outros países conhecerem a gente. Porque também, do ponto de vista da



política econômica e da política industrial, muitas vezes, foi vendido para muitos países da América Central, como foi vendido para o México, que o grande perigo para o México era o Brasil. Certamente, alguém, uma vez, em El Salvador ou na Guatemala ou em Honduras deve ter dito: “Olha, cuidado com os empresários brasileiros. Os bonzinhos são os americanos. Os brasileiros são um perigo danado”. Ora, mas eu nem acho ruim, porque essa é a política de quem quer manter o seu mercado, não permitir que outros entrem no seu mercado.

O Brasil não tinha nenhuma importância. Quando o Brasil virou o maior exportador de carne do mundo, você tem que ver, Mauricio, o que falam da carne brasileira, o que falam... Aqui, muitas vezes, se pegar um passarinho comendo um carrapato em cima de um boi, vão dizer que existe uma anormalidade e, portanto, vamos fazer mais uma investigação sanitária no Brasil, porque nós viramos competidores. Então, quando você não tem importância, você é pequeno, você não compete, ninguém te perturba. Agora, quando você começa a competir, você começa a perceber que os inimigos estão por aí, e vão começar a falar.

E eu, então, tenho tentado mostrar para o nosso pessoal o quanto é importante o Brasil ajudar o desenvolvimento da África e, ao mesmo tempo, ajudar o seu próprio desenvolvimento, porque quando nós exportamos serviços, nós estamos exportando engenharia nossa e, portanto, nós estamos ajudando o país a desenvolver, gerando emprego lá, e também gerando desenvolvimento no Brasil.

Eu estava vendo a balança comercial [entre] o Brasil e El Salvador. Uma balança comercial de um fluxo total quase US\$ 200 bilhões, dos quais 195 bilhões nós vendemos e compramos apenas 5 bilhões... 5 milhões. Cinco milhões. É muito pouco, é muito pouco.

O Brasil precisa compreender que quem é grande tem mais responsabilidade, quem é grande tem mais... é assim dentro da casa da gente:



o pai e a mãe têm mais responsabilidade do que os filhos em tudo, dentro de uma casa. Um país como os Estados Unidos têm mais responsabilidade, um país como a China tem que ter mais responsabilidade, e o Brasil tem que ter responsabilidade de tentar ajudar com que os empresários brasileiros se associem a empresários de El Salvador e que produzam coisas lá para que a gente possa comprar, para aumentar ou para igualar. Uma política comercial correta não é aquela em que um país tem só superávit comercial. Tem que ter um equilíbrio, tem que ter... Se em um ano você tem um déficit, no outro ano você tem um superávit, você equilibra, todo mundo vive bem. Mas se só um tem déficit, vai criando problema, e a balança comercial de El Salvador é deficitária, é deficitária.

Então, eu acho que encontros como este, Benjamin, são de extrema importância para que as pessoas venham ao Brasil, para que conheçam os empresários brasileiros, para que façam reuniões e para que a gente comece a discutir as oportunidades de o que o Brasil pode fazer lá, com o que o Brasil pode contribuir com o setor têxtil lá, por exemplo – estou vendo aqui companheiros do setor têxtil brasileiro –, com o que o Brasil pode contribuir na questão do etanol ou com o que o Brasil pode contribuir na questão de outros produtos, até para, do território de El Salvador, a gente fazer exportação para mercados em que El Salvador tem facilidade de colocar os seus produtos, como os Estados Unidos.

Então, eu penso que é quase um compromisso nosso. O Brasil não ficará mais rico se os países vizinhos seus forem pobres. O Brasil ficará mais rico se os seus vizinhos ficarem mais ricos. Eu vou dar um exemplo, eu vou dar um exemplo. Eu fui, agora, ao Paraguai. O maior investimento privado da história do Paraguai significa US\$ 104 milhões, feito pela Camargo Corrêa em associação com uma empresa paraguaia para fazer uma fábrica de cimento. Cento e quatro milhões.

O que nós descobrimos agora? Nós resolvemos que o Brasil tem a



obrigação de financiar uma linha de transmissão para Assunção, porque não é possível... Teoricamente, os paraguaios têm direito a 50% da energia de Itaipu e Assunção vive de apagão em apagão porque não tem energia. Como é que você vai convencer o povo paraguaio que o acordo é justo? É você levando energia para ele. Hoje foi engraçado, porque eu falei com um empresário que a gente estava levando energia, e ele falou: “Assim que chegar energia a Assunção, eu quero montar uma fábrica no Paraguai”. É esse o papel do Brasil.

(Falha na gravação) o meu amigo presidente do México, Calderón, que o México também é um país grande (falha na gravação) a outra ponta da América Latina, que ele poderia se juntar conosco. Em vez de sermos inimigos, vocês imaginem os empresários mexicanos (falha na gravação) do Brasil, e a gente ajudar os países mais pobres de toda a América Central, já que a gente pode ir a pé de um para o outro, de um lado para o outro.

Mas a gente não ajuda porque todos nós, todos nós passamos o século XX todo acreditando que nós tínhamos que olhar só para os Estados Unidos, só para a Europa, e não olhar para nós. Nós temos que olhar para nós para ver o potencial. Não é possível que El Salvador não possa produzir alguma coisa que interesse ao Brasil. Ô gente, imagine se em vez de 5 milhões, a gente importasse 200 milhões de El Salvador, o que a gente poderia ajudar El Salvador, e para nós não significa nada! Poderia ser um empresário nosso que fosse lá, se associasse a um empresário de El Salvador e começasse a exportar para cá, para os Estados Unidos ou para outro lugar.

Eu dizia para o Mauricio... e vou terminar logo, Mauricio, fique tranquilo. Eu dizia para o Mauricio... Eu fui a um país africano, agora, chamado – o último que eu visitei – Zâmbia, e eu perguntei para o presidente do país – país de 10 milhões de habitantes, pobre como todos sabemos: quanto você... primeiro eu perguntei: você tem petróleo? “Não.” Aí eu estava em um daqueles carrões que queima acho que uns três... uns dez litros de diesel por quilômetro. Então, eu falei: você importa quanto de petróleo? Primeiro, eu perguntei se ele produzia



petróleo. Não. Você importa quanto? Ele falou: “Um bilhão e meio de petróleo, eu importo”. Eu disse para ele: você já pensou, em vez de comprar petróleo, você fazer o seu combustível aqui, plantando? Você já pensou? Eu não estou nem querendo vender carro, porque as empresas de automóvel no Brasil são todas estrangeiras e, possivelmente, elas nem queiram que entre carro a álcool na África, porque é o mercado original dos carros deles, produzidos lá; é uma briga que nós vamos ter que fazer, uma boa briga comercial. Mas aí, imagina se os países africanos que importam petróleo pudessem produzir cana-de-açúcar. Eles teriam que vantagens? Gerariam empregos plantando a cana; quando a cana estivesse crescendo, estaria sequestrando carbono, já estaria contribuindo para o clima; geraria emprego quando fosse moer a cana; iria produzir um combustível que, quando ligasse o motor do carro, esse combustível emitiria menos gás de efeito estufa do que os combustíveis fósseis. E está tudo ali, eles têm a terra, têm o sol, têm a água, têm os trabalhadores e têm os carros, só teriam que mudar os carros. Teriam que comprar os carros brasileiros, porque nós produzimos *flex fuel* e eles não produzem, ou eles passem a produzir *flex fuel*. Se nós no Brasil produzimos, por que eles não produzem lá? Era um jeito de a gente ajudar os países pobres a se desenvolverem. Aí, eu perguntei para o Mauricio: quanto de petróleo El Salvador importa por ano? Deve ser por volta de uns US\$ 2, US\$ 3 bilhões. Bom, que seja, US\$ 1,5 bilhão, porque o país tem pouco, mas tem muito carro, e a renda *per capita* em El Salvador, pelo que eu vi nesse livrinho de vocês aí, é certamente cinco vezes mais do que qualquer país africano; é quase US\$ 4 mil de renda *per capita*, ou seja, não é uma renda *per capita* qualquer. Agora, você imagina: El Salvador já produz o etanol – atenção, companheiros brasileiros – eles já produzem etanol, tem até empresa brasileira lá. Eles exportam o tal de melado para os Estados Unidos. Então, eles já exportam. Eu disse aos companheiros, ministro Miguel Jorge e ao Ministro de Minas e Energia: é preciso juntar um grupo de empresários e ir conversar com os



empresários em El Salvador e com o Mauricio, para ver se não é vantagem, ao invés de exportar apenas o melado, produzir etanol e exportar etanol para os Estados Unidos para eles pararem de produzir etanol de milho, [por] que quem gosta de milho é frango.

Estou fazendo propaganda aqui das nossas empresas de carne, aqui... E fazer da cana-de-açúcar... Eles já têm tudo: já têm a produção, já têm a cana, já têm as usinas, ou seja, já está quase tudo pronto, só teria que também... tem o problema dos *coches*, que não poderia ser *el coche* americano; teria que ser... Não, se a Ford americana que produz no Brasil produz *flex fuel*, a Ford em Detroit poderia produzir *flex fuel*. Nós não queremos nem brigar com eles, nós só queremos que eles façam um carro que atenda os interesses de combustível dos países menores, e não os interesses deles. Não é uma coisa para a gente pensar e poderia...? A maioria dos países pequenos não tem petróleo, e nós temos tecnologia para a gente poder ajudar.

Então, eu queria dizer aos empresários de El Salvador que eu penso que era muito importante que vocês, nas conversas que tiveram aqui com os empresários brasileiros, pensassem como fazer El Salvador crescer e crescer de forma duradoura. Porque não é crescer um ano e depois decrescer no outro, ou crescer... ficar como se fosse aquele negócio que faz no coração, que fica... a gente fica vendo assim... nunca tem uma linha reta. Crescimento bom é aquele que cresce que nem o coração meu, assim, pressão 11 X 7, está sempre reta, assim, a linhazinha.

El Salvador dar uma chance de crescer vários anos seguidos, e fazer isso, Mauricio, com uma boa política social porque... A verdade é que nós aprendemos: não adianta nada crescer só a economia se a gente não tiver coragem de repartir o resultado desse crescimento com as pessoas mais pobres. E vocês não sabem como é bom as pessoas pobres virarem classe média, porque viram consumidores. As pessoas gostam de televisão boa, gostam de geladeira boa, gostam de ter carro. Essas pessoas não sonhavam



com isso. Então, a ascensão da camada mais pobre é a diminuição da violência, é a volta à escola, é o acesso ao consumo de coisas que todo mundo deveria ter e que parece que só alguns podem ter.

Então, Mauricio, eu posso te dizer o seguinte. Esse gesto do companheiro Benjamin, de trazer empresários aqui, convidar, e você convidar os seus empresários, é um gesto que para mim tem um grande significado. Eu posso te dizer, sem ser... sem querer ser profeta. Mas a relação entre El Salvador e o Brasil, e a relação entre os empresários brasileiros e os empresários salvadorenos nunca mais será a mesma. Você vai perceber que vai ter mudanças, porque eu acho que o Brasil está tendo consciência disso. Eu ouvi as palavras do discurso do Benjamin, e eu acho que essas palavras, Benjamin, deveriam ser adotadas por todo o empresariado nosso. Quanto mais os países da América Latina crescerem, quanto mais os países africanos crescerem, quanto mais os países da América do Sul crescerem, mais o Brasil cresce. O Brasil não tem que ter medo de ver os seus parceiros crescerem, porque vai facilitar o mundo para todos nós.

Portanto, querido Mauricio e queridos empresários salvadorenos, sejam bem-vindos a este país, e podem ficar certos de que aquilo que estiver ao meu alcance... Se o Benjamin fizesse (incompreensível) logo, eu até poderia inaugurá-lo antes de terminar o meu mandato, mas não vai fazer em apenas cinco meses, que é mais complicado. Mas, de qualquer forma, naquilo que depender de mim, podem ficar certos...

Eu disse ao companheiro Obama, um dia... quando eu fui conversar com o Obama eu falei do Maurício. O Maurício ainda não tinha ganhado as eleições em El Salvador, e eu falei: olha, Obama, preste atenção, porque vai ganhar as eleições em El Salvador um menino de boa qualidade. É porque... Não, vocês sabem, a gente aprende quando a pessoa é boa, pelos olhos. Você olha... Maurício é um extraordinário companheiro. Depois eu liguei para o Obama outra vez, dizendo para o Obama: olha, Obama, converse com o Maurício,



porque nós temos que ajudar El Salvador a se transformar num país... nós temos que apagar aqueles 12 anos de guerra, sem contar o tempo de ditadura que teve lá. Nós temos que apagar, e fazer valer cada vez mais, fazer valer cada vez mais o gosto pela democracia. É o que nós estamos fazendo no Brasil, Maurício, e por isso é que eu acho que nós poderemos servir de lição, porque aqui nós exercemos a democracia vinte e quatro horas por dia.

Eu duvido que tenha um empresário neste país que diga que algum dia teve algum problema com o governo. Todos estão ganhando bastante dinheiro. Nesta semana os bancos anunciaram o seu faturamento: todos ganharam muito dinheiro. Os empresários, médios, pequenos e grandes estão ganhando dinheiro. O trabalhador está tendo aumento real de salário. Nos meus oito anos de governo, 90% dos acordos salariais, todos, foram acima da inflação. Nós provamos que foi possível dar, em oito anos, 74% de aumento para o salário mínimo e não voltar a inflação.

Então, eu acho que... a harmonia que nós construímos aqui, eu acho que pode, pode ser olhada com carinho por El Salvador, e a gente consolidar a democracia. Eu vejo em você um companheiro da mais alta qualidade para consolidar o processo democrático em El Salvador.

Por isso, meu querido, seja bem-vindo a São Paulo, à Fiesp e ao Brasil.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração simultânea dos novos prédios dos campi “Centro-Oeste Dona Lindu”, em Divinópolis, e “Alto Paraopeba”, em Ouro Branco (MG), ambos da UFSJ; inauguração de unidades habitacionais e assinatura de contrato do programa “Minha Casa, Minha Vida”

Divinópolis-MG, 10 de agosto de 2010

Primeiro, eu queria começar com um pedido de desculpas, porque nós éramos para começar este evento muito mais cedo, eu sei que vocês estão aqui há muito tempo. Eu estou vendo que a assessoria não está nem passando com água para vocês beberem aí. Eu estava com uma sede “desgramada” aqui, não pedi água, porque eu estou percebendo que o último copinho que vocês beberam está aí no chão desde a hora em que eu cheguei, e de lá para cá não passou mais água para as pessoas beberem. Então, eu quero pedir desculpas pelo nosso atraso. Eu tive uma reunião ministerial, e uma reunião ministerial sempre demora um pouco mais do que o tempo previsto.

Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês da alegria de estar em Divinópolis. Esta cidade, eu venho a ela desde 1979. Foi em 1979 que eu conheci o companheiro Luiz Dulci, então presidente do Sindicato dos Professores de Minas Gerais, que tinha acabado de sair de uma greve, ele foi preso, entrou em greve de fome e, depois, nós nos encontramos aqui, em Divinópolis, no debate que nós fizemos aqui. E também porque eu tinha grandes companheiros aqui em Divinópolis, uns já estão em São Paulo; o companheiro Celso, que já não está mais entre nós. Mas, de qualquer forma, participei de greves aqui, com o Sindicato dos Metalúrgicos. Significa que a minha história com Divinópolis não começou quando eu encontrei com o Prefeito, na campanha de 2006, e já no aeroporto me pediram uma universidade e eu falei: olha, dá o terreno que tem a universidade. Deu o



terreno, está aqui a universidade.

Então, eu quero cumprimentar os companheiros que estão... O companheiro prefeito, o companheiro...

Primeiro, o Fernando Haddad, o Marcio, o Dulci,

Depois, o nosso querido reitor, o Helvécio,

Depois, o Vladimir de Faria Azevedo, prefeito de Divinópolis,

Depois, o companheiro Demetrius Arantes Pereira, ex-prefeito de Divinópolis,

Depois, o companheiro Eduardo Sérgio da Silva, diretor-geral do Campus Centro-Oeste Dona Lindu. Quero agradecer o fato de ter dado o nome do campus à minha mãe. Eu acho que talvez seja, no mundo, a primeira vez que uma pessoa que nasceu e morreu analfabeta tenha o nome dela em um campus, em uma demonstração...

Quero agradecer ao companheiro Constantino Dias Neto, superintendente regional da Caixa Econômica Federal,

Quero agradecer ao nosso querido Augusto Chagas, presidente da UNE,

Quero agradecer ao nosso querido Luís Gustavo Campos, representante dos alunos do campus Centro-Oeste Dona Lindu, por meio de quem cumprimento todos os professores,

Quero cumprimentar os companheiros que receberam aqui as suas casas, o Mário Aparecido Simões Martins, a Alanei Batista Costa, a Maria Anunciação Moura, que foram agraciados com a casa,

Lá em Ouro Branco, eu quero agradecer ao padre Rogério de Oliveira Pereira, prefeito de Ouro Branco,

Ao nosso querido Anderson Cabido, prefeito de Congonhas,

Quero agradecer ao Marcelo Batista, diretor-geral do campus Alto Paraopeba,

Quero agradecer ao Odemar Arantes Moreira, representante dos alunos do campus Alto Paraopeba,



Quero agradecer a todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Quero agradecer às companheiras e companheiros estudantes de Farmácia, Enfermagem, Medicina e Bioquímica,

Bem, esta formalidade toda, um presidente tem que cumprir, porque se uma pessoa que veio aqui e eu não cito o nome que está aqui fala: “Eu fui lá e o Presidente nem lembrou de mim”.

Na verdade, eu penso que o discurso do nosso reitor e o discurso do Fernando Haddad, sobretudo, os dois discursos sintetizaram o ato de hoje, eu nem precisaria falar. Entretanto, como eu estou apenas a quatro meses e alguns dias de deixar a Presidência da República, depois de oito anos, eu queria deixar uma palavra de conforto para vocês e de esperança.

Eu confesso a vocês que, quando eu ganhei a Presidência em 2002, eu, muitas vezes, ficava deitado, lá no Palácio da Alvorada, e eu ficava quase me beliscando, imaginando: será que é verdade que eu virei presidente da República? Eu falava: Marisa, não é possível. Nós estamos aqui, deitados na cama que se deitaram tantas pessoas que nós achávamos que eram personalidades. Eu ficava imaginando se era verdade, porque era quase uma coisa anormal, porque o país já tinha tido advogado, já tinha tido professores, já tinha tido médico, já tinha tido empresário, já tinha tido uma série de gente que representava vários segmentos da sociedade, mas não tinha ainda experimentado um metalúrgico, alguém que tinha como experiência de vida o mundo da fábrica.

Eu, como perdi três eleições, fui me calejando. Vocês sabem que eu sou um homem sem ressentimento, e hoje eu agradeço a Deus de não ter ganhado em [19]89, porque eu era muito novo, eu era muito mais radical do que eu era quando eu ganhei em 2002 e, portanto, eu poderia ter feito bobagens que eu não faria em 2002. Não bobagem porque eu quisesse fazer, pela impetuosidade da pouca idade; pela vontade de fazer as coisas, pela pressa



que a gente tinha que acontecesse.

Mas eu aprendi uma coisa que é uma lição de vida, que vai servir para vocês o resto da vida. O Brasil foi um dos últimos países do continente a ter uma universidade. Bom, depois que fizeram a apologia de que a água será o petróleo do futuro, um pouquinho de “petróleo” para todo mundo aqui, por favor.

Então, a grande coisa que me fez meditar profundamente era o seguinte: eu tinha medo de errar. Por que eu tinha medo de errar? Porque quando alguém pertence à elite, à mais alta elite, e erra, faz qualquer coisa, não tem muito problema, o cara termina o mandato, vai embora para o exterior, passa três, quatro anos, volta, o povo já esqueceu, o jornal já não fala mais nada, ele se candidata outra vez e ganha. E assim foi a vida do Brasil no século XX.

Mas é importante lembrar também, gente, vocês que são jovens, alguns com 20 anos, que nós estamos vivendo hoje, no Brasil, o mais longo período de democracia contínua, o mais longo período de democracia contínua. Se a gente contar a eleição do Tancredo Neves e a posse do Sarney, ou se a gente contar o fim da Constituição de [19]88, é o mais longo período de democracia. Eu estou falando de 23 anos ou de 25 anos, a nossa democracia é muito recente. Este país vivia de golpe em golpe. Um belo dia, alguém acordava e achava que quem estava governando precisava cair, ia lá e derrubava. Um belo dia, alguém levantava e achava: “Não, aquela turma é comunista, tem que tirar”.

Acabou. O povo brasileiro aprendeu a construir um modelo de democracia que está dando solidez para que a gente possa construir o futuro, para que a gente possa garantir aos nossos filhos o direito de terem aquilo que a gente não pôde ter no século passado.

O Brasil jogou fora grandes oportunidades no século XX. O Brasil, durante 30 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. De 1950 a 1980, a gente cresceu a uma média de 7% ao ano. Mas essa economia e esse



crescimento não eram divididos de forma equânime com a sociedade. Quando chegaram os anos 80, a gente descobriu que não só tinha gente mais pobre, como a gente estava com uma dívida externa quase impagável.

Vocês, certamente, não fizeram muita campanha, mas o pai de vocês certamente carregou muitas faixas na rua: “Fora daqui, FMI”, muitos carregaram. Eu aprendi também que a gente só pode ser respeitado se a gente se respeitar. E, como eu tinha medo de errar, eu falava para meus companheiros: olha, companheiros, qualquer um pode errar, não acontece nada. Mas se eu errar, eles vão dizer que um metalúrgico não está preparado para governar o país – eles vão dizer. E, aí, vai demorar 500 anos para um metalúrgico...

Eu disse para o Obama isso. Eu falei: Obama, você, Obama, embora seja formado em Harvard, você, embora seja formado, não pode errar, porque você é negro, e se você errar, vai demorar muito para que um outro negro possa ganhar a Presidência da República. Eu disse ao Evo Morales: Ô, Evo, você não pode errar, porque você é o primeiro índio que chega à Presidência da República, da mesma forma que o Mandela não podia errar, porque, em um país que tinha 26 milhões de negros e 6 milhões de brancos, os 6 milhões de brancos governaram a vida inteira. Quando os negros descobriram que era maioria, ganharam a Presidência da República e consolidaram o processo democrático. E aqui, no Brasil, nós aprendemos isso.

Mas faltava um ingrediente aqui no Brasil, faltava um ingrediente. Eu sempre me perguntava: por que tanta gente estudada passou pela Presidência da República e não fez a quantidade de escolas que o nosso povo precisava? Talvez porque eles já tivessem passado pela escola. E, como ele já passou, para que fazer, se ele já tinha passado? Teve presidentes que passaram o mandato inteiro e não fizeram uma universidade, uma! Teve outros que ficaram mais tempo, conseguiram aprovar duas no Congresso Nacional, mas quem fez a universidade foi o nosso governo, a Universidade do Vale do São Francisco.



Então, eu acho que nós estamos pagando uma dívida histórica, uma dívida histórica. Muitos desses meninos que a gente vê na televisão sendo vendidos como bandidos, meninos que praticam violência com 20 anos de idade, com 24, é resultado da falta de oportunidade que as pessoas têm, é resultado da falta de esperança. Ninguém consegue sobreviver sem esperança. Ninguém consegue sobreviver se não acreditar que tem uma luz no fim do túnel para que ele possa ter acesso à claridade. Não pode, ninguém sobrevive, as pessoas caem no desespero. E este país foi levado... milhões de jovens ao desespero, por falta de oportunidade de trabalho e por falta de oportunidade de estudo.

Eu vou contar uma coisa para os jovens que estão aqui, de 1980 – é importante vocês saberem. Eu fui um dos melhores dirigentes sindicais deste país, e este país passou mais de 20 anos sem que aqui, em Divinópolis, tivesse uma placa na porta de uma fábrica dizendo: “Precisa-se”; “precisa-se de soldador”; “precisa-se de engenheiro”. Engenheiro, neste país, se formava e ia trabalhar de analista financeiro, porque não tinha emprego. Ou outros iam vender na praia de Santos, ou do Rio de Janeiro, água de coco naqueles carrinhos, porque não tinha emprego para engenheiros.

Este país, em 1988, tinha mais de 50 mil escritórios de projetos de engenharia. Quando eu cheguei, em 2002... 2003, ao governo, tinha apenas oito mil. Nós já recuperamos, já temos 48 mil escritórios, porque hoje tem engenheiros. Está faltando, porque tem muita obra, como está faltando pedreiro, como está faltando azulejista, como está faltando muita coisa. Graças a Deus que está faltando, porque significa que tem mais empregos.

Hoje, enquanto nos Estados Unidos a taxa de desemprego chega a 10%, no nosso país, que vivia a 12, 14 ou 15, é apenas 7% no nosso país. E nós aprendemos o quê? O Brasil ou aposta definitivamente na sua juventude, e cria oportunidade de ela trabalhar e de ela estudar, ou este país vai ser um eterno exportador de matérias-primas, de *commodities*. É importante o Brasil



ser o primeiro exportador de suco de laranja do mundo, é importante o Brasil ser o primeiro exportador de minério de ferro do mundo, é importante o Brasil ser o primeiro exportador de carne do mundo, de vaca e de frango, é importante o Brasil ser o maior exportador de café do mundo, mas a gente vai se transformar em uma grande nação quando a gente estiver exportando a nossa inteligência, o nosso conhecimento. Em vez de a gente exportar uma tonelada de minério de ferro, a gente exportar um “chipzinho” desse tamanho, que vale tanto quanto aquela tonelada de minério de ferro que foi para fora ou vale muito mais.

É por isso que nós precisamos investir em universidade. A primeira coisa que eu fiz no governo foi acabar com a palavra “gasto” na educação. É proibido qualquer ministro dizer a palavra: “Vamos gastar em educação”. Em educação, a gente não gasta, a gente investe, e é um investimento que tem retorno muito rápido. É por isso que nós vamos terminar o governo com 14 universidades novas; é por isso que o ProUni está com 706 mil alunos.

Vocês não sabem a emoção que eu senti, há um mês, ao participar de uma reunião com 414 jovens da periferia que se formaram em Medicina pelo ProUni. Vocês não sabem a alegria e o prazer. E não é só, só... É engenheiro, é enfermagem, é jornalista, é engenheiro agrônomo, é pegando as pessoas que estavam sem esperança e colocando na universidade, colocando nas escolas técnicas.

Mais uma coisa que me dá orgulho, e eu vou contar para vocês, para terminar: foi em 2004, eu, esse moço aqui, Fernando Haddad – ele era secretário do ministro Tarso Genro –, e nós fomos ter uma conversa com uma mulher chamada Sueli Druck, que era diretora do Instituto de Matemática Aplicada do Brasil. Eles coordenavam uma pesquisa de matemática, de Olimpíadas de Matemática. E essa Olimpíada de Matemática tinha 274 mil alunos que participavam – a maioria deles de escolas particulares, quase ninguém de escola pública. Na época, a Argentina tinha 1,2 milhão de



adolescentes e jovens que participavam das Olimpíadas; os Estados Unidos tinham 6 milhões de americanos que participavam das Olimpíadas; e nós tínhamos 274 mil. Aí eu falei para o Fernando Haddad e para o Tarso Genro: vamos fazer olimpíadas da matemática na escola pública? Aí eles falaram assim para mim – não eles: “Ah, o aluno de escola pública não vai ter interesse, não vai dar certo”. Nós resolvemos fazer. Em 2005, participaram 10,5 milhões de crianças; em 2006, tinha eleição, a Justiça Eleitoral não deixou colocar nenhum cartaz nas portas das escolas, se inscreveram 14,5 milhões de crianças; em 2007, participaram 17 milhões de crianças; em 2008, quase 19 milhões de crianças; no ano passado, 19,5 milhões de crianças participaram, transformando o Brasil na maior Olimpíada de Matemática da história do nosso país.

Mas vejam que coisa interessante: tem um aluno – acho que vocês viram na televisão – chamado Ricardo, ele é quase tetraplégico. O pai dele era tão pobre, no Ceará, que o pai dele o levava à escola em um carrinho de pedreiro, em um carrinho de pedreiro. Esse menino já ganhou, por quatro anos consecutivos, medalha de ouro em matemática. Nós descobrimos que este país tem uma quantidade de gênios extraordinários que estão aí no anonimato, porque a gente não tinha como pesquisar. Agora, com a Olimpíada da Matemática, a gente está dando bolsa de estudo para os melhores, para que eles possam melhorar cada vez mais e para que a gente possa não exportar mais a nossa inteligência mas, pelo contrário, a gente trazer as pessoas que, eu diria, quase de extraordinária competência intelectual, que estão lá fora, a gente trazer de volta para o Brasil, para a ajudar o Brasil a se transformar nessa grande nação.

Então, quando nós deixarmos a Presidência... o Fernando disse uma coisa que é verdade, eu já disse para todos os ministros e disse hoje: eu quero, no dia 31 de dezembro, cada ministro vai me entregar, registrado em cartório, cada coisa que foi feita, coisa certa e coisa errada, cada coisa, cada centavo



aplicado, cada tijolo, cada metro de asfalto, cada lápis, todo mundo vai me entregar. Por que eu quero isso? Eu quero isso, para quem vier depois de mim, quero ver... para quem vier depois de mim, a pessoa vai ter um outro paradigma, a pessoa vai ter um outro paradigma, não um paradigma do nada. O paradigma de uma jovem que completava 17 anos, terminava o secundário, queria fazer universidade e ia disputar em uma universidade federal, tinha mil pessoas para cada vaga, a chance era ínfima, essa pessoa não passava; aí, ia em uma particular, essa pessoa passava; quando chegava em fevereiro, que ia fazer a matrícula, a mensalidade não permitia que essa pessoa estudasse. Aí, voltava uma menina ou um menino para casa, sem possibilidade de emprego e sem possibilidade de estudar.

Isso mudou. Mudou porque hoje, graças a Deus, nós geramos, em oito anos, 14 milhões e meio de empregos com carteira profissional assinada. São 706 mil vagas nas universidades particulares pelo ProUni. Nós conseguimos dobrar, com o Reuni, as vagas nas Federais, saindo de 103 [mil] alunos, que era a média histórica, para 227 mil alunos por ano, renovando nas universidades federais.

Portanto, como eu tenho sessenta... Portanto, como eu tenho 64 anos de idade e hoje o avanço da ciência permite que um velhinho possa viver até 75, até 80, eu tenho fé em Deus de que vocês me convidem para a formatura de vocês, e cá estarei eu, não sei se em 2012, se em 2013 – eu vi uma que ia se formar em 2013. Mas, de qualquer forma, eu tenho consciência de que levar a universidade para o interior deste país é uma revolução, para que o jovem não tenha que sair do interior e procurar uma vaga na capital.

Eu quero, então, dar os parabéns ao povo de Divinópolis, dar os parabéns, um dia, a um prefeito que pediu e dar os parabéns a um prefeito que ajudou a construir. Mas, sobretudo, dizer para vocês uma coisa: eu, aos 64 anos, tenho o direito de desanimar. Agora, vocês, jovens, não podem nunca desanimar, nunca! Não há nenhuma razão para uma menina ou um menino



desanimar, porque não tem tempo ruim para a gente. O mundo está à nossa espera e a universidade é apenas o início, para abrir uma parte do conhecimento, porque a outra parte será a vida que vai dar para vocês.

Aproveitem, estude, gente, estude. Pelo amor de Deus, estude, porque eu sei o que é o valor de uma profissão. Eu sei o que é o Lula sem profissão e sei o que é o Lula com profissão. Uma mulher sem profissão, ela, muitas vezes, fica morando com o marido porque o marido leva comida para casa. Essa mulher tem que viver com um homem porque ela gosta dele e porque ele a trata bem, não porque ela depende dele economicamente. E um homem também sabe o valor de ele ter uma profissão e poder cuidar da família dignamente. Portanto, o momento de vocês compensa qualquer sacrifício. Estudem, porque o que vocês não fizerem nesses próximos anos, vai ser mais difícil fazer quando vocês já tiverem idade.

Eu fui a Fortaleza, no ProJovem. O ProJovem é um programa que a gente pega alunos de 17 a 29 anos, eram quase 4 milhões de jovens no Brasil de 17 a 29 anos que deixaram de estudar. Eu fui agora a Fortaleza, tinha 10 mil pessoas, das 10 mil pessoas, 60% eram mulheres e 60% dessas mulheres, entre 17 e 19 anos, eram mães solteiras, já tinham mais que um filho, ou que dois filhos. Então, o ProJovem paga R\$ 120,00 para a gente convencer essas pessoas a voltarem para a escola e aprender uma profissão.

Graças a Deus, vocês não estão no ProJovem, vocês estão em algo mais importante, que é uma universidade. Façam disso uma razão de viver e se transformem nos grandes profissionais que o nosso Brasil tanto precisa.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante audiência ao Conselho Nacional da Juventude para assinatura da convocação da 2ª Conferência Nacional da Juventude

Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília-DF, 12 de agosto de 2010

Eu tenho que chegar aqui, à frente, abotoar o paletó, e tenho que ler um discurso aqui, com muita responsabilidade. Eu tirei sete páginas do discurso, para encurtar.

Bem, primeiro, cumprimentar os companheiros: o Beto, o Dulci, o Danilo e o João Marcos.

_____: (incompreensível)

Presidente: É João Marcos Vidal.

_____: É nome artístico.

Presidente: Hein?

_____: É artístico.

Presidente: E o Danilo, é Moreira. E o Beto, é Cury.

Bem, cumprimentar todos os queridos companheiros e companheiras que participam do Conselho da Juventude. Antes de eu dizer algumas palavras que eu quero dizer sobre política, e não vou falar... eu não posso nem citar nomes de deputados que estão aqui porque a lei proíbe. Na verdade, a culpa é deles que fizeram a lei, não é nossa. Não sei como é... não sei como é que



alguém faz uma lei que proíbe citar o seu nome! Mas, de qualquer forma, de qualquer forma... (risos).

Eu queria apenas dizer para vocês o seguinte: é que desde 2003 o nosso governo incluiu a juventude entre os setores prioritários a serem atendidos por nossas políticas públicas. Nesse sentido, já em 2005, o Brasil passou a contar com a Política Nacional de Juventude. No mesmo ano, nós criamos a Secretária Nacional da Juventude, vinculada à Secretaria do companheiro Luiz Dulci, que é o secretário-geral da Presidência da República, e também foi instituído o Conselho Nacional da Juventude – Conjuve. Isso, nós estamos falando de cinco anos, praticamente, o que é inédito na América Latina.

O Conselho atua na defesa dos direitos juvenis e reforça a democracia participativa, tendo importante papel no acompanhamento e no aprimoramento da Política Nacional da Juventude. É importante destacar que, neste período, foram criados os fóruns nacionais de gestores municipais e estaduais de juventude e que os conselhos municipais e estaduais se multiplicaram desde 2005 e hoje estão presentes em centenas de municípios e em vinte estados da Federação.

Por meio do Conjuve, a juventude mostra que venceu uma parte do desafio de mostrar que é um segmento social com direito a políticas específicas que atendam suas necessidades.

Outra conquista histórica, recentemente obtida, foi a PEC da Juventude ou a Emenda Constitucional nº 65, promulgada em julho deste ano, e que foi aprovada por unanimidade na Câmara e no Senado, com o apoio do governo. Mas, acima de tudo, por uma articulação bem feita e bem-sucedida do Conselho Nacional da Juventude.

Graças a essa Emenda, o termo “jovem” passa a constar do capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, assegurando à juventude direitos que já foram garantidos constitucionalmente às crianças, adolescentes, idosos, indígenas e mulheres. A PEC da Juventude é também



um passo importante para que as políticas de juventude sejam elevadas à condição de políticas de Estado.

Recentemente, também, o Congresso Nacional aprovou a adesão do Brasil à Organização Ibero-Americana da Juventude, OIJ, reforçando... OGI... não... é, OIJ, reforçando o tema Juventude como elemento de cooperação em nossa política externa. Quais são os resultados disso? A Política Nacional de Juventude reúne um conjunto de políticas estruturantes com programas específicos, como o ProJovem, o ProUni, o Programa Segundo Tempo e o Pronasci, além de políticas de expansão das escolas técnicas e das universidades públicas.

O ProJovem foi implementado em julho de 2005. Em seu formato original, atendeu 241.235 jovens, entre 27 capitais e 29 municípios, nas regiões metropolitanas das capitais. Aqui é importante... O Dulci, por humildade, não falou. No começo do ProJovem nós tivemos problemas com vários prefeitos que, por questões políticas e ideológicas, não quiseram inscrever a juventude. Dava a impressão de que naquele município você não tinha jovem pobre, e São Paulo foi um deles, apenas para citar. Apenas para citar que São Paulo foi um deles. Depois que eu fiz uma crítica na televisão, aí começaram a correr atrás. O Rio de Janeiro também foi outro estado... outro município que também não quis fazer. E assim outros, por uma questão eminentemente ideológica, mas que na minha opinião, era uma questão eminentemente de burrice, porque o dinheiro era do governo federal, a gente estava querendo, a gente estava querendo apenas convencer o jovem que estava desanimado de estudar e que já estava sem esperança, a gente estava apenas querendo oferecer R\$ 100, Dulci, ou R\$ 120, para que ele voltasse para a escola, terminasse o ensino fundamental e pudesse aprender uma profissão.

Eu fui a Fortaleza, faz uns três meses... há dois meses eu fui a Fortaleza num ato do ProJovem – não sei se tem aqui alguém do Ceará –, e tinha lá por volta de 8 a 10 mil jovens. O que me marcou muito é que a maioria era mulher e 60% das mulheres que estavam no ProJovem eram mães, e muitas, mães



solteiras. Então, muitas que vieram conversar comigo, Dulci – isso é importante dizer para você que é o criador da ideia do ProJovem –, muitas vieram me agradecer, dizendo que o ProJovem era a tábua de salvação para elas corrigirem os erros que elas tinham cometido antes. Então, elas não iam parar de estudar nunca.

Em 2008, o Programa... nós fizemos uma reunião com todos os ministros da área social e o Programa passou a ser chamado ProJovem Urbano, e ampliou o atendimento para 96 municípios com população superior a 200 mil habitantes, e para 22 estados que atendem municípios com população inferior a 200 mil habitantes. Em 2008 e 2009, o Programa atendeu 340.787 jovens. Neste ano agora, 2010, o ProJovem Urbano atende 156.361 jovens, que estão em sala de aula desde o dia 24 de maio deste ano.

O ProUni, que vocês sabem que é um programa de muito sucesso e é uma obra de engenharia que resolveu uma inquietação minha, ou seja, eu tinha uma inquietação de como fazer para colocar o jovem na universidade, sabendo que era preciso primeiro você construir as condições financeiras para você fazer as escolas que precisavam ser feitas. Mas antes de você construir as escolas, como fazer? Então, nós tivemos uma ideia que o Fernando Haddad, nesses dias, me comunicou: a mulher do Fernando Haddad tinha apresentado essa proposta para nós no primeiro ano de governo – que eu nem tinha ficado sabendo -, que era tentar... A gente já sabia que muitas universidades não pagavam todos os impostos. Então, a gente ficava naquela brincadeira: fingindo que recebia; eles fingiam que pagavam, e a vida continuava. Então, nós resolvemos, acho que foi um momento de genialidade que a esposa do Fernando Haddad teve, de propor para a gente reduzir um pouco do imposto que eles já não pagavam e transformar o equivalente ao imposto em uma bolsa de estudo.

Nós chegamos, no mês passado, a 704 mil alunos. Eu, dois meses atrás, fui ao Hotel Blue Tree, que agora é Hotel Alvorada - todo dia muda de nome aquele hotel. Eu fui naquele... eu fui lá fazer uma reunião com os



primeiros 414 alunos do ProUni que se formaram em Medicina. Uma coisa extraordinária, porque um pobre jamais conseguiria se formar em Medicina se ele... só se ele fosse um gênio e conseguisse passar em um vestibular em uma Federal; mesmo assim, o material que ele tinha que comprar, ele não tinha dinheiro para comprar. Então essa menina conseguiu se formar, e eu achei... foi o dia que eu fiquei... Nós já formamos, na verdade... nós já formamos, até agora, 108 mil jovens do ProUni, que já têm diploma universitário. Essa é uma coisa, para mim, extraordinária. Resolvemos um problema.

Mas nós também tomamos a decisão de criar o Reuni. O Reuni foi uma coisa engraçada, porque a chamada pequena burguesia brasileira, que tem o direito de estar sempre nas melhores universidades, que tem o direito de estudar em Paris, em Nova Iorque, em Londres, que tem o direito de ir para Chicago, que tem o direito de fazer um monte de coisas, ela se rebelou contra o Reuni, porque nós queríamos apenas elevar o número médio de alunos por professor, de 12 para 18, como é na França. Houve reitorias quebradas, houve reitorias invadidas porque os “filhinhos de papai” que já estavam estudando, não queriam que outras pessoas pudessem estudar.

Bem, com o Reuni e com as novas universidades e com as expansões universitárias, nós saímos de um número histórico de renovação nas escolas federais, de 113 mil alunos por ano, que era o que a gente renovava a cada ano, para 227 mil alunos. Um ano depois do Reuni, a gente dobrou a renovação nas universidades brasileiras, numa demonstração de que era possível fazer as coisas se a gente fizesse elas bem-feitas.

Bem, aqui, ô Beto, no teu... no discurso, que você certamente passou para o meu pessoal fazer, está dizendo 117 novos campi. Não são 117. Nós... Eu estou falando 105, mas já tem 115, 115 novos campi avançados nós temos. E das 14 universidades federais criadas – é importante lembrar para vocês –, duas... a última foi aprovada, agora, pelo Senado, que vai ser a universidade que vai ser feita na Redenção, no estado do Ceará, que é a afro-luso-brasileira, que é para atender alunos da África. Nós vamos começar, no primeiro



momento, com alunos da África portuguesa, mas depois nós pretendemos estender para todos os países da África. E a Unila, que é a Universidade da América Latina, que também foi aprovada e já está sendo construída, já teve vestibular, e nós vamos, no prédio da Itaipu, agora em setembro, nós vamos começar uma aula inaugural, já, de um curso latino-americano, com professor latino-americano, com currículo latino-americano, para que a nossa juventude possa trabalhar a integração do ponto de vista cultural, de verdade, e aí, todos nós (incompreensível).

Bem, eu falei 14 já feitas e duas que... duas, a Unila e a Afro-Brasileira, porque a Univasf, que é a Universidade do Vale do São Francisco, quando eu cheguei à Presidência ela tinha sido aprovada pelo Congresso, mas quem fez cada tijolo dela fomos nós, e eu, agora, estou indo – na semana que vem, acho – à Petrolina, onde nós vamos inaugurar, definitivamente, tanto do lado da Bahia, quanto do lado de Pernambuco, a Univasf.

Bem... bom, a expansão do ensino técnico vocês têm acompanhado. Nós temos que inaugurar, Dulci, até o final do ano, possivelmente mais 70 e poucas, e nós vamos ter que inaugurar dez em cada mês para a gente poder... Tem 20... tem 30 para inaugurar recentemente, nós vamos ter... Não dá mais para inaugurar uma a uma, duas a duas ou três a três, nós vamos ter que fazer inauguração pelo sistema mutirão, via telão, via telão, mas nós queremos terminar o mandato entregando as 214 escolas técnicas que nós nos comprometemos. E aí eu sou obrigado a dizer: em cem anos, a elite brasileira fez 140. Nós, em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas. Até maio, até maio já foram inauguradas 136 escolas, Dulci.

Apenas... só para vocês terem ideia, no primeiro semestre de 2010 foram matriculados novos 58.340 jovens. A meta é chegar, até 2010, com 500 mil vagas nas escolas técnicas brasileiras, e torcendo para que os próximos governantes... nós tivemos governantes que passaram quatro anos, que passaram seis [oito] anos e não fizeram nenhuma universidade.



Se cada governante fizer uma parcela, um pouquinho, a gente pode chegar, daqui a alguns anos, a gente ter cumprido as necessidades de atendimento da juventude brasileira no que diz respeito à universidade. E, na medida em que a gente vai fazendo universidades federais de qualidade, obviamente, que vai diminuindo cada vez mais as universidades pagas, porque na hora em que tiver de graça, o cidadão vai fazer opção. E por que tem que ser de qualidade? Porque o que tem... – *cadê aquele papelzinho, aquele papelzinho que eu te dei, Dulci? Do, do...* – tem que ser de qualidade, gente, porque nós... – *o dos professores...* Porque nesses dias eu fui ao lançamento do... eu fui à Conferência de Ciência e Tecnologia, e era importante, se a gente pudesse, companheiros Marcos ou Beto, mandar para cada companheiro da Secretaria da Juventude aquele folhetinho que foi apresentado na Conferência de Ciência e Tecnologia e aquele vídeo que tem oito minutos, para que vocês pudessem assistir. Pode pegar com o Sérgio Rezende... Porque, na verdade, aconteceu uma pequena revolução nessa área que, muitas vezes, a gente não consegue ler na imprensa. Não é que a imprensa é contra nós... Vocês sabem que a imprensa, a imprensa, sobretudo de mim, ela gosta muito. Mas é que, às vezes, notícia boa não tem importância, não tem importância a notícia boa. Você, às vezes, não dá aquilo que é bom, que acontece.

Mas o Brasil, pela primeira vez na história do Brasil, isso não é dito por mim, é dito pelo Presidente da SBPC... nós fizemos um programa de ciência e tecnologia que não era do ministro. Porque normalmente é assim: o ministro entra, ele tem uma tese, transforma a sua tese em um programa de ciência e tecnologia; ele cai fora, vem outro, joga aquela tese no lixo, coloca outra, a sua tese. E pela primeira vez na história do Brasil, segundo a SBPC, portanto, insuspeito, porque a SBPC todo mundo sabe do comportamento político dela, afirmou no discurso que foi a primeira vez que um programa de ciência e tecnologia não era do governo, foi feito pela sociedade científica e o governo adotou. E no dia em que o governo adotou, eu propus uma comissão de cientistas que fiscalizassem a aplicação dos recursos do PAC da Ciência e



Tecnologia, que foi uma somatória de R\$ 41 bilhões. Vamos terminar o ano, vamos terminar o ano, vamos terminar o ano, Dulci, praticamente utilizando todo o recurso. Mas eu pedi isto aqui porque isto aqui é resultado desse trabalho que, muitas vezes, aparece. O número de doutores no Brasil passou de 2.830, em 1996, para 10.750, em 2008. Em 2009 teve mais mil e poucos doutores, em 2010, mais mil e poucos doutores. Portanto, quando for publicado o número de 2010, a gente, em vez de 10.700, deve ter por volta de 13 mil doutores no Brasil. O que... mas isso equivale a um aumento de 278% em 12 anos. Foram 87.063 pessoas tituladas nesse período. Nesses 12 anos houve um crescimento médio anual de praticamente 12%.

Qual é o dado importante que vale a pena dizer para vocês? O Nordeste, o Nordeste cresceu. Em [19]96, o Nordeste tinha apenas 1,4% de doutores formados. Em 2008, ele passou para 10%, ou seja, houve um crescimento extraordinário e eu acho que ainda está muito aquém daquilo que nós precisamos para fazer com que o Nordeste e o Norte se tornem iguais às outras regiões mais bem-sucedidas do Brasil.

Qual é um outro dado importante que merece ser... A maior parte dos doutores brasileiros estão empregados na Educação: 77%; 11% na Administração Pública e apenas 3%... 3,8% em atividades profissionais de ciência e tecnologia, e 3% na Saúde. É que nós ainda... eu penso que é um sonho que nós vamos atingir, é fazer com que esses doutores possam trabalhar em empresas, para levarem o seu conhecimento para a questão da inovação. Quando você vai à China, você percebe que o cidadão fez uma tese – ele virou doutor –, ele apresenta aquela tese para uma empresa, para ver se a empresa consegue transformar a sua genialidade num produto. Aqui no Brasil, durante muito tempo, nós tivemos um pouco de preconceito contra isso: a gente fazia as teses e guardava nas gavetas e elas não se transformavam num produto. Agora elas já começam a sair das gavetas e já começam a se transformar na possibilidade de um produto.

Mas o dado mais importante ainda, companheiros e companheiras, é o



seguinte. Um outro ponto importante na pesquisa é o aumento do número de mulheres que obtiveram o título de doutor. No período entre [19]96 e 2008, 43.280... [43.228]228 homens e 42.424 mulheres concluíram doutorado. Vejam que o homem tinha, entre [19]96 e 2008, tinha mil homens a mais do que mulheres. Mas após 2004, depois da Lei Maria da Penha, as mulheres deixaram de ser minoria e ultrapassaram os homens. Em 2008, 51,5% das teses concluídas foram de mulheres, enquanto 48,5% foram de homens, ou seja, as mulheres estão nos dando um banho.

Bem, companheiros e companheiras, eu, que disse ao Dulci que não ia falar, falei que o homem da pedra. Já viram aqueles caras que vendem chá de cobra... Eu, quando terminar o meu mandato, acho que eu vou numa praça qualquer, vender qualquer coisa.

Mas, olhem, eu queria, primeiro, agradecer o papel que vocês tiveram na Secretaria da Juventude. Queria agradecer o papel que vocês tiveram no Conselho e queria que vocês tivessem consciência de que o que nós obtivemos agora foram apenas os primeiros passos da consolidação de uma convivência democrática de um momento histórico, em que nem o Estado e nem o governo tem medo de conversar com a sociedade. É muito difícil um governante conversar com a sociedade. E por que eles têm medo? Porque normalmente eles pensam que a sociedade é do contra ou que a sociedade vai apresentar uma pauta de reivindicação.

No Brasil, só para vocês terem... virem a gravidade do que eu estou falando, eu fui o primeiro presidente do Brasil, desde que Cabral aqui pôs os pés e desde que foi proclamada a República, que me reúno todos os anos com todos os reitores das Federais e com todos os reitores das escolas técnicas. Os presidentes não se reuniam, certamente com medo, porque os reitores iam pedir mais dinheiro para as faculdades, para a universidade, ou vinham pedir mais coisas, sobretudo a palavra “autonomia”, que nós também concedemos autonomia agora para as universidades federais.

Mas por que não se conversava? Era porque no fundo, no fundo, as



peessoas que governavam o Brasil, eles não governavam o Brasil para todas as pessoas, eles governavam o Brasil para uma parte das pessoas, ou seja, dava-se de barato que o Brasil tinha por volta de 35 a 40 milhões de brasileiros que pertenciam a um padrão médio de sociedade, então você governava para aqueles. O restante éramos, possivelmente, nós, que vivíamos no movimento sindical fazendo greve, que eles não gostavam de receber, nem a porrete; o restante eram prefeitos que vinham aqui reivindicar, eles nunca receberam uma Marcha dos Prefeitos. Nos meus oito anos de governo, eu e mais de vinte ministros participamos todos os anos da Marcha dos Prefeitos, e todo ano a gente recebia uma pauta de reivindicação, e todo ano seguinte a gente ia lá com eles, atendia a pauta de reivindicação, íamos lá anunciar o que nós atendíamos, eles entregavam outra pauta de reivindicação, e assim a vida ia. Todo ano nós fazemos isso com os Sem-Terra, todo ano nós fazemos isso com os estudantes, todo ano nós fazemos isso com a Contag, com a Fetraf. Ou seja, todos os movimentos, todo ano, entregam pauta de reivindicação, todo ano o Dulci vai em cada ministro, às vezes são 20 ministros, 30 ministros; entrega a pauta para cada um, cada um vê o que pode atender, vai para o Banco do Brasil, vai para o BNB, vai para o Basa, vai para tudo quanto é lugar. Trinta dias depois, eles m aqui, a gente se reúne, a gente diz que pode atender isso, isso, isso, isso; eles querem mais, a gente pede mais um dia, vai atrás... O dado concreto é que nós construímos uma relação sadia, uma relação sadia. Não é o fato de a gente poder atender tudo. É o fato de a gente tratar as pessoas com respeito e dizer: olha, eu posso atender ou eu não posso atender; isso aqui eu posso atender por isso, isso aqui eu não posso atender por aquilo. E assim nós conseguimos construir essa relação que eu acho que é... era um dos sonhos que eu tinha, era um dos legados que eu queria deixar para este país. Lamentavelmente, o Dulci fez um trabalho muito grande de sistematizar todas as conquistas de políticas públicas do nosso governo, porque eu ia mandar para o Congresso para aprovar uma espécie de consolidação de políticas públicas, inclusive as conferências, obrigar que cada governante que



entre neste país não tenha medo de conversar com o seu povo, que converse com o povo.

Durante as eleições, durante as eleições, é todo mundo assim, é sorrinho. Vejam as fotos nos *outdoors*: é todo mundo rindo. Não sei do quê, mas estão rindo. A gente é orientado a rir, porque tem que rir, porque rir é que ganha voto, e todo mundo... depois das eleições tem medo. Nós invertemos essa lógica, nós invertemos. Por que é que eu não mandei para o Congresso Nacional? Aqui, os companheiros deputados precisam compreender. Eu não mandei exatamente por conta do processo eleitoral. Esta é uma época em que a gente monta... manda para o Congresso um pônei bonitinho, daqueles pequeninhos, de circo, e o bicho volta um camelo. Vocês sabem disso, porque a quantidade de emendas... Então, para não destruir, para não destruir e não deformar, eu falei para o Dulci: vamos ter paciência, vamos esperar o Congresso eleger os novos deputados, os novos senadores, e aí se dá entrada com o Congresso...

Você também tinha um outro problema, agora, que é chato, viu? Eu posso dizer para vocês, aqui, pela experiência. Você, agora, você tem um conjunto imenso de deputados e senadores que, com razão, estão preocupados com as suas campanhas, estão preocupados em arrumar dinheiro para fazer boletim, para fazer panfleto, para pagar a sua carinha na televisão. Depois, se ele ganhar está tudo resolvido. Mas se ele perder, ele volta com uma dívida e ninguém quer dar dinheiro para quem foi derrotado. Eles vão voltar muito mal-humorados, então, é preciso a gente só deixar para mandar isso quando estiver todo mundo de posse, de terno novo, não é isso? Eu, quando fui deputado, a primeira coisa que falaram para mim foi o seguinte: “Ô, Deputado...”. As pessoas nem me conheciam, mas eu andava com um “brochinho” desse: “Ô, Deputado, tem um salário para comprar um terno”. Aí, eu já comprei um terno, chiquérrimo, amarelo, parecia uma arara. Achei que eu era uma... Então, nós não mandamos a nossa regulamentação por conta disso, mas nós vamos mandar, porque é necessário que a gente tenha...



Então, eu queria que vocês... Daqui a quatro meses e meio, nós não vamos mais estar aqui – obviamente que alguns podem estar, outros, não. Eu, certamente, não estarei, mas antes de eu deixar a Presidência nós vamos fazer, Dulci, vamos combinar de pegar esse pessoal aqui e a gente fazer um jogo, ou lá no Torto ou lá no Alvorada, porque é uma forma... Hein? Não, não. Pressupõe-se que um jogo de futebol tenha um churrasco, tenha refrigerante, tenha refrigerante e também uma cervejinha, porque ninguém é de ferro. Mas aí, eu vou acertar com o Beto... eu vou acertar com o Beto para a gente fazer uma coisa bem feita, mandar diminuir o campo pela metade, porque eu não estou vendo vocês com cara de... Mas, de qualquer forma, companheiros, do fundo do coração, meus agradecimentos.

Eu queria agora fazer o papel da Justiça Eleitoral. Nós vamos ter eleições dia 3 de outubro, acho que é um momento mágico para um país ter uma eleição, nós aprendemos a exercitar a democracia como poucos países. Acho que até o nosso sistema de urna eletrônica é invejável, é invejável, tem muitos países pedindo o modelo, porque votam 120 milhões de pessoas, com meia hora, você já está quase sabendo o resultado. Nós estamos modernizando – agora vai aparecer o digital; não vai ter todo ainda, vai ser uma boa parte. O importante é que a gente faça desse processo eleitoral a consolidação da democracia deste país. Eu posso dizer para vocês que a democracia, ela será cada vez mais forte quanto mais motivada a sociedade estiver em brigar pelos seus direitos, brigar. Quando eu digo brigar não é quebrar vidro, não é... não, é brigar, é exigir os seus direitos.

Nós temos muita coisa para construir no Brasil ainda, muita. Vocês sabem que nós tivemos um momento difícil. Nós estamos vivendo o mais longo período de democracia contínua no Brasil. Se nós quisermos pegar [19]85, quando o Sarney tomou posse, que foi o primeiro presidente civil depois de [19]64, nós estamos com 25 anos de democracia contínua. Se a gente quiser pegar a Constituição de [19]88, nós estamos com 22 anos de democracia contínua. É muito pouco. Você imagine como é que este país viveu, em que



presidente ganhava, não tomava posse. O Juscelino, quando ganhou, diziam que ele não podia ganhar, que se ganhasse ele não podia tomar posse, e se tomasse posse não governava. O Juscelino! Que não era nenhum metalúrgico.

Então, o fato de este país ter aprendido a conviver com a democracia é uma coisa sagrada. Vocês estão acompanhando o que acontece no continente. Na Bolívia, um índio eleger... o povo boliviano eleger um índio é uma coisa nobre. O companheiro Pepe Mujica, que foi eleito no Uruguai, é um companheiro que esteve 14 anos preso e, dos 14 anos preso, seis anos ele ficou em solitária, seis. Se você conversar com ele, você não vê um pingão de mágoa no comportamento dele.

Então, falando apenas desses dois mais simbólicos, o Brasil aprendeu... até os Estados Unidos aprenderam – elegeram um negro para a Presidência da República –, uma evolução extraordinária para um país que tinha os problemas raciais que tinham nos Estados Unidos. Então, eu acho que essa evolução da democracia, ela se dará cada vez mais forte, quanto mais for forte a participação da sociedade.

Portanto, meus agradecimentos a todos vocês, e temos quatro meses, pela frente, de muito trabalho ainda para a gente poder consolidar a nossa marca.

Obrigado por tudo, companheiros.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento do Demonstrativo Mensal de Créditos (DMC), via Banco do Brasil, para os aposentados

Sede do INSS - Brasília-DF, 12 de agosto de 2010

Ô Gabas, queria te dar um conselho: aumenta o seu seguro, porque quando você começou a falar “eu posso morrer hoje”, sua mulher ficou dizendo assim... Então, trate de triplicar esse seguro, porque...

Bem, primeiro, querido companheiro Gabas, ministro da Previdência Social,

Querido companheiro Valdir Moysés Simão, presidente do INSS, por meio de quem cumprimento todos os funcionários aqui presentes,

Meu querido companheiro Aldemir Bendine, mais conhecido por Dida, presidente do Banco do Brasil,

Quero cumprimentar o companheiro Rodrigo Assumpção, presidente da Dataprev,

Quero cumprimentar os companheiros da Previdência,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Meu discurso vai ter duas partes: uma institucional, que vai ser a lida, aqui, que o Gabas deveria ter falado e não falou, e outra mais emocional, que é uma coisa de cunho muito pessoal.

Primeiro, eu queria, Gabas, fazer uma sugestão a vocês: queria que vocês convidassem a imprensa especializada em Previdência, os companheiros radialistas que, durante décadas, acompanharam a Previdência Social e foram os contribuintes que nos alertaram que era preciso mudar a Previdência Social, para um almoço, e vocês mostrarem o que aconteceu na Previdência Social brasileira. Porque no fundo, no fundo, as pessoas só



conheceram o lado ruim.

Eu lembro quando fui a Recife, inaugurar o nosso querido 135, não estava nem acabado o prédio, fiquei até com vergonha de entrar no prédio, quase que eu “quebro o pau” com o Nelson Machado lá mesmo, porque não custava nada ter dado uma pintada para a gente poder entrar lá dentro.

Mas, de qualquer forma, era importante que cada companheiro que não acredita nisso faça um teste: chegue em casa hoje e ligue o 135, para ver como é que funciona, e a revolução que foi feita na Previdência Social.

Então, foi um empenho do Presidente da República, do Ministro da Previdência. Eu acho que só deu certo porque os funcionários da Previdência Social assumiram para si a responsabilidade de recuperar a autoestima de ser funcionário da Previdência Social, recuperar aquele orgulho próprio que cada um de nós carrega dentro da gente e que, muitas vezes, fica escondido, e que a gente passa anos e anos sem ter motivação para fazer algo diferente.

Eu lembro da briga que foi feita, foi até em uma entrevista de rádio, quando a gente começou a discutir. Eu estava dando uma entrevista, não sei se para a CBN, não sei se para a Rádio Globo do Rio de Janeiro, quando o jornalista me perguntou e eu disse para ele que ia acabar com as filas, e o Nelson Machado, o ministro, sem saber o que eu tinha dito, disse que não era possível, que era preciso levar mais tempo. Aí, nós tivemos só essa conversa, e o dado concreto é que nós acabamos com as filas. Hoje não tem mais ninguém ganhando dinheiro tomando conta de lugar para outras pessoas chegarem, porque houve, na verdade, uma reviravolta de civilização no comportamento nosso, no comportamento dos servidores, e quem ganhou com isso foi a sociedade.

Primeiro, para melhorar o atendimento, a rede de agências foi readequada, o parque tecnológico foi renovado, os servidores receberam capacitação e foi reduzido o tempo de espera entre o agendamento e o atendimento.



Eu posso dizer para vocês que não estavam na sala da diretoria, porque nem todo mundo estava na sala da diretoria, que eu, durante quatro anos, pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, eu cuidava da questão da Previdência Social. Eu conheci a minha mulher, a Marisa, ainda no tempo em que a gente dava atestado de vida no sindicato. As pessoas iam lá e a gente tinha que provar que eles estavam vivos para poder receber a pensão que ela recebia.

Eu trabalhei cuidando de Habite-se também, para os associados do Sindicato, e demorava para sair, Gabas, demorava. E trabalhava também requerendo aposentadoria por tempo de serviço, e o... como chama? O abono emergência, lá, a aposentadoria de 80%?

_____ : O abono de permanência.

Presidente: O abono de permanência. E um cidadão chegava ao sindicato, a gente fazia os cálculos de tempo de serviço, levava à Previdência, dentro de um envelopinho fechado e, ali, às vezes, demorava três anos, dois anos e meio. Quando a gente tinha sorte, em dois anos você recebia uma aposentadoria depois de ter dado entrada. Era um sofrimento. Eu ficava até amargurado quando chegava o coitado de um trabalhador, com uma penca de carteira profissional, para a gente poder fazer o cálculo e saber se ele tinha direito.

E como na Previdência, o máximo que o pessoal estava preparado para fazer era levantar da cadeira para atender a gente no balcão, se tivesse qualquer falha no documento era a gente que tinha que ir atrás, era o segurado que tinha que se virar, de ir a uma cidade a mil quilômetros da agência saber se tinha lá o registro dele guardado, se é que o empregador guardou.

Então, daquele tempo para hoje, mudou muito, mas mudou muito de cinco anos para cá, porque até um pouco atrás grandes jornais vendiam uma



tiragem grande porque todo dia tinha uma imprensa – e eu sou agradecido a essa imprensa – que se especializou em acompanhar o sofrimento das pessoas que precisavam de benefício neste país. E, graças a isso, nós chegamos onde nós estamos hoje que, pelo que eu vi, vocês ainda vão trabalhar bastante para atingir a perfeição.

Veja os números, aqui, que eu acho importantes: a cada mês, mais de cinco milhões de pessoas ligam para a Central 135, do Oiapoque ao Chuí – é importante lembrar que de onde a pessoa estiver pode ligar – para agendar atendimento. São mais de 250 mil chamadas diárias de homens e mulheres que, anteriormente, precisavam ir às agências e enfrentar longas e intermináveis filas.

As longas filas praticamente não existem mais. Por isso, eu sugeriria a vocês fazerem um mapeamento de todos os radialistas e todos os jornalistas que cobriram a Previdência e, quase que em uma homenagem a eles, vocês oferecerem um almoço, mostrando para eles o que vocês mostraram para mim hoje. Eu tenho certeza de que eles ficarão gratos, porque eles foram parte das pessoas responsáveis por nós termos mudado.

As longas filas, que praticamente não existem mais, em dezembro de 2005, a média nacional nas filas era de 82 pessoas. Em dezembro de 2006, um ano depois, já havia caído para 24 e, mais um ano depois, em dezembro de 2007, estava em apenas 14 segurados. Uma redução de 83% das pessoas que frequentavam as filas.

Em algumas regiões... Eu lembro que toda vez em que o Gabas ia conversar comigo, eu falava: “Como é que está Santo Amaro? Como é que está...” O que interessava para mim era saber os lugares mais nervosos da Previdência Social. Em algumas regiões, o resultado foi ainda mais extraordinário.

No caso da Agência de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, a fila média no final de 2005 era de 737 pessoas – e Contagem é



uma cidade grande, bastante grande –, pessoas que estavam aguardando o início do atendimento na agência. Em outubro de 2006, menos de um ano depois, eram apenas sete segurados na fila. Eu não sei calcular, mas vocês imaginam que de 737, nós tiramos 730 e ficaram apenas sete na fila. Além disso, a possibilidade de agendar quase todos os serviços com antecedência praticamente acabou com a espera nas agências. Hoje, a concessão de benefícios é obtida em 30 minutos.

Desde janeiro de 2009, o INSS usa os dados dos vínculos empregatícios, remunerações e contribuições do Cadastro Nacional de Informações Sociais para a concessão de benefícios. Na maioria dos casos, as pessoas não têm que apresentar mais nenhum documento. Se tiver algum companheiro fotógrafo, ou algum jornalista que já tenha contribuído 36 anos, por favor, faça um teste. Você vai sair com a sua aposentadoria antes do funcionário acabar de cumprimentá-lo. Essa sistemática possibilita a obtenção de benefícios em até 30 minutos para concessão de aposentadoria por idade, da aposentadoria por tempo de contribuição e do salário-maternidade.

Além disso, meu caro Dida, o INSS passou a enviar, desde junho de 2009, a carta-aviso a todos os trabalhadores urbanos que já podem se aposentar por idade ou por tempo de serviço, lembrando a eles que já estão aptos a exercerem seus direitos previdenciários.

Imaginem o seguinte: se eu pegava o envelope com as carteiras profissionais do cidadão, levava à agência do INSS, na época, INPS, lá em São Bernardo do Campo, e eu demorava três anos; você imagina, hoje, esse mesmo trabalhador não precisa nem ir até o sindicato, ele vai receber na casa dele uma carta dizendo: “Ô Lulinha, seu tempo de contribuição está quite, você vai receber tanto, você pode vir retirar quando você quiser”.

Gente, os brasileiros, alguns, que gostavam de dizer que desenvolvidos eram os Estados Unidos, que desenvolvida era a Alemanha, que desenvolvida era a França se dirijam a esses países e vejam se os trabalhadores deles



conseguem ter um tratamento digno como este aqui. Duvido que algum país de primeiro mundo tenha o serviço que nós estamos prestando. E ainda vamos melhorar mais, porque o que nós estamos fazendo para os trabalhadores urbanos, nós estamos também começando a fazer para os trabalhadores rurais.

O cidadão que estiver lá em Caetés, pertinho de Garanhuns, trabalhando no cabo da enxada porque ainda não pôde comprar um trator no Programa Mais Alimentos, ele vai receber uma cartinha, também, dizendo: “Olha, seu Lulão” – que deve ser o avô do meu avô – “o senhor já contribuiu tanto tempo, já tem 65 anos, o senhor pode procurar a agência de Caetés mesmo” – sessenta – “e você vai se aposentar”. Tem coisa mais chique do que isso? Vocês acham que era possível se este país não tivesse um presidente metalúrgico e um ministro como o Gabas e uns funcionários como vocês, a gente seria capaz de fazer isso? Não seria.

Veja, eu fiz essa brincadeira porque se as pessoas não passaram por determinadas situações, as pessoas nem sabem que ela existe, nem sabem. Nesses dias, eu estava com uma pessoa em uma cidade de Santa Cruz, no Rio Grande do Sul – não sei se aqui tem alguém de lá – e a pessoa falou assim para mim: “Mas, Lula, como esse povo aqui é bonito! É mais bonito do que o povo da minha terra”. E eu falei: “Sabe por quê? Porque eles comeram antes de nós”. O povo do Sul do país conseguiu comer comida de melhor qualidade do que uma parte do Brasil, do Norte e do Nordeste. E todos nós sabemos que se comeu, as bochechinhas ficam cheias e todo mundo fica bonitinho, todo mundo. A fome é feia, a fome é feia. Aquelas galeguinhas com umas bochechas que nem uma maçã, aquilo é resultado de comida. Coisa... A única coisa que eu tinha recheada era a barriguinha, assim, deste tamanho, assim, as canelinhas deste tamanho, assim, devia ser verme, quando eu vim de Garanhuns para...

Então... Bem, agora, a modernização da Previdência também beneficiou



muito o público interno. Implantado em 2008, o Projeto de Gestão Estratégica da Previdência Social centrou o foco em um programa chamado Programa de Educação Continuada. Com mais de 39 mil servidores, o INSS adotou o Programa de Gestão por Competência, que promove o desenvolvimento de conhecimentos técnicos e também a formação de lideranças.

O INSS completou 20 anos no dia 27 de junho. Se fosse um ser humano, um jogador de bola, não teria sido convocado pelo Dunga para ir para a Seleção porque só tem 20 anos. E, desde o final do primeiro semestre, ocupa um novo edifício-sede em Brasília.

É importante lembrar que este prédio aqui foi queimado, foi destruído. E este prédio, depois de queimado, descobriu-se que ele não tinha Habite-se, que não tinha sequer... É verdade. É verdade, porque Brasília foi feita às pressas, afinal de contas, foi feita em cinco anos. Mas aqui ainda tem muito prédio que não tem Habite-se, em Brasília. A reforma que eu fiz no Palácio do Alvorada, agora... do Planalto, a razão principal era a questão elétrica e a questão hidráulica, porque um final de semana em que a gente ficava sábado e domingo, quando chegava segunda-feira, que você abria a torneira, era ferrugem pura e, vira e mexe, o sistema elétrico dava problema. Você imagina. Então, eu quero dar os parabéns. Vocês nunca tiveram um auditório bonito assim, chique.

Pois bem, atualmente, a previdência pública do país paga mensalmente 19 milhões de benefícios, com um valor total de R\$ 27 bilhões de reais.

_____ : É o inverso.

Presidente: É o inverso? É 27 milhões de pessoas, com um total de R\$ 19 bilhões. Foi sua assessoria que me deu esses números aqui. Eu, depois, vou ver no painel, vou ver no painel de competência.



Bem, sua rede de atendimento hoje conta com – é verdade isso? – 1.132 agências, e tem mais, tem... Não, na verdade é que nós estamos fazendo mais 700 agências, mas como nós estamos em um processo de contenção de despesas, o Gabas só vai poder inaugurar metade, a outra metade fica para o próximo período. Afinal de contas, se a gente fizer tudo, quem vier depois vai fazer o quê? Então tem que deixar.

São mil cento e (incompreensível) agências fixas e 69 unidades móveis, cobrindo todo o território. O que é essa unidade móvel? Ônibus, caminhão, barco?

_____ : Furgão e barco.

Presidente: São realizados, em média, 184 mil atendimentos diários. As unidades receberam mobiliário próprio, equipamento de informática e dispositivo de segurança.

Bem, o companheiro Valdir e o companheiro Gabas deveriam ter falado mais sobre isso, mas eu vou falar. O ambiente informatizado de monitoramento do INSS possibilita que os gestores tenham acesso instantâneo às informações gerenciais estratégicas e possam tomar decisões rápidas sobre o atendimento nas agências. Qualquer companheiro da imprensa, que está aqui, pode gritar daí uma cidade e daqui a pouco o Gabas levará vocês lá na sala e vocês vão saber quantas pessoas foram atendidas naquela cidade, que tipo de benefício ela recebeu, quantos minutos ela ficou na agência. E se a agência tratou bem, vai ter uma mãozinha assim, se tratou mal, vai ter uma assim, sabe? Na hora. Cada funcionário que está trabalhando agora lá em Garanhuns, lá no Oiapoque, ou se está trabalhando lá no Chuí, cada funcionário da Previdência sabe que ele está sendo monitorado nacionalmente, porque qualquer funcionário da agência pode ter acesso às informações. Então tem um



companheiro trabalhando, não fazendo vigia sobre o outro, mas aprendendo com o outro e também ensinando para o outro.

O sistema mostra, por exemplo, quantas pessoas estão sendo atendidas em qualquer uma das agências do INSS de todo o território nacional. Mostra também quantas pessoas já foram atendidas e quantas pessoas estão aguardando atendimento naquele momento. Com isso, é possível acompanhar detalhadamente as metas e também corrigir imediatamente problemas que ocorram nas unidades de atendimento. Doze salas de Monitoramento do Atendimento já estão em funcionamento. E quantas serão ao todo? Se 12 já estão, quantas faltam? Mais seis? Mais cem, mais cem. Elas se encontram nas Superintendências Regionais, nas diretorias da administração central, na presidência do INSS e no gabinete do nosso querido companheiro Gabas. As informações também estão disponíveis na internet para todos os servidores. E para a imprensa não? Ainda não. Mas leve eles para ver lá.

_____ : Já viram a apresentação, Presidente.

Presidente: Além do atendimento, são monitorados a expansão da rede, a disponibilidade dos sistemas corporativos e o circuito de dados de cada unidade.

Todo o modelo de planejamento e monitoramento, bem como as ferramentas operacionais de suporte, foi desenvolvido no âmbito do INSS, pelos servidores da Casa.

Pois bem, meu filho, você falou bem dos servidores, o Valdir falou bem dos servidores, eu acabei de falar bem dos servidores e já recebi uma pauta de reivindicação, portanto, trate a pauta de reivindicação com carinho especial. Afinal de contas, todo mundo aqui tem planos de metas. Tem gente que tem plano de meta de comprar um televisor melhor, o outro, trocar de carro, o outro, de apartamento.



Bem, a partir dos próximos dias, os... Agora, sim, vou explicar por que você está aqui, Dida. A partir dos próximos dias, os segurados do INSS que recebem seus benefícios no Banco do Brasil, em primeiro lugar, depois no Banco Mercantil e, depois, no Bradesco, irão receber os seus contracheques ou demonstrativos mensais de créditos nas próprias agências bancárias em que efetuam o seu saque. Só o Banco do Brasil tem quase sete milhões de pessoas... mais de sete milhões de pessoas que podem chegar agora e saber toda a sua vidinha bancária na hora em que for receber o seu dinheirinho. Até setembro próximo, os outros nove bancos que efetuam pagamentos do INSS também oferecerão este serviço.

Vamos ver aqui que houve uma mudança que, se não for verdadeira, Valdir, você me diga que não é verdadeira, que eu peço desculpas: antes, a Previdência pagava para o banco ficar com o dinheiro do aposentado, e serviço prestado, nenhum. Hoje, como é que funciona?

Presidente do INSS: No banco, nós pagávamos 250 milhões por ano de tarifas bancárias. Hoje, os bancos que pagam, tem uma tarifa variável de cada região do país. Cada benefício pago (incompreensível) banco.

Presidente: Perceberam? Anotaram? Uma grande mudança: antes, a gente pagava para o banco ficar com o dinheiro do INSS, do segurado, lá. Hoje, é o banco que paga uma parte...

Presidente do INSS: É um real, em média, um real por benefício.

Presidente: Um real, em média, por benefício. É uma grande novidade, grande e boa.

Presidente do INSS: O serviço foi embutido (incompreensível)...



Presidente: Não, porque tinha uma coisa engraçada: as prefeituras vendiam a folha de pagamento, os estados vendiam a folha de pagamento, e a gente tinha dinheiro de 27 milhões de brasileiros de graça, e ainda pagava. Então, parabéns, foi uma boa sacada essa.

Presidente do INSS: Foi do Nelson Machado, da Fazenda.

Presidente: Deixa eu ver se tem mais coisa boa aqui. Tem. Até setembro próximo... Não, eu já falei. Nada novo... Aqui, o número, ô Dida, me deram o seguinte, olha, vou ler para você: atualmente, cerca de 7 milhões de segurados da Previdência Social sacam seus benefícios no Banco do Brasil.

_____ : Sete e duzentos.

Presidente: Sete e duzentos, está vendo? Assessoria deles, ou do Banco do Brasil, porque... E 292 mil do Banco Mercantil.

Bem, companheiros, isso aqui eram os dados oficiais que eu tinha obrigação de ler aqui, para que a nossa querida imprensa registrasse e divulgasse amanhã nas manchetes dos jornais.

Agora, eu queria, ô Gabas, eu tenho que ir para Rondônia. Já está na hora? Já passou? Então, mais dois minutos. Olha, é só dizer para vocês o seguinte: eu, daqui a quatro meses e vinte e poucos dias, eu estarei deixando a Presidência da República. E participar de um evento como este, hoje, em que o Gabas está me convidando para vir já há algum tempo, é motivo de muito orgulho, de muito orgulho.

Hoje, eu recebi um documento do Ministério da Ciência e Tecnologia, em que a formação de doutores no Brasil cresceu, em 12 anos, duzentos e oitenta e poucos por cento; que as mulheres, que eram bem minoria na



formação de doutores, hoje já são 51,5% das pessoas que se formam em doutores neste país, e homens, 48,5%.

E, tudo isso eu vou ficando alegre, tudo isso eu vou ficando alegre, porque eu acho que eu levo uma vantagem sobre os outros presidentes. Qual é a vantagem que eu levo? De saber menos do que eles. Porque, quando as pessoas pensam que são muito sabidas, elas não querem nem ouvir o que os outros têm para dizer, porque elas pensam que já sabem.

Eu lembro que quando nós fomos fazer o PAC da Ciência e Tecnologia, 41 bilhões, na verdade, quem fez o PAC foram os cientistas. E por isso que hoje, no SBPC, diferentemente de qualquer outro ano, o Ministro da Ciência e Tecnologia é aplaudido de pé, coisa que antes o Ministro da Ciência e Tecnologia nem podia pensar em ir ao um encontro da SBPC. Quem frequentou o encontro sabe como é que era.

Pois bem. Agora, eu estou aqui participando de um milagre. É verdade que é o milagre do avanço científico e tecnológico, é verdade. Mas a maior verdade é que é um avanço do comportamento humano. Vocês, aqui, no INSS... E uma coisa que a gente vai aprender, a gente não aprendeu totalmente ainda: eu estou convencido, companheiro Gabas, eu, particularmente, e eu sei que nem sempre é possível fazer isso, mas eu estou convencido de que quanto mais a gente valorizar os servidores de carreira, mais o Brasil ganha; e quanto menos a gente politizar as instituições públicas, mais o Brasil ganha... Porque, muitas vezes... Vejam que eu tomei a decisão de não indicar mais político como embaixador. Ora, por que eu tomei essa decisão? Porque, às vezes, o cara fica 35 anos da vida dele esperando uma chance de ser embaixador, aí, quando ele pensa que vai chegar a vez dele, vem o presidente e indica um político, e ele fica esperando.

No Banco do Brasil, a mesma coisa. Graças a Deus, mudamos radicalmente. E essa valorização dos profissionais de carreira é que permite às pessoas terem aspiração, porque é verdade que a gente pode ter um cara de



fora que seja um gênio, que venha para cá e seja um verdadeiro gênio, que todo mundo fala. Mas na história, nem sempre foi assim.

Então, eu penso que nós aprendemos uma lição. A primeira delas é valorizar o pessoal de carreira. A segunda, é valorizar os funcionários. Eu vivi 27 anos dentro de fábrica, eu sei o que é a gente trabalhar de bom humor, quando a gente está se sentindo bem, e eu sei o que é a gente trabalhar por obrigação, com raiva do que a gente ganha, com raiva do tratamento do chefe da gente, com raiva dos pacientes que vêm já xingando a gente, na carreira, eu sei disso, porque eu vivi isso a maior parte da minha vida.

Então, na hora em que a gente estabelece uma relação cidadã, uma coisa democrática, em que todo mundo pode ajudar e todo mundo pode participar, as pessoas começam a falar: “Puxa vida, fui eu que fiz, eu ajudei a fazer, eu contribuí, eu coloquei o meu dedinho lá, em parte daquilo”.

A Dataprev era uma instituição destroçada, destroçada, as pessoas só falavam em acabar; o Banco do Brasil, só se falava em déficit; a Caixa Econômica, só se falava em déficit; a Previdência... vocês acompanham pela imprensa a minha briga. Se do ponto de vista contábil a gente é obrigado a dizer que a Previdência tem um déficit de R\$ 47 bilhões, do ponto de vista prático, a Previdência Social, daqueles que pagam e que recebem, não é deficitária, não é deficitária. Se do ponto de vista contábil nós precisamos colocar o que nós aprovamos como Seguridade Social, na Previdência, ótimo, também não vamos ser nós aqui que vamos tirar. Mas não vamos vender falsas ideias e falsa realidade. Foi o Congresso Nacional, foi o Congresso Constituinte que decidiu, na minha opinião, corretamente, que trabalhadores rurais, que não contribuía com a Previdência, tinham o direito de se aposentar; foi o Congresso Nacional que livremente decidiu criar o Estatuto do Idoso e garantir a aposentadoria para quem nunca tinha trabalhado e nós não podemos jogar isso nas costas da Previdência Social. Nós temos que ter isso



como responsabilidade da Seguridade Social, dentro do caixa do governo. E, graças a Deus, a gente conseguiu uma evolução extraordinária.

Por isso, companheiros e companheiras, eu não vou dizer como o Gabas: “Se eu morresse agora, estava feliz”, porque eu quero viver para ver se vocês vão fazer mais. Eu quero viver para ver se vocês vão fazer muito mais e, daqui a alguns dias, eu estarei um daqueles velhinhos, batendo dentadura e xingando vocês, querendo “aumento para a minha Previdência”. Eu acho que até nisso nós demos sorte. Nós provamos que aumentar o salário-mínimo não era inflacionário, os trabalhadores recebiam o pouquinho reajuste que eles recebiam no dia 5 de junho, nós antecipamos para janeiro e o país não quebrou, não veio inflação. Então, eu acho que nós... estamos antecipando, pelo quarto ano consecutivo, o 13º para que a pessoa possa comprar um pouquinho mais.

Então, eu acho que nós estamos provando que muitas coisas que se falavam neste Brasil, de que era preciso fazer o bolo crescer, crescer, crescer, e quando ele crescesse, aí distribuía, e teve um bando de esperto que comeu o bolo e para nós ficou apenas aquelas bolinhas de chumbo de enfeite do bolo. Não, nós queremos é que o povo coma o bolo enquanto ele está quente e é por isso que eu sou agradecido a vocês, porque vocês estão ajudando a distribuir esse bolo.

Muito obrigado e parabéns aos companheiros da Previdência Social.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às obras de concretagem da Usina Hidrelétrica de Energia de Jirau

Porto Velho-RO, 13 de agosto de 2010

Olhe, é até, é até um crime, é até um crime a gente fazer um discurso desse aqui e vocês aí com esse macacão e com esse capacete. A alegria que eu tenho, a alegria que eu tenho é que há algum tempo vocês não estavam de macacão, nem de capacete, porque estavam desempregados, porque não tinha serviço. E, agora, vocês estão tendo o direito sagrado de trabalhar e de levarem para casa o sustento da família.

E essa, essa hidrelétrica aqui, tem uma coisa importante que aconteceu aqui, que a gente não via em outras hidrelétricas, que é os alojamentos terem ar condicionado. Isso é uma coisa importante, porque demonstra que os trabalhadores vão aprendendo a conquistar seus direitos, os empresários vão aprendendo que é importante que quanto mais conforto tem os trabalhadores, mais eles vão produzir, e assim a gente vai mudando a cara do nosso país.

Mas eu quero, eu quero primeiro cumprimentar o governador João Aparecido Cahulla, governador do estado de Rondônia,

O ministro Zimmermann, que falou agora, de Minas e Energia,

A Izabella Mônica Vieira, ministra do Meio Ambiente,

O companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social.

O senador Acir Gurgacz,

O companheiro Roberto Eduardo Sobrinho, prefeito de Porto Velho, em nome de quem saúdo todos os companheiros prefeitos que estão aqui na frente,

Quero cumprimentar o companheiro Nelson Hübner, que é o presidente



da Agência Nacional de Energia Elétrica,

Quero cumprimentar o Antonio Muniz, que é o presidente da Eletrobras,

E quero cumprimentar o Victor Paranhos, presidente do Consórcio da Energia Sustentável do Brasil, por meio de quem saúdo os demais empresários aqui presentes,

E cumprimentar o companheiro Raimundo Soares da Costa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Estado de Rondônia,

E quero cumprimentar meus queridos companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras da hidrelétrica de Jirau,

Olhem, eu vou ser muito breve. O momento de eu parar vai ser o momento que alguém desmaiar de calor aí, aí eu paro de falar. Olha, eu queria, primeiro, primeiro dizer para vocês que há muitos anos, o Brasil não tinha projetos extraordinários como este que nós estamos visitando aqui. Eu estou visitando Jirau, daqui a pouco, vou visitar Santo Antônio e logo, logo estarei visitando Belo Monte, onde a gente vai construir outra grande hidrelétrica.

É importante que a gente saiba que o Brasil é um país que tem uma situação altamente privilegiada. Enquanto o mundo rico tem apenas 13% da sua energia elétrica limpa, o Brasil, de energia elétrica, tem 85% dela limpa. E na matriz geral, entrando combustível, nós temos 45% de energia limpa. Portanto, é um privilégio que Deus nos deu ter a possibilidade de ter energia limpa neste país que o mundo tanto, hoje, clama para que a gente deixe de emitir gases de efeito estufa, que estão esquentando o planeta e todo mundo sabe disso, porque todo dia a gente vê isso na televisão.

Pois bem, aqui, nesta hidrelétrica, nós tínhamos um parque estadual de 1,6 milhão de hectares, agora eu fiquei sabendo que esse parque aumentou para 1,8 milhão de hectares, e foi dada ao Instituto Chico Mendes toda a estrutura administrativa da reserva. Ora, é importante (incompreensível), é importante que a gente comece a ter consciência de que a gente precisa



transformar essas reservas que a gente tem em algo que possa ser conhecido pelo povo brasileiro, em algo que possa trazer uma respeitabilidade para as pessoas pobres tomarem conta disso e fazerem disso um meio de vida. E todo mundo sabe que há condições e condições de fazer isso; eu tenho dito isso todo dia, quem não acreditar vá conhecer lá o Parque do Iguaçu para saber como é que uma coisa é tão bem tratada, tão bem visitada, e ainda tem as Cataratas do Iguaçu para a gente se deliciar. Essa é a primeira coisa; a segunda coisa, companheiros, é que o Brasil está diante de um desafio que não é de um Presidente da República, não é de um homem ou de uma mulher; não é de um empresário, não é de um ambientalista; não é de um ministro do Meio Ambiente, é da sociedade brasileira. O Brasil é um dos países do mundo que tem o maior potencial hídrico para produzir energia elétrica. Obviamente, que nós não podemos mais fazer hidrelétrica como se fazia na década de 40 ou 50, em que se prometia um monte de coisas e, depois, não se cumpria, nem por parte dos empresários e muito menos por parte do governo.

Eu conheço regiões em hidrelétricas no Rio São Francisco em que o governo prometeu muita coisa e não cumpriu. Então, quando a gente vê o pessoal reivindicar, muitas vezes, tem uma dosagem de radicalismo, mas junto com o radicalismo tem uma dosagem de razão muito grande na reclamação que esses companheiros fazem.

Então, hoje, nós já temos conhecimento científico, nós já temos conhecimento tecnológico para fazermos as coisas corretas, bem feitas, sem precisar fazer aqueles lagos monstruosos, sem precisar desmatar tanto, e garantindo que as pessoas possam... Eu digo isso porque participei... Isabela, você ainda não era ministra, mas eu participei muito da discussão sobre o tal dos bagres do rio Madeira, eu discuti muito isso. Eu até me comprometi a comprar uma canoa, deixar de ser Presidente e ficar transportando bagrinho daqui lá pra cima; daqui lá pra cima; para ele ir lá, nos Andes, fazer o trabalho dele e voltar. Mas, aí, eu descobri... eu descobri que todas as espécies de



bagre que existem no rio Madeira, inclusive a dourada, todas elas podem ser criadas em cativeiro da maior qualidade, e as pessoas que querem viver de pesca podem até se dar ao luxo de ter um tanque-rede e criar muito mais peixes do que jamais ele pensou em criar na vida. Agora, para isso, nós temos que fazer que nem São Tomé: é ver para crer. E eu tenho pedido ao ministro da Pesca que, antes de cada projeto, fazer as coisas para que as pessoas percebam que é possível a gente fazer hidrelétrica limpa, hidrelétrica que produza muitos megawatts, porque sem energia não tem desenvolvimento, é pura ilusão, é preciso energia pra ter desenvolvimento.

Lógico que nós estamos aperfeiçoando os nossos conhecimentos em eólica, nós estamos aprofundando nossos conhecimentos em biomassa, nós estamos agora descobrindo mais gás. Vocês viram que, ontem, até no Maranhão nós descobrimos gás. Ou seja, nós... É verdade. Descobrimos gás no Maranhão, a gente não sabe ainda o total, porque não foi certificado, mas o otimismo é exageradamente grande. Fala-se, fala-se em coisa de 12 a 15 milhões, ou seja, metade do que a gente traz da Bolívia. É uma coisa extraordinária.

Nós, agora, vamos fazer o leilão que vai pegar de Sergipe até não sei aonde, vai precisar da questão ambiental aqui, uma discussão ali mais aprofundada, porque o Brasil não vai abrir mão de ser o país autossuficiente em energia e, de preferência, energia limpa, aquela que não polui o ambiente.

E esse projeto aqui, é um projeto fantástico porque ela... na verdade, das 12 principais hidrelétricas do mundo, três são brasileiras, e essa daqui é uma delas, só vai perder para Belo Monte. Nós, na verdade, quando autorizamos, a Aneel, quando autorizou, autorizou essa hidrelétrica a produzir 3.220 Megawatts. Mas me parece, meus companheiros de Chico Mendes, que encontraram um jeitinho e, ao invés de 3.250, eles querem produzir 3.700, aí vai precisar da autorização da Aneel, do Ministério do Meio Ambiente e, obviamente, do presidente da República. Eles que sejam espertos, porque eu



só tenho mais quatro meses e pouco de mandato, eles que sejam espertos logo.

De qualquer forma, de qualquer forma eu quero dizer para vocês que, para mim, é um orgulho muito grande. O último grande projeto de hidrelétrica feito neste país foi Xingó, que produz o equivalente a 3 mil megawatts, que começou a ser feita quando? Ela terminou em [19]94. Ela começou a ser feita em [19]85 ainda, no começo do governo do presidente Sarney. Foi a última hidrelétrica feita neste país, a última grande. Houve outras várias, de mil megawatts, de 400, 600, 700...

Este projeto aqui é um megaprojeto. Eu, sinceramente, estou muito otimista e feliz, como presidente da República, de ver o avanço que essa obra teve até agora. E estão prometendo começar a vender energia, uma parte dela, já em março, o que vai ser... março de 2012, o que vai ser uma coisa importante.

Então, eu quero dar os parabéns ao consórcio que está fazendo Jirau. Quero dar parabéns aos trabalhadores que, além de ter ar condicionado, conquistaram um aumento de salário aqui, recentemente.

Bem, e quero, e quero dizer para vocês que, daqui para a frente, eu tenho esperança de que não vai acabar uma obra dessas e ficar milhares de trabalhadores, que se aperfeiçoaram, se prepararam para trabalhar, parados, porque tem outras grandes hidrelétricas que nós pretendemos fazer pelo país afora, e essa mão de obra qualificada a gente vai aproveitando ela em cada uma das hidrelétricas que a gente está fazendo.

Eu estou hoje fazendo, possivelmente, a minha última visita como presidente da República. Eu vim aqui em março de 2009, então faz um ano e três meses que eu vim aqui, e talvez eu só volte agora, já sem ser presidente da República, se as empresas me convidarem para a inauguração, se as empresas me convidarem para a inauguração aí eu virei aqui.

Mas eu tenho certeza que além da responsabilidade dos empresários,



os olhos vigilantes dos trabalhadores estarão aqui para terminar essa obra, fazer a obra mais bem feita do mundo, porque a qualidade é excepcional. E, depois, cada um de vocês, onde estiverem no Brasil, sintirem orgulho de dizer que vocês construíram a hidrelétrica de Jirau, no Rio Madeira.

Então, um grande abraço a todos vocês. Vamos trabalhar, porque o Brasil não pode parar. Este país encontrou, finalmente, a sua autoestima, este país voltou a ter orgulho, este país voltou a acreditar nele próprio. E é por isso que este país, hoje, é mais dono do seu nariz do que a gente já foi em qualquer outro momento.

Eu digo, todo dia, que o Obama, quando disse que eu era “o cara”, ele se equivocou, ele deveria ter dito: “Ô Lula, você é apenas o presidente, ‘os caras’ são o povo brasileiro, que é um povo que não deve nada a ninguém, do ponto de vista da competência e da capacidade de trabalho”.

Um abraço, companheiros, e até a próxima visita, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras de montagem da primeira e da segunda turbinas da Usina Hidrelétrica de Energia Santo Antônio

Porto Velho-RO, 13 de agosto de 2010

Olha, eu, eu estava tentando provocar a nossa querida Sulamita aqui, ver se ela queria dar uma palavrinha. Eu acho... Não, porque eu estava perguntando para ela se ela já tinha trabalhado de carteira... com carteira profissional assinada. Ela disse que nunca tinha trabalhado. Eu pensava que ela tinha 20 anos, ela tem 21. Eu pensava que ela era solteira, tem dois filhos.

Bem, mas eu queria, Sulamita, sem vergonha nenhuma, querida, você pega isso aqui, é só para contar o seguinte: a tua experiência, o que mudou na tua vida depois que você aprendeu uma profissão e depois que você veio trabalhar aqui.

Senhora Sulamita: Ah, para mim foi uma oportunidade boa, não é?

Presidente: Eu seguro para você.

Senhora Sulamita: Para mim foi uma oportunidade boa, porque eu nunca tinha trabalhado de carteira assinada, e vou sair daqui com uma profissão. Não só eu como todos os meus... as minhas colegas de trabalho.

Presidente: Você, você tem casa própria?

Senhora Sulamita: Tenho casa própria.

Presidente: Tem casa própria?



Senhora Sulamita: Tenho.

Presidente: Quando você está aqui trabalhando, quem está tomando conta dos teus meninos?

Senhora Sulamita: Elas ficam no colégio.

Presidente: Ficam no colégio.

Senhora Sulamita: No colégio.

Presidente: O dia inteiro?

Senhora Sulamita: O dia inteiro.

Presidente: Que chique, hein?

Senhora Sulamita: O dia inteiro.

Presidente: E é escola pública?

Senhora Sulamita: Isso.

Presidente: Muito bem. Olhem... Ô, gente, uma salva de palmas para a Sulamita, gente. Vocês pensam, vocês pensam que é fácil? Hoje ela é carpinteira, carpinteira. Você acha que quando ela sair daqui ela arruma emprego em qualquer lugar, de carpinteira?



_____ : Tranquilamente.

Presidente: Competente?

_____ : Muito competente.

Presidente: Bom, se ela é muito competente, vocês nunca vão mandar ela embora.

_____ : Não...

Presidente: Vai fazer outra obra... É lógico!

Bem, meus queridos companheiros, eu queria, primeiro, cumprimentar os ministros que vieram comigo, o Zimmermann, a Izabela, o Marcio Fortes e o Franklin,

Cumprimentar o nosso querido prefeito de Porto Velho, Roberto Sobrinho,

Cumprimentar o Eduardo de Melo Pinto, presidente da Concessionária Santo Antônio Energia,

Cumprimentar o Emílio Odebrecht, presidente do Conselho da Odebrecht,

O Flávio Machado, vice-presidente da Andrade Gutierrez,

O companheiro José Bonifácio Júnior, diretor-superintendente da Odebrecht,

Cumprimentar todas as pessoas que representam as empresas do consórcio,

Cumprimentar a Sulamita,

Cumprimentar o Vítor... Não, cumprimentar o Igor, e cumprimentar o Raimundo, que são os três que vieram aqui. O Igor é esse rapaz aqui, que me



deu uma placa bonita do Acreditar. Você está estudando? E está aprendendo o quê? Ah, você está no ensino fundamental. Fundamental ainda?

_____ : É o último (incompreensível) médio no próximo ano.

Presidente: No próximo ano? Quantos anos você tem?

_____ : 14, (incompreensível)

Presidente: 14. E já está namorando?

_____ : (incompreensível)

Presidente: Mas deve ter muitas pretendentes, hein!

_____ : (incompreensível)

Presidente: É? Muito bem.

Bem, queridos companheiros e companheiras. A alegria de estar aqui visitando a hidrelétrica de Santo Antônio. E por que alegria? Porque parecia impossível que essa obra fosse sair, tanto foi... eu esqueci de apresentar o companheiro Nelson Rubner, que é o nosso presidente da Aneel, é o homem que autoriza fazer as hidrelétricas. Mas parecia impossível, porque levantava-se muitos problemas, meu caro Roberto, com relação a essa hidrelétrica, e foi um trabalho, um trabalho daqueles que a gente nem acreditava que iria sair mais, porque as pessoas começavam a ser contra na Alemanha; depois iam ser contra na Inglaterra; depois iam ser contra nos Estados Unidos. Se uma empresa precisasse de dinheiro do Banco Mundial para fazer uma obra dessas jamais faria a obra, Governador, porque não teria empréstimo para fazer uma



obra dessa. Ora, porque poucos países do mundo têm as possibilidades que o Brasil tem de fazer energia elétrica a partir das hidrelétricas. Não existem muitos países no mundo com o potencial hídrico, ou seja, com o potencial de rios que tem o Brasil. Só para vocês terem ideia, enquanto a nossa matriz de energia elétrica tem 85% de energia limpa, a Europa, que é tão limpa, só tem 13% de energia limpa. No mais, eles têm muita energia nuclear; no mais, eles têm muitas termelétricas a carvão, que poluem muito; no mais, eles têm termelétricas a gás, que aí já têm que importar gás, de preferência da Rússia ou de outro país, e eles ainda não têm biomassa e [energia] eólica, ainda, é uma coisa muito nova.

Então, na verdade, na verdade as duas fontes de energia mais fortes no mundo ou é a hídrica, como nós temos no Brasil, ou é a energia nuclear, e países europeus têm 70% de energia nuclear.

Pois bem, nós temos um potencial enorme. Nós ainda temos, eu diria quase que 65% de tudo o que nós temos hoje, nós temos para construir de hidrelétrica, ainda. E toda vez que nós vamos construir tem uma briga, porque aparece alguém dizendo: “Vai acabar com todos os peixes do rio”. Aí aparece outro e fala: “Vai acabar com todo o desmatamento do rio”, que “vai acabar com as matas ciliares”, ou seja, o que não falta é argumento.

A verdade é que todo mundo tem um pouco de razão, todo mundo tem um pouco de razão. O pessoal que defende o meio ambiente tem razão, porque houve um tempo no Brasil em que não se levava muito em conta a questão ambiental. E, aqui, os empresários sabem que o que eu estou falando é a mais pura verdade. Não tinha consciência ambiental, não tinha exigência ambiental e não tinha marco regulatório ambiental. Então, uma empresa ganhava uma obra, ia lá, fazia do jeito que queria, desmatava e degradava o meio ambiente, não era bom para o Brasil.

Depois, você tinha o pessoal que morava vizinho de onde ia ser o lago. Você tem algumas regiões em que moram índios e que estão lá há muitos



anos. Ou seja, houve um tempo em que também não se levava em conta essas pessoas. Muitas vezes, essas pessoas não eram tratadas com o respeito que deveriam ser tratadas e, às vezes, o governo, em primeiro lugar, porque foi o governo quem começou primeiro, lá no São Francisco... Muitas vezes o governo não cumpria aquilo que prometia para os trabalhadores: “Eu vou construir agrovilas, eu vou construir ‘agro não sei o quê’, eu vou dar terra não sei para quem”, os coitados acreditavam e, muitas vezes, não dava. Outras vezes, eram os empresários que faziam... falavam que iam fazer e também não faziam.

Ora, isso mudou, porque todo mundo começou a adquirir consciência, primeiro, de que nós precisamos de energia e de que a energia à base de hidrelétrica é a mais limpa que nós temos. Nós temos engenharia competentíssima para fazer isso, e nós temos, hoje, o pessoal do meio ambiente com consciência de que é possível, com o conhecimento científico e com as tecnologias existentes a gente conseguir combinar fazer uma obra preservando o meio ambiente e cuidando da qualidade de vida das pessoas.

Por exemplo: às vezes, um companheiro comenta o seguinte: “É, mas eu moro na beira do rio, eu vivo de pesca, e vai acabar os peixes do rio”. Hoje, isso já não é mais verdade, já não é mais verdade. Eu, eu não precisaria nem estar dizendo isso para vocês, porque faltam apenas quatro meses para eu deixar o governo. Então, não é verdade. Hoje, o crescimento do conhecimento científico e tecnologia moderna permitem que você crie qualquer tipo de peixe em qualquer lago, em qualquer tanque-rede, em qualquer açude. Você pode criar o tipo... triplo de peixe. Qual é a diferença? É que quando uma dourada, ela desova, de 1 milhão de ovas que ela coloca, os predadores comem 999 mil, às vezes, sobra uma, às vezes sobram 10; às vezes, sobram 15, não é? A natureza trata de fazer com que outras espécies comam as ovas, então, de 10 ovas que põe, às vezes, nasce um só.



Quando você cria isso em um laboratório, de 10 mil ovas você pode fazer nascer 9 mil peixinhos, ou seja, o produto reprodutor é muito mais seguro. Eu não queria dar o exemplo para não parecer banal, mas é como era antigamente: a gente vai a um hospital, faz um parto seguro com médico, enfermeira ou a gente tinha o parto, como a gente tinha, como eu nasci, no tempo da parteira. Às vezes, sem nenhuma assistência. A probabilidade de um morrer era muito maior.

Então, hoje nós temos como fazer acontecer a construção de hidrelétrica, gerar emprego, formar profissionais, formar profissionais, porque uma profissão é muito importante, sobretudo, para a mulher. Vocês sabem que nós somos uma sociedade machista, onde o homem sempre achou que era mais inteligente do que mulher e sempre achou que podia mais do que a mulher.

Ontem, eu peguei um dado importante do Ministério da Ciência e Tecnologia: este ano, se formou mais mulher em doutora, no Brasil, do que homem; 52% dos doutores, este ano, foram mulheres e apenas 48% foram homens. Significa que esse negócio de dizer que mulher é o sexo fraco acabou, porque tem mulher dando cascudo aí pra valer em cabra que... e além da Lei Maria da Penha que, se vacilar, se vacilar, a cobra pia, meu filho, aqui...

Então, veja... Então, é importantíssima a profissão porque quando a gente tem uma profissão a gente fica independente. Imagine uma mulher sem profissão. Se ela tiver a sorte de casar com um bom homem, que goste dela e que cuide dela, maravilhoso! Não é? Mas se ela tiver azar de casar com um cara que parecia bom, mas não é bom, e esse cara começa a judiar dessa mulher, muitas vezes, ela não tem coragem de largar dele porque ela depende do prato de comida que ele leva para casa. E nenhuma mulher pode viver com um homem a troco de um prato de comida, ela tem que viver com o homem porque ela gosta dele e porque ele gosta dela, senão não precisam viver juntos.



E a profissão, ela é sagrada para o homem e para a mulher, porque um homem, também, com uma profissão, ele vai ganhar um pouco mais de salário, ele vai ter mais certeza de que vai ter emprego em qualquer lugar do país, e ele vai ter certeza de que ele vai poder sustentar melhor a sua família. Afinal de contas, ninguém quer só comer, nós queremos comer, queremos estudar, queremos ter acesso à cultura, ao lazer, queremos brincar, queremos fazer uma série de coisas. A vida é assim. E vocês, que estão no Projeto Acreditar, sabem disso, porque essa moça já é um exemplo.

Da outra vez que eu vim aqui, vocês não se lembram, porque vocês eram muito jovens, mas eu vim aqui no dia 9 de março do ano passado e fui ver mulher dirigindo aquelas máquinas do tamanho desse prédio aqui, dessa cobertura aqui, desse encerado aqui, dessa barraca... Isso não é uma barraca, não! Como é que chama isso aqui? Uma tenda. Uma tenda, parece a tenda do Kadafi. O Presidente da Líbia é que tem umas tendas assim, que ele entra e dorme. Mas, essa tenda aqui, a máquina que a moça estava dirigindo era maior do que essa tenda. Quando eu olhei, uma mulher! E ela, ela falou: "Presidente, eu duvido que tenha um homem aqui que trabalhe mais do que eu". E o pior é que é verdade.

Então, companheiros, esse Projeto Acreditar, eu já fui convidado, eu já fui convidado, em dezembro vai ter a formatura de 510 meninos e meninas aqui. Então, podem marcar na caderneta: em dezembro eu estarei na formatura desses jovens do Programa Acreditar, aqui, em Porto Velho. Porque, para mim, para mim, aprender uma profissão é uma coisa sagrada. Aprender uma profissão é como a gente ter acesso a um bem material importante que a gente não teria. E sobretudo neste momento, que o Brasil está gerando empregos. Porque, eu não sei se vocês sabem, este país, este país, a última grande hidrelétrica que fez foi a de Xingó, que terminou em 1994, começou em 1985, ainda entre o governo Figueiredo e o governo Sarney. Foi a última de 3 mil megawatts, a última grande.



Nós estamos fazendo essa, de 3.200, que já me falaram ali que vão tentar pedir um acréscimozinho para três mil, quatrocentos e não sei quanto; estamos fazendo outra, ali embaixo, de 3.400, vamos fazer Belo Monte, que pode chegar a 11 mil, 12 mil, 10 mil, 9 mil, tem uma série de coisas. Temos o Complexo Tapajós, que são mais cinco hidrelétricas que a gente quer fazer de uma forma muito discutida com a sociedade brasileira, e temos que aproveitar todo o potencial para gerar emprego para o nosso povo trabalhar. As mulheres vão estar lá e eu quero que as mulheres estejam trabalhando, que as mulheres se formem engenheiras, que as mulheres se formem em Medicina, que as mulheres se formem nas melhores profissões para as mulheres poderem também dirigir. Por que eu não posso chegar aqui, daqui a uns 10 anos, e a presidente da Odebrecht ser uma mulher? Por que tem que ser homem? Ninguém disse.

Então, eu acho, companheiros, que esse momento para mim é primoroso. Eu quero agradecer ao consórcio, porque eu estou deixando a Presidência daqui a quatro meses, mas eu lembro como era quando eu entrei e lembro agora: esse país ficou 25 anos em que a gente não encontrava em nenhuma rua, de nenhuma cidade deste país, uma placa “precisa-se” de uma profissão. Nós passamos quase 25 anos só gerando desemprego neste país, só gerando desemprego. A construção civil, mesmo, perdeu milhões. Eu poderia pegar qualquer empresário da construção civil, inclusive a Odebrecht ou a Andrade Gutierrez, eu posso olhar na cara de vocês e na cara deles e dizer o seguinte: antes do meu governo, se eles quisessem ganhar um dinheirinho, eles tinham que trabalhar na América Latina, tinham que trabalhar nos Estados Unidos ou tinham que procurar na África, porque este país não tinha obras. Hoje tem tanto serviço que eles não têm engenheiros para contratar para fazer as obras deles. E ainda é pouco diante do que vai acontecer neste país, porque nós agora aprendemos a gostar de nós, nós agora recuperamos a nossa autoestima, nós sabemos que é importante investir



em infraestrutura. Nós hoje estamos gastando por mês, em investimento em rodovias e infraestrutura, o que era gasto por ano em 2001 e 2002 – por mês. Nós estamos pagando, em dinheiro, R\$ 1,3 bilhão por mês. Isso era o orçamento do Ministério do Transportes em 2002 para o ano inteiro.

Este país tinha R\$ 380 bilhões de crédito; este país, hoje, tem R\$ 1,5 trilhão de créditos. Portanto, meus filhos, nós vamos terminar o mandato, Emílio, e vamos ter orgulho de dizer que, enquanto na Europa e nos Estados Unidos teve 16 milhões de pessoas desempregadas, nós criamos 14 milhões e meio de empregos neste país, com carteira profissional assinada. E quando essas turbinas começarem a produzir energia, vocês vão ver a quantidade de empresas que vão vir para cá. Aí, vocês tratem de se preparar mesmo, tratem. Ninguém queira ir só namorar de noite, não, ir para a escola. Tem tempo para namorar, mas tem tempo para estudar, para você, depois, cuidar da namorada com carinho, com uma bela de uma profissão, e as mulheres também. Porque vai vir muita empresa para cá na hora em que a gente começar a produzir aqui 6 ou 7 mil megawatts de energia. Rondônia e Porto Velho vão sofrer uma transformação, meu caro Sobrinho, que você não tem noção e nem o Governador.

Agora, é preciso que seja uma coisa planejada, para que Rondônia e Porto Velho não se encham de favela por tudo quanto é lado, se não tiver um ordenamento para poder receber essas pessoas que vão vir para cá junto com as fábricas.

Por isso, eu quero agradecer ao consórcio a coragem e o trabalho que estão fazendo e quero agradecer aos trabalhadores, porque se tem uma coisa que me orgulha é saber que todo final de mês vocês chegam em casa com o salarinho de vocês, levando o pão de cada dia com o suor e o sangue de cada um de nós, que é o que vale a pena. É a gente ter orgulho daquilo que a gente leva para casa como resultado do trabalho e, sobretudo, às meninas e aos meninos que estão estudando: não desanimem nunca, não há tempo para um



jovem desanimar. Mesmo que a coisa esteja ruim, mesmo que o pai e a mãe tenham brigado, não há nenhuma razão para um jovem parar de estudar. Não há, não há nenhuma razão. Há um milhão de razões para um jovem estudar e não há nenhuma para ele não estudar, porque se ele não estudar nessa idade, quando ele estiver velho, quando ele estiver com mais idade... Eu vou contar, agora, que eu fui ao Programa ProJovem, em Fortaleza – tinha 10 mil pessoas, dessas 10 mil pessoas, 60% eram mulheres e 60% já tinham filhos, todas mães solteiras.

Então, eu acho... Se preparem, porque o que vai garantir o futuro certo de vocês é a boa formação profissional que vocês tiverem. Vocês estão tendo uma chance. Eu tive a minha chance, em 1963, aproveitei-a e virei Presidente da República. Aproveitem a de vocês e sejam, amanhã, o que eu sou hoje.

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em homenagem ao diplomata Vinicius de Moraes**

Palácio Itamaraty, 16 de agosto de 2010

Se o Vinicius de Moraes estivesse aqui, ele ia pedir a palavra para dizer apenas o seguinte: não é correto, não é politicamente correto, depois das poesias maravilhosas e depois das músicas fabulosas, a gente ouvir discurso.

Como ele não está aqui e eu tenho que cumprir o cerimonial aqui, o ritual, eu quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, nosso ministro das Relações Exteriores, por intermédio de quem cumprimento todos os ministros que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido núncio apostólico do Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri, por meio do qual saúdo todos os demais integrantes do corpo diplomático,

Quero cumprimentar o ministro Carlos Ayres Britto, do Supremo Tribunal Federal,

Quero cumprimentar os companheiros parlamentares aqui presentes,

E quero cumprimentar a Luciana de Moraes, filha de Vinicius de Moraes, por meio de quem cumprimento neto, bisneto, tataraneto e quem mais tiver da família Moraes por aí,

Eu tenho poucas palavras no meu discurso, mas, antes, eu queria dizer uma coisa. Certamente, na vida política de cada um de nós, a gente vai descobrindo aos poucos que as pessoas que tiveram a atitude de um dia propor a cassação da carreira do diplomata Vinicius de Moraes, certamente, não serão lembrados pela história e, certamente, ninguém está ou estará, amanhã, sentindo falta dessa gente, que agia como se não enxergasse, mesmo tendo os dois olhos bons.



Possivelmente, quem teve a atitude de propor a cassação do Vinicius de Moraes não tivesse lido o poema “O Operário em Construção”, porque se ele tivesse lido, tal como o operário, ele teria aprendido a dizer não e não teria cumprido a aberração que foi colocar fim à carreira diplomática do Vinicius de Moraes.

O que nós estamos fazendo aqui é quase que um processo de reparação. Eu tenho dito aos meus companheiros de governo, tenho dito em muitos debates de que eu participo, muitos comícios, muitos atos públicos que, muitas vezes, no Brasil, nós cometemos um equívoco. É que a gente esquece as pessoas de que a gente gosta, a gente deixa de exaltar as pessoas que a gente... que foram vítimas do período de autoritarismo, e a gente fica preocupado com quem prendeu, com quem matou, com quem torturou quando, na verdade, a gente vai, aos poucos, esquecendo de transformar os nossos heróis em heróis, porque nós não falamos deles. Nem todos tiveram a competência do Vinicius de Moraes, nem todos. Acho que, se todos tivessem tido a chance que o Vinicius teve... Chance coisíssima nenhuma, porque, na política, no meu caso, quando as coisas dão certo falam que eu tenho sorte, e eu estou dizendo chance. Não, na verdade, não é chance. É que o Vinicius era um ser superior, e um ser superior, mesmo cassado, continua crescendo.

Eu, quando assisti ao filme do Vinicius de Moraes, eu confesso que eu morri de inveja. Nunca pude ter a mínima ideia de que era possível um ser humano saber viver como Vinicius sabia viver. Eu sinto inveja de nunca ter sido convidado a uma tal de uma casa aberta, que ficava em Petrópolis, e que as pessoas iam para beber, para cantar. Eu não tenho hoje nenhum amigo que tenha uma casa aberta. Todos eles botam portão cada vez maior, com cadeado cada vez maior, com segurança na porta, ou seja, as pessoas já não têm mais a grandeza de oferecer um trago como dom de conquistar e não de embriagar as pessoas.

Eu... Depois eu vi muita gente, o Chico, eu não posso falar tudo o que



ouvi falando do Vinicius de Moraes, mas eu acho que aquele filme do Vinicius, ô Juca, ele precisaria ser visto por mais gente. Quem sabe, criar a semana de Vinicius ou o mês de Vinicius nas escolas, porque eu acho que aquilo mudaria um pouco o jeito individual que nós estamos vivendo. Vocês estão percebendo que nós estamos vivendo em um mundo cada vez mais cercado por muros, cada vez mais cercado por segurança, cada vez mais cercado de medo, cada vez mais apavorado. A gente vai virando classe média, já não recebe os parentes mais pobres, vai ficando rico, já não recebe mais os parentes de classe média, a gente vai se distanciando.

E esse negócio dos Moraes, e esse negócio dos Buarque têm um dom de verdade. Eu tive o prazer de visitar a minha querida Maria Amélia quando ela completou cem anos de idade. E lá tinha tanta gente boa, tanta gente... Sabe quando a gente olha na cara e fala: “essa pessoa é boa”, essa pessoa está a fim de te oferecer alguma coisa, não está a fim de pedir nada? Essa pessoa não é chata, porque um dia... Eu acho que o Vinicius tinha um dom que eu gostaria de ter, aos 64 anos, quem sabe Deus ainda me dê um pedacinho, de saber escolher pessoas boas para conviver, e não viver com gente chata. Como seria extraordinário se a gente pudesse fazer isso. Ter, na porta da casa da gente, uma placa: “Eu só vou receber quem eu gosto, quem é alegre, quem vem aqui para falar bem de alguém. Quem vem aqui para falar que a vida não está boa, se é azedo, chorar... não dá certo”. E eu acho que o Vinicius representou isso, o filme demonstrava. E quando ele estava chateado, nada como tomar um gole do “cachorro engarrafado” para poder esquecer as mágoas.

Eu acho que o Vinicius foi uma pessoa, eu diria, sublime. Eu não tive a chance de conhecê-lo muito, mas, quando vocês forem ver as fotos – tem uma foto que a família me mandou, de 1979... Hoje é fácil você vir aqui e ler “O Operário em Construção”, mas, naquele tempo, na praça [da] Matriz, lá em São Bernardo do Campo, na frente do Paço Municipal, era complicado, era muito



complicado. E quando nós convidamos o Vinicius para ir lá, a gente não tinha certeza se ele ia. Era um 1º de maio em que eu estava afastado do Sindicato, eu já tinha sido cassado. E não é que o baixinho foi? Foi, e lá o Dom Cláudio Hummes, que era o nosso bispo da diocese de Santo André, o nosso companheiro, muito companheiro – hoje está vivendo em Roma, trabalhando no Vaticano – e nós pedimos para que o Vinicius falasse do seu poema, “O Operário em Construção”. E depois fomos para o estádio, que estava lotado, e era um momento de muita tensão.

Então, eu queria dizer para vocês que, mesmo vivendo democraticamente, a gente tem que reconhecer que o Brasil vive o seu mais longínquo período de democracia contínua, e a gente pensa que é muito tempo. Se a gente pegar a eleição de Tancredo, faz 25 anos; se a gente pegar a promulgação da Constituição, faz apenas 22 anos de democracia contínua. É o período mais longo da história do nosso país. Isso, apenas para a gente ter ideia de como nós vivemos pouca democracia neste país.

Graças a Deus as coisas mudaram, e mudaram tanto que a gente pode aqui estar, eu diria, recuperando, para a sociedade brasileira, o grande... não o grande compositor, o grande intelectual, como dizia o Antônio Cândido, se ele estivesse aqui. O Antônio Cândido dizia: “O Vinicius, certamente, é uma das maiores expressões da literatura brasileira do século XX”. Ou seja, nós estamos aqui devolvendo... Ele está lá em cima. Com aquela cara de malandro que ele tinha, certamente ele está lá em cima.

Eu torci... Você sabe que eu tenho sempre a esperança de que lá em cima tem um mundo melhor. Eu sou cristão, então eu não choro muito a morte, não lamento muito, porque dizem que lá em cima tem um mundo melhor. Então, o Vinicius deve estar lá olhando, agora. Viu a neta cantar, está vendo as homenagens, está vendo o discurso chato do Presidente. Mas uma coisa ele tem que saber: eu, Vinicius, tenho inveja de não ter podido gozar da tua amizade como outros gozaram. Porque eu não acredito que neste país, em



algum momento, teve um ser humano, teve um homem que conseguisse viver a vida com a dimensão que o nosso Vinicius de Moraes viveu.

Portanto, não precisa, Vinicius, dizer obrigado. É nossa obrigação. Isso poderia ter sido feito antes, mas não foi feito. Mas antes tarde do que nunca.

Que Deus continue te guardando. E um grande abraço à família. E, Celso, parabéns. Parabéns, porque você aprendeu a dizer “sim” no caso da absolvição da condenação política ao Vinicius de Moraes. Boa sorte!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Canteiro Industrial da Transnordestina, com transmissão simultânea da cerimônia de assinatura da ordem de início da construção do lote 1 da Ferrovia Transnordestina (trecho Missão Velha/Pecém)

Salgueiro-PE, 17 de agosto de 2010

Meus queridos e queridas companheiras do estado de Pernambuco,
Meus queridos companheiros que estão em Missão Velha, do estado do Ceará

Companheiros do estado do Piauí,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação, que, daqui a pouco vai, junto comigo, inaugurar a escola técnica,

Meu caro Marcones Libório de Sá, prefeito de Salgueiro,
Vereadora Raimunda Barros de Oliveira Lisboa, presidente da Câmara Municipal de Salgueiro,

Meu caro companheiro Bernardo Figueiredo, diretor-geral da Agência Nacional de Transportes Terrestres,

Meu caro companheiro e amigo Benjamin Steinbruch, presidente da Companhia Siderúrgica Nacional,

Meu caro amigo e companheiro Marcelo Odrebrecht, presidente da Holding Odebrecht,

Meu caro Tufi Daher Filho, diretor-presidente da Transnordestina Logística,

Meu caro companheiro Fernando Bezerra, secretário de Desenvolvimento Econômico do estado de Pernambuco,

Meu caro Sérgio Miranda, secretário de Planejamento do Piauí,

Senhores prefeitos das cidades a serem beneficiadas pela Transnordestina, aqui presentes: Carlos Evandro, de Serra Talhada de



Pernambuco; Lula Sampaio, de Araripina; Nemias Gonçalves, de Custódio, em Pernambuco; (incompreensível) de Paramirim, em Pernambuco.

Nossa querida Jenicleide da Conceição, a moça que se formou motorista aqui, e que eu entreguei o diploma,

Companheiros da imprensa,

Meu querido Paulo Sérgio, que está lá em Missão Velha,

Prefeito Washington Macedo, prefeito de Missão Velha,

E Francisco Adail de Fonteneles, secretário de infraestrutura do Ceará,

Companheiros e companheiras,

Se eu for ler todos esses papéis aqui, vocês nem almoçam e nem jantam. Então, eu não criei o Programa Fome Zero para vocês passarem fome, eu vou tentar ser muito (incompreensível). Eu vou, eu vou ser breve, porque eu tenho um problema de horário do avião levantar voo aqui, no aeroporto e tem que estar ainda sob a luz do sol. E eu preciso, então, andar um pouco rápido.

Mas eu queria dizer para vocês que a construção desta ferrovia não é um sonho apenas de um presidente. Eu acho que era o desejo de um povo, o desejo de uma parcela deste país que mora em uma região extraordinária, na região onde o Brasil foi descoberto e que ao longo (falha no áudio) e dos séculos esse povo foi ficando esquecido, a riqueza foi se desenvolvendo em outras regiões e esse povo foi praticamente relegado a cidadãos e cidadãs de segunda e terceira categoria.

Não é o presidente Lula que está falando, é o brasileiro que consegue entender as estatísticas publicadas neste país e que cansou de ver que tudo que era ruim a maioria era no Nordeste e tudo que era bom a maioria era nos outros lugares do país.

Onde as crianças tinham maior qualidade de estudos? Era em outra parte do país. Onde as crianças eram mais atrasadas? Era no Nordeste e no Norte do país. Onde morriam mais crianças por 100 mil nascidas? Era no



Nordeste. Onde morria menos? Em outra parte do país. Qual era a região que tinha mais gente se formando em doutores e mestres? Era em outras regiões do país e menos no Nordeste. Onde se ganhava mais salário? Em outra região do país e menos no Nordeste. Havia quase uma disposição de uma parte da elite política deste país, que já tinha dado de barato que o Nordeste não precisava se desenvolver. Aqui era muito importante para exportar pedreiro e servente de pedreiro para construir casas em outras regiões do país. Ah, como tinha gente que se orgulhava de dizer: “Nordestino, ele ainda está atrasado, mas essa ponte bonita foi ele quem fez; esse prédio bonito foi ele quem fez”. Muito bem, mas nós não nascemos apenas para ser pedreiros ou ajudantes de pedreiros, nós queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ser profissionais qualificados e de qualidade como todos têm que ter direito neste país. E como seria possível a gente desenvolver o Nordeste se a gente não fizesse as coisas que eram óbvias e que não eram feitas? Porque o grande problema do nosso país é que os governantes não percebem que inventor e pesquisador vão para laboratório pesquisar e inventar; um presidente da República não tem que inventar, ele tem que fazer, ele tem que cuidar das coisas para a qual ele foi eleito, ele precisa cuidar do povo. Não é a palavra governar, a palavra, neste país, é cuidar. Eu quero ganhar as eleições para cuidar do meu povo, para cuidar do meu povo como uma mãe cuida do seu filho, cuidando daqueles que mais necessitam, cuidando daqueles mais frágeis, cuidando daqueles que tiveram menos apoio; é pra isso que serve o Estado. O Estado não serve para ajudar os ricos, mas sim para fazer com que os pobres ascendam de classe social e cheguem à classe média, e quanto mais o pobre evoluir, mais o rico vai ganhar dinheiro, porque vai ter mais consumidor, vai ter mais comprador, vai ter mais gente comprando carro, comprando geladeira, comprando televisão, comprando máquina de lavar roupa, comprando roupa nova, sapato, tudo o que o povo tem direito, porque o povo pobre gosta de coisa boa. Não sei quem foi que inventou que a gente não



gosta de coisa boa; não sei quem foi o malandro que inventou que pobre gosta de coisa ruim.

Eu lembro que, um dia, eu estava em uma reunião de governo, há algum tempo, discutindo a liberação, a desoneração para o material da construção civil, e discute, discute, discute se vai reduzir o imposto da areia, do tijolo, da telha, do fio. Aí eu lembro de uma coisa que eu perguntei a um companheiro: e a cerâmica e o azulejo? Aquela lajota que vai no chão do piso e o azulejo? Aí, um companheiro meu disse, Marcelo: “Não, Presidente, isso não pode desonerar, que isso é coisa de luxo. Só rico tem isso”. Eu falei: tu é um besta mesmo, tu não conhece de pobre, porque se pobre puder ele coloca azulejo até na cama, de tão bonito que a gente acha que é o azulejo.

Bem, então, o que é que nós estamos fazendo neste momento? Não é apenas a Transnordestina, de 1.720 quilômetros, que vai ligar o estado de Pernambuco ao estado do Ceará, dois portos importantes para carregar toda a riqueza produzida nesta região, passando por Eliseu Martins, no Piauí. Não é apenas isso. É que, no Nordeste, nós vamos fazer uma refinaria de 600 mil barris/dia no estado do Maranhão; vamos fazer refinaria (falha no áudio) porto de Suape, em Pernambuco; estamos fazendo uma refinaria no estado do Rio Grande do Norte, estamos fazendo uma siderúrgica em Fortaleza, estamos fazendo uma siderúrgica em Marabá, no estado do Pará. Nós não estamos fazendo alguma coisa para um estado tirando uma coisa de outro estado; nós apenas... como uma mãe faz: na hora em que a mãe senta... na hora em que a mãe coloca o filho à mesa e vai sentar para fritar os bifeinhos que tem, se tiver cinco brigueiros e tiver cinco bifês, é um bifeinho para cada um – e que ninguém ouse roubar o bife do outro. O que nós estamos fazendo é distribuindo esse bife em igualdade de condições para que todo estado tenha o direito de se desenvolver, para que toda região possa crescer e para que, daqui a alguns anos, o Brasil seja mais igual, o Brasil seja mais justo e o Brasil faça a compensação que tem que fazer à parte mais sofrida deste país.



Mas não pensem que é fácil fazer as coisas. Vocês sabem que a inveja é uma doença, não tem doença pior do que o olho gordo de alguém que não conseguiu fazer uma coisa, torcer contra o outro fazer. Não tem nada, nada mais desgraçado de doença do que o preconceito, do que as pessoas terem preconceito. Nós estamos fazendo no Nordeste algumas obras que não são de hoje. Eu lembro, e disse agora há pouco: eu estava no Crato, na campanha de 1989, quando eu fui para o segundo turno com o Collor, e na volta, no aviãozinho, o doutor Miguel Arraes falava assim para mim: “Ô, Lula, se você ganhar, faz a Transnordestina”. Eu nem sabia de Transnordestina. Perdi [19]89, perdi [19]94, perdi [19]98, até que, um dia, ganhei.

A Transnordestina, nós demoramos cinco anos, cinco anos para chegar ao ponto em que nós chegamos. Só eu participei de 31 reuniões, só eu. Porque quando a gente pensava que estava resolvido o problema no estado de Pernambuco, aparecia um negócio no estado do Piauí. Quando você pensava que tinha resolvido o negócio no estado do Piauí, resolvia [aparecia] um problema no estado do Ceará. Em Missão Velha, eu fui há cinco anos, tinha máquina trabalhando lá, e aí começou a surgir problema com o projeto; depois, surgir problema com licitação; depois, surgir problema com supressão vegetal; depois surgir problema com o Ministério Público; depois, surgir problema na licitação, ou seja, é um verdadeiro inferno para você concluir um projeto dessa magnitude.

Está aqui... todo mundo aqui, do estado de Pernambuco, do estado do Piauí e do estado do Ceará que participaram de reuniões, eu estou falando de 31 reuniões que eu participei, fora as dezenas e dezenas de reuniões que foram feitas com o BNDES, com o Ministério do Planejamento, com o Benjamin. Era uma coisa maluca, porque você acabava de acertar uma coisa aqui, daqui a três meses eu encontrava alguém e perguntava assim: tudo bem? “Ah, tem um problema, Presidente. O dinheiro tal não saiu”. Aí, ia lá, reunião, reunião: “Está tudo pronto, tudo pronto. Vamos começar, vamos começar”.



Passavam-se três meses: quando é que nós vamos pisar no primeiro dormente? “Ah, Presidente, teve um problema de desapropriação, que o juiz parou. Está na Justiça agora”. Aí vai, vai, resolve, resolve Pernambuco, resolve Pernambuco. Tudo pronto? “Tudo pronto”. “Ah, teve problema no Piauí”.

Eu lembro da última reunião em janeiro. Em janeiro, estava tudo certo, todos os estados não tinham mais nenhum problema, não vou nem falar das brigas contra o (incompreensível), não vou nem falar. Mas estava tudo certo, em janeiro, tudo certo: Pernambuco, Ceará e Piauí. Passa um tempo... problema no Judiciário do Piauí, as desapropriações não aconteceram. E quando tem problema no Judiciário, nós não podemos fazer nada; se é no Tribunal de Contas, nós não podemos fazer nada, se é... Então, é um processo... cinco anos para a gente chegar ao nível em que chegamos aqui. Agora eu não me queixo, eu não me queixo, porque a transposição das águas está há um século e meio, desde 1847 – eu não era nem nascido – quando Dom Pedro começou a pensar em fazer a transposição das águas, para levar água para uma parte do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, da Paraíba e do Ceará, mais de 150 anos e não conseguiram fazer. Eu falei: nós vamos fazer essa obra. Nós vamos fazer, porque eu não tenho pescoço de carregar pote na cabeça, de carregar pote d’água na cabeça.

Quem nunca carregou pote e abre a geladeira e toma uma água geladinha, aí fala: “Para que fazer transposição para levar água? Para levar água? Leva carro-pipa”. Não, a água, para atender 12 milhões de nordestinos do semiárido, um canal de quase 700 quilômetros, e uma boa parte dele vai estar pronta, tanto no eixo Norte quanto no eixo Leste. E, se Deus quiser, a partir do ano que vem começa-se a inaugurar. E se eu puder, vou convidar vocês para dar um mergulho dentro daquela água lá. Não sei se pode, não sei se pode, mas aqui em Salgueiro tem um lugar, tem um lugar – não é, Prefeito? – que cruza a ferrovia, que cruza... O cara já está no trem, já pula, do trem mesmo já pula dentro do lago, dá uma nadadinha e vai para casa tranquilo.



E nós estamos fazendo isso... Quem é que imaginava, Fernando, a gente inaugurar o navio que nós inauguramos no Porto de Suape, um navio que não cabia aqui dentro, Benjamin, um navio que não cabia aqui dentro. E sabem quem eram os operários do navio? Não era chinês, não era japonês, eram brasileiros, cortadores de cana, que foram formados para ser soldados e fizeram o navio, como essa menina que veio aqui agora.

Eu fui lá na Hidrelétrica Santo Antônio, que a Odebrecht está fazendo, e eu vi mulher dirigir caminhão que nem eu tinha coragem de dirigir, de tão grande. E a mulher tratava o caminhão como se fosse um folgado, um brinquedo qualquer, tal era a competência dela.

Então, companheiros e companheiras, obviamente que eu estou com saudades. Você sempre fica, você sempre fica pensando que você poderia fazer mais. Agora, tem uma coisa que é sagrada e que ninguém vai tirar de nós. Eu perdi duas eleições porque o povo pobre deste país tinha medo de mim. Eu lembro que um dia eu estava em uma favela, eu estava em Casa Amarela, eu entrei em um barraco que não tinha nada, nada, absolutamente nada, e a mulher disse: “Eu não vou votar em você porque eu tenho medo que você tome as minhas coisas”. Eu fui para casa, cheguei em casa, falei para a Marisa: “Eu acho que eu não entendi direito, Marisa. Eu fui a uma casa de uma pessoa que não tinha nada, e ela disse que não votava em mim com medo que eu tomasse o que ela tinha”. E aí a Marisa falou para mim: “Olha, Lula, aquilo que para você não é nada, para ela era muito”.

Então, é preciso compreender, para que a gente tenha o discurso adequado. E eu sei que o povo tinha medo, porque o povo dizia o seguinte: “Eu sou um zé-ninguém, como é que eu vou votar em um zé-ninguém igual a mim? Ele não vai saber governar”. Até que o tempo foi passando, a gente foi evoluindo, a gente foi aprendendo, e vocês me deram a chance de governar este país.

O legado, o legado que vai ficar não é a quantidade de cimento, não é a



quantidade de pontes, não é a quantidade de concreto ou de asfalto que nós colocamos neste país. Vai ficar um legado mais importante, que é o legado de as pessoas mais humildes deste país acreditarem que não tem ser humano inferior; é que tem ser humano que teve oportunidade e ser humano que não teve oportunidade; é que tem ser humano que (falha na gravação) aprender.

Hoje, vocês confiam em mim porque vocês me veem como vocês. Eu tenho certeza, eu tenho certeza que hoje o grande legado que eu vou deixar é que vocês olham para mim e falam: “É um de nós que chegou lá, é um de nós que chegou lá e que, ao chegar lá, provou que governar é muito mais do que ter um diploma universitário”. Governar é uma coisa chamada sensibilidade (falha na gravação); governar é saber quem é que vai receber as prioridades dos recursos que o Estado cria; governar é ter coragem de conversar com um grande empresário, mas não ter vergonha de abraçar um desdentado na rua deste país, em qualquer lugar. Governar é a gente compreender que precisamos criar oportunidades para todos, e eu fico feliz porque tenho um Ministro da Educação competente. E eu, que sou o primeiro presidente da República deste país a não ter diploma universitário, já sou o presidente que mais fez universidades na história deste país e mais escolas técnicas.

Então, esse é o legado. E falo aqui, companheiros, sem presunção: podem pegar os últimos 30 anos, podem pegar, para saber se, nos últimos 30 anos, teve um Presidente que colocou no Nordeste a quantidade de dinheiro que eu coloquei em oito anos. Podem pegar, escolham! Vocês já cansaram de ver gente prometer fazer as coisas, você já cansaram. Eu nunca prometi, eu nunca prometi fazer a Transnordestina, eu nunca prometi. Eu ganhei até atestado de repúdio, porque me recusei a assumir compromisso de fazer a transposição das águas lá, em Fortaleza. Eu disse: eu vou estudar, se tiver condições, nós vamos fazer. E estamos fazendo.

Eu, em 1989... queriam que eu fosse no marco zero da Santarém-Cuiabá, para eu assumir o compromisso que eu iria fazer a Santarém-Cuiabá.



Eu falei: não vou ao marco zero, porque eu não vou prometer; eu não conheço o projeto, eu não sei se tem dinheiro, por que eu vou prometer? Se alguém quiser mentir, minta. Eu não vou mentir para esse povo, porque ele está com o saco cheio de mentiras. Se tem uma coisa que nós não aguentamos mais é mentira.

Na época da política, a gente só vê gente abanando a mão para a gente, a gente só vê gente... Na época da política, Benjamin, ninguém fala mal de pobre, só fala mal de rico. Você não sabe o quanto você é xingado; você não sabe como banqueiro é odiado, mas depois que passam as eleições, quem é que vai almoçar com os governantes? São os pobres ou são os que foram xingados?

Então, é esse o legado que vai ficar. O Obama disse: “Nós podemos”, e eu digo a vocês: Nós não apenas podemos como gostamos e como queremos continuar governando este país para melhorar o Nordeste e para melhorar o Brasil.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do complexo administrativo e do centro de convivência do campus “Petrolina Centro” e das obras do campus “Ciências Agrárias” da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

Petrolina-PE, 17 de agosto de 2010

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Magnífico Reitor José Weber Freire Macedo, da Universidade Federal do Vale do São Francisco,

Meu caro Júlio Lóssio, prefeito de Petrolina,

Meu caro Osório Ferreira Siqueira, presidente da Câmara Municipal de Petrolina,

Senhor Fernando Bezerra, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico,

Senhor Anderson Gomes, secretário estadual de Ciência e Tecnologia,
Magnífico Reitor Sebastião Rildo Fernandes Diniz, do Instituto Federal do Sertão Pernambucano,

Senhor Isaac Carvalho, prefeito de Juazeiro,

Querido Geilson Ribeiro da Silva, Mariana e Maria Clara, por meio dos quais cumprimento os alunos, professores e funcionários da universidade,

Minhas amigas e meus amigos,

Eu vou... Pega o discurso aqui, porque... Não, é que eu não vou, eu não vou, eu não vou ler os números ali, porque o Reitor já falou, o Fernando Haddad já falou de números, e eu queria falar de uma coisa, de uma coisa que eu considero importante para nós.

O Fernando Haddad falou que a Univasf, ela foi aprovada, me parece



que em 2002, ela foi sancionada, mas quando nós ganhamos a Presidência, não é que não tinha nenhuma sala, não tinha nenhum tijolo, nós começamos ela do zero. Eu acho que esse fato é importante, porque a hipocrisia da política brasileira historicamente fazia com que um presidente, um governador ou um prefeito não fizesse a obra que o outro tinha começado, porque não era obra dele e não queria dar prestígio.

Eu acho que essa pequenez política levou o Brasil a um atraso muito grande. Essa pequenez política – e hoje eu posso falar com conhecimento de causa de quem presidiu este país oito anos –, a pequenez política de um adversário que esteja no Senado ou na Câmara contra quem está governando uma cidade ou o estado é tão grande que, muitas vezes, uma cidade e um estado deixam de receber recurso porque os adversários ficam naquela briga pequena, sórdida, e não permitem que este país se desenvolva.

Eu, se morresse hoje, teria a tranquilidade de dizer, com a minha consciência tranquila, que eu duvido que tenha um prefeito neste país, que tenha um governador neste país, que não seja do meu partido, que não seja de um partido aliado, que possa dizer que deixou de receber R\$ 5,00 por conta de ser meu adversário político, duvido. Duvido que tenha no Brasil um prefeito que diga que um ministro meu o tratou diferentemente porque ele não era ligado a nós. Não é assim que funciona a minha cabeça republicana, não é assim que funciona a cabeça de alguém que comeu o pão que o diabo amassou, que teve que enfrentar todos os preconceitos que um ser humano já enfrentou na vida, que teve que receber todas as ofensas que eu já recebi para chegar à Presidência da República e ser pequeno como eles foram comigo. Jamais isso iria acontecer e jamais acontecerá daqui para a frente porque o povo brasileiro está mais esperto.

A gente já não aceita mais aquele negócio de que um cara que fala na televisão é formador de opinião pública e a gente é vaquinha de presépio que vai atrás dele, não, não. Este povo, meu caro ministro Fernando Haddad,



aprendeu a pensar com a sua consciência. Este povo começou a aprender a enxergar com seus próprios olhos. Este povo começou a escolher com a sua maturidade política. E aí vocês estão vendo, muitas vezes, que as pessoas do lado de lá dizem uma coisa e acontece outra coisa do lado de cá, porque ninguém é mais bobo, ninguém é mais tonto. Quando alguém tenta fazer uma sacanagem qualquer, o *blog* está aí para todo mundo ver, o *Twitter* está aí para todo mundo ver. Não adianta nego tentar fingir... Ninguém consegue mais repetir o que fizeram comigo em [19]89, ninguém consegue mais, o povo está esperto, o povo aprendeu. Então, eu acho que este é um fato extraordinário.

Segundo, nós fizemos esta universidade e eu fico tranquilo de ver, Reitor, a competência de você e de sua equipe de colocar tanta coisa de pé em tão pouco tempo. Porque, gente, quem é da área administrativa precisa saber que entre a gente pensar e fazer uma coisa, arrumar dinheiro para fazer essa coisa, ter o projeto para fazer essa coisa, fazer a licitação dessa coisa e começar a fazer essa coisa, às vezes, a gente pensa hoje e daqui a três anos a gente não começou ainda a fazer, porque a quantidade de obstáculo que se apresenta para a gente construir uma coisa é muito grande, gente, é muito grande.

Hoje eu vim conhecer, hoje eu vim visitar a Transnordestina. Só eu fiz 31 reuniões NO meu gabinete por conta da Transnordestina, só eu. Trinta e uma reuniões, fora a quantidade de reuniões que fez a ex-ministra Dilma, quando era chefe da Casa Civil, ou que fez a Erenice, ou que fez o Ministro dos Transportes, ou que fez o Ministro da Integração [Nacional]. Primeiro, construir a engenharia financeira; depois fazer o projeto; depois que vai fazer o projeto, você tem que fazer o EIA/Rima; você tem que pegar a licença ambiental; depois você tem que ter a questão da autorização de licenciamento para começar a obra; depois você tem licitação; depois você tem desapropriação e depois você tem uma briga no Judiciário que é interminável, sobretudo envolvendo três estados. Nós demoramos exatamente cinco anos para que a



gente chegasse ao estágio em que a gente está hoje e ver esta obra começar a funcionar.

Vocês estão vendo a ponte de Petrolina e Juazeiro. Está vendo, não é, Isaac, a ponte de Juazeiro? Eu vim aqui, acho que no segundo ano do meu mandato, dizer que era para duplicar esta ponte. Vim aqui, fizemos o projeto e começamos a duplicar. O lado de Petrolina ficou pronto. Tinha um prefeito do lado de Juazeiro que fez uma consulta popular e não aceitou o projeto original que ia passar, não sei se por dentro da cidade, aí anularam o projeto, foi licitação, foi concorrência, foi audiência pública, foi um inferno. Eu sei que a ponte, até agora, é chamada de “ponte picolé”, porque a parte de Petrolina está pronta e a parte de Juazeiro ainda está só com um pé, ou seja, a gente não conseguiu.

Eu estava conversando com o Prefeito agora, é indescritível, é indescritível a dificuldade para a gente fazer uma coisa no Brasil quando tem alguém querendo atrapalhar a gente a fazer essa coisa. Mas eu, Prefeito, vou me comprometer outra vez com Vossa Excelência... Eu sei que tem um projeto novo, o Prefeito quer estender a duplicação acho que uns 15 quilômetros para frente, nove quilômetros para frente. Da outra vez em que eu vim aqui, ele me falou isso, nós vamos levar isso para frente e vamos fazer. Eu quero ver se, antes de sair daqui, eu converso com o DNIT, para lhe dar uma resposta de como está andando essa tal de “ponte picolé”. E tem alguém chupando esse picolé, porque não anda para lá. É preciso mergulhar, ver se não tem um sapo cururu enterrado dentro do rio, do lado de Juazeiro. Se tiver, nós vamos tirar.

Bem, eu estou dizendo isso para vocês, porque eu vou terminar um mandato e, prazerosamente, é motivo de orgulho quando eu ouço o Fernando Haddad dizer que, embora eu seja o único presidente da República, Joilson, que não teve a oportunidade de ter um diploma universitário... Eu, se tivesse, eu não queria ser engenheiro, eu gostaria de ser economista. Porque economista é um bicho sabido, economista é um bicho sabido. Economista,



quando é oposição, ele pega o microfone, ele tem solução para tudo. Mas quando ele ganha, que ele tem que governar, tudo fica difícil. E eu acho fantástica a capacidade de economista falar número. Ele nem percebe que as pessoas não estão acompanhando, porque ninguém é computador. Mas ele vai falando, e vai falando... Eu acho um bicho... Então, eu seria economista, para falar número. Mas, por falar em números...

Então, eu fico com orgulho, Joilson, eu fico com orgulho – e isso não é nenhuma apologia a alguém não ter o diploma universitário, porque eu gostaria de ter sofrido o que você sofreu para chegar à Universidade. O bichinho sofreu, mas não esqueceu de namorar um pouquinho, já tem a filhinha ali! Bichinho sofreu, mas estava esperto, estava esperto, estava esperto.

Então, eu, quando vejo a história do Geilson, eu, sinceramente, me sinto realizado, eu me sinto como um ser humano realizado, porque tudo começou com uma discussão de como a gente iria facilitar a entrada de criança na escola... de adolescente na universidade. Uma vez eu chamei o Fernando Haddad, era o Tarso Genro, ainda, o ministro da Educação, chamei os dois e falei: olhem, nós precisamos encontrar um jeito de financiar, é preciso colocar mais jovem na escola. Não é possível, não é possível. Por conta dessa discussão, surgiu o ProUni, e o ProUni já colocou 704 mil jovens na universidade brasileira. E 116 mil ou 118 mil já se formaram. Faz um mês que eu e o Fernando Haddad participamos lá em Brasília, no Hotel Blue Tree, de uma festa com 414 meninas e meninos do ProUni que se formaram médicos.

Pois bem, o Reuni, quando a gente pensou em fazer o Reuni, quando a gente pensou em fazer o Reuni, o que era a lógica do Reuni? A gente aumentar a média de alunos por professor de 12 para 18 e a gente assumiu um compromisso de passar um pouco mais de recurso para a universidade. O que aconteceu? Alguns filhinhos de papai, que estudam aqui, que estudam em Paris, que estudam em Londres, que estudam não sei onde, foram contra,



dizendo que iria degradar, que com 18 alunos na sala de aula era impossível dar aula para aluno. Ora, meu Deus do céu, como é possível dizer que 18 alunos é muito aluno dentro de sala de aula? Teve reitoria quebrada no Brasil, porque quem já estava na escola não queria que os outros entrassem. Não queria que os outros entrassem. Pois bem, por conta do Reuni, por conta do Reuni, a gente conseguiu sair de 113 [mil] vagas renováveis, historicamente, no Brasil, para 250 [mil] como disse o companheiro Fernando, ou seja, mais do que dobramos o número de estudantes que vão entrar na universidade. Essa para mim é uma coisa sagrada, é uma coisa...

Só para vocês terem uma ideia, uma vez eu fui inaugurar uma universidade lá em Sorocaba – eu vou inaugurar agora. A gente tinha alugado um prédio para começar. Aí os estudantes de São Carlos, os estudantes de São Carlos da Federal, lá, foram para Sorocaba para não deixar a gente inaugurar, porque era provisório e não tinha restaurante. Aí eles ficaram ofendidos, porque tinha a associação de catadores de papéis, que tinha filho de catador de papel que estava entrando na universidade, e saiu um cacete entre os estudantes e os catadores de papéis. Aí, quando eu cheguei, os estudantes estavam nervosos: “É, porque os catadores de papéis são brutos”. Aí um catador de papel falou assim para mim: “Ô Presidente, este cidadão pode estudar em qualquer lugar do mundo. Agora, a minha filha está tendo uma chance de ter uma escola e ele não quer que a minha filha estude”. Ora, não é possível.

Bem, o dado concreto é que nós conseguimos vencer essa parada, mas tem uma que o Fernando Haddad não falou, e ele não pode falar ainda, que nós estamos construindo, que eu não quero terminar o meu mandato sem fazer, que é a questão do financiamento para educação brasileira, financiamento. Enquanto a gente vai fazendo as escolas federais, a gente vai ter que criar facilidades para financiamento de jovens que, não tendo vaga nas federais, podem entrar nas escolas pagas com um bom financiamento. Então,



o que nós precisamos é fazer um financiamento de longo prazo, ou seja, a nossa ideia, falta só a gente criar um fundo garantidor, porque, muitas vezes, a gente pede para o jovem arrumar um fiador e não tem, ninguém quer ser fiador de ninguém. Você quer saber se você tem um amigo? Peça para ser fiador seu em alguma coisa. Se for homem, vai dizer: “Deixa eu chegar em casa e conversar com a minha mulher”. Aí, no dia seguinte, volta: “Minha mulher não deixou”. Se for mulher: “Deixa eu chegar em casa e conversar com o meu marido”. “Meu marido não deixou”, porque as pessoas não querem ser fiadoras porque têm medo, se o outro der calote, elas que têm que pagar.

Então, nós queremos criar um fundo garantidor, assumido pelo próprio governo, para a gente fazer financiamento para jovem pobre que queira estudar. Este jovem vai pagar quanto de juro, Fernando? 3,4% ao ano, este jovem vai ter... durante o momento em que ele está estudando, ele não paga nada; depois que ele se formar, ele tem acho que um ano e meio de carência e, depois, ele tem 16 anos para pagar esse dinheiro que ele tomou emprestado para se formar.

Bem, se ele, em algumas áreas – eu vou falar de uma só, na área da saúde –, se formar e ele for prestar serviço, um serviço público, em uma região que mais necessita, sobretudo no SUS, a cada ano que ele trabalhar desconta um pouco daquilo que ele ia pagar, portanto, ele pode até não pagar nada do estudo que ele se formou. O Fernando Haddad, quando me contou a história, Fernando e Reitor, disse o seguinte: “Presidente, se a gente conseguir criar esse programa, vai ter muito americano com inveja dos brasileiros, porque será o programa de financiamento mais sofisticado que se tem conhecimento e com maior tempo para as pessoas pagarem”. E, enquanto isso, a gente vai aumentando as universidades, a gente vai aumentando as escolas técnicas, a gente vai aumentando os Cefets, por quê? Porque nós achamos que o século XXI é o século do Brasil e a gente não vai perder por nada desse mundo. A gente sabe que a gente só vai se transformar em uma grande nação se a gente



investir muito na educação.

Então, eu acho que nós estamos no caminho certo, eu tenho a convicção de que nós mudamos o paradigma do Brasil. Daqui para frente, quem vier vai ter que fazer muito mais. E não tem jeito, não jeito porque vai entrar uma pessoa e vai dizer: “Espera aí, se um peão metalúrgico de São Bernardo fez 14, por que eu não faço 15 ou 16?” E, aí... E também porque eu vou estar no pé para cobrar. E aí as pessoas vão ter que fazer mais mesmo. Quanto mais escolas a gente fizer, quanto mais jovens a gente colocar na escola, mais empregos de qualidade a gente vai criar, mais salário a gente vai pagar, e o que é mais importante: menos cadeia a gente vai ter que construir. A gente vai ver que a sociedade brasileira vai melhorar.

Portanto, eu queria dar os meus parabéns ao povo de Petrolina, de Juazeiro, de Pernambuco, porque... eu ainda vou vir a Pernambuco, dia 27 estarei lá em Suape, ainda vou à Bahia mais algumas vezes também, Prefeito. Porque é o seguinte: quem imagina que o Lula vai parar de andar o Brasil porque vai deixar de ser presidente pode tirar o cavalo da chuva, porque eu vou continuar andando este país, conversando com o nosso povo e trabalhando. Não estou escutando, vocês o quê?

_____ : Somos estudantes brasileiros...

Presidente: São estudantes brasileiros que estão em Cuba. E a universidade aqui já reconhece o diploma de vocês?

_____ : Não.

Presidente: Fernando Haddad, esse é um problema que nós temos que resolver. Ora... Não, essa é a verdade, essa é a verdade. Esse é um problema sério, esse é um problema que a gente poderia chamar o problema da



corporação, não é? Vamos ser francos, vamos ser francos.

O Brasil tem muitos médicos nos grandes centros urbanos. Certamente, aqui no centro de Petrolina tem muito médico. Mas se a gente precisar de um médico em uma cidade a 50 km de distância, a gente não encontra se a gente precisar. Nós temos muitos brasileiros estudantes de medicina em Cuba, e esses jovens voltam para cá com o diploma e são proibidos de clinicar. Algumas universidades tomaram a iniciativa de reconhecer o curso se as pessoas prestarem um teste, é isso? Hein? Ah, vai ter o exame nacional. Quando, Fernando?

Ministro Fernando Haddad: Eu não sei a data de cor, mas as inscrições já terminaram, do primeiro exame.

Presidente: Olha, deixa eu lhe falar uma coisa... Mas, olha, eu não vou... não dá para a gente ficar discutindo aqui, mas essa é uma preocupação que eu tenho, porque eu já fui visitar várias vezes os companheiros em Cuba... Eu sou agradecido ao governo cubano por ser um país tão pobre e ter coragem de oferecer curso para brasileiros, para chilenos, para africanos... Eu sou muito agradecido. Agora, aqui, no Brasil, era preciso que a corporação médica flexibilizasse esse negócio porque é um absurdo, é um absurdo. Então, eu quero ver, por Deus do céu, eu quero ver se resolvo isso antes de deixar o governo, para ver se a gente consegue, Fernando, dar um passo nisso.

No mais, gente, eu quero me despedir de vocês, de coração. Eu vou voltar muitas vezes.

Eu tenho 41 títulos de doutor *honoris causa*. Esses dias, eu perguntei para o Suassuna: Ô Suassuna, para que serve um título de doutor *honoris causa*? Ele falou: “Para nada!” Eu falei: E o que eu faço com os meus? Ele falou: “Receba, receba”. Então, vai ser chique eu colocar aquele chapéu quadrado na cabeça. Eu vou receber. Tem muitos, inclusive da Universidade



Federal de Pernambuco, da Bahia... Mas eu vou assumir o compromisso de vir dar aula magna aqui, eu vou assumir o compromisso, vou assumir.

Então, gente, eu quero, do fundo do coração, me despedir de vocês, agradecer ao Reitor pelo trabalho feito, agradecer aos professores, agradecer aos alunos. Agora vai sair o restaurante, comida de qualidade, baratinha. Então, eu só posso desejar a vocês boa sorte... Não, eu quero. É para mim, a foto? É para mim, essa foto? Eu levarei, meu amor. Essa foto é em Lauro de Freitas, na Bahia. Para quem não sabe, essa foto foi tirada na Bahia, na cidade de Lauro de Freitas, na campanha de 2002.

Ó, o exame vai ser marcado até outubro.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, e até um próximo dia, se Deus quiser, até a minha volta aqui.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de estreia da emissora de televisão Rede TVT - TV dos Trabalhadores

São Paulo-SP, 23 de agosto de 2010

Bem, primeiro dizer a vocês da alegria de estar vivendo este momento.

Eu quero cumprimentar a minha companheira Marisa, que tem muito a ver com as conquistas que eu obtive ao longo desses anos.

É importante que esteja junto conosco, aqui – acho que já teve que ir embora –, o ministro Juca Ferreira, da Cultura, que teve que sair; o Marcio Fortes, ministro das Cidades; o Alexandre Padilha, das Relações Institucionais e o companheiro Franklin Martins, da Comunicação Social; e mais o companheiro Paulinho Vannuchi, dos Direitos Humanos.

Quero cumprimentar o nosso prefeito Marinho, de São Bernardo,

Cumprimentar o prefeito de Osasco, o prefeito de Suzano, o prefeito de Diadema, que estão aqui presentes, o prefeito de Mauá,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Quero cumprimentar os companheiros ex-presidentes do Sindicato, Giba e Feijóo, que estão ali sentados, aparecendo na TV,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Tereza Cruvinel, presidente da TV Brasil,

O companheiro Artur, presidente da Central Única dos Trabalhadores,

O companheiro Adi dos Santos Lima, presidente da Central Única dos Trabalhadores de São Paulo,

O nosso companheiro... Já falei do prefeito de Mauá,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa.



E queria dizer para vocês o seguinte: eu, como televisão tem horário e é muito sério, eu vou ler o meu discurso aqui, que é rapidinho, e não tomo o tempo de ninguém aqui.

Há trinta anos, depois de o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC ter começado a produzir programas em vídeo e 23 anos depois de ter requerido pela primeira vez a concessão de um canal de televisão, finalmente nós estamos aqui vendo a TV funcionar.

A concretização deste sonho exigiu persistência. Exigiu determinação e organização para uma longa luta. Tão longa que muitos dos companheiros que tanto contribuíram para esta vitória já não estão conosco hoje para compartilhar da alegria que estamos sentindo.

Difícilmente, nas condições do Brasil das últimas décadas, esta conquista poderia ter ocorrido em um espaço de tempo mais curto.

As grandes transformações sociais, em especial aquelas que aprofundam a democracia em seus setores cruciais como é o caso da comunicação, são justamente aquelas que enfrentam as mais duras resistências. Não seria justo, em um país como o nosso, com sua democracia cada vez mais sólida e madura, que sindicatos e movimentos sociais continuassem impedidos de exercer a liberdade de expressão utilizando suas próprias emissoras de TV.

Tais redes, afinal, dependem de concessões públicas, bens de todos os brasileiros que devem ser distribuídos de modo a contemplar todos os setores de nossa sociedade. Concessões que devem ser exploradas, sim, pelas empresas comerciais, mas também pelas empresas públicas e por entidades da sociedade civil organizada. É isso que reza a nossa Constituição e é isso que está presente em nossas leis. É com a multiplicidade de vozes, afinal, que se executa o canto da democracia plena. E nesta sinfonia não pode, nunca, faltar a voz do trabalhador.

Minhas amigas e meus amigos,



A inauguração desta emissora gerida pelos trabalhadores dá novo vigor a algo que é sagrado para todos nós: a liberdade de imprensa. Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e portais da internet hoje têm plena liberdade de publicar e veicular o que bem entendem, sem qualquer tipo de ingerência por parte do governo. Esta conquista – que não é só da imprensa, mas de toda a sociedade – está presente em nossa Constituição, em nossas leis e, sobretudo, no nosso espírito e na nossa relação cotidiana e transparente com os meios de comunicação.

Por meio da mídia, afinal, o cidadão pode se manter informado sobre os assuntos mais importantes para a sua vida, tanto do seu país como de todo o mundo, e pode acompanhar e até participar de grandes debates públicos. Sempre faço questão, aliás, de repetir que o único juiz da imprensa é o público, seja na televisão, seja o ouvinte no rádio, ou expectador na televisão.

O brasileiro está cada vez mais consciente. Sabe muito bem distinguir o que é informação e o que é distorção dos fatos; o que é o bom e o mau jornalismo. Este discernimento é fruto da própria maturidade da nossa democracia, mas ocorre também porque hoje, mais do que nunca, as fontes de informação estão cada vez mais acessíveis e plurais.

Com a internet, milhões de brasileiros passaram a ter a capacidade não só de acessar novos conteúdos, mas também a de se expressar para toda a sociedade.

Setores que antes não se viam representados nos meios de comunicação começaram agora a ter vez e a ter voz. E muitos que antes não podiam ser ouvidos se tornaram importantes personagens da comunicação, emitindo os mais variados pontos de vista e opiniões.

Estou certo de que esta pluralidade crescerá ainda mais no futuro, e de que com ela crescerá também a nossa democracia. A estréia da TV dos Trabalhadores é certamente um dos episódios importantes e simbólicos da história recente da nossa República.



Quero, portanto, dar os parabéns e lembrar aos companheiros da direção da TV que o mais fácil aconteceu até agora. Foram 23 anos, desde aquela fotografia que vocês viram aí, nós conversando com o Antônio Carlos Magalhães, que era ministro das Comunicações em 1987 – foram 23 anos. Foram 30 anos desde que nós compramos a primeira maquininha para tentar guardar as coisas do movimento social.

Mas tudo, meu caro Barbosa – estou te vendo aqui, nosso primeiro diretor da TV –, tudo começa agora. Agora é que nós vamos provar se nós tínhamos razão ou não tínhamos razão; agora é que nós vamos provar se nós temos competência ou não, porque agora não se trata mais de convencer o presidente da República, não se trata mais de convencer um deputado federal ou um senador, não se trata mais de falar mal de alguém, se trata, agora, de convencer o telespectador a assistir a TV. Significa, agora, a qualidade. Significa, agora, não a qualidade que interessa ao jornalista que está falando ou ao diretor que está produzindo, mas a qualidade e a motivação que interessa à sociedade brasileira.

Eu penso que se abre um caminho nobre excepcional. Acho que vocês têm que ter em conta que isso não pode ser uma coisa apenas do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Acho que é importante que a gente abra isso para os trabalhadores todos do Brasil e acho que nós temos que fazer com a maior competência possível. Nós temos talento.

Eu quero lembrar vocês que eu comecei o meu governo dizendo: “Primeiro a gente vai fazer o necessário, depois a gente vai fazer o impossível [possível] e, quando menos esperar, a gente está fazendo o impossível”. Porque o impossível é Deus pecar, o resto nós temos condições de fazer.

Eu quero dizer para vocês que o mandato termina no dia 31 de dezembro à meia-noite e estou pronto para fazer críticas, assistir, fazer críticas, dar palpite, porque eu acho que agora é que começa a prova dos nove, agora é que nós temos que provar que valeu a pena a gente brigar 23 anos para ter



uma TV. E só terá sentido no dia em que a gente perceber que o público que a gente quer atingir vai estar assistindo o programa que nós estamos fazendo.

Queria pedir, Nobre, que, na divulgação, que a gente colocasse todas as possibilidades de as pessoas assistirem a nossa programação, todos os canais, em todos os estados, para que a gente não repita o erro, muitas vezes, do boletim nosso, que a gente faz um boletim, vai para a porta de fábrica, o principal é o horário da assembleia, a gente coloca por último, o trabalhador termina nem conseguindo ler a motivação do boletim.

Se nós temos uma televisão hoje é porque nós queremos ter conteúdo, queremos ter qualidade e queremos informar o povo com mais isenção do que ele até agora está sendo informado. E, muitas vezes, é preciso persistência para a gente fazer com que a pessoa sente no sofá e assista a gente falar. Não pode ser uma televisão para nós, tem que ser uma televisão para o povo trabalhador e para o povo brasileiro.

De qualquer forma, seja como presidente da República, seja como ex-dirigente sindical, seja como metalúrgico ou apenas como um cidadão brasileiro, eu estou feliz porque nós subimos mais um degrau da conquista da democracia do nosso país.

Parabéns.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com os jogadores Ganso e Neymar, do Santos

São Paulo-SP, 23 de agosto de 2010

E eu disse para o Orlando que tinha ficado muito orgulhoso de ver o comportamento do presidente do Santos na defesa, primeiro, do patrimônio do clube. Ele não era contra os jogadores serem vendidos, ele achava que era preciso criar as condições para que eles pudessem ficar aqui. Eu acho que o gesto tanto do Ganso quanto do Neymar é um gesto extraordinário porque são muito jovens, muito meninos, e a cabeça de qualquer um pira quando se fala em milhões de euros. Eu acho que, certamente, o Santos pagará para eles o que eles merecem, mas eu acho que é muito importante para o futebol brasileiro que a gente tenha grandes astros jogando no futebol brasileiro. Porque o que tem acontecido, até agora, é que a gente vê o jogador com 16, 17 anos, quando ele começa a crescer, a gente não vê mais ele, ele vai embora. Tem jogador que está indo para a Ucrânia, tem jogador que está indo para o Uzbequistão, tem jogador que está indo para o Cazaquistão, tem jogador que está indo... O André mesmo foi para onde? Kiev? Foi para Kiev. Na verdade, quer dizer... Então, a gente fica vendo um menino jovem desse, e depois a gente só vai vê-lo quando ele se aposenta, aos 32 anos, 33 anos. Eu já encontrei com muitos pelo Catar, já encontrei com muitos em vários países árabes; eu fui até ver jogo com seis brasileiros jogando, no Catar.

Então, eu acho que o que o Santos fez foi uma lição para os outros times de futebol, ou seja, brigar um pouco mais, arrumar empresários, construir financiamento para poder pagar os salários deles, porque no fundo, no fundo eles são artistas e, portanto, eles merecem ganhar pelos espetáculos que dão.

Mas eu acho que o Santos abriu um caminho extraordinário: foi uma atitude corajosa, uma atitude, eu diria, da direção do Santos, eu acho uma



atitude corajosa dos dois meninos e, certamente, dos dois pais que devem ter contribuído e muito para que os filhos tomassem essa decisão aqui.

Nós estamos diante de um ex-petroleiro, de Ananindeua, lá no estado do Pará; nós estamos diante de um ex-jogador de futebol, que não passou pelo Corinthians, porque... Então, era isso, por isso é que nós estamos nos encontrando aqui, porque esses dois meninos estão dizendo para nós o seguinte: “eu sou brasileiro, não desisto nunca e tenho orgulho de ser brasileiro.” Acho que o que eles estão dizendo é isso e a gente vê a meninada que está indo aos estádios agora ver o jogo, embora, não eu seja santista, vi o jogo do Santos com o Atlético, ontem; fiquei imaginando que o Neymar iria dar aquela paradinha, o goleiro iria ficar parado, iria pegar a bola e (incompreensível). Portanto, acho que esses meninos têm um futuro extraordinário. O Ganso me faz lembrar eu, quando jogava futebol.

Então, era isso, essa... Quero agradecer aos Santos pelo carinho, o ministro Orlando, que proporcionou isso e a vocês que subiram a serra hoje, não é? Continua morando em Santos, ainda?

Neymar: Continuo morando em Santos.

Presidente: Eu também.

Ganso: Morando em Santos, também.

_____: E treinam hoje.

Presidente: E treinam hoje? E qual a praia que vocês frequentam ali, em Santos?

Neymar: Qual a praia? Nenhuma.



Presidente: Nenhuma?

Neymar: Nenhuma; não dá tempo.

_____: Nenhuma; não dá tempo, mais. Não tem folga.

Presidente: Olha como ele está bronzado!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do projeto de urbanização de favelas nas bacias dos córregos Cabaças e Segredo; assinatura do contrato de financiamento do programa Pró-Transporte e assinatura de ordem de início das obras do contorno rodoviário de Campo Grande

Campo Grande-MS, 24 de agosto de 2010

Meu querido companheiro Paulo Sérgio, ministro dos Transportes,

Meu querido companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,

Meu querido companheiro Nelson Trad Filho, prefeito da cidade de Campo Grande, por meio de quem cumprimento todos os companheiros prefeitos e prefeitas que estão aqui presentes,

Meu caro Paulo Siufi, presidente da Câmara Municipal de Campo Grande, por intermédio de quem cumprimento todos os vereadores, na certeza, Nelson, que se não tiver uma câmara atuante e que esteja disposta a contribuir com o prefeito, seria muito mais difícil fazer as coisas. Portanto, parabéns pela construção democrática que você conseguiu fazer aqui.

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Antunes, superintendente regional da Caixa Econômica Federal. A nossa companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa, não pôde estar presente porque está doente.

Quero cumprimentar o companheiro Marcelo Miranda Soares, superintendente do DNIT no Mato Grosso do Sul,

E quero cumprimentar a companheira Selma Rodrigues de Oliveira e o companheiro Tiago Ramos Dias, por intermédio de quem cumprimento todos os beneficiários do projeto de urbanização das bacias dos córregos de Cabaças e Segredo,



Companheiros e companheiras,

Eu não vou precisar disso aqui, não vou repetir os números que todo mundo já falou aqui. E, daqui a pouco... Se começar a falar de números, daqui a pouco o Nelsinho começa a apresentar projetos para pegar mais dinheiro.

Mas deixa, em poucas palavras, eu dizer uma coisa para vocês e, sobretudo, para os prefeitos e para o Nelson, aqui. Ô Nelson, se a gente olhar bem o que aconteceu no Brasil nos últimos 50 anos, a gente vai chegar à conclusão de que a nossa geração está menos governando, mas estamos quase que fazendo um processo de reparação nos desgovernos que aconteceram no nosso país.

Em uma cidade como Campo Grande, ainda não, mas em uma cidade como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, e outras cidades maiores, o que a gente percebe é que houve um desgoverno nos últimos 50 anos, e que foram permitindo que as pessoas mais pobres fossem ocupando espaços inadequados para morar. E quando é uma pessoa, a gente pode tirar; quando são duas pessoas, a gente pode tirar; mas, quando se transformam em mil pessoas, em duas mil pessoas, já é um problema social de monta, e fica muito mais difícil você mexer com isso.

Quando a gente ouve falar na televisão “Complexo do Alemão”, “Manguinhos”, “Pavão-Pavãozinho”, lá no Rio de Janeiro, a gente pensa que aquilo era assim há 50 anos, e não era. Parte daquilo era fazendas há 50 anos e os governos foram permitindo que fossem sendo ocupadas de forma desordenada: pessoas fazendo casas, por necessidade, na beira de córregos, pessoas fazendo casas nas encostas de morros. E a gente só percebe a gravidade disso quando dá uma chuva muito forte, que vem tudo abaixo, e começa a morrer gente. Aí a gente começa a tentar cuidar de uma coisa que poderia ter sido evitada se, na década de 50, na década de 60, na década de 70, as pessoas tivessem cuidado adequadamente.



Eu posso te dar um exemplo concreto: em São Paulo, em 1970, eu conhecia duas favelas. Eu conhecia uma favela famosa, chamada... da Vila Prudente, e conhecia uma favela famosa chamada Favela do Vergueiro. Hoje, são quase dois milhões de paulistas morando em favela.

Por que isso aconteceu? Em primeiro lugar, porque não se planejava adequadamente o crescimento das cidades, o crescimento dos estados e o crescimento do país. Em segundo lugar, não se criava planos diretores para discutir corretamente onde é que as pessoas tinham que construir as suas casas. E aí todos nós temos culpa, porque, muitas vezes, está cheio de vereador que apoia ocupações inadequadas. No dia em que as pessoas invadem um terreno inadequado, apoiam, e, quando as pessoas morrem porque encheu d'água, eles desaparecem de lá.

E assim vale muita coisa neste país que foi feita da forma mais equivocada possível. Então, a tua geração e a de outros prefeitos estão tentando consertar as coisas que foram feitas erradas durante tantos e tantos anos neste país. É por isso, companheiro, que a gente chegou onde nós chegamos. Até eu chegar ao governo, era difícil liberar dinheiro para saneamento básico. Não sei se aqui tem prefeito de três mandatos, ou que já foi prefeito há 12 anos. Era muito difícil um prefeito conseguir R\$ 10,00 para fazer um metro de saneamento básico, porque neste país a classe política tinha se acostumado a fazer ponte para colocar o nome dos parentes na ponte. E não dá para colocar o nome de parente em manilha embaixo da terra.

As pessoas não percebiam que vale muito mais uma criança poder andar descalça, sem estar pisando em esgoto a céu aberto, com saúde, do que ter o nome da tia bem grandão, em uma ponte feita no centro da cidade. As pessoas... Essa geração de vocês está descobrindo isso. E sobretudo você que é médico, sabe que cada real que a gente investe em saneamento básico a gente, na verdade, está deixando de investir R\$ 4,00 na Saúde. Então, investir na coleta de esgoto, tratamento de água, tratamento de esgoto, é



investir em uma saúde preventiva da nossa população, e é isso que nós estamos fazendo aqui.

Então, é importante que a gente diga isso, porque eu estava um sábado, em casa, quando eu fiquei sabendo da notícia de que tinha dado uma chuva em Campo Grande e que tinha acabado com Campo Grande. Foi a maior chuva que Campo Grande viu, que foi pouco tempo de chuva, mas foi que nem o time do Corinthians: arrasador. Pois bem, era um sábado, era um sábado quando eu liguei para o Nelsinho e falei: “Nelsinho, eu estou sabendo da chuva, eu quero saber o seguinte: conte com o governo federal naquilo que for necessário, traga o projeto, que nós temos interesse em ajudar a consertar Campo Grande”. E mandamos para ele 20 milhões. Ou seja, antes... O Nelson sabe, e os prefeitos sabem que jamais um presidente ligaria, com medo de dar dinheiro, porque era tudo... o dinheiro tinha que ficar no caixa para poder prestar contas ao Fundo Monetário Internacional, no final de cada ano. Nós, hoje, não só não devemos ao Fundo como o Fundo nos deve US\$ 14 bilhões que nós emprestamos para ele.

Bem, mas o que me motivou a vir aqui hoje, o que me motivou a vir aqui hoje é o fato de a gente estar cuidando de um local que dava enchente, que as pessoas tinham problemas de alagamento – eu vi umas fotos como era em 2008 e como é agora, eu vi crianças dentro da água, eu vi surfista com tampa de isopor –, porque eu já passei por isso. Eu morei em um bairro chamado Ponte Preta, em São Paulo, em que a menor altura de água que dava, quando chovia, era um metro e meio de água dentro de casa. E eu sei o que é a gente acordar meia-noite, com rato, com barata, com fezes boiando dentro da casa, voltando tudo do vaso sanitário. Eu sei o que é pegar a mãe, mais velha, e tirar colchão molhado, levantar fogão, levantar geladeira. Eu sei o que é, porque passei muito isso. E, como eu tinha 20 anos, eu era jovem, ainda pegava uma câmara de pneu de caminhão e ainda saía nas casas, procurando gente que precisava de ajuda para a gente poder ajudar. Hoje, um velhinho como eu não



faz mais isso, mas com 20 anos eu tinha saúde para fazer.

Então, quando eu vejo [vi] aquela foto, o que era 2008 e o que é agora, eu compreendi cada palavra do que você falou, porque eu vivi exatamente essa situação. Não foi uma vez, foram dezenas de vezes em que a minha casa encheu d'água. Eu... Aliás, desde dez anos de idade, que eu morava em um bairro chamado Vila Carioca, lá em São Paulo, que já enchia d'água. Depois eu mudei para Ponte Preta, que enchia d'água. Aí, eu mudei para uma vila, em São Caetano, chamada Vila São José, fui morar em uma rua chamada Padre Mororó, nunca tinha dado enchente. Pois no primeiro ano em que eu mudei, um metro de água dentro da minha casa.

Então, eu, essas coisas eu conheço, e é por isso, Nelson, que a gente tem colocado muito dinheiro em saneamento básico, para a gente poder minimizar o sofrimento do povo mais pobre deste país. A gente tem que governar para todo mundo, a gente tem que governar para empresário, para trabalhador, mas a gente tem que estar sempre com olho nos mais necessitados.

Eu digo sempre o seguinte: governar é fazer o papel de mãe. Na verdade, a gente não governa, Nelson. Deve ter sido um intelectual que bolou essa palavra "governar" porque, na verdade, o que nós fazemos é cuidar do nosso povo, a palavra correta é "cuidar", é cuidar do povo. E da mesma forma que uma mãe é honesta, se ela tiver cinco filhos na mesa, pode ter um mais bonito, pode ter um maior, mas se tiver cinco bifés, ela vai dar um bifinho para cada um, e se alguém pegar dois vai tomar uma bronca. É assim que a gente deve governar: se a gente pode só dar um bifinho para cada um, é um bifinho para cada um, mas não pode dar dez para um e nem um para o outro, como habitualmente se fazia neste país.

Então, eu penso que nós aprendemos a cuidar deste país. As coisas melhoraram, as coisas melhoraram. Ainda falta muito, porque a gente não consegue consertar 500 anos em oito anos, falta muito. Mas eu ando pelo



Brasil, eu vejo a cara do povo, tem mais gente estudando. Nesses dias, Nelson, você que é médico, o ProUni formou seus primeiros 414 jovens da periferia em Medicina. Quando é que a gente imaginava um pobre da periferia estudar Medicina?

Quando eu vejo uma mulher dessa falar da casa... A casa é o maior patrimônio que um ser humano pode ter. Tem gente que tem direito a ter casa de praia, casa de campo, casa não sei de onde, casa não sei para onde, casa... tem gente que faz até um negócio do cemitério para morar quando morre que é mais chique do que a casa da gente. Mas a gente não quer nada chique, a gente quer apenas ser respeitado e morar com decência; a gente quer ter um cantinho para não se molhar quando chover, para não se queimar quando fizer sol e para a gente poder cuidar da família da gente.

É por isso que nós criamos o programa Minha Casa, Minha Vida. O primeiro programa, são um milhão de casas que nós contratamos, se Deus quiser, tudo este ano. Não pense que foi fácil contratar um milhão de casas. A Caixa não sabia contratar, não estava preparada, porque só contratava 200 mil casas; os empresários da construção civil não sabiam fazer. A verdade é que o primeiro setor que eu fui perguntar se tinha condições de fazer um milhão de casas foi para os empresários, que disseram: “Nós não estamos preparados para fazer um milhão de casas, só podemos fazer 200 [mil]”. No governo, fizemos mais de 30 reuniões, para tirar taxas de juros, para diminuir imposto... Eu descobri, descobri – um dia você conversa com a Maria Fernanda –, eu descobri que tem pessoas que pagam mais de taxa de seguro do que a prestação da casa. Não é possível as pessoas pagarem uma coisa que não precisa pagar. Por isso que o programa Minha Casa... Minha Vida, Minha Casa [Minha Casa, Minha Vida] é subsidiado. Tem muito dinheiro do governo para a gente poder garantir que as pessoas mais pobres deste país tenham o direito de ter a sua casa, com o seu quintal.

Outro dia, Nelson, outro dia eu fui a uma cidade e, chegando lá, fui



visitar umas casas. Aí eu fiquei meio acabrunhado. Fiquei acabrunhado porque tinha umas casas até jeitosinhas, mas me disseram: “Olha, essa casa não está acabada porque as pessoas querem acabar do jeito que gostam”. Fiquei meio... A gente gosta da coisa bem feita. Aí, eu percebi que não tinha um murozinho. Ora, se não tem um muro para garantir a individualidade da família, daqui a pouco estão os cachorros brigando, as galinhas brigando, os galos se pegando. Então, é preciso que a gente tenha um mínimo de respeito com as pessoas. Já que a gente vai dar a casa, vamos dar a casa dignamente, com qualidade. Agora as casas novas vão ser entregues com azulejo, vão ser entregues com piso e vão ser entregues com forro e uma janela que caiba um casazinho para ver a lua cheia, no tempo de lua cheia. Não é possível! Tinham umas casas que as janelas eram tão pequenas que um cara com a minha cabeça não cabia na janela.

Então, as pessoas aprenderam, ao longo da vida, de que pobre não gosta de coisa boa. Sabe, se criou essa ideia, de que para pobre tem que ser tudo de segunda categoria. E eu me recuso a aceitar, porque pobre gosta é tudo de primeira categoria, se não tem é porque não pode. Se não tem... Eu via quando a minha mãe ia à feira. Você sabe que pobre vai à feira depois das onze, porque... Não... Não, porque os que vão na frente, vão apertando tomate, aperta a laranja, até ovo aperta; o que vai por último já pega tudo amassadinho, tudo... Então, eu falava para a Marisa: “Olha, nós vamos logo cedo na feira, mesmo que (incompreensível), vamos comprar logo aquelas laranjas maiores, desse tamanho assim, que é para a gente sentir o prazer de estar comprando as coisas boas”. É assim que pobre pensa, é assim. Todo mundo gosta de ter as coisas boas. Quem é que não gosta de se vestir bem? Quem é que não gosta de morar em uma rua asfaltada, com pista para seus filhos brincarem, com... Hein? E andar de avião, então. Então, quem é que não gosta das coisas boas? É uma pena que nem todo mundo goste de ser corintiano mas, de qualquer forma, tem gente que já torce para o Botafogo, tem



gente que já torce para o Santos, para o São Paulo, para o Palmeiras, para o Flamengo.

Mas o dado concreto, gente, é que nós aprendemos a criar uma linha de raciocínio em que as pessoas têm que ser respeitadas. Nós já vamos contratar, neste ano, um milhão de casas e já deixamos preparado, para o próximo ano, mais 2 milhões de casas para serem feitas em quatro anos, mais 2 milhões de casas. Ou seja, se vocês ouvirem falar que está faltando cimento é porque tem muita construção neste país.

Esse menino que falou com vocês aqui, agora, isso aqui é baixinho, mas isso é inteligente. Ele, hoje, hoje, nós estamos gastando, por mês, em pagamento de obra feito em estado, no Brasil, por mês, o que se fazia por ano, em 2002, por mês. A Caixa Econômica Federal, em 2005, financiava 5 bilhões, no ano passado financiou 47 bilhões e, neste ano, vai financiar 60 bilhões.

Então, nós estamos vivendo um momento de ouro neste país. A nossa parceria é uma parceria que não... não permite que a gente não seja sincero um com o outro. O Nelson sabe, eu já disse para ele, disse para os prefeitos: não falta dinheiro, se tiver projeto. Não adianta chegar lá contando miséria para mim. Se tiver projeto que a gente seja factível [que seja factível], o dinheiro aparece, e o Nelson é testemunha de que, com projeto, o dinheiro parece.

Por isso, Nelson, a minha alegria de poder participar de um lugar em que as pessoas viviam mal e corriam até risco de vida e ver, hoje, o lugar chique, tão chique que daqui a pouco até o prefeito vai querer morar aqui, até o prefeito vai querer correr aqui.

Então, gente, olha, muito obrigado, de coração. Nós aprendemos a trabalhar em parceria. Eu duvido que tenha um prefeito, se for honesto, neste país, que diga que o meu governo deixou de fazer alguma coisa porque ele não era de um partido ligado a mim. Eu duvido que tenha um governador neste país que tenha a coragem de olhar nos meus olhos e dizer que eu não fiz a coisa para o seu estado porque ele não é do meu partido, duvido. Pode pegar o de



São Paulo, pode pegar o do Rio Grande do Sul, pode pegar até aqueles que falam mal de mim, para saber se faltou algum centavo.

E eu digo sempre, Nelson, o seguinte: para mim, pode juntar desde o governo Figueiredo, governo Fernando Henrique Cardoso, governo Itamar, governo Collor e governo Fernando Henrique Cardoso, todos, para saber se todos eles juntos trouxeram para o Mato Grosso do Sul a quantidade de dinheiro que nós liberamos no meu governo. E vamos continuar liberando, porque não é favor que eu faço para o prefeito. A minha relação com o prefeito é de amizade, mas é, sobretudo, institucional. Agora, a relação dele e a minha, de respeito e com quem nós temos compromisso ético e moral é com o povo de Campo Grande, é com o povo do estado e é com o povo brasileiro. Por isso, as coisas estão acontecendo.

Um abraço. Parabéns, Nelsinho. E pare de levar dinheiro, porque assim ninguém aguenta. Qualquer dia eu vou parar de recebê-lo, porque o bichinho, cada vez que vai lá, sai com um pacote de dinheiro e me deixa um pacote de projetos. Mas, de qualquer forma, eu fico feliz de saber que Campo Grande está sendo bem gerenciada.

Boa sorte, gente, e um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração simultânea das novas instalações da unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e do campus Ponta Porã da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dourados-MS, 24 de agosto de 2010

Meus queridos companheiros de Dourados,

Meus queridos companheiros do Mato Grosso do Sul,

Meus queridos companheiros Fernando Haddad, da Educação; Paulo Sérgio, dos Transportes; Marcio Fortes, das Cidades; e Alexandre Padilha, de Relações Institucionais,

Meu caro senador Valter Pereira,

Magnífico reitor Damião Duque de Farias, da Universidade Federal da Grande Dourados, por meio de quem cumprimento os pró-reitores da Universidade,

Senhor Ari Valdecir Artuzi, prefeito de Dourados,

Magnífico reitor Gilberto Arruda, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,

Bispo Redovino Rizzardo, da Diocese de Dourados,

Meu querido Guilherme Ribeiro Martins dos Santos, que falou aqui em nome dos alunos,

Minha querida magnífica reitora Célia Maria da Silva Oliveira, reitora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,

Senhor Amaury Antônio de Castro Júnior, diretor geral do campus Ponta Porã,

Meu querido Jonatas Fernandes, representante dos alunos de Ponta Porã,

Meus amigos,



Minhas amigas,
Companheiros e companheiras,

Eu... primeiro, Fernando, tem uma história que resulta na inauguração desta universidade. Eu tinha esquecido, mas o Damião lembrou. Não foi aqui em Dourados. Eu já era presidente em 2003 quando eu vim fazer uma manifestação, um ato, qualquer coisa em Campo Grande, e uma menina, quando eu desci do palanque, uma menina que eu agora vou procurar a fotografia dela porque os fotógrafos da Presidência registram tudo, a gente deve ter no arquivo... Eu, lamentavelmente, esqueci, senão deveria ter trazido. Uma menina, quando eu desci do palanque, chorando ela me disse que tinha um problema muito sério aqui em Dourados – ela cursava, acho que Medicina, ou estava terminando, ou estava no primeiro ano de Medicina – e era preciso que a gente cuidasse de trazer para cá melhorias da universidade federal para o curso de Medicina. Eu lembro que entreguei ao Tarso Genro, que era ministro da Educação já, na época, foi no finalzinho de 2003 para 2004, entreguei para o Tarso Genro... o nosso companheiro Fernando Haddad era secretário executivo do ministro Tarso Genro, e eles, então, levaram a sério o pedido da menina, e nós hoje estamos aqui para inaugurar uma série de obras na Universidade Federal da Grande Dourados. Então, eu não sei, não sei se essa menina está por aí, se essa menina já se formou – deve ter se formado –, se ela lembra dessa história, mas tudo aconteceu por causa de uma menina chorona que queria estudar, e parece que estava em greve, aqui, a Universidade há muito tempo. É uma dessas confusões que de vez em quando acontecem nas universidades brasileiras.

Bem, mas a minha alegria de estar aqui, Damião, é por outra razão. Nós estamos chegando ao final de um mandato, depois de oito anos, onde nós conseguimos vencer, eu diria, para o bem da sociedade brasileira, uma doença chamada “preconceito” que existia neste país. Eu perdi muitas eleições porque



as pessoas mais pobres, que eu pensava que iriam votar em mim, não votavam em mim porque tinham medo de votar em alguém parecido com elas. Então, elas imaginavam, elas imaginavam: “Se eu me considero um zé-ninguém, como é que eu vou votar num zé-ninguém? O que é que ele vai fazer por este país?”. Eu, durante muito tempo, fiquei com raiva.

Eu, cada vez que eu perdia as eleições, tinha uma coisa engraçada na minha vida. Eu ia lá para o interior de São Paulo, eu era candidato a governador, aí encontrava gente de classe média, de carro, todo mundo fazia assim para mim. Aí, daqui a pouco, eu olhava para um coitado de um cortador de cana, ele estava assim para mim. Você passava aqui nas ruas de Dourados ou de Campo Grande, você olhava nas lojas, as pessoas faziam assim. Você olhava um trabalhador da construção civil, ele fazia assim. Então, eu, cada vez que eu perdia uma eleição eu ficava frustrado porque era preciso encontrar um jeito de convencer as pessoas, que aprendessem a diferenciar o que é o conhecimento que você aprende, o aperfeiçoamento, numa universidade ou numa escola, e o que é a inteligência que está dentro da cabeça das pessoas, sobretudo para a arte de fazer política. Porque fazer política, fazer política... se criou, se criou no Brasil – e eu espero que o meu mandato tenha desmistificado isso –, se criou no Brasil a ideia de que para ser presidente, governador, prefeito ou até deputado, você tinha que ter algum diploma, você tinha que ser doutor em alguma coisa, ou ser fazendeiro, ou ser empresário ou ser alguma coisa. Os de baixo não podiam nem chegar perto, a não ser ir bater palma na época das eleições para os grã-finos que faziam política.

Então, eu penso que foram muitos anos em que a gente lutou e a gente conseguiu superar. E, para mim, é muito gratificante saber que a Bolívia elegeu um índio para ser presidente da Bolívia; saber que os mesmos Estados Unidos, onde tantos negros foram espancados e uma figura como Luther King foi assassinada, acabam de eleger um jovem negro para ser presidente dos Estados Unidos. Tudo isso é uma lição que a gente vem acumulando desde a



lição que a África do Sul nos deu quando elegeu Mandela pela primeira vez.

Então, eu acho que o povo começou a aprender, o povo começou a perceber a diferença entre a arte de fazer política e a arte de ser um bom jogador de futebol, um bom músico, um bom professor de Matemática, um bom professor de Física, um bom químico. O povo começou a perceber que governar é uma ciência que antes de tudo exige duas competências: você saber montar equipe – e montar equipe significa que você tem que colocar pessoas que você não tenha dificuldade de tirar depois, porque se você coloca gente que se acha mais importante do que você, você depois vai ter dificuldade de tirar – e você saber tomar as decisões na hora certa. Você não pode permitir... é como um técnico de futebol: se o ponta-direita não está jogando bem, ou o ponta-esquerda, ou o centroavante, você não pode deixar faltar 39 minutos do segundo tempo para tirar, porque não vai resolver nada. Ou você já (incompreensível) o cidadão na hora certa, para ver se ele marca o gol, ou então é melhor você deixar de ser técnico. Na política é a mesma coisa.

Ora, então para mim, para mim é motivo de orgulho, para mim é motivo de orgulho saber que eu estou terminando o oitavo ano de governo e que o meu Ministro da Ciência e Tecnologia vai à SBPC e é aplaudido de pé pela política de ciência e tecnologia que nós colocamos em prática neste país, porque não era a política do ministro Sergio Rezende, foi uma política feita pelos cientistas que vai, este ano, consumir R\$ 41 bilhões de investimento em ciência e tecnologia.

Aliás, aliás, um outro dado importante é que pela primeira vez na história do Brasil, este ano as mulheres serão maioria, que se formarão doutoras nas universidades brasileiras. Sempre, sempre os homens se formaram mais [como] doutores e mestres. Agora as mulheres passaram a ter 51% e os homens, 49%. É a primeira vez na história do Brasil que isso acontece, e nós estamos formando mais doutores, mais mestres, nós estamos investindo mais. Já passamos a Rússia e a Holanda em artigos científicos publicados em



revistas especializadas, e o Brasil vai andando para construir a sua revolução educacional.

Então, eu fico muito orgulhoso quando eu vejo o meu Ministro da Educação constatar duas coisas. A primeira é que nós tínhamos um orçamento de R\$ 20 bilhões para a saúde [educação] e esse orçamento, agora, passou a ser de R\$ 60 bilhões, ou seja, três vezes mais. A segunda é que nós proibimos utilizar a palavra “gasto” quando se fala em educação. Educação é investimento e não gasto, e por isso que as coisas começaram a mudar neste país.

A terceira coisa importante que eu acho que esses companheiros fizeram na educação foi a gente estreitar a nossa relação com a educação. Eu nunca consegui entender, e cansei de perguntar ao Fernando Haddad, cansei de perguntar ao Tarso Genro, por que os reitores, por que os ministros da Educação de governos anteriores, embora fossem reitores, e os presidentes da República, embora fossem doutores, não se reuniam com reitores? Qual era a doença pegajosa que tinham os magníficos reitores e reitoras deste país, que presidente tinha medo de reitor, e ministros da Educação – embora o último, antes do nosso governo, tivesse sido reitor na Unicamp – também não gostavam de reitor? Não gostavam de reitor, não gostavam de prefeito, não gostavam de estudante, não gostavam de trabalhador, não gostavam... Na verdade, eles não gostavam era de governar. Na verdade, eles não gostavam era de governar. Porque Deus, porque Deus, na sua sabedoria infinita, quando criou a nossa espécie, Ele nos fez com duas orelhas e uma boca para a gente ouvir mais do que falar. Então, as pessoas, as pessoas não gostam de ouvir.

Vocês se lembram, nunca um presidente da República teve coragem de ir a uma Marcha de Prefeitos. Os prefeitos chegavam em Brasília, quem esperava os prefeitos eram os soldados, com cachorros policiais. Oito anos do meu mandato, [há] oito anos eu vou na Marcha dos Prefeitos, com mais de 20 ou 30 ministros, para falar com os prefeitos. Todos os anos eu me reúno com



todos os reitores das universidades federais, mas também com os institutos de... com os Ifets e com todos os reitores do ensino médio brasileiro.

Nós queremos mostrar para o Brasil que não é possível a gente governar este país se a gente não entender a megadiversidade da sociedade brasileira, se a gente não compreender que nós temos que conhecer os mais diferentes brasis para a gente governar igual, mesmo esses brasis sendo diferentes.

Por exemplo, por exemplo, vocês vejam uma coisa: nós fizemos a Conferência de Comunicação. Foi uma conferência poderosa. Nós, agora, estamos discutindo o marco regulatório para cuidar da comunicação e telecomunicação no Brasil porque o marco regulatório que nós temos é de 1962, não tem nada a ver com o que existe hoje no mundo. Pois bem, isso vai permitir que o povo de Campo Grande continue assistindo aos programas do Rio de Janeiro, aos programas de São Paulo, mas nós precisamos criar as condições, a partir do momento da nova regulamentação e da TV digital, [para] que as televisões de Campo Grande tenham programas aqui, sobre a cultura de Dourados, de Campo Grande e do estado. Que o povo conheça a cultura de cada estado. Por que somente o povo do interior é obrigado a ver o que acontece em São Paulo e no Rio, e o Rio não é obrigado a ver o que acontece no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, no Amazonas, em Roraima? É preciso que a gente tenha essa possibilidade de diversificar e democratizar porque, senão, as coisas não funcionam. E foi isso que nós fizemos na educação.

Este moço, este moço, que eu acho que a história se encarregará de fazer o julgamento de cada um de nós, é responsável direto por parte das inovações. O ProUni, ele não teve vergonha de dizer um dia, publicamente, que foi ideia da mulher dele, porque normalmente, nós somos uma sociedade em que o homem se acha mais inteligente ou mais esperto, então, tudo é cria do homem. Não, ele publicamente falou: “Presidente...” – publicamente, não só



para mim – “foi a minha mulher que pensou o ProUni”. E o ProUni é uma coisa genial, porque tinha um imposto que as universidades privadas não pagavam; nós apenas transformamos esse imposto que eles não pagavam em uma bolsa de estudo para as pessoas mais pobres da periferia. Hoje, já são 704 mil jovens que estudam no ProUni, dos quais... dos quais... O Fernando Haddad, junto comigo, nós participamos lá, em Brasília, da primeira turma – eram 414 meninos e meninas que se formaram médicos pelo ProUni. Onde eles conseguiriam se formar em Medicina, se não fosse o ProUni? Ou se a gente não tivesse criado o Reuni, que mais do que duplicou as vagas oferecidas historicamente pelas universidades federais.

Então, essa revolução ainda não é definitiva. Nós estamos em um processo, nós estamos em um processo. Por quê? Porque embora o Brasil tenha crescido, a economia melhorou... O Ministro dos Transportes me disse: “Aqui no Mato Grosso do Sul nós investimos R\$ 2 bilhões para recuperar as estradas deste estado. Enquanto em governos anteriores se gastava 50 milhões por ano, nós gastamos por ano o equivalente a 250 milhões aqui neste estado”. No Brasil, nós estamos pagando, por mês, tudo que era investido em um ano em governos passados.

Então, melhorou a economia, melhorou o emprego. Você veja que enquanto nos Estados Unidos, enquanto na Europa, nós tivemos 16 milhões de pessoas desempregadas em 2008 e 2009, no Brasil, eu vou terminar o meu mandato com mais de 14,5 milhões de empregos criados com carteira assinada; 89% dos acordos salariais são acima da inflação, até aposentado já ganha aumento real de salário neste país.

Nós começamos um processo que ainda falta muito para fazer, mas nós aprendemos o caminho, nós aprendemos e construímos a primeira trilha, que deverá ser seguida, aberta, pavimentada, consolidada, porque o Brasil nunca mais vai aceitar ser tratado como se fosse um país de segunda classe. Nunca mais vai descer aqui, nos aeroportos do Brasil, um homem e uma mulher do



FMI para dizer o que a gente tem que fazer aqui. Nós, não só... nós, não só não devemos nada a eles, como eles agora nos devem US\$ 14 bilhões. Qualquer dia, meu caro Damião, qualquer dia, sou eu que vou mandar uma equipe minha para fiscalizar o FMI, para saber se ele está cuidando direitinho do nosso dinheiro.

O Brasil aprendeu ... o povo brasileiro aprendeu a gostar de si, ou seja, não era aquele negócio de “eu não valho nada, eu não sou nada; ah, quem é bom é não sei quem, quem é bom é não sei quem; tudo que vem de fora é melhor”. Uma bobagem de um povo que foi historicamente colonizado, culturalmente colonizado. Eu penso que nós aprendemos a levantar a cabeça. E isso a gente aprende no berço, a gente não aprende na universidade. Andar de cabeça erguida a gente aprende... é o caráter que a gente aprende dentro de casa, formado pelo pai e pela mãe da gente.

Então, eu gosto muito de todo mundo, gosto muito dos meus amigos presidentes europeus, gosto do Obama, gosto... agora, é o seguinte: nós somos iguais. Ninguém é melhor do que eu, e eu também não sou melhor do que ninguém. Eu quero que respeitem o Brasil, como o Brasil respeita todo mundo.

Portanto, companheiros e companheiras, é com muita alegria, é com muita alegria que a gente dá mais um passo. Imaginem vocês a minha alegria no dia 31 de dezembro, quando chegar à meia-noite, que terminar o meu mandato, eu poder dizer: Puxa, vida! Logo eu, que sou o primeiro presidente do Brasil que não tem diploma universitário, já sou o presidente que mais fez universidades neste país, mais extensões universitárias, mais escolas técnicas! Então, é motivo de orgulho.

O dado concreto... qual é o dado concreto e objetivo? É que o paradigma mudou, o paradigma mudou: as pessoas sabem que vão ter que fazer mais, porque ninguém pode fazer menos que um peão, ninguém pode... Porque aí eu vou estar cobrando: espera aí! Nós temos um paradigma, um



paradigma para reforma agrária; um paradigma para a política indigenista, para a política indígena; um paradigma para os quilombolas; um paradigma para as minorias que, muitas vezes, são tratadas como se fossem de segunda categoria, neste país; um paradigma para todos os portadores de deficiência; um paradigma para todos aqueles que vivem na rua. Mudou o paradigma, mudou.

Então, o Brasil aprendeu a ser melhor do que ele era, e nós gostamos disso, porque acabou aquela história de achar que pobre gosta de miséria, que pobre gosta de miséria. Já em [19]78, Joãosinho Trinta, que era o carnavalesco da Beija-Flor, criticado em [19]78 porque a Beija-Flor utilizava muitas coisas bonitas, ele disse: “Quem gosta de miséria é intelectual, o povo gosta de luxo!”. Vocês sabem? Eu descobri que isso é verdade, sabem por quê? Eu fui, uns três anos atrás, fazer uma política para diminuir o preço do material da construção civil. A gente queria reduzir impostos em toda a cadeia de materiais da construção civil. Aí, está lendo lá a lista lá, de impostos: fio, tijolo, telha, não sei das quantas, tal; aí, faltava azulejo e faltava lajota, aquela que faz o piso. Eu falei: companheiro, cadê o azulejo e a lajota? “Ah, não, isso é coisa de rico”. Ah, gente, se o pobre pudesse, ele colocava até no travesseiro, azulejo; quanto mais colorido, melhor. Então, se criou a mania de que pobre gosta de comer mal, gosta de morar mal, gosta de se vestir mal, gosta... Ô, gente, pobre gosta de tudo que é bom no mundo, é só dar a ele oportunidade para ele ter!

Então, eu quero dar os parabéns a vocês e agradecer... agradecer à estudante de Medicina anônima, porque eu não tenho o nome dela, que, um belo dia, me cobrou, no palanque, que tinha que fazer isso que a gente está fazendo aqui hoje. Isso me dá a lição: quando a gente tiver dúvida, ouça o que vem do povo, que a gente acerta mais do que erra.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção do Projeto de Lei Complementar 10/2010 (Projeto Nova Defesa)

Palácio do Planalto, 25 de agosto de 2010

Queria dizer a vocês que nós estamos sancionando o novo Ministério da Defesa e, ao mesmo tempo, inaugurando o novo Palácio do Planalto. Vocês perceberam que está mais frio e, certamente, nós vamos ter que mudar, porque eu estou gelado aqui, meu filho, parece que eu estou...

Quero cumprimentar o companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Quero cumprimentar o companheiro José [Jorge] Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

O companheiro Alexandre Padilha, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Quero cumprimentar o companheiro comandante da Marinha, Almirante Moura Neto,

O nosso querido companheiro Brigadeiro comandante das Forças Armadas, o companheiro Saito,

E quero cumprimentar o nosso querido companheiro comandante do Exército, companheiro Enzo. Vocês perceberam que mudou tudo, agora é só de companheiro para companheiro. Mais um ano no poder, eu chamaria de “camaradas”.

Mas, quero cumprimentar o senador Roberto Cavalcanti e o deputado Beto Albuquerque, que eu sei que foram companheiros que trabalharam muito, junto com o deputado Genoino, e outros companheiros, para que essas coisas acontecessem.

Eu penso, ministro Jobim, que a história vai registrar o dia de hoje. Eu



confesso que parecia impossível que, em um curto espaço de tempo, a gente conseguisse fazer aprovar a mudança da lei complementar que propunha a criação de um novo Ministério da Defesa.

Eu imaginava que ia ter mais debate no Congresso, que ia ter mais resistência no Congresso. E qual não foi a minha surpresa, possivelmente pela sua competência em lidar com os seus amigos dentro do Congresso Nacional, ou da compreensão dos três Comandantes das Forças Armadas de que era necessário fazer essa inovação para que a gente pudesse pensar no futuro, e pensar no futuro significava a gente reestruturar o nosso Ministério da Defesa. Por isso eu acho que será um dia histórico porque, no Brasil, ultimamente, tem acontecido coisas que antes pareciam impossíveis. O Brasil sempre foi o país do “jeitinho”; as coisas, no Brasil, quando você pensava que ia ter um grande embate, aparecia alguém e encontrava a palavra mágica, um jeito (incompreensível) não sabe brigar, ninguém briga com ninguém, “vamos fazer os nossos acordos aí”, e foi assim desde a Independência do Brasil até a conquista das eleições diretas. Nós sempre encontramos um jeito de fazer as coisas da melhor forma possível.

Eu lembro que nós estávamos nas ruas gritando “Diretas Já!”, e já tinha gente negociando “mudança já”. Quando os das “Diretas Já” acordaram, já tinha tido um acordo de “mudança já”, e todo mundo, pacificamente, mesmo eu, que na época me rebelei, aceitávamos o resultado do jeito brasileiro de fazer as coisas.

Eu, sinceramente, acho que nós não precisamos do jeitinho brasileiro, eu acho que foi utilizada, possivelmente, a franqueza, que até então não tinha sido utilizada entre o Ministério da Defesa e as Forças Armadas Brasileiras, ou seja, de dizer concretamente o que a gente vai pensar deste país nos próximos anos; de dizer claramente que a Amazônia não pode ser uma fonte de recursos utilizada apenas em discursos em época de campanha ou na discussão climática; que nós temos a obrigação de fazer investimentos, sobretudo com as



nossas Forças Armadas, não apenas para ter conhecimento do que existe dentro de 360 milhões de hectares que compõem toda a Amazônia Legal Brasileira, mas também tomar conta daquilo que é nosso, coisa que, muitas vezes, nós não tomamos. Ou, às vezes, tomar conta de um país que tem 8 mil quilômetros de costa marítima e que, muitas vezes, pensar em investir em um barco de patrulha para a Marinha era pensar em gasto e não em investimento para defender um patrimônio que a gente não sabia que tinha, mas já estava aí embaixo, há 160 milhões de anos, que foi a descoberta do pré-sal. Então, eu penso que nós demos o passo importante para dizer ao mundo que o Brasil leva a questão da defesa com muita seriedade.

Eu lembro, Saito, que uma vez eu fui ver um filme – não sei se no Cindacta – em que nós tínhamos um avião que seguia um avião que tinha contrabandistas que estavam traficando drogas. E me mostraram que o traficante, na hora em que via o avião da Força Aérea Brasileira, ele mostrava uma criança dentro do avião, uma mulher, e a gente ficava impossibilitado de fazer qualquer coisa. E, muitas vezes, até a gente seguia, eles eram obrigados a parar, como não tinha poder de polícia, eles paravam, a gente ficava esperando a Polícia Federal aparecer; se aparecesse, prendia, se não aparecesse, era o tempo de eles fugirem outra vez.

Então, nós estamos mostrando que nós queremos ser um país mais sério, que nós queremos ser um país com mais autoestima, um país com mais respeito próprio e um país que tem nas suas Forças Armadas parte do garante dessa sustentabilidade e confiança que nós precisamos nas nossas relações internacionais e nas relações entre estados. Ou seja, o Brasil, hoje, não é mais um país levado na brincadeira. Eu lembro quando estive um presidente francês aqui que ironizou: “Que país é este?” e, a partir daí virou moda as pessoas tentarem ironizar o Brasil.

Eu penso que o Brasil mudou de patamar. Quem viaja o mundo, senhores oficiais-generais que viajam, os comandantes que viajam, os políticos



que viajam, os empresários que viajam, não sei se a Anac viaja, não sei se a Infraero viaja... A verdade é: quem viaja o mundo hoje, em qualquer país que for, tem a nítida noção de que mudou o tratamento que se dá ao Brasil.

Nós somos uma grande nação, com grandes perspectivas, e só somos uma grande nação porque decidimos ser uma grande nação. E uma grande nação tem que ter as Forças Armadas altamente preparadas.

A gente não pode olhar apenas as coisas como gasto. Tudo no Brasil era gasto, era gasto, era gasto: “Você não pode gastar com saneamento”, “você não pode gastar com educação”, “você não pode gastar com as Forças Armadas”... O único investimento era pagar o FMI, quando, na verdade era o único gasto. Era que nem pagar aluguel, não tinha retorno. E, agora, a gente está compreendendo que tem investimento.

Hoje, eu fiquei muito feliz quando vi aquelas pontes que o Dnit deu ao Exército brasileiro, porque muita gente fala: “Para que aquilo? O Exército não precisava daquilo”. Até ter uma enchente, ou até desmoronar uma ponte, e aí as pessoas perceberiam que a gente precisaria.

Quando a gente vê o Exército estruturado para, às vezes, até se contrapor a determinadas empresas que impõem sobrepreço em determinadas licitações, ou seja, é uma coisa que somente quem governa o Brasil sabe a gratificação que a gente tem, de saber que hoje nós estamos preparados, estruturados, para competir. Não que nós queiramos transformar o nosso Batalhão de Engenharia em uma grande empresa de construção civil. Mas é verdade que eles têm que saber, e o mundo tem que saber que, se precisar, nós temos, como diria o Ratinho, “bala na agulha” para enfrentar qualquer situação.

Ou mesmo a nossa Aeronáutica, eu lembro que quando eu cheguei aqui, que eu pensei em comprar o primeiro avião, ô Saito, você não era comandante ainda, eu lembro do que as pessoas diziam: “Presidente, pelo amor de Deus, não tem presidente que dê certo comprando avião! Ninguém... A imprensa vai



cair em cima do senhor, Presidente! O senhor não pode comprar avião, deixa aí”. Aí, eu fiz... o primeiro voo que eu fiz, eu fiz em um avião de carreira, eu acho que foram 12 lugares na executiva, e é um inferno, porque você não tem nenhuma intimidade de discutir nenhum assunto de Estado se você está viajando com pessoas que não têm nenhuma obrigação com você. Sabe, eu fiquei pensando: é melhor ter coragem de propor a compra de um avião do que ficar ouvindo pela imprensa que eu estou voando no “sucatão”. Um país do tamanho do Brasil não poderia se permitir tal ofensa.

Eu lembro que uma vez o Marco Maciel estava voando em um avião desses e teve um problema no motor, que caiu. Eu era obrigado a descer na Ilha do Sol com 12 mecânicos, às vezes 18 mecânicos dentro... Tinha vez que não cabia nem o Brigadeiro Joseli dentro do avião, de tanto mecânico que a gente precisava utilizar. Ora, não era possível que o Brasil continuasse assim: se apequenando, por vergonha de fazer as coisas.

Tomamos a decisão... Hoje, o meu arrependimento, Saito, é de não ter comprado um maior, ou talvez dois, ao invés de um. Porque hoje eu sei o quanto custa montar delegações de empresários para levar para viajar para a África, para levar para a América Central, para levar para o Caribe, para desenvolver o Brasil e a gente, muitas vezes, não tem avião.

Da mesma forma a Marinha. Ou seja, a Marinha brasileira, Jobim, com a descoberta do pré-sal, nós sabemos o que precisamos reestruturar a Marinha, para que ela possa tomar conta de um patrimônio que a gente ainda não tem dimensão de quanto é. É incalculável, a gente não sabe se tem 8 ou 80 bilhões de barris, a gente não sabe o conjunto da obra que Deus deixou preparado, quando permitiu a divisão do continente, a separação.

Então, eu acho que com tudo isso que foi feito... E eu tenho que agradecer ao Congresso Nacional pela rapidez com que foi feita a mudança; às Forças Armadas, pela compreensão de que ninguém queria diminuir o papel de nenhuma das Forças, pelo contrário, o que nós queríamos era fazer uma



inovação na forma de entender a questão da Defesa no Brasil. Porque a primeira tentativa de criar o Ministério da Defesa, todo mundo sabe que era um momento político de muita tensão, em que não se podia fazer isso.

Então, eu só posso, Jobim, no dia de hoje, te agradecer, te dar os parabéns. Ao Mangabeira, que não está aqui, mas eu sei que ele teve um trabalho importante. Ao nosso comandante Moura, Saito e o Enzo, pela compreensão do que é ajudar a fazer isso. E a todos que contribuíram para que a gente pudesse estar dando um sinal. Está certo que está no final do mandato. Você poderia, junto com essa emenda complementar, ter mandado uma emendinha para mais uns anos de mandato. Você não mandou, então fica... embora esteja no final de mandato eu, sinceramente, saio da Presidência mais gratificado porque a gente vai ter uma nova lógica na nossa defesa. E eu acho que nós vamos ser mais respeitados.

Parabéns, Jobim. E parabéns a todos que contribuíram para que nós pudéssemos estar vivendo o dia de hoje. Um grande abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante Plenária do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), com assinatura do decreto que institui a Política e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

Palácio Itamaraty, 25 de agosto de 2010

Ele estava com vergonha. Vê se ele assopra aí. Criança é que nem papagaio: na hora em que a gente quer que fale, não fala; na hora em que a gente quer que apite, não apita.

Bem, meus companheiros e companheiras,

Ministros aqui presentes. Eu não vou citar todos aqui porque ninguém é candidato, então não precisam ser citados. Quero... Se fossem candidatos não estariam aqui.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Michel, secretário de Estado da Produção Animal no Haiti,

Quero cumprimentar os parlamentares,

Nosso querido companheiro Patriota, que está aqui representando o nosso embaixador Celso Amorim,

Cumprimentar o companheiro Graziano, que diz para mim que mora no Chile, mas não sai de Brasília.

Quero cumprimentar o companheiro Hélder dos Santos, representante da FAO no Brasil,

Quero cumprimentar o companheiro Renato Maluf, presidente do Consea, por meio de quem cumprimento todos os companheiros conselheiros e conselheiras do Consea,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ana Maria de Castro, nossa querida, que está aqui representando o Josué de Castro, que não pode estar entre nós, mas está, de algum lugar, nos vendo e nos assistindo.



Quero cumprimentar os companheiros da imprensa.

Dizer para vocês que esta é a última vez que participo, na condição de presidente da República, de uma plenária do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, uma instância – a não ser que vocês convoquem outra reunião até dia 31 de dezembro –, uma instância fundamental que nós recriamos em janeiro de 2003, depois de ter sido abandonada nos anos 90.

Este derradeiro encontro não é motivo de melancolia. Na verdade, ele reforça a sensação gratificante de que a palavra com que iniciei meu discurso de posse, em janeiro de 2003, não foi pronunciada em vão. Estou falando da palavra “mudança”.

Sempre tivemos a certeza de que a luta pelo desenvolvimento com justiça social tende a andar de mãos dadas com a efetiva democratização do Estado brasileiro, e sempre soubemos que apenas a convicção política seria capaz de formar essa aliança.

A verdade é que conseguimos criar uma nova forma de relação do Estado com a sociedade e, nesse sentido, a atuação do Consea, Maluf, foi exemplar. Graças à sua representatividade e à imensa dedicação de seus integrantes, dotados de grande capacidade técnica e visão política, o Consea foi fundamental para que a segurança alimentar se tornasse uma política do Estado brasileiro. O próprio decreto que assinamos hoje e que institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional ilustra mais do que a minha fala.

A ideia de adicionar à legislação certos parâmetros que garantam a segurança e a soberania alimentar da população surgiu justamente na 2ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar, realizada em março de 2004, na nossa inesquecível cidade de Olinda, no meu querido estado de Pernambuco. Dela participaram mais de 1.300 delegados e delegadas, representando as mais diferentes correntes e expressões da cidadania brasileira. E foram eles que decidiram que a segurança alimentar deveria ter



um respaldo legal, como já ocorre com a saúde, que possui um Sistema Único de Saúde – o nosso querido SUS – e uma lei orgânica.

Agora que já contamos com uma lei orgânica de segurança alimentar, que terá seus mecanismos operacionais detalhados neste decreto, posso dizer que estamos conseguindo atingir os justos anseios representados naquela conferência.

Quero, portanto, desde já, agradecer a todos os companheiros do Consea e aos milhares de militantes, gestores e cidadãos comuns, que tanto contribuíram para concretizar a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Seu empenho e sua dedicação são, certamente, componentes fundamentais das mudanças que estamos vivendo.

Queridas amigas e queridos amigos,

Conferências de políticas públicas, assim como aquela que ocorreu em Olinda, estão previstas neste país desde a década de 40. A diferença é que, a partir de 2003, a participação social deixou de ser um adereço da democracia para se tornar, de fato, um método de gestão do Estado brasileiro. Fizemos 73 conferências nacionais neste período sobre os temas mais variados: educação, meio ambiente, direitos humanos, segurança pública, ciência e tecnologia, igualdade racial, direito das mulheres, dos indígenas, das pessoas com deficiência, e tantas outras conferências nós fizemos aqui no nosso país.

Aproximadamente cinco milhões de brasileiros e brasileiras de todas as classes sociais, de todos os credos, das mais diferentes convicções políticas participaram desse esforço democrático, que envolveu todo o país durante suas etapas preparatórias e regionais. Esse inédito florescimento da cidadania gerou propostas e desdobramentos. Um exemplo é a Lei Orgânica de Segurança Alimentar; um outro, a política de valorização do salário mínimo, que hoje compra praticamente quase o dobro daquilo que comprava em 2003. A própria organização democrática, a própria organização da democracia brasileira modificou-se com a inclusão de 19 conselhos nacionais de políticas



públicas na estrutura do Estado e o fortalecimento de 15 outros já existentes.

Creio que com tudo isso nós semeamos e fortalecemos uma nova cultura democrática neste país. Aos poucos, ela emerge e se consolida e faz isso com uma força capaz de enfrentar e vencer todas as nossas vulnerabilidades. E o mais importante de tudo é que essa grande mobilização conta com consciência própria, capaz de decidir o seu destino, sem subordinação aos que sempre avocaram a si o monopólio da opinião pública nacional.

Amigas e amigos,

Os que ainda desconfiam da participação popular e os que ainda desdenham dessa dimensão do desenvolvimento são os mesmos que torceram o nariz quando batizamos o nosso primeiro programa social com uma palavra até então vetada no vocabulário de certas elites brasileiras: a palavra “fome”.

Digo isso porque ao lançarmos o Fome Zero, em janeiro de 2003, choveram críticas às políticas sociais voltadas para o combate à desnutrição e para o fortalecimento da agricultura familiar. Dizia-se, entre outras coisas, que a fome era uma questão menor na agenda nacional, que seria descabido transformá-la em política de Estado. Chegaram a fazer pesquisa de opinião pública dizendo... para mostrar que a maioria do povo não estava interessado em política de combate à fome e que no Brasil tinha pouca gente passando fome. “Bastava”, diziam, “deixar livre os mercados. As coisas se ajustariam automaticamente na vida do povo mais pobre desta nação.”

Não é assim, contudo, que entendemos um processo de desenvolvimento. Não se terceiriza, assim, o destino de um povo. No nosso entender, a injustiça socialmente produzida somente será superada pela vontade coletiva da nação. Somente assim o bem-estar de cada um encontrará sua contrapartida no bem-estar de todos. E foi esse entendimento que motivou também a criação do Bolsa Família, o braço mais longo da rede de proteção social formada pelo programa Fome Zero.



Os resultados atestam os acertos de nossas escolhas. Vivemos hoje num Brasil menos desigual dos últimos 25 anos. O Bolsa Família já é responsável por um terço da queda da desigualdade brasileira. A desnutrição infantil caiu 62% entre as crianças de seis a 11 meses, e o valor destinado à merenda escolar foi reajustado em 130% desde 2003, depois de ficar mais de dez anos inalterado. Na pré-escola, seu reajuste foi de 400%. Em 2010, teremos o maior orçamento social de toda a nossa história. São cerca, Paulo Bernardo, de R\$ 39 bilhões, praticamente quase 9% do PIB brasileiro.

A renda, nos últimos anos, cresceu em todos os segmentos da sociedade, mas cresceu em dobro entre as famílias mais pobres do país. Vocês já sabem que 24 milhões de brasileiros superaram a linha da pobreza, e outros 32 milhões ascenderam na escala social.

Foi preciso, porém, uma crise financeira igual ou pior do que a de 1929 para que se reconhecesse algo em que sempre acreditamos: que as políticas sociais são indissociáveis da retomada do desenvolvimento econômico de um país e, no caso, do desenvolvimento brasileiro. Uma retomada que é responsável pela criação de 14 milhões de empregos, até agora.

A verdade, companheiras e companheiros, vocês que nos acompanham há muito tempo, viram o que sofreu o companheiro Graziano quando nós lançamos o programa Fome Zero. Quantas teses foram escritas neste país, quantos artigos foram escritos contra o programa Fome Zero, quando diziam que nós deveríamos, em vez de estar pensando em programa Fome Zero, deveríamos estar investindo em infraestrutura, em estradas, em desenvolvimento, como se fosse antagônico a gente fazer investimento em infraestrutura e a gente garantir que a infraestrutura da energia do ser humano tinha que vir em primeiro lugar.

Eu acho, Márcia, que ainda temos problemas no Bolsa Família. Eu, muitas vezes, tanto na época do Graziano quanto na época do companheiro Patrus, eu, muitas vezes, viajando pelo Brasil, eu encontrava gente pobre que



não recebia Bolsa Família, muito pobre. Eu voltava e cobrava, tanto do Graziano, quanto do Patrus, eu dizia: meu Deus do céu, não é possível que a gente tenha na cidade, ainda, gente pobre que não recebe o Bolsa Família. E aí eu descobri que se nós não tivermos um método de fiscalização mais rígido, é muito mais fácil você cadastrar quem está perto de você do que você sair nos grotões dos municípios procurando as pessoas que estão afastadas de tudo, inclusive da cidade. E, certamente, se nós fizermos uma operação pente-fino tentando localizar, nos lugares mais pobres das regiões mais pobres, nós vamos perceber que tem gente que não precisa, recebendo, e tem gente que precisa que ainda não está recebendo.

É um eterno processo de fiscalização, é um eterno processo de aprimoramento para que a gente possa, se não conseguirmos atingir a perfeição, pelo menos chegar perto da perfeição e todos nós dormirmos com a consciência tranquila que nós estamos fazendo aquilo que está ao nosso alcance para acabar com a fome no Brasil e no mundo.

Eu acho que mais importante do que tudo isso, companheiros, é que se inventou uma tese aqui no Brasil que nós deveríamos, já no primeiro ano da criação do programa Fome Zero, encontrar uma porta de saída. Foi uma tese, se fez uma tese que incomodava uma parte da população: “Por que R\$ 12 bilhões destinados aos mais pobres? Nós temos que encontrar logo uma saída para eles, para eles pararem de receber esses R\$ 70, R\$ 80 ou R\$ 90”. E nós não estávamos apenas preocupados em encontrar uma porta de saída porque nós entendíamos que essa gente tinha demorado tanto para entrar, que era importante que ficasse um pouco e tomasse um café, e que não saísse rapidamente do Programa.

Nós, nós... com toda política que fizemos, com toda política que fizemos em todas as áreas, eu falo sem medo de errar: nunca antes na história deste país tivemos tantos pescadores cadastrados, legalizados, recebendo o auxílio-defeso. Nunca, neste país, a agricultura familiar foi tratada com a dignidade e



com o respeito com que está sendo tratada, e nós sabemos que ainda falta muito para fazer.

Poderia citar casos e mais casos de coisas que foram feitas. Nunca neste país, ou nunca antes na história, um presidente da República, que fica vendo todo dia a Europa e os Estados Unidos afundarem no desemprego, vai terminar o mandato criando 14,5 milhões de empregos com carteira profissional assinada.

Essa é a porta de saída, mas é a porta de saída quando a pessoa sai porque a economia está crescendo, porque tem algo melhor, não porque o governo está incomodado em prestar contas a setores elitistas, que ao longo dos anos pegaram praticamente grande parte do dinheiro público e nunca se incomodaram com a porta de chegada para pagar o que deviam.

Então, nós temos consciência, nós temos consciência de que se o Estado brasileiro não assumisse a responsabilidade de fazer com que o Estado chegasse até os mais pobres, não era nem o mercado e não era ninguém que ia fazer isso, porque as pessoas mais pobres que nós atendemos no Bolsa Família não estão organizadas em sindicato de classe, não participam de manifestação. Eu aprendi, depois de muito tempo, que a fome não levava nenhum ser humano à revolução. A fome levava a Humanidade à submissão, porque o ser humano com fome, ele não é cidadão. Ele é quase que um rebanho, porque é tangido para onde quer que ele seja tangido, e ele não tem praticamente... nem poder de ir à cidade para xingar um vereador ou para xingar o prefeito. Somos nós que temos que ir atrás deles e dizer para eles: o Estado brasileiro, a União, os estados, os municípios existem, estão aqui.

Eu acho que nós, inclusive, deveríamos mudar o dicionário brasileiro. O povo não deveria utilizar a palavra “governar”: “O Lula governa o país.” O Lula tem é que cuidar do país, cuidar do povo, porque é esse o papel que nós precisamos fazer: mais gente que cuide e menos gente que governe. Mais gente que cuide, que olhe os mais pobres, que olhe aqueles mais



necessitados, porque é disso que o Brasil precisa para dar um salto de qualidade e é isso que os programas sociais estão fazendo no Brasil.

Eu, Graziano, posso dizer para você, que começou a construir esse programa Fome Zero ainda no Instituto Cidadania, antes de a gente pensar em ser presidente. Bom, pensar, a gente pensava. Foi um pouco difícil, mas a gente já pensava. Demorou um pouco mais do que o previsto, mas eu nem me incomodo, porque eu acho que a demora foi um processo de pós-graduação que nós fizemos, mestrado em conhecer melhor o nosso país, o nosso povo. E você, Graziano, que começou tudo isso, sabe perfeitamente bem o quanto nós avançamos.

O Brasil hoje é motivo de orgulho para qualquer brasileiro, para qualquer brasileiro que cuide de política social. Já fizemos tudo? Não. Tem muita coisa, até porque a gente não consegue acabar com os desmandos de cinco séculos em oito anos. Mas o dado concreto é que nós demos um passo extraordinário.

Eu digo sempre que o maior legado que a gente vai deixar é essa nova relação que nós criamos com a sociedade, essa nova relação em que a gente tentou criar a consolidação das políticas sociais. Eu tinha vontade de mandar para o Congresso uma consolidação, mas não pude mandar, Nilcéa, para consolidar tudo o que as mulheres conquistaram porque nós estamos em um processo de entressafra eleitoral. Nós temos um Congresso que não sabe quem vai ser eleito, quem vai ser derrotado. A gente, depois, não quer mandar nada importante para ser votado. Vamos esperar os próximos deputados, os próximos senadores para a gente poder, quem sabe, fazer a nossa consolidação de políticas sociais e transformar essas pequenas conquistas que nós obtivemos em uma grande conquista da sociedade brasileira.

E só tem um jeito de a gente continuar conquistando. Eu estive na Presidência esse tempo todo, mas a minha função, na verdade, é ser um militante social deste país. Então, quando eu deixar a Presidência, o que é que eu sei fazer a não ser cobrar de quem está governando? O que é que eu sei



fazer a não ser cobrar? Ora, então, eu penso que o aprendizado que nós tivemos vai poder ajudar muita gente fora do Brasil. Eu tenho o sonho de trabalhar um pouco na África, tentar passar as experiências bem-sucedidas que nós tivemos, na África.

Eu acho que na América Latina nós temos um trabalho extraordinário para fazer, porque vocês sabem que na América Central, sobretudo, nós temos países em que a carga tributária é de 9%, a carga tributária é de 11%, a carga tributária é de 12%, a carga tributária é de 13%, e um Estado que tem uma carga tributária de 9%, a verdade é que não existe Estado, não existe Estado. Há uma contradição no mundo, Fernando Haddad – você que é economista –, há uma contradição: os países em que as pessoas vivem melhor são os países em que a carga tributária é mais alta; os países onde as pessoas são mais pobres são exatamente os países em que a carga tributária praticamente não existe, ou seja, as pessoas não pagam tributos. Se não paga tributo, o Estado não consegue fazer política social.

Eu acho que nós aprendemos e nós temos que transferir esse nosso aprendizado para outras pessoas. Muitas vezes não é só dinheiro, muitas vezes não é só dinheiro. O dinheiro, às vezes, é uma desculpa. Muitas vezes é falta de focar o que é principal, definir uma política; depois que garantir uma, definir a segunda política.

O que aconteceu aqui no Brasil é extraordinário, por conta disso. Era impensável fazer o programa Luz para Todos, com o sucesso que nós fizemos. Nós vamos terminar o mandato atingindo 93% de todas as pessoas que não tinham luz. Eram quase 15 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica. Quem nasceu na cidade não sabe o que é um lugar sem luz. Quem nasceu na cidade não tem dimensão do que significa um cidadão viver à luz de candeeiro, não sabe. Esses dias eu vi um programa da Eletrobrás, em que ela vai à casa de um gaúcho antes de chegar o Luz para Todos. Aí vai à casa do gaúcho um tempo depois, já com o Luz [para Todos] na casa dele, e volta um



tempo depois. Ele já estava com televisão, geladeira, rádio de som, já estava ouvindo as músicas gaúchas que vocês tanto adoram, estava lá maravilhado.

Assim nós vamos concluir uma coisa que nós afirmamos no dia 1º de janeiro de 2003: a gente começa, primeiro, fazendo aquilo que é o mais necessário; depois a gente começa fazendo aquilo que é possível; e quando menos esperar, todos nós juntos estamos construindo quase o que é impossível.

E vamos ser francos, todos vocês que estiveram junto conosco nos bons e nos maus momentos, vamos ser francos: pouca gente de nós acreditava que nós fôssemos terminar o governo na situação em que nós estamos. Eu fico perguntando em que momento da história um governo termina o seu mandato, depois de oito anos, apenas com 4% da população, em época de eleição, achando o governo ruim e péssimo. Eu fico imaginando onde aconteceu isso.

Então, eu sinto nas cidades, sinto nas ruas, sinto... uma cara que a gente não via há muitos anos, ou seja, uma coisa de alegria, uma coisa de satisfação, uma coisa de as pessoas acreditarem “eu posso”. Esse que era um lema muito famoso nos Estados Unidos, agora é nosso: “Nós podemos”. Basta que a gente queira e basta que a gente trabalhe.

Quando veio a crise, quando veio a crise dos alimentos, quando veio a crise dos alimentos, a resposta nossa não foi chorar. Foi criar um programa chamado Mais Alimentos e colocamos à disposição de financiamento quase 60 bilhões... R\$ 25 bilhões para financiar 60 mil tratores e 300 mil equipamentos agrícolas. Quando veio a crise dos Estados Unidos, nós fomos para a televisão dizer para o povo: compre. Desoneramos geladeira, fogão, máquina de lavar roupa. A mulherada deu um banho de comprar máquina porque... Aí a gente descobriu que ninguém gosta mesmo de lavar louça, de lavar (incompreensível). Uma maquininha ajuda “pacas”. Lá em casa não precisa porque o marido faz, mas onde o marido não tem a compreensão que tem na minha casa, a mulherada foi às compras. Vejam que engraçado. Você que é



economista, Graziano, veja que engraçado: foi a parte mais pobre da população brasileira, da região mais pobre do país, que evitou que este país tivesse a crise que teve nos Estados Unidos ou que teve na União Europeia. Foi a parte mais pobre que foi às compras.

Então, meus companheiros e companheiras do Consea, eu só quero que vocês saibam que eu comecei dizendo que foi a última reunião de que eu vou participar, mas fiquem espertos porque esteja onde estiver, eu estarei de olho em vocês, cobrando que vocês façam mais e melhor.

Um abraço e parabéns a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial do presidente da Guiné-Bissau, Malam Bacai Sanhá

Palácio Itamaraty, 25 de agosto de 2010

Excelentíssimo senhor Malam Bacai Sanhá, presidente da República de Guiné-Bissau, e senhora Mariama Mané Sanhá,

Senhor Adelino Mano, ministro dos Negócios Estrangeiros, por intermédio de quem cumprimento os demais membros da delegação guineense,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil, por meio de quem cumprimento também todos os ministros brasileiros,

Senhores embaixadores,

Empresários,

Convidados,

Primeiro, eu queria dizer ao presidente Sanhá da minha alegria de ter recebido a comenda Amílcar Cabral, esse extraordinário herói da independência africana. Muito obrigado pela medalha e fique certo de que a guardarei com muito orgulho.

Receber o presidente Bacai Sanhá em Brasília é uma oportunidade para renovar a longa tradição de amizade e de solidariedade de nossos países. Esta é a sexta visita de um presidente da Guiné-Bissau ao Brasil.

O Brasil está empenhado em ajudar o povo guineense a consolidar sua democracia e reencontrar o caminho da prosperidade. Guiné-Bissau deu importante passo nessa direção ao realizar as eleições que escolheram Vossa Excelência para presidir os destinos do país. Confio que, sob sua liderança, esse país reafirmará sua vontade de inaugurar um novo capítulo em sua



história.

Caro amigo Presidente,

Nossa parceria se inspira no herói da independência de Guiné-Bissau, Amílcar Cabral, para quem “o maior desafio no caminho do desenvolvimento está em superar nossas próprias fraquezas”.

Estamos dando um exemplo concreto do alcance da cooperação Sul-Sul. Ela representa um poderoso instrumento para desenvolver plenamente o potencial de nossas sociedades e realizar o sonho de um mundo mais justo e democrático.

Com essa convicção, o Brasil se engajou na Comissão de Construção da Paz para Guiné-Bissau. Com o apoio da comunidade internacional, queremos promover a reconciliação nacional e a reabilitação econômica. Estou convencido de que este mesmo propósito move o presidente Sanhá. Estamos determinados a ajudar o governo da Guiné-Bissau a vencer o flagelo do narcotráfico, da fome e da miséria.

No Conselho de Segurança, estamos trabalhando para que o novo escritório das Nações Unidas possa, efetivamente, apoiar o fortalecimento das instituições guineenses. Em associação com a ONU, estamos construindo o Centro de Formação das Forças de Segurança.

Novos padrões de instrução são fundamentais para garantir uma ação policial profissional e respeitosa dos direitos humanos. A Missão Técnico-Militar Brasileira vai apoiar a reestruturação das Forças Armadas. Contribuirá para o treinamento das tropas guineenses, ajudando a transformá-las em efetivos agentes da paz e transformação social. Vamos habilitá-las a desenvolver projetos de engenharia prioritários, como a reforma de quartéis, construção de pontes e cisternas de água, e também de perfuração de poços artesianos.

Senhor Presidente,

A paz tem múltiplas faces. Construí-la requer determinação e persistência, exige mais do que pôr de lado as armas. Não haverá paz verdadeira enquanto



houver fome, desigualdade e desemprego.

Para apoiar os esforços do presidente Malam Bacai em combater a exclusão social, a Agência Brasileira de Cooperação e o Senai se associaram para montar o Centro de Formação Profissional em Bissau. Estamos formando os carpinteiros, eletricitas, encanadores, pedreiros e costureiros que vão, literalmente, reconstruir esse país. Já colhemos os primeiros frutos. Cento e cinquenta ex-alunos já ingressaram no mercado de trabalho. Mais de 1.200 estudantes da Guiné-Bissau se graduaram no Brasil. Vamos continuar ajudando a qualificar as próximas gerações de jovens dos dois lados do Atlântico.

Para isso, estamos... não vamos inaugurar ainda. Aprovamos, no Congresso Nacional, a construção uma universidade no estado do Ceará, na cidade de Redenção, onde deram os primeiros passos para a libertação dos escravos no Brasil. Uma universidade para 10 mil alunos africanos e brasileiros, a começar pelos países de língua portuguesa da África. Esperamos, quem sabe, inaugurar no ano que vem essa universidade. Não imagino lugar mais apropriado para formar profissionais nas áreas de saúde, agricultura e gestão pública. Juntos estamos emancipando nossos povos.

Essas iniciativas só frutificarão se trouxermos investimentos produtivos para Guiné-Bissau. Para identificar essas novas oportunidades de negócios, o ministro Celso Amorim foi a Bissau, em outubro passado, acompanhado de expressiva delegação empresarial.

Já estamos colhendo os primeiros resultados, com o forte aumento de nosso intercâmbio bilateral nos últimos anos. Mas precisamos estimular as exportações de Guiné-Bissau. A abertura da Embaixada em Brasília é um primeiro passo nessa direção.

Meu caro Presidente,

Guiné-Bissau é dotada de um rico mar territorial, mas utiliza pouco seus abundantes recursos pesqueiros por falta de infraestrutura adequada. Sua



agricultura e pecuária têm um extraordinário potencial ainda inexplorado para a produção de alimentos e de biocombustíveis. Com a ajuda dos recursos do Fundo Ibas, vamos desenvolver projetos voltados para o aproveitamento da energia solar e a produção e industrialização de alimentos.

É esse também o propósito da iniciativa que avançamos, em associação com a FAO, para compartilhar a experiência da agricultura tropical brasileira com os países africanos. Estou convencido de que a Guiné-Bissau tem todas as condições de trilhar o mesmo caminho.

Meu caro amigo Presidente,

A amizade entre brasileiros e guineenses é antiga e o futuro de nossa cooperação é ainda mais promissor. Estamos unidos pela língua, pela história comum e pelo desejo de construir um mundo mais justo.

É com esse espírito de esperança que convido todos a levantarem um brinde em saudação ao presidente Malam Bacai e ao povo da Guiné-Bissau.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de contrato do Corredor para Veículos Leves sobre Pneus (Pró-Transporte-PAC Copa 2014), de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida e de lançamento do edital para duplicação e recuperação da BR-101/BA

Salvador-BA, 26 de agosto de 2010

Bem, primeiro... eu, talvez... como não posso fazer nenhuma pressão para ser reindicado a alguma coisa, eu vou falar menos que os meus ministros, vou falar menos que... vou falar menos que o Hereda. E eu queria... Vocês vejam que a nossa Eva, ela começou com a desculpa de que era a primeira vez que ela ia falar na minha frente, falou como se fosse a “mulher da cobra”, quase não para mais. O Marcio, quando deixar o governo, vai montar um programa de auditório. Olhem... É bom falar com bala Walda na boca. Estou sentindo um clima...

Eu quero, primeiro, dizer para vocês da minha alegria de mais uma vez poder estar em Salvador para cumprir uma missão eminentemente institucional, e quando terminar essa missão institucional eu vou cumprir uma missão eminentemente política.

Nós não pudemos ir, eu e o Temporão, a Feira de Santana inaugurar o Hospital da Criança, porque chegamos a subir no helicóptero e no meio do caminho nós voltamos porque não tinha teto, muita nuvem, e nós resolvemos não correr o risco, até porque o mês de agosto é o mês não apenas de cachorro louco, mas é o mês de acidente de avião, sabiam? Historicamente, no mundo inteiro, o mês em que mais acontece acidente de avião é o mês de agosto. Eu lembrei que estava para terminar o mês e tinha uma nuvem muito feia na frente, eu falei: para que correr risco? Vamos voltar.

Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, na semana que vem o



Temporão volta lá para visitar o hospital. É um hospital construído em parceria entre o governo do estado e o governo federal. Certamente, a Eva vai dizer para vocês que tem mais dinheiro do governo estadual do que do federal. Aí eu fui ver, tem mais do federal do que do estadual. Mas o que é importante é que talvez seja o maior hospital do Brasil, ou senão o maior hospital de criança do Nordeste brasileiro, que vai atender a uma boa parte das cidades vizinhas de Feira de Santana. É uma coisa extremamente importante porque...

A única frustração que eu tenho no governo foi na noite que, por mesquinhez, nós perdemos a CPMF. Eu não conheço nenhum empresário que ficou 1% mais rico porque deixou de pagar a CPMF. Entretanto, a perversidade daqueles políticos que votaram contra era de tal magnitude, que eles tiraram R\$ 40 bilhões por ano da saúde brasileira. Tiraram achando que iam me prejudicar, numa atitude de ignorância sem precedentes “porque o Lula tem plano médico”. E se não tivesse, por ser presidente, todo mundo me trataria bem. Prejudicaram a parte pobre da população, que precisava do PAC da Saúde, porque tinham sido aprovados R\$ 24 bilhões no PAC da Saúde, além do dinheiro da saúde, só para a gente cuidar do povo brasileiro melhor. E eles, sem nenhum sentimento, votaram contra achando que aquilo iria me prejudicar. Temporão sabe que no dia do lançamento do PAC da Saúde, o então ex-ministro da Saúde Adib Jatene fez um discurso que muita gente chorou lá no plenário do Palácio do Planalto. E quando a gente achava que todo mundo ia votar, eis que os nossos adversários resolveram votar contra.

Eu, às vezes, João Henrique, fico triste porque não houve a pressão de prefeitos que deveria ter havido, porque eu sei que todos os prefeitos estão “comendo o pão que o diabo amassou” para tratar da saúde, eu sei que muitos prefeitos gostariam de fazer mais e não têm dinheiro para fazer mais. Eu imaginava que fosse haver mais pressão de deputados ou no Senado. É tão próximo o Senado da Câmara, é só atravessar de um tapete amarelo para um tapete azul. Não tinha um deputado lá, que tinha votado favorável, fazendo



pressão em cima dos senadores.

Então, eu tenho essa frustração. Mas eu estou feliz. Por que eu estou feliz? Porque nós estamos criando uma geração, uma geração de gente que redescobriu o planejamento e a capacidade de execução que os estados, a União e os municípios têm que ter. Porque a verdade é que houve um tempo em que as pessoas não faziam projeto porque não tinham dinheiro. A União não emprestava dinheiro porque também não tinha dinheiro. E houve um tempo que mesmo aqueles que tinham projeto não conseguiam ter financiamento porque a União tinha que fazer superávit para pagar as suas contas no final do ano e tinha que obedecer a determinados rituais impostos ao Brasil pelo FMI. Bom, tudo isso acabou.

Vocês se lembram de que eu tinha medo do segundo mandato. Uma das razões pelas quais eu não queria concorrer ao segundo mandato é que eu tinha medo da mesmice. A mesmice, Juca, é que nunca vai um ministro na minha sala para me dar uma boa notícia. A boa notícia eles comemoram sem me chamar. Eles só vão na minha sala para dizer: “Está faltando dinheiro, está contingenciando, está faltando isso, o Paulo Bernardo é isso, o Guido é aquilo, vai falir o Ministério”. Então eu fiquei pensando: eu vou ficar em um segundo mandato para ver a mesma coisa?

Quando nós tivemos a feliz ideia, e essas coisas me fazem acreditar que eu tenho sorte e um pouco de fé, é que nós pensamos em construir um projeto para os quatro anos seguintes. E aí construímos o PAC. Construímos o PAC da Agricultura Familiar, construímos o PAC da Ciência e Tecnologia, construímos o PAC da Embrapa, criamos o PPI para poder facilitar determinadas obras que fossem prioridade do governo, porque se a gente não tivesse isso, a prioridade de um ministro dos Transportes não é com o Brasil, é com a sua região. Se a gente deixa a coisa solta, entre fazer uma estrada na cidade do Lula e fazer na dele, ele vai fazer na dele; entre fazer no meu estado e no dele, ele vai fazer no dele. Era quase uma opção preferencial do ministro,



não era uma necessidade da nação, não era pensado estrategicamente o país. Era pensada estrategicamente a próxima candidatura de quem era ministro dos Transportes.

Eu aprendi uma lição, querido Juca, eu aprendi uma lição quando você lançou o programa Mais Cultura e quando a gente lançou o programa da Ciência e Tecnologia, que foram os dois primeiros programas que não foi o ministro que fez, mas que foi a comunidade da Cultura que ajudou a elaborar o Programa, e que foi a comunidade científica que fez o Programa. E aí, era uma coisa importante, porque não era a política de Cultura do Juca, ou não era a política de Ciência e Tecnologia do Ministério, porque a política feita por um ministro, ela vai embora quando o ministro sai do cargo. Embora o outro que chega... Todo discurso é assim. Aqui na Bahia também já deve ser assim, quando sai um secretário, o outro fala: “Eu vou dar continuidade”. Se fosse para dar continuidade, o outro não tinha saído. Ninguém sai porque é bom, às vezes. Às vezes o cara sai para ser candidato a uma coisa mais importante. Mas, se o programa não é do governo, qualquer... e é do ministro, o que acontece é que quando o ministro vai embora, o programa acaba e alguém começa novamente com as suas teses e com as suas ideias, e a gente vai fazendo aquele picado de obras, que elas param quando muda de governo, param quando muda de prefeito, param quando muda de ministro, param quando muda de governador. Isso acabou, com o PAC, isso acabou. Nós nos debruçamos em cima do mapa do Brasil, olhamos quais são as melhores oportunidades de integração, chamamos os governadores para discutir com eles as prioridades de cada estado, chamamos os prefeitos para discutir com eles as prioridades de cada cidade, e a partir daí nós construímos o processo de integração que culmina com, possivelmente, o maior momento de obra já vivido pelo nosso país, o maior momento de obra já vivido pelo nosso país.

Então, vejam o que está acontecendo hoje. O Brasil... nós estamos entre essa... essa Ferrovia Oeste-Leste, a Ferrovia Norte-Sul, a Transnordestina, a



rodovia lá do Araguaia a Rondonópolis, ou seja, nós estamos com quase seis mil quilômetros de ferrovia em andamento neste país, quase seis mil. Nós vamos terminar, até Anápolis... Só para vocês terem ideia de como este país esteve estagnado durante 20 anos. Se você pegar o presidente Sarney, que foi o presidente que começou a fazer a Ferrovia Norte-Sul, e você pegar depois dele o Collor; depois dele o Itamar, e depois dele o Fernando Henrique Cardoso, todos eles juntos, em 17 anos, fizeram 215 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. Nós, em oito anos, estamos fazendo 1.315 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul e já vamos fazer licitação de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para ligar com o Porto de Santos. Então, nós vamos ligar o Porto de Itaquí, no Maranhão, ao Porto de Santos, lá em São Paulo, e vamos ligar o Porto de Ilhéus à Ferrovia Norte-Sul em um futuro bem próximo. Aí nós precisamos vencer obstáculos. Da mesma forma que nós estamos fazendo 1.780 km de ferrovia, pegando Eliseu Martins, no Piauí, Suape e Pecém, e fazendo a Ferrovia Transnordestina, que se vocês puderem passar lá passem, que vocês vão ver praticamente 9 mil pessoas trabalhando, ao longo desses três estados.

Há muitos anos que o Brasil não via isso. O último momento de investimentos em infraestrutura foi nos anos [19]75, com dinheiro emprestado, que depois tornou-se a dívida externa impagável que fez a gente sofrer duas décadas. Nós estamos fazendo tudo isso sem tomar dinheiro emprestado, com dinheiro nosso, com financiamento nosso, dos nossos bancos. Essa é a grande novidade.

O país, então, está criando uma geração de pessoas que está aprendendo a fazer projetos, que está aprendendo a gerenciar. A geração anterior à nossa era a geração do “não”, era a geração do “não”. Quem foi de governo aqui sabe que a gente criava lei e criava órgão e não colocava funcionário. E tem gente que fala: “Ah, mas o Lula está gastando muito em custeio, muito em custeio”. Por quê? Porque se você quiser melhorar a



educação, você tem que contratar professores; se você quiser melhorar a saúde, tem que contratar médicos, enfermeiros, fazer hospitais; se você quiser... Qualquer coisa que você quiser fazer, você tem que melhorar o atendimento para as pessoas, que é o objetivo final.

Então, essa geração, nós, acho que deixaremos um legado importante para o Brasil. Eu, por exemplo, não recebi nem mil megawatts de herança inventariada pelo governo anterior. Nós vamos deixar o equivalente a 32 mil megawatts inventariados. Porque naquele tempo, se os índios cismassem de não deixar entrar ninguém lá dentro para fazer um estudo de viabilidade, não entrava. Hoje nós assinamos o consórcio de Belo Monte. Belo Monte, havia 30 anos – não eram 30 dias –, havia 30 anos que se pensava Belo Monte. Eu mesmo disse hoje que eu fui várias vezes a Belém fazer discurso contra Belo Monte, sem saber nem o que era Belo Monte. Mas se era para ser contra, eu sou contra. Até que eu me inteirei de Belo Monte, da importância dela para o país, da importância para o Pará, do que significa o potencial hídrico do país na produção de energia limpa. E hoje, depois de 20 anos que tinha sido proibido fazer o projeto, nós, se Deus quiser, começaremos a construir logo a terceira maior hidrelétrica, a quarta, talvez, do mundo, com potencial de 11 mil megawatts, pensada ambientalmente correta. Diminuímos o lago em praticamente 60%, tem 5 bilhões na obra que são para fazer reparação ambiental, política social, cuidar dos índios, cuidar dos pequenos produtores. Também não vamos mais fazer hidrelétrica como se fazia antigamente, que era escorraçar os pequenos, prometia-se coisas e não se cumpria aquilo e as pessoas ficavam abandonadas. Acabou isso, acabou isso. Isso é trabalhado junto com o projeto, e as empresas sabem disso.

E depois, também, uma coisa que nós aprendemos é definir prioridade. Um tempo desses, nós fizemos uma reunião com todo o Ministério, de infraestrutura, e o cidadão coloca em uma mesa, para discutir com o Presidente, uma obra de 4 mil megawatts junto com obra de 30 megawatts.



Ora, a de 30 megawatts, seja resolvida pelo Padilha. Para ir à mesa do Presidente, leva as coisas que realmente têm importância.

Eu, Prefeito, estou dizendo isso para dizer uma coisa, Prefeito. Eu vim aqui, 40 dias atrás, na inauguração deste palácio. Aí depois, nós descemos as escadas aqui e fomos a um ato, que eu não sei que diabo de ato era aquele, porque eu saí sem entender o que a gente estava fazendo ali. Mas o que eu sei é que tinha um protesto, tinha um protesto. E aí eu me inteirei do protesto, era faixa... a gente não consegue ler os cartazes todos que... O pessoal faz com letra miúda e o pessoal fica mostrando para a gente. Se quer divulgar, tem que mostrar para a imprensa. Eles ficam de costas para a imprensa, mostrando para mim as faixas. Não, virem para a imprensa e mostrem, para eles fotografarem. Mas eu fiquei sabendo que era um problema da orla. Nós temos um problema constitucional, que é proibido as pessoas construírem em terras da União na praia. Então, o Ministério Público entrou com um processo para desocupar a praia, reurbanizar a praia e tentar fazer uma coisa organizada. Isso já está rolando há quatro anos, não são quatro dias. Hoje eu cheguei aqui, outra vez esse problema se apresentou. Eu queria, Prefeito, dizer o seguinte, olhe... eu digo sempre o seguinte: eu não sou de deixar nem companheiro e nem amigo na beira da estrada, e muito menos eu sou, e muito menos eu sou de ficar torcendo: Ah, isso é problema do prefeito, é problema do governador, que é meu adversário, é problema do cara que eu não gosto, então deixa ele se lascar. Não.

Eu queria dizer, Padilha, esse é um compromisso que eu vou assumir. Eu já conversei com o Paulo Bernardo. Nós precisamos fazer, no caso da orla, dessas 350 barracas, que envolvem mil e poucas famílias, colocar em prática a forma toyotista de fazer as coisas. É preciso colocar em torno de uma mesa, convocar, em Brasília... Eu sei que tem uma reunião marcada para o dia 8 de setembro aqui, mas o meu medo é que comece uma reunião para marcar outra reunião. Então, é preciso estar presente o Paulo Bernardo, é preciso estar



presente quem vai decidir, é preciso chamar o Prefeito, é preciso chamar a Advocacia-Geral da União, é preciso chamar a Secretaria de Patrimônio, colocar todo mundo em volta de uma mesa, mapear o problema e mapear uma solução, para a gente dizer para essas pessoas “Olhe, ou a gente vai fazer de verdade, ou a gente logo desengana e diz que não vai fazer”, porque não tem nada pior do que ficar mentindo para as pessoas: “Eu faço, eu não faço; eu faço, eu não faço; eu faço, eu não faço”. A verdade, a verdade é dura, mas ela tem que ser contada. Ela tem que ser contada para mim, para o Prefeito, para o Ministro da Fazenda, que às vezes acha que ajudar 500 pessoas é muito caro. É assim a nossa vida.

Então, Prefeito, eu estou assumindo um compromisso aqui, de que vou ajudar a cidade de Salvador, tentando resolver esse problema dos pequenos coitados que, muitas vezes, parece que atrapalham, mas é melhor eles estarem ali do que estarem com um revólver, numa esquina, assaltando uma pessoa. Então é melhor cuidar disso. Então, eu estou assumindo aqui um compromisso público com o Prefeito de que nós vamos cuidar disso. Vou conversar com o Governador daqui a pouco e nós vamos tentar encontrar uma solução definitiva para isso. Obviamente, obviamente que eu sei que tem até gente que precisa de ajuda financeira, tem até gente que precisa, sobretudo os menores, mas não é possível pensar nisso agora porque nós estamos em época eleitoral e qualquer coisa que a gente fizer é motivo de processo, um monte de coisas. Então, vamos, vamos deixar passar esses 30 dias, mas nós vamos encontrar uma solução antes desses 30 dias, porque é preciso dizer: pode ou não pode; vamos fazer assim, assim; vai atender 100%, vai atender... é 80%, é 80%. É muito melhor juntar todo mundo e dizer a verdade do que a gente ficar “Não, amanhã eu vou fazer, depois eu faço”, e, nessa brincadeira, termina um mandato, dois mandatos, e a gente não consegue resolver esse problema.

Como eu vou deixar a Presidência e quero vir passar muitos dias



passeando na orla de Salvador, eu não quero ser admoestado por um companheiro da barraca ali. Na hora em que eu pedir uma geladinha, ele fala: “Para você eu não dou, porra, você não resolveu”. Não, eu quero [ouvir ele] falar: “Presidente, companheiro Presidente, eu vou lhe dar uma cervejinha gelada”. E se vacilar, eu não vou nem cobrar [pagar]. Quem sabe, quem sabe. Então, eu vou...

Bem, por último, por último... O copo é patrimônio do Estado? Bota na conta do ministro Paulo Sérgio. Bem, por último, companheiros, dizer para vocês que a minha alegria... Eu não vou falar dos projetos da Caixa, que já foram falados aqui, apenas dizer para vocês o seguinte: todo mundo que é provocado, todo mundo que é cobrado e todo mundo que tem oportunidade faz as coisas.

Quando nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida – aqui tem empresários da construção civil e tem o presidente do Sinduscon –, o primeiro setor a ser consultado foram os empresários, o primeiro setor. E o que eu ouvi, na época, da Ministra-Chefe da Casa Civil, em resposta à reunião que ela teve com os empresários? “Presidente, eles disseram que eles podem fazer 200 mil casas”. Eu falei: mas 200 mil casas não é um grande programa, isso até os meus adversários fazem. Eu quero é fazer mais, eu quero é fazer mais. Aí, fomos falar com o meu companheiro Guido Mantega, ministro da Fazenda, eu falei: Guido, nós queremos fazer um programa habitacional e nós precisamos privilegiar o pessoal de zero a três [salários mínimos], vai ter que ter uma ajudazinha, um subsidiozinho, como é que a gente faz? “Ah, eu acho que dá para fazer 500 mil casas”. Eu falei: Guido, 500 mil casas não é um grande projeto. Nós precisamos fazer mais, Guido. Bem, aí, ô Temporão, tivemos a ideia de fazer 1 milhão de casas. A primeira coisa que nós descobrimos, na primeira reunião com a Caixa Econômica Federal, era que como a Caixa Econômica tinha perdido a prática de fazer essas coisas, porque tinha entrado em uma rotina... sabe a rotina da normalidade, de quem faz o que pode e não o



que precisa? É verdade. A Caixa tinha uma quantidade de penduricalho, era uma dificuldade tão grande, que chegava a cobrar seguro de uma casa que, às vezes, a prestação era mais cara do que o aluguel que o cara pagava da casa. Na época, eu lembro que eu falei com vocês que eu recebi um telefonema: “Eu pago R\$ 85,00 de seguro e pago 70 de aluguel... de prestação”. Aí eu perguntei para a minha querida companheira Maria Fernanda: Quantas pessoas morrem antes de fazer... de pagarem o financiamento?. “Ah, é quase ninguém, Presidente”. Eu falei: Então para que cobrar seguro? A gente devolve no final do pagamento, se não morreu?. “Não, não devolve”. Então, a gente foi criando um monte de taxas, um monte de coisas que era... momentos em que a Caixa, todo dia, era denunciada que era deficitária... Foram tempos difíceis que a Caixa viveu, também, porque as pessoas não queriam banco público. As pessoas queriam privatizar a Caixa, privatizar o Banco do Brasil, o BNDES, a Petrobras, e daí para a frente.

Nós, então, fizemos uma série de... foram umas 15 discussões, com todo mundo, com todo mundo, tinha mais de dez ministros, toda a Caixa, e nós bolamos um modelo de construir casa para as pessoas que ganham até 03 [salários mínimos]... o cara vai pagar hoje quanto? Cinquenta reais? Cinquenta reais. E aí, sabe o que disseram? - Olha... o pessoal nosso mesmo atrapalhando eu falar. Ô Eva, vai lá dizer...

Bem, e aí uma discussão que a gente teve quando, quando “Ah, vamos dar um dinheiro para o movimento social fazer casas”. O primeiro argumento: “Ah, mas eles não estão preparados, vai ser difícil. Eles falaram que vão fazer dez, mas vão fazer uma”. É verdade que tinha... é verdade que entre a gente ter vontade de fazer e fazer, tem todo um processo de aprendizado. Então, nesse processo, a Caixa aprendeu muito, o governo aprendeu. A Caixa aprendeu tanto, que quando nós começamos o Minha Casa, Minha Vida, a primeira coisa foi os engenheiros entrarem em greve. Na primeira sensação de oferecer trabalho para eles, eles entraram em greve. Então, a Caixa aprendeu,



o governo aprendeu, o ministro da Fazenda aprendeu, o ministro do Planejamento aprendeu, e o movimento social aprendeu, e os empresários aprenderam, e os prefeitos e governadores aprenderam. Nós temos uma cota igual para todos os estados, proporcional ao número de habitantes. Agora nós estamos ajudando mais e dando um apoio maior pela competência: o governador e o prefeito que fizeram mais têm direito a mais casas para eles fazerem, do PAC... do Minha Casa, Minha Vida 1. E assim, assim vale para outras coisas, vale para outras coisas em todas as áreas.

Então, nós vamos deixar aqui um legado, que é uma nova geração que voltou a ter, no Estado, algo indutor, promotor e fiscalizador do modelo de desenvolvimento do Brasil. Isso é sagrado. Porque tinha prefeito que entrava, no mandato inteiro não fazia um metro de buraco para colocar uma manilha, drenagem era proibido falar neste país, e a geração que governou este país entre a década de 60 e a década 70 ou a década de 80, tem muita responsabilidade pelas palafitas criadas neste país, pelas ocupações desordenadas na beira de córrego. Porque quando tem um caso e a gente começa a resolver, é um problema habitacional, mas quando deixa juntar 20 mil é um problema social de magnitude que a gente não sabe o que vai acontecer.

Houve um momento em que, como o país não crescia, não gerava emprego, não gerava oportunidade, na medida em que as cidades iam ficando mais altas porque os ricos iam comprando cada vez mais apartamentos maiores porque precisavam de mais segurança, o asfalto ia chegando, os pobres iam sendo afugentados para a periferia. A cada metro de asfalto era um metro que o pobre ia sendo afugentado, sendo afugentado, ocupando mangue. Quando o mangue estava bem ocupado, bem aterrado, aí chegava uma empresa, dessas imobiliárias, ia para cima, comprava briga, pegava um advogado, às vezes arrumava até registro ilegal daquela propriedade, colocava... era verdade, era... este país era terra de ninguém.



Nós não fizemos tudo ainda e nem seria possível, nós não fizemos tudo ainda e não seria possível. Mas a verdade é que nós estamos mostrando que tem um jeito de fazer as coisas, tem um jeito, e basta querer fazer as coisas que a gente fez. Hoje o Brasil tem projetos, hoje o Brasil tem dinheiro, hoje o Brasil tem gente que sabe gerenciar, tem gente que sabe fiscalizar e tem gente que sabe executar. Esse é um legado que a gente vai deixar para este país, e eu não tenho dúvida nenhuma de que o país vai andar cada vez mais rápido.

Hoje, com o aprendizado que nós tivemos... Ainda faltam muitas coisas para serem resolvidas: marco regulatório para a questão ambiental... Nós precisamos ter tempo para as pessoas fazerem as coisas, porque não tem tempo. Às vezes, tem uma obra que para um ano e meio, dois anos, três anos. Nós precisamos mudar a Lei de Licitação, não é possível ela continuar do jeito que está. Eu... Às vezes, uma empresa perde uma licitação, entra na Justiça e fica três anos segurando a obra, e ninguém, e ninguém assume a responsabilidade pelo prejuízo que o país está tendo. Às vezes, é o Ministério Público que levanta suspeita sobre uma coisa, e quando sai uma notinha no jornal, a primeira coisa que faz é parar a obra, porque todo mundo tem medo. O funcionário público sabe que se o nome dele aparecer no jornal e o Ministério Público for atrás, ele vai ter seus bens disponibilizados e ele que vai ter que contratar advogado, ele vai ter que pagar do seu salário. Então, é assim, é uma coisa maluca que criamos no país.

Aqui no Canal do São Francisco, eu já contei isso muitas vezes – o Stuckinha já está cansado de gravar aí –, mas eu não contei para vocês ainda, da imprensa. Aqui, um dia, numa conversa, um general responsável por um trecho da obra viu uma pedra e falou: “Nossa, parece uma machadinha indígena”. Tinha uma antropóloga, já cercou a área, seis meses parou a obra, seis meses. Ora, que desconfie, que vá lá, faça o levantamento, mas deixe a obra trabalhando. Quem é que paga o prejuízo de uma obra parada seis meses? Quantas vezes o metrô, aqui, foi parado? Uma vez pararam o metrô de



Fortaleza seis meses: “sobrepço”. Aí, depois: “Ah, não tinha sobrepço”. Aí volta a fazer. Mas quem paga esses malditos seis meses que a obra ficou parada? Qual é o custo disso para a nação? Aí dizem que o custo-Brasil é o salário do peão: “Ah, o trabalhador ganha muito, tem férias, tem até décimo-terceiro. O custo-Brasil é...”

Então, eu acho que nós conseguimos fazer o Brasil se enxergar por dentro. Eu, eu estou convencido de que não tem retorno. Estou convencido de que daqui para a frente o Brasil vai, cada vez mais, dar passos mais importantes, dar passos mais largos e fazer mais coisas, porque nós aprendemos. Aprendemos, e acho que o empresariado aprendeu muito, o governo aprendeu muito, os sindicalistas aprenderam muito, acho que... A imprensa vai precisar aprender um pouco ainda, porque eu nunca vi gostar tanto de notícia ruim. Parece que notícia boa... é impressionante! Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, acho que o mundo sabe o que está acontecendo no Brasil.

Então, eu vim aqui a Salvador anunciar investimentos da ordem de R\$ 627 milhões. Não sei se foi todo ou se foi só... porque o Paulinho é pequeno, mas falou, aqui, grosso. Aqui surgiu uma baianidade que ele não tinha mostrado até então, a pernambucanidade dele, não tinha... aqui o “bicho” falou grande e ainda provocou os torcedores do Bahia: “Sou Vitória e não tem para ninguém”. Meus parabéns, Paulinho. Parabéns.

Eu só quero, Paulo (incompreensível), quero pedir para você o seguinte: essa ferrovia, nós temos que vir dar início de obra dela antes de eu deixar o meu mandato. Porque é importante ficar de olho: tem gente contra, tem gente contra porque tem gente que não quer o porto em Ilhéus. Ora, se não tiver o porto, para que a ferrovia? Eu não posso trazer um trem cheio de carga aqui e voltar com ela. Isso não é, não é uma linha de folguedo, isso é um negócio para desenvolver o país. Mas tem gente, tem gente que tem, acho que terras aí, e fala: “Ah, um porto vai atrapalhar a visão do paraíso que eu tenho”. Vocês



sabem de quem eu estou falando.

Então, tratem de ajudar a gente a fazer esse porto, porque o porto é a razão para a gente poder trazer... Nós não vamos começar se não tiver a decisão do porto e a decisão da ferrovia junto. Eu não vou fazer como em São Bernardo. Uma vez desapropriaram o prédio do sindicato onde eu fui presidente, fizeram um viaduto e passaram oito anos para descobrir para que servia o viaduto. Eu não posso fazer uma ferrovia se não tiver o porto do lado. Então... Ô Paulinho, então o negócio da caverna tem que resolver antes, Paulinho. Você tem que sentar com a Ministra do Meio Ambiente, que diz que tem uma caverna que [onde] o trem vai passar. Nós, obviamente que não podemos ver o trem desembocar na caverna. Então, trate de resolver isso, Paulinho, para a gente não começar a fazer a obra e depois parar a obra porque tem problema.

Dito isso, companheiros, eu quero me despedir. Está terminando o meu ato institucional, acabou. Eu vou picar o meu cartão, aqui, de Presidente: pá, piquei o cartão. Agora quem quiser ir comigo à Praça Castro Alves, podemos ir.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura do contrato de concessão da Usina Hidrelétrica
Belo Monte**

Palácio do Planalto, 26 de agosto de 2010

Minha querida companheira Erenice,
Meu querido companheiro Márcio,
Meu querido companheiro Luís Inácio Lucena Adams – ele estava
querendo colocar Luís Inácio Júnior. Eu falei que não é importante colocar.
Companheiros deputados federais,
Meu querido companheiro Nelson Hubner, diretor-geral da Aneel,
Carlos Raimundo Albuquerque Nascimento, diretor-presidente da Norte
Energia,
Senhores representantes das empresas do consórcio,
Companheiros dos fundos de pensão, da Funcef, da Petrus e da Previ –
acho que todos contribuíram, aí, cada um com 10% de participação neste
projeto,
Meus companheiros e companheiras,

Acho que nós precisamos guardar o dia de hoje na nossa memória e,
quem sabe, no livro que vai contar a história do setor elétrico brasileiro. É uma
pena que não esteja aqui a nossa Ministra do Meio Ambiente. Certamente, está
ocupada com outro projeto.

Mas o que está acontecendo hoje aqui é o fim de um período em que as
pessoas tinham medo de governar; o fim de um período em que as pessoas
tinham medo de debater. E o que está acontecendo hoje aqui, que vai passar
para a história, é que nós estamos tornando possível algo que durante 30 anos
parecia impossível.



Por que é que se tornou possível uma coisa que era impossível? Porque o Estado brasileiro é mais Estado do que era um tempo atrás. Porque a Eletrobrás voltou a ser uma empresa participante do mercado e porque o Estado brasileiro entendeu que se ele não entrasse no compartilhamento de responsabilidades de uma obra dessas, sozinha, era muito difícil alguma empresa privada assumir a responsabilidade de fazer uma obra com o custo que tem a nossa Hidrelétrica de Belo Monte.

Mas também se tornou possível porque nós resolvemos quebrar os preconceitos, as barreiras. E não quebramos isso como durante um longo tempo neste país foi feito, em que o Estado não dava a menor importância para aqueles que estavam do lado de uma hidrelétrica gritando que estavam sendo prejudicados e, em vez de conversar, muitas vezes o Estado os tangia de lá com os seus aparatos policiais.

Nós aprendemos, já na discussão de Jirau e Santo Antônio... E apenas uma correção, Zimmermann: não é daqui a 30 meses que vai funcionar a primeira turbina. Uma primeira turbina já vai funcionar ainda em dezembro de 2011, e a Santo Antônio vai funcionar, já, a usina, em março de 2012. Portanto, nós teremos aí menos de 20 meses com – já - turbinas funcionando.

Nós resolvemos, então, conversar com pessoas, e vocês sabem que ainda tem gente contra. Vocês, certamente, acompanham os panfletos, os manifestos, os processos na Justiça contra. Não apenas contra Belo Monte, contra qualquer projeto de hidrelétrica. Às vezes contra o Luz para Todos porque tem gente que não quer que leve energia à casa do índio porque vai mudar a cultura do índio. Tem gente que não quer... Tinha gente que dizia que eu não gostava de música clássica. Eu não gostava porque eu nunca tinha ouvido. Mas uma vez eu ganhei um prêmio na Áustria, e fui a Viena assistir a um concerto, fiquei apaixonado e me perguntando por que não me deram chance de ver aquilo muito tempo antes.

Então, nós vencemos também essa parte do preconceito, com uma



discussão séria, e ainda temos a disposição... por isso fizemos um decreto e por isso criamos um grupo de trabalho, para que a gente apresente, concomitantemente – não é depois –, aquilo que as pessoas que serão afetadas direta ou indiretamente pela construção de uma hidrelétrica irão receber como benefício do projeto.

Na medida em que a gente apresente concomitantemente e a gente comece a fazer as duas coisas simultaneamente, as pessoas vão perceber que nós não as estamos enganando, que nós estamos trabalhando sério nessa questão social, que nós estamos partilhando os benefícios que o Estado brasileiro vai receber com o seu desenvolvimento, com aqueles que historicamente ocupavam as áreas que nós vamos precisar ocupar.

Obviamente que qualquer pessoa de bom senso sabe que o projeto que nós estamos empreendendo hoje é menos agressivo ao meio ambiente do que era o projeto original. O projeto original, no mínimo era 50% maior do que este projeto, o lago era muito maior. Na medida em que a gente começa a compreender que a questão ambiental também não é uma questão secundária, como a gente tratou durante muito tempo, e que nós precisamos levar a sério essa questão ambiental, nós, então, passamos a compreender que era possível fazer um projeto melhor, mais adequado, e tivemos mais gente do nosso lado, tivemos mais gente compreendendo. Você não foi mais atacado por facão. Nós vimos, quando eu fui lá na cidade de Altamira, nós vimos índios falarem defendendo o projeto, a prefeita defendeu o projeto, o governador... a governadora defendeu o projeto. E nós estamos hoje aqui dizendo: finalmente, nós vamos começar aquilo que já era tido como perdido no cenário das hidrelétricas brasileiras.

Acho, Zimmermann, que nós precisamos melhorar um pouco ainda as coisas que nós fazemos no setor elétrico. Por exemplo, na última reunião de que eu participei com todo o setor elétrico, muitas vezes nós colocamos uma usina de 50 megawatts no mesmo bojo de uma discussão de usina de 3 mil



megawatts, 2 mil megawatts, e às vezes você perde o mesmo tempo para discutir uma usina de 50 megawatts. É preciso que a gente comece a separar, por importância estratégica para o país e para o desenvolvimento, as discussões, que se criem fóruns diferentes porque os problemas são muito diferentes.

Eu até brincava, esses dias: se é verdade que a gente não pode fazer Tijuco Preto – é isso? – por conta das cavernas, nós vamos ter coragem de dizer que não é possível fazer. O que não dá... o Antônio Ermírio de Moraes era jovem quando ele queria fazer aquilo. Ele já está, já está... É Tijuco Alto? Tijuco Alto. Já faz 40 anos que se fala em Tijuco Alto: pode ou não pode, pode... e aquilo está no mapa do Ministério, aquilo está na prateleira do Ministério, aquilo está na Casa Civil, aquilo está na Presidência. Ora, se não pode fazer, digamos que não pode fazer e tira do mapa, e vamos pegar outro assunto e discutir. Por que é que a gente fica perdendo tempo com coisa que a gente sabe que não vai dar certo?

Agora estamos para fazer o lançamento da Ferrovia Oeste-Leste, na Bahia. Ontem eu viajei com o Ministro dos Transportes e ele me dizia o seguinte: “Mas tem o problema da caverna”. Eu falei: gente, ó, se tiver, se tiver caverna lá embaixo, vamos mudar logo esse projeto e passar por fora da caverna. Por que ficar teimando com a caverna se a gente sabe que não vai poder passar por cima da caverna? Por que ficar teimando? Porque alguém colocou no papel?

E aí, quando a gente faz isso, aparecem as coisas malucas que eu acho que vocês todos deveriam colocar no papel para a gente fazer um livro, das coisas hilariantes que acontecem no Brasil e que ninguém assume responsabilidade. Às vezes aparece um osso, as pessoas pensam que encontraram um sítio arqueológico, e passam-se anos, ali, parada a obra, e depois foi uma coisa que não era de nenhuma importância. Há pessoas que acham uma pedra e acham que parece um machadinho indígena, e para a



obra oito meses, ali, para tentar ver, depois descobre que não é nada. E ninguém arca com o prejuízo, ninguém arca com a responsabilidade, ninguém diz quanto o povo brasileiro está pagando por esses atrasos, por essas irresponsabilidades.

Então, eu, agora, pedi até para fazer para mim... Eu gostaria que quem trabalha em hidrelétrica fosse colocando no papel os casos hilariantes. Tem casos certos, tem casos de denúncia que são certos, porque também no meio de muitos projetos de engenharia feitos neste país tinha gente tentando passar trambique que não era possível passar, e que hoje não é mais possível passar.

Então, nós temos consciência de que fazer as coisas bem feitas custa mais barato, é mais eficaz, leva menos tempo e a gente tem mais apoio. Tentar fazer a coisa malfeita custa mais caro, a gente arruma muito inimigo, tem muito protesto e as coisas não acontecem.

Eu, agora, quando fui inaugurar o viaduto lá na BR-101, no Rio Grande do Sul – eu já pedi para o Paulo Sergio que eu quero fazer um monumento à perereca –, uma pererequinha que parou a obra durante seis meses, estudando... E agora tem outro problema que descobriram lá: um lugar que parece que tem a ova dela e que está paralisado também. Então, quero fazer um monumento para essa... se ela é tão importante, fazer um monumento para essa pererequinha, junto com a placa do viaduto.

Então, eu gostaria, companheiros, eu gostaria de dizer para vocês o seguinte: eu, daqui a quatro meses, não serei mais presidente da República, mas eu tenho fé em Deus de estar vivo para ver Belo Monte ser concluída. Eu sei o tanto que muitos de vocês brigaram, eu sei... o Silas está aqui, o ex-ministro, o quanto que ele tentou fazer isso andar, e eu acho que nós chegamos no ponto. Nós encontramos um ponto de equilíbrio, porque o estado do Pará não pode ser apenas um exportador de minério de ferro. Nós estamos discutindo levar para lá, já fomos começar a terraplanagem de uma siderúrgica, é preciso desenvolver aquele estado. E como desenvolver se a gente não tiver



energia farta para levar para lá, e tem um potencial extraordinário? Já Tucuruí e, agora, Belo Monte.

Então, eu quero agradecer, Erenice, primeiro, à Casa Civil, porque quando as coisas chegam à minha mão para decidir elas já estão tão mastigadas que parecem um caldinho, uma canja, o mais difícil já foi feito. Eu quero agradecer ao ministro Zimmermann e aos ministros que vieram antes dele, porque todos trabalharam.

E dizer para vocês que a construção de Belo Monte é apenas a demonstração de que não existe nada impossível. Quando alguém quer fazer, alguém é perseverante e alguém tenta descobrir todos os obstáculos para vencê-los, a gente consegue fazer. Então, hoje é uma vitória da diplomacia do setor energético, que resolveu conversar mais do que brigar; é uma vitória da diplomacia do governo, sobretudo do estado da nossa querida governadora, que deveria estar aqui, mas por uma questão eleitoral não pode estar aqui, mas todo mundo sabe que o governo do estado tem uma importância enorme quando quer que um projeto desses aconteça, porque tanto você pode instigar gente para ser contra, como gente para ser a favor. Vocês não imaginam quantos discursos eu fiz contra Belo Monte, sem nem saber o que era. Me diziam “fala”, eu falava. E é exatamente no meu governo que acontece Belo Monte.

Então, eu acho que é uma vitória... é uma vitória do setor energético brasileiro, sobretudo depois da decisão que a gente tomou de fortalecer a nossa Eletrobrás, ou seja, não adiantava nada a gente ter uma empresa pública que era proibida de participar de leilão, era proibido construir. Então, não existia. Existia apenas para receber a dívida de Itaipu. Hoje não, hoje é uma empresa que tem capacidade de aportar recursos, tem capacidade de assumir compromissos. Eu tenho dito aos companheiros: quando alguém não quiser fazer, vamos dizer que a gente faz, porque na hora em que a gente assumir fazer, os parceiros aparecerão. Não dá... governo nenhum pode



trabalhar com espada na cabeça. Essa política de “dá ou desce”, para governo não serve.

Então, nós estamos preparados, as nossas empresas estão preparadas... (incompreensível) não fique rindo não, que a eclusa é agora em setembro, meu filho, e eu estou indo lá.

Então, eu quero dar os parabéns a vocês, a todos que participaram desse leilão, a todos que vão ser parceiros, e eu penso que nós estaremos vivos para desmistificar as coisas que contaram sobre Belo Monte.

Eu já pedi para você me arrumar, Zimmermann, Samek, todas as histórias que contaram sobre Itaipu. Itaipu, quando a gente estava fazendo... eu era contra Itaipu também, eu era contra. Hoje ninguém faria Itaipu, sobretudo, hoje ninguém cobriria as Sete Quedas, porque aquilo foi uma violência... Quem conheceu as Sete Quedas, como eu conheci, não poderia efetivamente a gente ter coberto de água aquilo lá.

Mas o dado concreto é que Itaipu, diziam que iria mudar o eixo da Terra, diziam que iria mudar a temperatura na região, diziam que iria ter terremoto, diziam que... Os argentinos diziam que era para inundar Buenos Aires. É preciso a gente pegar todas as coisas hilariantes que foram falando ao longo do tempo para a gente poder ir provando... e também as coisas boas, que nos alertaram para melhorar os projetos, mas para a gente mostrar as coisas absurdas que muitas vezes justificam o atraso a que este país foi submetido. A gente poderia estar uns dois, três, quatro degraus à frente, mas por essas coisas todas nós nos complicamos e a coisa não andava.

Eu acho que agora, depois disso, fazer o Complexo Tapajós, fazer as hidrelétricas-plataformas, que eu gostaria que a gente discutisse mais a sério, não ficasse só naquele filminho que você faz, Zé Antônio. Eu já vi aquele filme umas 30 vezes, é preciso sair o projeto concreto agora, para a gente começar a discutir e começar a colocar em prática.

No mais, gente, parabéns. Eu espero que a gente comece logo as obras



para a gente poder ir fazer uma visita a Belo Monte.

Um abraço, boa sorte e parabéns a todo o setor energético. Para a imprensa, o companheiro Márcio Zimmermann vai falar com a imprensa, agora, sobre o setor energético.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira etapa do campus Agreste da UFPE
e de entrega das instalações do campus Caruaru IFPE**

Caruaru-PE, 27 de agosto de 2010

Minha querida companheira, primeira-dama do estado de Pernambuco,
Renata Campos,

Meus queridos companheiros ministros da Educação, Fernando Haddad;
da Ciência e Tecnologia, Sergio Machado Rezende; e Franklin Martins, da
Secretaria de Comunicação Social.

Querido companheiro Fernando Bezerra, secretário estadual do
Desenvolvimento Econômico do estado de Pernambuco,

Magníficos Reitores Amaro Henrique Pessoa Lins, reitor da Universidade
Federal de Pernambuco e Sérgio Gaudêncio Portela, reitor do Instituto Federal
de Pernambuco,

Nosso querido companheiro José Queiroz, prefeito de Caruaru,

Dom Bernardino Marchió, bispo da Diocese de Caruaru,

Querido companheiro Ian Ivanovich, presidente da União Brasileira de
Estudantes Secundaristas,

Nossos queridos companheiros estudantes, Rosângela Ximenes e
Marcelo Oliveira Júnior, que falaram aqui, por meio de quem cumprimento os
demais estudantes,

Companheiros da imprensa,

Amigos de Caruaru,

Companheiros e companheiras,

Primeiro, eu não vou falar de educação, depois de ter falado o Ministro
da Educação, de ter falado dois estudantes e os dois reitores. Eu queria falar



com vocês sobre o momento que o Brasil está vivendo e o momento que o Nordeste está vivendo.

Eu tinha, na minha consciência... eu tinha, na minha consciência, a clareza de que era preciso a gente, para mudar o Brasil, mudar um pouco a realidade regional tão discrepante no nosso país. As estatísticas do Brasil, quando o IBGE publicava uma estatística, quando se tratava de coisa boa era o Sul e o Sudeste, quando se tratava de coisa ruim era o Norte e o Nordeste.

Então, o Nordeste era a região do Brasil que tinha menos doutores, que tinha menos pesquisadores, que tinha menos mestres, que tinha menos engenheiros, mas, ao mesmo tempo, era a região do Brasil que tinha mais desnutrição, mais mortalidade infantil, mais analfabetismo, menos doutores, menos universidades, ou seja, menos jovens, portanto, na escola. E não era possível a gente tornar o Brasil mais equânime, se a gente não atacasse rapidamente o enfrentamento, as distorções que existiam no nosso país. E isso está acontecendo.

Eu posso aqui, meu caro amigo José Queiroz, eu posso aqui, meu caro Fernando Bezerra, sem ter nenhum número na mão, nenhum número, dizer para vocês que se vocês quiserem pesquisar de 30 anos para cá, ou se quiserem pesquisar de 40 para cá, o Nordeste brasileiro nunca recebeu a quantidade de investimentos que está recebendo agora. Nunca recebeu. Nunca! E não apenas Pernambuco, porque é o meu estado, mas todo o Nordeste brasileiro. E não só o Nordeste, eu duvido que São Paulo, que o Rio Grande do Sul, que o Paraná, que Santa Catarina, que Minas Gerais ou que o Espírito Santo receberam também, nos últimos 30 anos, a quantidade de dinheiro que receberam no meu governo. Duvido. Por uma razão muito simples: nós, ao quisermos desenvolver o Nordeste, nós não queremos tirar nada de nenhum estado. Nós queremos apenas dar aos estados mais pobres do Nordeste a mesma oportunidade que os outros já tiveram.

Então eu fico, meu caro José Queiroz, feliz, porque há algum tempo, se



eu quisesse ver uma orquestra tocar, eu tinha que ir ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro ouvir a Orquestra de Brasília ou a Sinfônica de São Paulo. E, hoje, eu ouvi uma orquestra de meninos pobres no aeroporto da cidade de Caruaru. Eu vejo a Orquestra lá da Favela do Coque, em Recife. Então, era preciso criar essas condições.

Uma coisa extremamente importante que o Ministro da Ciência e Tecnologia me disse: até antes de nós chegarmos ao governo, a formação de mestres e doutores no Nordeste significava apenas 1,3% de todos que são mestres e doutores que se formavam. Hoje, já está a 9,7[%] de todos os doutores que estão se formando aqui no Nordeste.

Quando nós decidimos fazer escolas técnicas profissionais, era quase por uma decisão de experiência de vida. Ou seja, eu não tinha tido a oportunidade de estudar. Graças a Deus, todos os meus filhos já têm diploma universitário. Mas nem eu e nem oito irmãos conseguimos chegar além do primário. Eu quase virei doutor porque fiz o Senai, quase virei doutor.

Então, eu digo, porque é preciso mexer com a cabeça dessa meninada: eu fui o primeiro filho, de oito que a minha mãe teve, a ganhar mais que um salário mínimo; eu fui o primeiro a ter uma casa; eu fui o primeiro a ter um carro; eu fui o primeiro a ter uma televisão; eu fui o primeiro a ter uma geladeira, por conta de uma profissão que eu aprendi na vida. E é por isso, é por isso que eu tenho autoridade moral e política de dizer para a juventude deste país: vocês precisam ter consciência que hoje o saber, o conhecimento é que faz a diferença e que dá oportunidade para a gente crescer ou não crescer. Quando vocês tiverem uma profissão, seja ela qual for, vocês serão mais cidadãos do que se vocês não tiverem uma profissão.

Por isso é necessário estudar agora. Estudar e estudar. Não há nenhuma razão para que um jovem fique desmotivado: “Ah, meu pai está desempregado. Ah, meu pai brigou com a minha mãe. Ah, eu não sei das quantas”. Não existe, não existe uma palavra que possa desmotivar um jovem



a estudar, a não ser se ele estiver doente, porque o estudo de vocês hoje significará a independência de vocês amanhã, para o homem e para a mulher. Para o homem é necessário, porque todo mundo precisa vencer na vida, todo mundo quer constituir família, todo mundo quer ter filho e todo mundo quer cuidar da família dignamente. Mas para a mulher é mais sagrado, porque nenhuma mulher tem direito de ser submetida a um homem porque depende de um prato de comida que ele leva para casa. A mulher... a mulher e o homem, eles têm que viver juntos porque querem viver juntos, porque se respeitam, porque gostam um do outro e porque querem ficar juntos; ninguém é obrigado a ficar com ninguém.

Acontece que se a mulher não tiver uma profissão e ela tiver dois ou três filhos, ela se submete a muita coisa, porque ela não trabalha fora. E a mulher, quando trabalha fora, que tem o seu salário, ela fica mais dona da situação. Quando, quando os “Lulas” da vida chegarem em casa falando grosso com a mulher, ela fala: “Espera aí, meu filho, fale baixinho, fale baixinho, me respeite, me respeite, que eu quero conversar com você em igualdade de condições”. E, aí, viver em harmonia, construir a família em harmonia, e a gente vai viver feliz para o resto da vida. No meu caso, eu já estou casado há 36 anos com a minha galega chamada Marisa.

Pois bem, nós tínhamos consciência de que era preciso fazer o Nordeste dar um pulinho a mais, era preciso fazer o Nordeste. E aqui, no Nordeste, nós temos algumas obras, Fernando Haddad, nós temos obra que esse povo esperava há um século: a transposição das águas do Rio São Francisco, para levar água para a região mais pobre de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará.

O Imperador Dom Pedro tentou fazer, em 1847, em 1847, ele que era Imperador, tentou fazer e não conseguiu, por conta das pressões políticas. E nós... Vários outros presidentes tentaram fazer. Tinha presidente que era assim, tinha presidente que dizia que ia fazer, mas a Bahia era contra, então



ele chegava na Bahia, dizia que era contra; o Ceará era favorável, no Ceará ele dizia que era favorável. Ou seja, e um monte de políticos de duas caras, nunca conseguiram fazer.

Pois bem, quem quiser ver e quem quiser fazer um passeio, vá fazer em um canal de 642 quilômetros que vai trazer água do Rio São Francisco para 12 milhões de nordestinos do semiárido, que passam sede. Vocês, jovens, não passaram por isso, mas um dia, talvez, a ciência vai provar que o fato de eu não ter pescoço é de carregar pote d'água na cabeça com dez anos de idade. Você já carregou caçua na cabeça? Não. Não, você não sabe. O pescocinho engrossou de tanto colocar... a cabeça ficou até quadrada.

E eu acho que não é justo, não é justo que alguns tenham água gelada na geladeira e os outros tenham que buscar... Eu ia, Zé Queiroz, buscar água em um lugar conhecido como o Açude de Tozinho, lá em Caetés. A gente chegava em casa com um pote d'água, tinha um palmo de barro, lesma, caramujo, sujeira de vaca, sujeira de cabra, de cavalo. A gente tinha que esperar aquela sujeira assentar, tirar a água na canequinha, colocar em um outro pote e beber. Quando eu saí de Pernambuco para São Paulo, minhas pernas eram da grossura desse dedo e a barriga era assim. Eu pensava que era gordura, era verme. E hoje eu estou aqui, bonitão e presidente da República deste país, graças à não desistência, graças à persistência, que é isso que eu acho que vocês devem fazer.

Um outro projeto que nós estamos fazendo é a Transnordestina. Ah, se vocês pudessem fazer um passeio, se você pudesse pegar um helicóptero e levar teu povo para ver 1.720 quilômetros de ferrovia cortando esse mato, lá do Ceará, do porto de Pecém ao porto de Suape, passando por Elizeu Martins, no Piauí, para pegar soja, e transportar a riqueza deste país para o porto de Suape e o porto de Pecém. É uma ferrovia que levou cinco anos para a gente conseguir construir a engenharia financeira, vencer todos os obstáculos do Tribunal de Contas, todos os obstáculos do Ministério Público, todos os



obstáculos do Ibama, todos os obstáculos da desapropriação, todos os obstáculos do Poder Judiciário, e vai demorar dois anos para a gente fazer. Ou seja, cinco para derrotar a burocracia e dois anos para fazer 1.700 quilômetros de ferrovia.

Mas não é apenas isso. Essa Ferrovia [Rodovia] BR-101, que quando vocês pegarem um carro e saírem por ela, vocês vão perceber que ninguém vai lembrar de estrada da Alemanha, porque é uma estrada bem feita, de concreto, só que também, só que também para vencer a burocracia... Já era para estar pronta em muitos trechos, mas aí para porque tem desapropriação, porque a empresa de luz não tirou o poste, porque tem solo mole e tem que fazer a engenharia para o solo endurecer, mas nós já começamos Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, onde assinamos o último trecho de Aracaju até Feira de Santana, na Bahia, para o nordestino pegar um carro e andar o Nordeste inteiro, escolher a praia que ele quer parar e tomar o seu banho.

Não é apenas isso. O porto de Suape, antes era um porto que a gente ficava perguntando: “Para que serve o porto de Suape?” Hoje, o porto de Suape, eu acho que dentro de uns dez anos se transformará em um dos grandes portos deste país, porque nós achamos que não era possível a gente não ter coragem de enfrentar o problema do Nordeste.

A Petrobras, ela não queria fazer refinaria, ela agora está fazendo a refinaria de Pernambuco, fez a refinaria de querosene, no Rio Grande do Norte, vai fazer uma de 300 mil barris em Fortaleza, e vai fazer uma de 600 mil barris no Maranhão, para que a gente possa desenvolver todo o Nordeste brasileiro. Quando o Nordestino for para São Paulo ou para Nova Iorque é para passear e não (falha na gravação), como se fosse a parte inferior deste país. Nós queremos ser iguais, com o olhar humilde, mas de cabeça erguida. Nordestino não é menos do que ninguém; e também não queremos ser mais, queremos ser iguais e queremos ser tratados.



Por isso, eu estou feliz, meu caro Zé Queiroz, de vir aqui e saber que logo eu, que não tenho diploma universitário, vou passar para a história até mil... até 2010, porque eu acho que vai ter mais depois (falha na gravação) ...fazer mais, porque agora nós mudamos o paradigma. Agora, quem vier sabe o que nós já fizemos e vai ter que fazer muito mais, as pessoas vão ter que fazer e aprenderam.

Por isso, Zé... Não, essa BR aí, essa BR-104 que eu vi agora, que a gente está duplicando, em um convênio com o governo do estado, vai facilitar a vida do povo de Caruaru extremamente. Uma coisa que eu acho fantástica no Nordeste é que o povo está trocando o jumentozinho por uma moto. Ninguém tem que dar mais esporada, agora é só acelerar mais rápido, não sei se é mais econômico que o jumentozinho, se der uma boa comida, é.

Mas, de qualquer forma, eu estou feliz pelo que está acontecendo no Nordeste. Eu, a coisa que me deixou mais alegre é que na crise americana e na crise europeia, a crise no Brasil não foi forte porque o povo do Norte e Nordeste consumiu mais do que o povo do Sul e do Sudeste, o povo foi à compra.

Por isso, Zé Queiroz, se a gente continuar mais dez anos do jeito que a gente está, daqui a pouco a gente vai chegar em Caruaru, pensa que está em uma Paris, pensa que está em Madri, de tão chique que está isso. Agora, no ano que vem, como eu não sou mais presidente, não vai ter encheção de saco de segurança, de cerimonial, eu vou vir dançar um forró aqui em Caruaru. Vou ensinar para vocês, vou ensinar para vocês como é que se dança um forró. As mulheres podem ir preparando um sapato novo, eu venho, prometo não pisar no pé de ninguém.

Olhe, gente, eu estou falando demais, eu estou falando demais, eu tenho que ir à Petrobras agora, em Suape.

Companheiros, eu vi duas ou três pessoas que estavam levantando uma camisa preta aí, que estavam de greve. Eu queria ver se vocês dão a volta ali e



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

me esperam ali, para conversar dois minutos comigo, dão a volta ali para conversar comigo. E essa moça que quer tirar foto, essa moça, também, pega ela, leva ela ali, que a gente tira um retrato com ela.

No mais, companheiros, um grande abraço. Boa aula, segunda-feira, para os estudantes que vão começar a estudar na nossa escola técnica. Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva ao início da pré-operação da Unidade de Fios de Poliéster da PetroquímicaSuape e inauguração do Gasoduto Pilar (AL)-Ipojuca (PE)

Ipojuca-PE, 27 de agosto de 2010

Eu quero dizer a vocês da minha alegria de voltar mais uma vez ao estado de Pernambuco, a Ipojuca e a Suape, para participar do momento de alegria que vocês estão vivendo.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira, primeira-dama do estado de Pernambuco, a companheira Renata Campos, que, por uma questão de legislação, não é o seu marido que está me acompanhando, é ela.

Quero cumprimentar os meus ministros Márcio Zimmermann, de Minas e Energia, e Franklin Martins, da Comunicação,

O companheiro Fernando Eduardo Alves da Silva, prefeito em exercício de Ipojuca,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de gás e energia da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro José Lima de Andrade Neto, presidente da Petrobras Distribuidora, a nossa querida BR, por meio de quem cumprimento todos os companheiros dirigentes da Petrobras aqui presentes neste ato,

Quero cumprimentar o companheiro Roberto Schmidt, presidente do Banco do Nordeste,



Quero cumprimentar o companheiro Fernando Bezerra, secretário de Desenvolvimento Econômico do estado de Pernambuco,

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Cezar Aquino, presidente da Petroquisa,

E quero cumprimentar o companheiro Marcelino Guedes, presidente da Refinaria Abreu e Lima,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros,

E quero cumprimentar a nossa querida Maria Alexônia Nunes da Rocha, aquela trabalhadora que falou aqui, em nome de vocês.

Olhe, eu, hoje, vou ler o meu discurso, porque eu fico falando de improviso e vou ficando emocionado, e vai passando o tempo, e hoje é sexta-feira, hoje é dia de chegar em casa, tomar um banho, tomar uma cervejinha, que ninguém é de ferro, e eu não quero me alongar.

Eu vou apenas registrar aqui um fato, para vocês compreenderem o que está acontecendo no conjunto das coisas que vocês estão vendo naquela placa ali. Vocês estão vendo uma fábrica, uma refinaria e um gasoduto.

Pois bem, primeiro, falar da fábrica: o Complexo Petroquímica Suape, que entra em pré-operação nesta data, como disse o Fernando Bezerra, é a maior planta integrada de produção de poliéster das Américas. Possivelmente só na China possa ter uma igual. Só pode ser comparada, em escala, tecnologia e produtividade, a algumas plantas instaladas na Ásia. Sua instalação é fundamental para o desenvolvimento da indústria têxtil brasileira. É importante ter em conta que, a partir dessa indústria petroquímica, outras indústrias têxteis virão para o porto de Suape. Embora o Brasil já tenha o algodão da mais alta produtividade do mundo, ainda não contava com a oferta interna de fios sintéticos de poliéster de qualidade.

A primeira unidade que entra em pré-operação é a de polímeros e fios



de poliéster, com capacidade para produzir 240 mil toneladas anuais e filamentos e polímeros têxteis. Até março de 2011, as outras duas plantas do complexo entrarão em funcionamento. Eu espero, Fernando Bezerra, ser convidado para vir aqui, mesmo já não sendo mais presidente da República do meu país.

Prestem atenção em uma coisa: dessas duas novas plantas que vão entrar em funcionamento até março do ano que vem, uma produzirá 700 mil toneladas/ano de PTA – a principal matéria-prima do poliéster –, e a outra produzirá 450 mil toneladas/ano de resina Pet, utilizada em diversos produtos. Foram investidos cerca de R\$ 4 bilhões para construir o complexo que faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento. Hoje, mais de 7 mil pessoas estão trabalhando no empreendimento. No pico das obras, em novembro próximo, esse número superará os 8 mil trabalhadores.

Em sua capacidade plena, o complexo deverá ter um faturamento anual de R\$ 4 bilhões e, com a substituição de importações, nós iremos economizar, enquanto nação, US\$ 1 bilhão, que nós teríamos que mandar para fora, vai ficar dentro do Brasil, porque a gente não vai importar mais, e vai produzir aqui, com o trabalhador brasileiro.

Vocês viram o prefeito, que... eu estranhei, Prefeito, eu confesso que eu estranhei. Quando eu cheguei aqui que falaram: “O prefeito de Ipojuca”. Eu falei: Espere aí, mas da outra vez que eu vim aqui o bichinho estava tão gordo, o bichinho tinha bigode, eu falei: aconteceu um milagre. Aí eu fiquei sabendo que é o Vice.

A parceria entre a prefeitura, o Senai e a PetroquímicaSuape irá implantar a primeira escola técnica do país para formar profissionais especializados no segmento de fibras sintéticas. E a escola, certamente como tudo neste país, contará com financiamento do BNDES. A instituição capacitará trabalhadores de todas as cadeias da indústria, desde o segmento da produção de fios até o setor de moda.



Terminado o meu discurso sobre o polo, eu vou falar do gasoduto Pilar-Ipojuca, que é da responsabilidade desta senhora.

O gasoduto que liga Pilar, em Alagoas, a Ipojuca, em Pernambuco, dobra a capacidade de transporte de gás natural para Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Com ele a capacidade diária de transporte passa de 3,5 milhões para 7,5 milhões metros cúbicos. Com o aumento, torna-se possível abastecer os grandes empreendimentos da região, como a refinaria Abreu e Lima, a Petroquímica Suape e o porto de Suape.

Além disso, o gás também abastecerá as usinas termelétricas Termopernambuco, em Pernambuco, com capacidade de 532 megawatts, e Jesus Soares Pereira, no Rio Grande do Norte, com capacidade para 368 megawatts. É sério, Graça, é verdade? Então umas palmas para a nossa companheira Graça Foster, é mais...

O gasoduto Pilar-Ipojuca é abastecido pelo gás natural extraído da região nordeste e também pelo gás transportado no Gasene, que pode ser o gás natural extraído pela Petrobras nas Bacias de Campos e de Santos, ou gás boliviano, ou gás natural liquefeito, que é importado por meio do terminal de regaseificação da Baía de Guanabara, e eu espero que também um pouquinho de Pecém. O trecho Pilar-Ipojuca tem 189 km de extensão, recebeu investimentos da ordem de R\$ 816 milhões e é também uma obra que foi incluída no PAC.

Durante a construção do Gasoduto, foram gerados 8,4 mil empregos diretos e indiretos na obra, sendo que 72% dos trabalhadores são dos 16 municípios atravessados pelo Gasoduto. O empreendimento teve um índice de nacionalização de cerca de 70%. Além disso, foram investidos R\$ 3 milhões e 810 mil em ações de compensação socioambiental nos municípios atravessados pelo Gasoduto, tais como: educação ambiental, monitoramento arqueológico e da fauna e reposição florestal, entre outros. Terminado o Gasoduto, eu agora falarei da refinaria Abreu e Lima.



A refinaria Abreu e Lima... A refinaria Abreu e Lima é um dos mais importantes empreendimentos do setor de refino no Brasil, e deve suprir o aumento da demanda nacional de diesel e outros derivados de petróleo.

Os investimentos são da ordem – preste atenção, meu caro Fernando Bezerra, para você não pedir mais muita coisa para a Petrobras – os investimentos da Refinaria Abreu e Lima são exatamente R\$ 26 bilhões e 750 milhões – R\$ 26 bilhões e 750 milhões – investidos aqui, no estado de Pernambuco, para gerar imposto em Pernambuco, gerar salário em Pernambuco e gerar cidadania em Pernambuco.

A usina terá capacidade para processar, diariamente, 230 mil barris de petróleo pesado – o equivalente a 11% da capacidade atual de refino no Brasil. Ela deve começar a operar em dezembro de 2012. Essa refinaria, era para ser inaugurada, a primeira parte dela, este ano, mas, como nós tivemos vários problemas, ela vai ter quase que dois anos de atraso. Mas não se preocupem que eu estarei vivo para vir na inauguração dela.

A terraplanagem está praticamente concluída e, dentre as obras iniciadas, estão: primeiro, casa de força; segundo, estação de tratamento de água e de despejos industriais e tanques de óleo cru, tanque de água bruta e de produtos intermediários acabados, aqueles tanques redondos que vocês estão vendo ser construídos.

Atualmente, a obra gera 8,2 mil empregos diretos. No pico das atividades de construção, em maio de 2011, nós esperamos ter aproximadamente 30 mil trabalhadores trabalhando na refinaria Abreu e Lima.

Dito tudo isso, eu queria falar um pouquinho. Alô, alô, esse aqui está melhor, hein? Esse aqui está bem melhor. Estou até com a voz de cantor, aqui. Olhem, eu queria ler o meu discurso para poder passar para a imprensa corretamente o estágio de cada uma das obras e o que aconteceu, porque o meu medo era improvisar, não dizer o que a imprensa queria ouvir e, portanto, eles não publicarem nada do que eu falei. Então, eu li direitinho, para que eles



saibam e, se quiserem, a gente distribui cópia de cada coisa que está acontecendo aqui.

Porque tem gente dizendo que não está acontecendo nada aqui em Suape. Seria importante olhar a cara de vocês, para saber que tem muita coisa acontecendo neste país. E somente aqueles que não querem enxergar é que não vão enxergar nunca.

Então, companheiros e companheiras, essa menina aqui, quando eu cheguei ali na fábrica e ela me levou à máquina, ela mandou eu apertar um botão, eu apertei um botão, e aí tinha um carretel de poliéster que estava rodando, o poliéster caiu. Eu falei: “O que eu faço com isso?” Ela falou: “O senhor pode colocar no lugar ou o senhor pode levar para a sua casa”. Então, eu estou levando para a minha casa. Mas ela me agradeceu, porque ela disse que o que nós estamos fazendo está deixando muitos pais, muitos filhos e muitas mães felizes, por uma razão simples: não tem nada mais sagrado na vida de um homem ou na vida de uma mulher do que ele trabalhar, pelo seu trabalho receber um salário justo e, com esse salário, ele poder cuidar da sua família, poder ter acesso a lazer...

E é isso que nós estamos fazendo. Porque eu já fiquei um ano e meio desempregado, eu sei o que é ficar desempregado, eu sei o que é uma mãe sentar com os filhos na beira de uma mesa, olhar para o fogão apagado, sabendo que não tem um pouquinho de feijão para colocar no fogo. Eu sei o que é às vezes um filho pedir um refrigerante e a gente não ter dinheiro para comprar. Eu sei o que é. Às vezes a gente... eu levava marmita e, às vezes, na segunda-feira, abria a marmita e eu pensava que tinha um coxinha de frango, porque é no domingo que a gente come a melhor carnezinha, o melhor macarrão, o melhor feijão, e às vezes não tinha nada, eu abria a marmita e estava só feijão e arroz, sem nada, e eu, com vergonha dos meus companheiros, fechava a marmita, levava de volta, trancava no armário,



quando todo mundo começava a trabalhar, então eu voltava e ia comer sozinho a minha marmitta.

Então eu sei o que é o valor do trabalho, o valor do salário, e eu sei o que é o valor de as pessoas aprenderem uma profissão.

Quando eu vim à inauguração do navio, a coisa que mais me emocionou foi saber que tinha meninas da sua idade, que eram cortadoras de cana, praticamente analfabetas, e que o governo do estado e o estaleiro conseguiram formar aquela cortadora de cana, que ninguém dava valor para ela, em uma soldadora de qualidade, ganhando o salário que jamais ela pensou em ganhar. E aqui eu vejo o valor que vocês estão dando ao emprego.

Quando eu estava abraçando os companheiros na hora em que eu cheguei, José Sergio Gabrielli, cada um que eu abraçava dizia: “Obrigado”. Porque ninguém me respeita, ninguém me chama de Excelência, é Lula, é Lula. Quando eu briguei 12 anos para ser eleito presidente, pensando que alguém iria me chamar de Excelência, todo mundo se acha muito íntimo meu e é Lula para cá, Lula para lá, e ninguém chama de Excelência. Mas, olhem, eu, quando cheguei aqui, eu parei o ônibus e fui cumprimentar os trabalhadores na entrada lá da Abreu e Lima. E as coisas que eu mais ouvia eram os trabalhadores me abraçando e agradecendo pela oportunidade de trabalhar.

Então eu queria dizer para você, minha querida, que hoje no Brasil são 14,5 milhões de pessoas que arrumaram emprego com carteira profissional assinada nesses oito anos em que nós estamos governando o Brasil. Eu queria dizer para você que nunca mais, nunca mais, este país vai formar duas gerações e meia, como a que começou a ser gerada no final dos anos [19]70, de homens e mulheres que não tinham oportunidade de estudar e que não tinham oportunidade de trabalhar. Este país agora tem autoestima, as pessoas aprenderam a gostar do que é bom, as pessoas começaram a ficar exigentes. Porque teve governante neste país que achava que era obrigado a governar o Brasil apenas para um terço da população e não para todos os brasileiros. E eu



sempre achei que governar o país não é governar apenas com a sabedoria da cabeça, é preciso governar com o sentimento do coração, para você se preocupar em olhar para as pessoas mais pobres.

Governar o Brasil é, no fundo, no fundo, fazer o papel que uma mãe faz. Não tem nada que sabe mais governar uma casa do que uma mãe. Uma mãe pode ter cinco filhos, pode ter cinco filhos, um mais bonito, um maior, um mais forte, um mais fraquinho, um mais chorão, um que ela pode ter mais dengo com ele. Mas uma mãe, na hora em que coloca os cinco filhos na mesa, ela vai colocar, se tiver cinco bifes, é um para cada um e ninguém vai comer mais do que o outro. Todos terão o que comer.

Não como o Brasil, que alguns tinham o que comer e o que beber, e a maioria não tinha o que comer e não tinha o que beber e ficava marginalizada, sobretudo no Nordeste brasileiro. Isso mudou. Mudou porque o Brasil agora, o Brasil agora é governado para todos.

Uma vez fizeram uma crítica a mim por causa do Bolsa Família. O Bolsa Família chega a R\$ 100,00, R\$ 85,00. E, aí, as pessoas diziam que eu deveria fazer estrada em vez de dar dinheiro para os pobres, porque aí o pobre virava vagabundo e não queria trabalhar. Tinha fazendeiro que dizia: “O Lula, o Lula tirou os trabalhadores, que não querem mais trabalhar, está tudo vagabundo, vivendo atrás do Bolsa Família”. Quem falava isso eram pessoas que podiam chegar em um restaurante ou no bar, tomar um uísque e dar R\$ 100,00 de gorjeta. Eles não sabiam o que uma mãe pobre pode fazer com R\$ 70,00, com R\$ 80,00, para levar de comida para casa, para os seus filhos. Eles não tinham noção do milagre da multiplicação que uma mãe pode fazer. Eles diziam, eles diziam...

Uma vez uma mulher prestou um depoimento. Ela prestou um depoimento. Depois desse depoimento, muita gente calou a boca. Essa mulher dizia para mim: “Lula, eu, antes do Bolsa Família, era obrigada a comprar um lápis de cor – um lápis –, partir no meio, para dar metade para cada neta. E



agora, com o Bolsa Família, eu posso comprar uma caixa de lápis para cada neta ir para a escola”.

Acabou o tempo... Eu sei que ainda falta muita coisa para fazer. Não é possível, em oito anos, a gente consertar o desmando de 500 anos, não é possível, mas nós começamos, começamos fazendo as coisas corretas, e nós vamos fazer muito mais, porque o Brasil aprendeu.

Diziam que pobre não precisa de muita coisa, porque pobre só gosta de coisa de segunda categoria ou terceira categoria. Se eles soubessem como nós pensamos, eles iam perceber que nós gostamos de comer do bom e do melhor, de beber do bom e do melhor, de vestir do bom e do melhor. Acabar aquela mania de que pobre, porque é trabalhador, só pode ir à feira na hora da xepa, depois de meio-dia, onde os produtos já estão todos amassados. Não. A gente quer ir logo cedo e comprar o que tiver de melhor para levar para casa para a gente almoçar, para a gente jantar e para os nossos filhos comerem.

É isso que está acontecendo neste país, e é isso que não vai parar nunca mais, porque o povo brasileiro, hoje, tem cabeça, porque o povo, hoje, não acredita mais nas mentiras da televisão. Uma menina como essa já pensa pela sua cabeça, já enxerga pelos seus olhos, já anda pelas suas pernas e toma decisão pela sua consciência e não pelas bobagens que ela vê na televisão, ou as falsas promessas que vê na televisão.

Portanto, meus companheiros e companheiras, hoje é mais um dia gratificante para mim, é mais um dia gratificante para Pernambuco, mas, sobretudo, é mais um dia gratificante para este país. Porque, o Brasil, às vezes, a gente confundia se o Brasil era nação ou um território, porque tem muita terra, porque tem muita água. Isso não vale nada, se o povo não estiver sendo tratado com respeito e com dignidade, porque a nação não é um território, a nação é o povo, a sua consciência e o seu coração.

Um abraço, gente, parabéns à Petrobras, parabéns a todos vocês e até outro dia, se Deus quiser.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do prêmio Personalidade da Infraestrutura 2009, oferecido pela Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib)

São Paulo-SP, 23 de agosto de 2010

Meu caro companheiro Guido Mantega, ministro da Fazenda,
Paulo Sérgio, ministro dos Transportes,
Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,
Paulo Bernardo, do Orçamento, Planejamento e Gestão,
Orlando Silva, do Esporte,
Marcio Fortes, das Cidades,
Luís Adams, advogado-geral da União,
Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,
E o companheiro Pedro Brito, ministro dos Portos,
Quero cumprimentar o companheiro Paulo Godoy, presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base,
Nosso querido companheiro Robson de Andrade, presidente da Confederação Nacional das Indústrias,
Quero cumprimentar os companheiros empresários, empresárias,
Jornalistas aqui presentes,

É com muita satisfação que compareço a este evento da Associação Brasileira da Infraestrutura e das Indústrias de Base – a Abdib – que consolidou seu lugar em nossa história como uma das mais respeitadas frentes de luta pelo desenvolvimento nacional.

Nem poderia ser de outra forma. Este é o setor que produz máquinas,



produz equipamentos, produz ferramentas. Produz, enfim, as alavancas que potencializam o trabalho de milhões de brasileiros e brasileiras na geração de riqueza, infraestrutura, emprego, consumo e cidadania.

O Brasil de hoje é uma nação com o foco no desenvolvimento sustentável. Estamos dotados da convicção política indispensável para fazer dos avanços econômicos atuais não um ciclo fugaz de crescimento, mas sim uma nova era. Uma era com substância e fôlego para ser a mais longa, a mais consistente e a mais generosa de toda a nossa história.

Creio que poucas vezes um presidente da República, no final do seu mandato, teve esse privilégio de manifestar uma certeza tão cristalina: a de que o caminho não está pronto, mas está sendo solidamente construído para gerar prosperidade e cidadania crescentes ao nosso povo.

Faço aqui um retrospecto que os senhores e as senhoras, mais do que ninguém, têm condições de partilhar comigo.

A Abdib foi fundada em 1955. É contemporânea, portanto, do Plano de Metas de Kubitscheck. E também da criação do BNDE e da Petrobras, cujos projetos foram sancionados por Getúlio Vargas em 1952 e 1953. As raízes dessa entidade expressam uma visão de desenvolvimento que incorporou interesses soberanos da sociedade e ampliou a dimensão democrática das decisões econômicas.

Pois bem, depois de praticamente mais de duas décadas de estagnação, o Brasil encontra-se, nos últimos anos, em meio a um singular capítulo de seu desenvolvimento.

Com certeza, estamos vivendo um período dotado de amplo horizonte de oportunidades. Temos nos empenhado para que o nosso país caminhe cada vez mais firme e celeremente para se tornar uma das cinco maiores economias do mundo, ainda em nossa geração. Que outro país, afinal, reúne nesse momento condições equivalentes de horizonte econômico e político?

Nosso cenário é assentado em estabilidade de preços; temos



autossuficiência energética em petróleo e energia limpa; fartura de terras e liderança agrícola mundial.

Vivemos uma mobilidade social de proporções extraordinárias, que já se traduz em um mercado de massas reunindo 46% da renda nacional e um universo equivalente às populações da França e Espanha juntas.

Contamos com uma rede de proteção social que incorporou à agenda nacional do Estado... que incorporou à agenda principal do Estado a luta contra a desigualdade e a fome.

Batemos recordes sucessivos de geração de vagas no mercado formal de trabalho. Temos uma democracia consolidada, com plena liberdade de expressão, e um governo de portas abertas, com solidez institucional e presença ativa, respeitada e obrigatória em todos os fóruns internacionais.

É esse encadeamento singular de dinamismo econômico, associado a contrapesos sociais e institucionais, que diferencia este momento de outros ciclos de expansão vividos pela Abdib, em seus 55 anos de história.

Não foi por acaso, portanto, que a maior crise já vivida pela economia mundial desde 1929 durou apenas dois trimestres no nosso país. Enquanto o mundo demitia 16 milhões de trabalhadores, nosso país se recuperava rapidamente e voltava a bater recordes na geração de empregos. Um milhão e seiscentos e cinquenta e cinco mil vagas foram criadas de janeiro a julho deste ano, no maior saldo de contratações desde 1992, para o mesmo período.

E vamos concluir o mandato com a geração de 15 milhões de novos empregos com carteira assinada. E criar vagas formais de trabalho – sabemos todos nós – não prospera por geração espontânea.

Levantamentos recentes da Fundação Getúlio Vargas indicam que 40% das empresas brasileiras investem na expansão da capacidade produtiva nesse momento – sendo esta, também, a melhor marca da série histórica iniciada em 1998.

Também não é por acaso que o setor que exhibe o maior salto em



programação de investimentos é o de bens de capital, com taxas de crescimento muito acima da média registrada em nosso parque fabril.

Meus amigos e minhas amigas,

A síntese virtuosa deste momento pode ser resumida numa equação: menor taxa de desemprego e maior nível de investimento dos últimos dez anos. Eis aí mais uma prova irrefutável do ciclo de expansão que estamos vivendo e das perspectivas favoráveis que temos pela frente.

Em relação a ciclos anteriores, os ganhos de produtividade e a expansão da infraestrutura impulsionam, de forma inédita, o nosso crescimento com inflação controlada. Razão pela qual o futuro das taxas de juros, certamente, é de convergência com a média mundial.

Até 2013, cerca de US\$ 735 bilhões em investimentos serão agregados ao volume atual. Mais da metade, cerca de US\$ 477 bilhões, destinam-se a obras de infraestrutura.

É preciso lembrar que os efeitos multiplicadores do PAC geraram resultados em amplos setores. As vendas de máquinas para a construção pesada, por exemplo, fecharam o primeiro semestre deste ano com uma alta de 16% em relação a 2009.

Amigas e amigos,

Uma base industrial como a nossa não pode desperdiçar o gigantesco impulso de compras públicas embutido nesse processo. Exatamente por isso, emitimos no mês passado a Medida Provisória 495, que permite ao governo federal, preferencialmente, direcionar compras de produtos e serviços à indústria nacional.

O nome disso é coerência estratégica. Não se pode cobrar competitividade nem evocar a defesa da indústria brasileira apenas com palavras, sem a prática governamental correspondente, como já aconteceu no passado.

A lógica inscrita nos projetos de regulamentação do pré-sal, que



enviamos ao Congresso, encerra, talvez, o maior impulso à pesquisa, à inovação e à competitividade industrial, já registrado em toda a história econômica brasileira.

Falar em defesa da indústria e, ao mesmo tempo, dissociá-la do modelo de exploração soberana do pré-sal, como fazem alguns, soa no mínimo, contraditório.

O mesmo vale para as críticas descabidas dirigidas aos investimentos financiados pelo BNDES, graças aos aportes de R\$ 180 bilhões concedidos pelo Tesouro Nacional. Omite-se, deliberadamente, o retorno tributário dessas operações, bem como a expansão de capacidade instalada que elas propiciam ao incrementar a demanda por máquinas, gerar empregos e promover a competitividade do parque produtivo nacional.

Menosprezar as interações estratégicas entre políticas públicas e a atividade produtiva do setor privado custou ao Brasil um oneroso apagão do sistema elétrico em passado recente. Razão pela qual este país ergue hoje, simultaneamente, três das maiores hidrelétricas em construção no mundo: Santo Antonio, Jirau e, brevemente, Belo Monte.

Amigas e amigos,

A crise mundial de 2008 foi um divisor histórico que o Brasil soube superar. Isso significa que o dinamismo da nossa economia terá que se apoiar, cada vez mais, na vitalidade do nosso mercado interno e na promissora avenida aberta pela diversificação das nossas parcerias no comércio exterior.

Tenho certeza de que a Abdib e todas as empresas que integram esta associação tiveram um papel fundamental nesse processo de mudança vivido pelo nosso país, e têm pela frente novos e determinantes desafios.

O Brasil, certamente, vai continuar contando com vocês. Mas o que eu queria falar não está aqui, não. Aqui era só para cumprir a formalidade. É muito cedo, ninguém está com fome, não conheço empresário que almoce às 12h15 neste país.



Bem, uma coisa, ô Paulo Godoy e companheiro Robson, companheiros empresários e empresárias que estão aqui, é que nós precisamos ter em conta que mudou o país, mudou a economia e está mudando o nosso comportamento. Muda o comportamento do governo em relação aos empresários, e muda o comportamento com relação... dos empresários para com o governo. Ou seja, nós começamos a perceber que ou nós construímos uma cumplicidade que envolva o conjunto da sociedade, pública e privada, e que envolva os trabalhadores, ou nós vamos continuar como em décadas passadas, em que a gente fingia que as coisas aconteciam; elas não aconteciam e a gente, muitas vezes, tinha medo de reclamar.

Vamos ser francos entre nós. Eu digo isso a vocês com muita tranquilidade para quem falta pouco menos de quatro meses, ou melhor, um pouquinho mais de quatro meses para deixar a Presidência da República.

Eu penso que nós descobrimos no Brasil, descobrimos, eu penso que um jeito de recuperar a autoestima do povo brasileiro, um jeito de reclamar menos e fazer mais. Porque vamos ser francos, gente: ninguém pode chegar para o Guido Mantega mais, hoje, e reclamar de política tributária. (incompreensível), entre nós aqui, como companheiros. Eu tomei posse no dia 1º de janeiro de 2003. Em abril de 2003 estava eu no Congresso Nacional, com 27 governadores, dando entrada em uma proposta de política tributária. Por que ela não aconteceu? Não contente com isso, no segundo mandato o companheiro Guido Mantega convocou outra vez no Conselho de Desenvolvimento a Abdid, a Fiesp, a CNI, a CUT, a Força Sindical, o PMDB, o PT, o PCdoB. O Guido ouviu todo mundo e construiu uma proposta de política tributária que ele achava que quando chegasse ao Congresso Nacional seria aprovada por unanimidade. Por que não foi aprovada? Porque a verdade é que tanto quanto a reforma política, que todo mundo fala que é necessária, as pessoas não querem. Porque cada um quer a sua reforma, cada um quer a sua reforma, cada município quer a sua reforma, cada estado quer a sua reforma e



ela não acontece. Você veja que nós fizemos o Simples para resolver a vida dos pequenos empresários, e aqui em São Paulo se encontrou um jeito de fazer um tipo de política tributária que anulou o Simples.

Esses dias eu dizia a um companheiro, pequeno empresário: cadê as passeatas? E as caminhadas, que têm que ser feitas para alertar que nós passamos dez anos discutindo melhorar a vida da micro e da pequena empresa, e aqui em São Paulo se deu um jeito de matar isso?

Então eu penso, companheiros, e falo isso agora já com o ar e a voz de quem... de quem é agradecido a vocês, de quem é agradecido ao povo brasileiro. Eu acho que nós precisamos saber o que nós queremos definitivamente para o Brasil dar o salto de qualidade. Muitas vezes, a gente fala “reforma, reforma”. Eu fiquei seis anos no governo tentando fazer um programa para a indústria automobilística resolver o problema de caminhões neste país. O que eu queria resolver era fazer com que o caminhoneiro autônomo, aquele coitado que tem naquele caminhão o seu instrumento de ganha-pão, que ele pudesse ter a possibilidade de comprar um caminhão novo e renovar a frota, parar de queimar óleo diesel e fazer fumaça na estrada, e ganhar dinheiro e ter um pouco mais de lucratividade. Foram quase seis anos, Guido e Miguel Jorge, para a gente fazer isso. Fizemos, o Procaminheiro. Eu sei que a indústria automobilística está vendendo mais caminhões do que já vendeu em qualquer outro momento, mas nós ainda não atingimos a perfeição para ter um fundo garantidor para financiar o seguro do companheiro que tem um caminhão, contra roubo. Ainda falta um pequeno ajuste, não sei se nós faremos ainda no meu governo, mas a verdade é que nós demos um passo importante. Demos um passo importante, que eu não sei se já está concluído... Foi anunciado pelo Luciano Coutinho, em Brasília, que nós precisaríamos estender para os países da América Latina, América Central e África, as mesmas condicionantes que nós temos no Finame, aqui no Brasil, para ajudar que o Brasil vendesse as suas máquinas nos países com quem nós temos



fronteira, porque na África nós temos fronteira, só falta apenas um divirsozinho do Oceano Atlântico, mas o que é isso? Na verdade, é o que facilita a gente ir para lá, é exatamente o Oceano Atlântico, já que as empresas de aviação não querem fazer voo para a África, preferem ir para Paris. Ou seja, eu fico, companheiros...

Eu estava lendo os números da Abdib, e eu acho que, uma hora, os nossos ministros de infraestrutura precisam se juntar com a Abdib, para a gente bater os números, para que não haja números discrepantes e, possivelmente, feitos com base em dados diferenciados. Então, eles não podem, não podem ser a mesma coisa.

Mas todos vocês sabem, todos vocês sabem que nós decidimos, só de contratos já firmados, de 2007 para 2010, são R\$ 39,2 bilhões, água, esgoto, drenagem de resíduos sólidos, são quase R\$ 40 bilhões. Contratos... Se for somar contratos de 2003 a 2010, são R\$ 49,6 bilhões já contratados. Se a gente quisesse fazer comparação com o governo anterior, que eu não vou fazer mais, enquanto eu estou falando de 49 bilhões, lá tudo foi 13 bilhões, ou seja, se a gente for olhar o que foi liberado na verdade, a gente vai ver que o saneamento básico, em 2002, tinha não sei quantos bilhões, mas liberaram R\$ 262 milhões. Ou seja, eu penso que nós temos que ter claro o trabalho extraordinário feito pelo ministro Guido Mantega, pelo ministro Miguel Jorge, por conta da crise econômica. Eu penso que se todos os governos do mundo, sem querer ensinar ninguém a governar, se tivessem adotado com a mesma precisão e com a mesma rapidez as decisões que foram tomadas aqui, anticíclicas, além do PAC, que já vinha funcionando, a gente não teria chegado à crise que chegamos nos Estados Unidos e na Europa. Todo mundo sabe que, se o Bush tivesse gastado poucos bilhões, ele não teria que gastar trilhões com a quebra do *Lehman Brothers*; todo mundo sabe que, se a Alemanha tivesse tomado posição imediatamente... a Grécia não tem essa importância econômica mundial para causar a crise que causou no mundo europeu. E aqui,



no Brasil, quando a crise eclodiu, a primeira coisa que nós fizemos foi dizer que este país tinha mercado interno e que, portanto, nós deveríamos fazer apologia ao consumo.

Eu fico... Não sei se tem ninguém [alguém] do comércio aqui, não deve ter, mas eu fico assim meio irado, ô Paulo, porque de vez em quando eu vejo: o comércio faz uma pesquisa, aí, a pesquisa diz o seguinte: “O povo está desconfiado, está indo menos às lojas”. Eles, em vez de pegarem a pesquisa, estudar por que o povo está desconfiado e fazer a contrapropaganda para o povo perder a desconfiança, não, eles publicam aquilo. Quando eu vi os jornais dizendo que o povo estava com medo de comprar porque não queria fazer dívida e que iria, portanto, perder o emprego e não poderia pagar, eu fui para a televisão dizer exatamente o contrário: ou você compra ou, aí sim, você vai ficar desempregado, porque a empresa não vai produzir, o comércio não vai vender, e aí é que as coisas vão dar errado. A verdade é essa, é que naquele ano de 2008 nós conseguimos começar a salvar este país.

O Guido lembra quando a gente queria uma discussão profunda sobre o mercado de carro usado: “Como é que vai fazer? Ninguém está comprando carro novo...”. Porque a indústria automobilística deu uma brechada rápida de medo. Não havia necessidade de brechar com a rapidez que eles brecharam a produção de carro, não havia necessidade. A resposta é [foi] que, no mês de março, a gente já estava batendo o recorde de produção outra vez neste país. Ou seja, foi o medo que levou muita gente, mesmo tendo o dinheiro do BNDES. Toda semana eu ligava para o Luciano Coutinho: “Luciano, eu quero saber quantos empresários que tinham feito contrato com você que estão tirando o pé do breque”. E alguns empresários, mesmo tendo o dinheiro disponibilizado, resolveram esperar o que estava acontecendo. Porque o mundo vendia como se fosse o apocalipse, a crise de 2008. Então, era normal que as pessoas tivessem medo.

Bem, quando nós percebemos que o setor de carros estava caindo – e a



indústria automobilística representava 23%, 24% do PIB industrial –, nós resolvemos discutir como fomentar. Liberamos R\$ 100 bilhões do compulsório para o Sistema Financeiro. Alguns preferiram comprar títulos do Governo, que, possivelmente, fosse mais rentável do que comprar carteira, que era o objetivo nosso, de bancos menores: comprar carteira para tentar ajudar os menores a sobreviver. Quando a gente percebeu que nem isso resolvia, nós tomamos a decisão de fazer com que o Banco do Brasil entrasse na disputa de carros usados. Aí, fomos atrás do Banco do Brasil. O Guido conversa com o Dida, e o Dida diz ao Guido: “Nós não temos expertise. Onde a gente compra expertise?”. Então, antes de a gente formar alguém em expertise, o que levaria anos, nós resolvemos, então, comprar 50% do Banco Votorantim, que tinha expertise e tinha uma carteira de 90 bilhões, de carros usados, e o Banco do Brasil se dotou da expertise necessária para a gente reativar o mercado de carros usados.

Aí resolvemos fazer a liberação da linha branca, da linha... geladeira, máquina – nunca se comprou tanta máquina de lavar roupa neste país. Tem gente que diz: “a mulher gosta de lavar roupa”. É porque nunca deram uma máquina para ela, de presente. Deem uma máquina, que vocês vão ver como ela vai ficar feliz da vida de não precisar ir para o tanque.

Não apenas isso. Eu queria que vocês atentassem para as coisas que estão acontecendo e que, muitas vezes, a gente não consegue ler ou, muitas vezes, a gente não consegue ouvir ou, muitas vezes, a gente não consegue, nem na televisão, assistir o que a gente gostaria de assistir.

Mas, vamos ver os seguinte, meu querido, Paulo Godoy, você que é de um setor que precisa de crédito para sobreviver: o tamanho do BNDES de 2003 e o tamanho do BNDES de 2010. O BNDES está tão grande, que tem gente reclamando que o BNDES está emprestando dinheiro a juros subsidiados para o setor privado. Ou seja, você não pode emprestar dinheiro para as empresas, Luciano, é só para o governo mesmo: nós damos dinheiro



para você, do Tesouro, você empresta para nós mesmos, e fica um compadrio aqui, quando na verdade o BNDES existe é para financiar a indústria brasileira, e quanto mais barato for o juro, melhor.

A Caixa Econômica Federal, meu querido, ela financiava, em 2003, R\$ 5 bilhões com dinheiro do Fundo de Garantia. Neste ano, nós vamos chegar a R\$ 60 bilhões. Somente o Banco do Brasil, neste ano, tem a mesma quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003, que era de R\$ 380 bilhões. Hoje, me parece, se os números do Guido estiverem certos, nós estamos perto da casa de R\$ 1,6 trilhão de crédito. É pouco, porque poderíamos ter 2 trilhões, 2,5 trilhões.

Mas o dado concreto, Godoy – o Robson fica alegre – é porque nesses dias eu vi uma crítica de tem uma estrada no Brasil que está quebrada. É bem possível, é bem... O dia em que você se levantar de manhã, se a sua mulher ficar olhando em você como um todo, procurando defeito, ela vai achar um defeito em você; certamente, uma unhazinha encravada, nada, nada que diminua o potencial do Godoy, nada.

Ou seja, o Brasil está exatamente assim. Eu fui agora ao Triângulo Mineiro assinar obras de contrato e inaugurar... O que nós fizemos no Triângulo Mineiro? R\$ 2,7 bilhões era tudo o que o Ministério do Transporte investia em 2002. Nós, hoje, estamos pagando, por mês, o que se investia por ano, e que não se pagava. Porque, vamos ser francos: por quanto tempo vocês colocavam as máquinas em uma obra, o governo fingia que fazia, vocês fingiam que trabalhavam, o governo fingia que pagava, vocês fingiam que recebiam, as máquinas enferrujavam, e as coisas não aconteciam?

Então, eu acho que nós temos que ver o momento que vocês, e nós, e outros que não estão aqui, ajudamos a construir. É o momento da sensatez. E fazer isso com democracia, fazer isso com todo o sistema de regulação que nós temos, Paulo, e fazer isso com todo o sistema de fiscalização que nós temos. Se vocês tivessem, para fazer a fábrica de vocês, 1% do controle que



tem o governo para fazer uma coisa, vocês não teriam feito o telhado da fábrica de vocês ainda. O Benjamin sabe: desde que a gente pensou em retomar a Transnordestina até agora, somente comigo foram 31 reuniões, 31 reuniões, entre construção do projeto, construção da engenharia financeira, até desmontar tudo o que tem de ambiente, tudo o que tem de desapropriação, nós passamos cinco anos para chegar onde chegamos hoje.

Então, eu acho que nós, Paulo – essa é uma coisa que eu queria pedir para vocês –, eu acho que nós não podemos, em nenhum momento, ter medo de fiscalização, e precisamos que, cada vez mais, a gente tenha fiscalização, para que cada vez mais a gente tenha as obras de melhor qualidade pelo menor preço, e cada vez menos tenha gente passando a mão no dinheiro público.

Agora, é preciso que a gente crie mecanismos em que essa fiscalização pode ser a mais rígida possível, mas ela pode ser também mais rápida. Eu poderia dar exemplo para vocês de obras de metrô que foram paralisadas por desconfiança de sobrepreço, por quatro meses, e depois não se comprovou nada, e permitiu-se que a obra continuasse. Eu queria saber quem é que fica responsável pelo prejuízo desses quatro meses de obra parada? Eu já contei para vocês as histórias da perereca do viaduto lá no Rio Grande do Sul, mas a perereca se repetiu agora nesse anel viário do Rio de Janeiro – Como é que se chama?... O Arco Rodoviário. A obra ficou parada por causa de uma perereca.

Eu até pedi para os ministros colocarem no papel, para a gente fazer um livro de caos extraterrestres, hilariantes, que aconteceram aqui. E também, muitas vezes, o projeto que os empresários apresentam não é de qualidade. Muitas vezes, os projetos feitos pelas empresas públicas também não são de qualidade. Os índios estão mais exigentes, os quilombolas estão mais exigentes, eles têm direitos. Nós não podemos prometer fazer a hidrelétrica, como se fazia na década de 50, prometer dar terra e depois não dava, não assentava. Então, se a gente quiser, também, fazer as coisas mais rápidas, o



Estado precisa estar mais certo.

Nós, agora, temos Copa do Mundo e Olimpíadas. Se a gente não se colocar de acordo – eu não vou estar mais no governo – mas se não se colocarem de acordo os órgãos de fiscalização, os órgãos de execução e os empresários, nós vamos ter problemas, nós vamos ter problemas. Porque é preciso se colocar de acordo [sobre] o que nós queremos de verdade, porque tem muita gente solta. É pouca gente para trabalhar e muita gente para fiscalizar. Então, Paulo, eu acho que essa é uma coisa que passa por uma reforma, que você disse: “reforma política”. Eu sempre fico assustado, porque o Ulysses Guimarães dizia: “Toda vez que a classe política fala muito em reforma, o que vem é pior”.

Eu fico imaginando... um povo politizado, como o povo de São Paulo, deixou de eleger um Delfim Netto e elegeu outras pessoas. Quem sabe, tão merecedoras dos votos quanto ele, mas bem menos competentes, para serem parlamentares, do que ele. Nós precisamos ter em conta que se a gente não fizer a reforma política, para dar solidez aos partidos políticos, mas se a gente não melhorar também o nível das pessoas que a gente vai escolher para representar na Câmara e no Senado, melhorar o nível, a gente não pode reclamar depois.

Eu estou dizendo isso porque de quatro em quatro anos deputados procuram vocês, senadores procuram vocês, governadores procuram vocês. É importante a gente aproveitar esse momento para a gente fazer, não apenas a reforma estrutural da política que nós precisamos. Eu disse ao Paulo Godoy, tenho dito na imprensa que eu vou fazer, sem ser presidente, o que eu não podia fazer como presidente, porque como presidente não era o meu papel brigar por reforma política neste país, que era o papel dos partidos políticos.

Pois bem, a partir do dia 1º de janeiro eu não serei mais presidente, mas continuarei na política. E, portanto, o meu partido e grande parte dos partidos aliados, nós vamos fazer o compromisso de fazer a reforma política neste país,



de verdade; uma reforma política que dê certeza do que a gente vai ter no país.

No mais, Paulo, eu gostaria de agradecer mais uma vez o carinho e a gentileza dos companheiros da Abdib, e dizer para vocês o seguinte: não existe mais possibilidade de voltar à estaca zero, não existe. Acho que o círculo virtuoso em que o Brasil entrou, o círculo virtuoso em que o Brasil entrou... acho que a compreensão das empresas, a visão que hoje o governo tem do mundo e do Brasil, eu acho que não tem mais retorno, não tem mais retorno.

Nós fizemos uma reunião, nessa semana, com o Ministério de Minas e Energia, o inventário que nós vamos deixar, de hidrelétricas, para serem construídas neste país é muito grande, é muito grande. Portanto, quem vier vai ter muito mais facilidade de ter coisas mais prontas, mais elaboradas.

Eu estou certo de que o Brasil vai ter que privilegiar o planejamento outra vez, ou seja, a gente não pode mais trabalhar sem projetos consistentes. Nós estamos pensando o Brasil para 2022, o que cada um de nós quer do Brasil até 2022. Eu já estou sendo otimista porque estou achando que vou estar vivo até lá! Isso já é um otimismo exagerado! Mas, de qualquer forma, como a ciência tem avançado, e parece que eu estou bem com o homem lá em cima, acho que eu vou ficar mais um pouco por aqui.

Mas se a gente não pensar em longo prazo, Paulo, a gente não resolve os problemas. Então, eu acho que a eleição do Robson para a CNI foi um passo importante. A gente já tinha um trabalho muito forte com o Armando e com o Robson – conheço o Robson há muito tempo – eu acho que ele pode fazer um bom trabalho, pode fazer um bom trabalho. Acho que a Abdib deve continuar fazendo suas propostas, seus projetos. Acho que a Federação das Indústrias... aqui, é um apelo que eu faço a vocês: as Federações das Indústrias podem contribuir mais, mais e cada vez mais. Eu tenho dito ao Miguel Jorge: nós temos o mundo à nossa disposição, nós temos uma parte do mundo muito similar ao Brasil e que, muitas vezes, nós esquecemos essa parte do mundo. Eu falo sempre do continente africano, que são 800 milhões de



habitantes. Eu falo sempre da nossa querida América Latina, com quem nós temos um potencial. E os nossos empresários precisam olhar com carinho o potencial do que nós podemos exportar e trabalhar com esses países.

Eu agora comecei uma discussão com eles, que é a seguinte: a maioria desses países não é produtora de petróleo, e a maioria desses países consome muito petróleo, importa muito petróleo. Portanto, nós temos o carro a etanol para oferecer para eles. Eles poderiam produzir cana, poderiam gerar empregos, poderiam produzir álcool.

Nesses dias, eu estava com o Presidente de El Salvador, na Fiesp. Eles já produzem o melão, eles exportam o melão para os Estados Unidos por 50% do que vale o preço do etanol. Seria muito melhor eles produzirem logo o etanol, exportar o etanol para os Estados Unidos, parar de comprar aqueles carros que gastam [fazem] 3 quilômetros com um litro, comprar o nosso *flex-fuel*, que faz aí uns 14 ou 15 [quilômetros] por litro, e a gente poder ajudar esses países a se desenvolverem.

Eu estou dizendo isso porque eu acho, companheiro Miguel Jorge - você tem quatro meses ainda no Ministério - é preciso que a gente faça com que os nossos empresários se descubram para um mundo que está precisando de nós. Eu acho que os americanos e os europeus vão, a partir da crise, demorar um pouco para voltar a consumir. E eles não são muito chegados a comprar parte dos nossos produtos. Pelo contrário, eles são acostumados a competir conosco em determinados mercados, e nós temos que competir com eles. Por que o nosso carro não entra na Europa... na África? Certamente, porque as matrizes querem exportar os seus carros para a África, e não sair daqui do Brasil.

Essa é uma disputa que nós temos que fazer. Essa é uma disputa que, se nós fizermos, eu acho que nós temos chances de sair vitoriosos. De um lado, um olho muito forte no mercado interno do Brasil; de um lado, um olho muito forte no investimento na infraestrutura no Brasil, que vai ser cada vez



mais pesado; e de outro lado, a gente não esquecer nunca a combinação de, fortalecendo o mercado interno de um lado, a gente não esquecer o mercado externo; e o mercado externo, nós sabemos para onde está e quem é que pode comprar da gente.

Portanto, Paulinho, mais uma vez, muito obrigado pelo carinho. Eu espero que o almoço esteja tão doce quanto a tua... que o almoço esteja tão gostoso quanto as tuas palavras aqui, de elogio ao Presidente da República.

Hoje aconteceram duas coisas importantes para mim, em um final de mandato é muito gratificante: eu ir, às 5h da manhã, levar a minha candidata na porta da fábrica... Acho que é a primeira... Nunca antes na história do Brasil um presidente da República, no final de mandato, teve coragem de ir à porta da fábrica se despedir dos trabalhadores; e ser homenageado pelos empresários no final do mandato. Certamente, teria um monte de faixas aí “Fora, Lula”, “Fora, não sei quem”, “Fora, não sei quem...”. Eu acho que a nossa evolução foi de tal ordem, que nós compreendemos que juntos nós poderemos fazer muito; separados, nós continuaremos pequenos, como fomos durante décadas.

Obrigado, gente, e bom almoço para todos nós.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da UPA 24 horas e da 1ª unidade de
Ressonância Móvel da América Latina**

Nova Iguaçu-RJ, 30 de agosto de 2010

Bem, primeiro eu quero cumprimentar a nossa querida companheira Adriana Ancelmo, primeira-dama do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o ministro José Gomes Temporão, da Saúde; Alexandre Padilha, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais; o Eloi Ferreira de Araújo, ministro-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; e a companheira Nilcéa Freire, ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Quero cumprimentar o companheiro senador Regis Fichtner,

Quero cumprimentar a companheira Sheila Gama, prefeita de Nova Iguaçu,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Côrtes, secretário estadual de Saúde, e a senhora Verônica Vianna,

Quero cumprimentar o major Jorge André, por intermédio de quem saúdo os demais integrantes do corpo médico das Unidades de Pronto Atendimento do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras,

E dizer para vocês: é a segunda UPA que a gente inaugura aqui, não é, Sérgio? É a segunda UPA. Agora, eu vou dizer para vocês por que eu hoje estou mais feliz do que quando eu vim inaugurar a outra. É porque eu vi aí, na frente, um caminhão, um caminhão que vai fazer ressonância magnética... Nesta semana vai ficar em Nova Iguaçu? Até dia 30 de setembro este caminhão vai ficar aqui em Nova Iguaçu, para fazer ressonância magnética.



Ressonância magnética é uma coisa chique, é uma coisa chique. Tanto o Ministro, como o Secretário da Saúde sabem perfeitamente bem que não é qualquer pobre que pode fazer ressonância magnética.

Eu, por exemplo, o Temporão e o Secretário, a gente pode fazer porque a gente tem plano médico. Então, quando você tem plano médico... se for bom o plano, porque tem uns planos, também, que você paga até consulta... ou seja, aí você vai a um hospital, você vai fazer um check-up, por exemplo, você fala bom dia para o médico, cumprimenta o médico na hora que chega, tira sangue e, aí, você começa a deitar em máquina. Aí, máquina um, máquina dois, máquina três, máquina quatro, máquina cinco. Quando termina o seu *check-up*, você conversa com o médico outra vez. Ele fala: “Olha, deu tudo bom aqui, tem um pouquinho aqui, colesterol; o colesterol bom está ruim e o ruim está bom”, e vai dizendo, por aí, as coisas.

Essa máquina que eles têm aqui, eu fiquei impressionado, e quero dar os parabéns, primeiro, ao governo do estado do Rio de Janeiro; segundo, ao Secretário de Saúde do Rio de Janeiro, porque o que você está fazendo hoje, colocando essa máquina de ressonância magnética para ficar até 30 de setembro aqui, em Nova Iguaçu e acho que na Baixada Fluminense... Só aqui, ou na Baixada toda? Na Baixada toda. Um mês, para fazer ressonância magnética, é a maior demonstração de respeito e carinho que o Rio de Janeiro está dando para o povo da Baixada Fluminense.

Obviamente que vocês não vão poder entrar na máquina para visitar, porque não é uma máquina de visita, mas é uma máquina que tira fotografia da gente por dentro, ou seja, vocês vão se ver por dentro. É uma coisa... talvez a mais moderna do mundo. É a única da América Latina, móvel. É o primeiro estado brasileiro, e é a única, em toda a América Latina, que vai percorrer o estado do Rio de Janeiro para fazer o exame mais sofisticado que tem hoje, que é a ressonância magnética.



Então, parabéns, meu querido secretário Sérgio Côrtes, por esta, esta... este caminhão móvel que vai fazer ressonância magnética. Em segundo lugar, eu queria dar os parabéns pela UPA outra vez, também, porque o Rio de Janeiro é o estado que tem mais UPAs no Brasil. Esta aqui é a 38ª UPA, já ouvi dizer que vai inaugurar a 39ª em Petrópolis, e nós estamos comprometidos a contratar 500 UPAs. Eu não sei se todas ficarão prontas, mas nós queremos contratar 500 para ver se terminamos até o dia 31 de dezembro. Se não der, vai continuar porque nós entendemos que a UPA, tal como ela está sendo feita hoje no Rio e no Brasil é, pela primeira vez, uma demonstração de total respeito ao povo brasileiro, quando se trata de saúde. É uma coisa limpa, é uma coisa que as pessoas não têm fila de espera, é uma coisa que a pessoa é tratada pela gravidade da doença, é uma coisa que a pessoa recebe o seu cartãozinho – este aqui é o meu, ó, o meu cartãozinho aqui, UPA 24 horas – e vai evitar, vai evitar que as pessoas tenham que ir para o hospital se não tiver necessidade de ir para o hospital. Quando alguém chegar a uma UPA dessas e tiver que ir para o hospital, vai ter uma ambulância que vai pegá-la e vai levá-la para o hospital, e ela já vai ficar lá no hospital. Não vai sair procurando hospital, como era antigamente, e às vezes não achava hospital. Agora vai sair daqui direto para o hospital.

Por isso, minha querida Adriana, eu quero cumprimentar o governador Sérgio Cabral, em seu nome. Quero cumprimentar o secretário Sérgio Côrtes porque eu acho que... eu estou terminando o meu mandato, mas acho que nós cumprimos uma coisa extraordinária. Eu sempre disse, eu sempre disse ao Governador, eu sempre disse ao Governador que nós íamos dar uma demonstração de parceria e quem ia ganhar com isso era o Rio de Janeiro. Pois bem, eu tenho consciência de que a Baixada Fluminense está recebendo investimentos no mandato do Sérgio e no meu, que nunca tinha recebido antes. E as obras vão acontecer, não vão parar, porque agora o Brasil aprendeu a cobrar, o Brasil aprendeu a cobrar, o povo está mais esperto, está



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

mais inteligente, o povo sabe o que é bom e o povo não quer mais continuar sendo tratado como se fossem pessoas de segunda categoria.

Por isso, eu quero dar os parabéns ao governo do estado do Rio de Janeiro, ao companheiro Sérgio Cabral e ao Secretário de Saúde pela inauguração de mais esta UPA. Espero que quando vocês forem inaugurar a terceira UPA aqui, mesmo eu não sendo mais presidente, por favor, me convidem que eu virei mesmo sem ser presidente.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante comemoração dos 100 anos do Porto do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, 30 de agosto de 2010

Meu caro companheiro Pedro Brito, ministro da Secretaria de Portos,
Meu caro companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,
Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,
Eloi Ferreira de Araujo, da Secretaria de Políticas de Promoção da
Igualdade Racial,

E nossa querida companheira Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas
para as Mulheres,

Quero cumprimentar o nosso querido senador Regis,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o almirante-de-esquadra Luiz Umberto de
Mendonça, comandante de Operações Navais,

O Julio Bueno, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico,
Energia, Indústria e Serviços,

Quero cumprimentar o Jorge Luiz de Mello, diretor-presidente da
Companhia Docas, por meio de quem cumprimento os diretores e funcionários
do Porto do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o Sérgio Giannetto, presidente do Sindicato dos
Portuários do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o Adácio Carvalho, superintendente do Porto do Rio de
Janeiro,

E o Marco Aurélio de Souza, diretor regional dos Correios,

Cumprimentar os empresários que estão aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,



E dizer a vocês da alegria de estar, mais uma vez, aqui no Porto do Rio de Janeiro. Há cem anos, em 20 de julho de 1910, o presidente Rodrigues Alves aprovou uma política de modernização do Rio de Janeiro, então Capital Federal, que levou à construção da Avenida Central – hoje Avenida Rio Branco.

Incentivado pela ação do Presidente, o prefeito da época, Pereira Passos, empreendeu importantes reformas urbanísticas na cidade. As grandes transformações históricas do Rio de Janeiro no começo do século XX tiveram como cenário principalmente o centro da cidade, a região do Porto e o coração da metrópole.

Getúlio Vargas, em 1934, decidiu modernizar a administração do complexo portuário criando a Administração do Porto, hoje Companhia Docas do Rio de Janeiro. Agora, cem anos depois da inauguração do Cais Lauro Muller, a região ganha novas perspectivas por meio de iniciativa integrada dos governos federal, estadual e municipal.

Há pouco mais de um ano, em 23 de junho de 2009, as três esferas de governo lançaram no Píer Mauá o projeto de Revitalização do Porto do Rio de Janeiro, o Porto Maravilha.

Isso vai significar maior qualidade de vida para as pessoas que moram e trabalham na região e de nova efervescência cultural para todos os cariocas, para todos os brasileiros e para todos os turistas do mundo inteiro que vierem ao Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro é o nosso maior cartão postal. É uma cidade reconhecida no mundo por sua beleza, cultura e receptividade, motivo de orgulho não só para os cariocas, mas para todos os brasileiros e brasileiras.

A cidade se transformará na capital ecológica mundial em 2012, com a Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, e na capital esportiva mundial em 2016, com os Jogos Olímpicos, sem falar na Copa do Mundo em 2014.



A revitalização do porto do Rio é parte fundamental do nosso caderno de obrigações apresentado ao Comitê Olímpico Internacional e será um dos maiores legados para os cariocas no fim dos Jogos.

Lembrar que além das Olimpíadas e além da Copa do Mundo de 2014, nós teremos a Copa das Confederações em 2013 e teremos a Copa América em 2015, portando, são quatro anos, além dos Jogos Militares, no ano que vem, em 2011, ou seja, são praticamente quatro anos consecutivos em que o Brasil e o Rio de Janeiro virarão, eu diria, o centro esportivo do mundo.

Além disso, o Ministério do Turismo e a Secretaria Especial dos Portos estão realizando esforços conjuntos para melhorar a infraestrutura portuária do Rio de Janeiro e de todo o país. Entre as prioridades, estão os 35 terminais portuários localizados nos Destinos Turísticos Indutores do Desenvolvimento Regional, voltados para o maior atendimento da demanda do turismo. Esta parceria prevê a construção de terminais de passageiros, melhoria das vias de acesso aos portos e revitalização das orlas marítimas, como a que vai ocorrer aqui na cidade do Rio de Janeiro.

Em 2007, criamos a Secretaria Especial de Portos. O Brasil necessitava de um órgão que formulasse políticas e diretrizes para o setor e apoiasse o desenvolvimento da infraestrutura portuária. Por nossos portos passam 95% de todo o fluxo do comércio exterior do nosso país. Portanto, é importante lembrar que além dos turistas, os portos praticamente são responsáveis por mais de 90% de tudo que sai do Brasil e tudo que entra no nosso país, do ponto de vista da riqueza produzida e da riqueza comprada.

A primeira medida foi profissionalizar as administrações da autoridade portuária. Ainda em 2007, instituímos o Programa Nacional de Dragagem Portuária e Hidroviária, implantando os conceitos de “dragagem por resultado” e de “gestão portuária por resultados”.

Já concluímos três obras que aumentaram em 30% a capacidade operacional dos portos de Recife, Rio Grande e Angra dos Reis. Se eu estiver



dizendo alguma coisa que não é verdade, Brito, você balança a cabeça assim ou assim, afirmativamente.

O Porto do Rio... Eu não vou falar da quantidade de dinheiro que recebeu o Porto do Rio de Janeiro, porque já foi falado pelo Brito. Eu não vou falar quanto tem no PAC 2, porque o Brito já falou. Eu só vou dizer que em todo o estado do Rio de Janeiro, os investimentos federais em portos até 2014 somam R\$ 1 bilhão e 304 milhões para o estado do Rio de Janeiro.

Todo esse esforço de investimentos públicos na estrutura portuária está melhorando cada vez mais o desempenho das exportações e também a eficiência da nossa navegação de cabotagem. Esse esforço exige também a participação cada vez maior de investimentos privados, que já estão sendo feitos de Norte a Sul em portos privados e em terminais arrendados em portos públicos.

A indústria naval, por sua vez, recuperada no nosso governo, tem apresentado um avanço extraordinário, e o interesse da iniciativa privada em novos investimentos, felizmente, e para o bem do Brasil, não para de crescer.

Os resultados estão aí para todos verem. Apenas um exemplo: pesquisa do Banco Mundial dá conta de que o setor de logística brasileiro subiu 20 posições nos últimos três anos, e a expectativa é de ficar entre os dez primeiros do mundo nos próximos dez anos.

Meu caro Brito, meu caro prefeito,

Todos vocês estão notando aqui a ausência do nosso governador. Há um vazio nesse palanque, porque falta uma pessoa importante. Tem um aqui, que é o Eduardo Paes, mas falta o nosso governador Sérgio Cabral. E acho importante o povo carioca compreender o seguinte: eu termino o meu mandato no dia 31 de dezembro à meia-noite, mas ainda fico segurando a faixa até às 10 horas da manhã, quando o Congresso Nacional der posse a quem for eleito no país.

Mas eu queria fazer um testemunho, meu caro prefeito, deputados,



senadores, que a maioria não está aqui porque a lei não permite, mas eu queria prestar um depoimento: quando o companheiro Sérgio Cabral disputava as eleições e a gente estava em palanques diferentes, com alianças diferentes, e no segundo turno a gente pôde trabalhar juntos, nós fizemos um comício. E naquele comício eu dizia ao então candidato que se ele e eu ganhássemos as eleições, em 2006, a gente poderia dar uma lição ao Rio de Janeiro, aos governantes que tinham governado o Rio de Janeiro, porque nós poderíamos construir uma aliança política que pudesse fazer com que o Rio de Janeiro tivesse restituído, do ponto de vista de investimento do governo federal, aquilo que o Rio de Janeiro tinha perdido ao longo dos anos, desde que o Rio deixou de ser capital. Ou seja, o Rio de Janeiro, de uma hora para outra, perdeu de ser capital e, de uma hora para outra, perdeu o estado da Guanabara. O Rio de Janeiro foi ficando desmotivado e os investimentos começaram a deixar de acontecer no Rio de Janeiro durante muito tempo.

Era preciso, então, que se reconstruísse uma parceria. O governo federal não poderia ficar perseguindo o Rio de Janeiro; o governador do Rio de Janeiro não poderia ficar se atritando com o presidente; o governador e o prefeito deveriam se entender bem; o governador, o prefeito e o presidente deveriam construir as parcerias que devolvessem ao Rio de Janeiro aquilo que o Rio e Janeiro tem direito, no Brasil, por ter sido a nossa capital e por ser o estado e a cidade que melhor representa a imagem do Brasil no exterior.

Pois bem, eu vou terminar o mandato com a consciência tranquila de que, com você, meu caro Eduardo Paes, em dois anos que você ainda não completou, nós já construímos mais parcerias do que em seis anos com outro prefeito que tinha na cidade, que não gostava de trabalhar com o governo federal, que não aceitava trabalhar com o governo federal. Eu tenho a convicção de que o que nós fizemos nesses últimos seis anos, nesses últimos quatro anos, no meu segundo mandato, eu tenho a convicção de que nós conseguimos, juntos, com a parceria com a prefeitura e com o governo do



estado, fazer mais investimentos no Rio de Janeiro do que tudo o que foi feito nos últimos 20 ou 25 anos por outros governantes que passaram pelo Brasil e pelo estado do Rio de Janeiro.

Essa é uma política de gratidão, é uma política de gratidão, porque eu duvido que tenha havido no país alguém mais republicano do que eu, eu duvido que tenha um prefeito, de qualquer partido político neste país, que possa dizer que: “porque eu não sou de tal partido, o presidente nunca me atendeu”. Qualquer que seja o partido, ou qualquer que tenha sido o prefeito ou governador, foram tratados em igualdade de condições neste país. É só pegar os investimentos do PAC que nós vamos perceber que não tem diferença; é só pegar o Minha Casa, Minha Vida que a gente vai perceber que todos receberam proporcional ao número de habitantes.

Por isso, eu quero, Eduardo, terminar o meu discurso dizendo o seguinte: você, faz pouco tempo que é prefeito, mas eu acho que, nesse pouco tempo que você é prefeito, você já conseguiu arrancar do governo federal mais do que nos últimos 10 ou 15 anos alguém conseguiu buscar no Rio de Janeiro. E nós fazemos isso porque temos a convicção e a certeza de que vocês estão aplicando corretamente os recursos, e a gente pode sentir quando vai lançar o primeiro programa de turismo, lá no morro Santa Marta, ou seja, uma favela que, há um tempo, era vista pelas páginas de jornais... nas páginas policiais, hoje vai ser vista na página de turismo, porque o povo vai começar a frequentar para ver, onde tinha guerra, como é mais fácil construir a paz.

A segunda coisa é que hoje eu vi uma coisa fantástica no Rio de Janeiro, que eu tenho que elogiar: um caminhão ambulante com a máquina de ressonância magnética, para viajar o estado inteiro, fazendo com que as pessoas pobres tenham direito de fazer uma ressonância magnética, coisa, até agora, só para quem tem um bom plano médico ou para gente rica, ou o pobre, às vezes, do SUS, se esperar três, quatro anos para fazer. Então, eu acho que



o Rio de Janeiro está dando uma nova lição que todo o Brasil tem que aprender.

Por último, inaugurar... Eu vim aqui a primeira vez, isso aqui estava muito decadente, ô Brito. Eu quero elogiar, porque isso aqui agora a gente pode dizer que é um centro de atração turística, e eu espero que mais coisas sejam feitas aqui, para ficar mais bonito, mais gente frequente, da mesma forma que toda essa área aqui, que era portuária, que é ligada ao Patrimônio da União, que nós vamos ter que dar um jeito de vender, de dar, de emprestar, de qualquer coisa para que a prefeitura possa, dentro desse processo de revitalização da cidade do Rio de Janeiro, dar ao Rio de Janeiro aquilo que o Rio merece, não apenas para as Olimpíadas, mas para todo o sempre, porque o Rio de Janeiro precisa voltar a ser orgulho de todo o povo brasileiro.

Um abraço e bom trabalho para todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa de turismo nas comunidades pacificadas: “Rio Top Tour, o Rio de Janeiro sob um Novo Ponto de Vista”

Rio de Janeiro-RJ, 30 de agosto de 2010

Olhem, eu penso que quem tinha que falar sobre o projeto, que era o Sebrae e o Ministério do Turismo, já está de bom tamanho. Mas é importante vocês saberem que aqui comigo tem algumas pessoas que jamais imaginaram vir aqui visitar a comunidade de Santa Marta, jamais imaginaram. Eu poderia pegar todos os meus ministros: o da Justiça, que falou aqui, está aqui o Ministro da Justiça; o ministro das Relações Exteriores, o Celso Amorim, que é um grande, um grande ministro das Relações Exteriores, mora no Rio de Janeiro e jamais imaginou vir aqui; o Ministro do Turismo, que falou com vocês agora, jamais imaginou vir aqui; o companheiro Marcio Fortes, que é o ministro das Cidades, torcedor do Fluminense, fala para mim que de vez em quando vem aqui. Qual é o outro ministro que está aí? O companheiro Eloi, que é o ministro da Igualdade Racial, também carioca, não sei quantas vezes ele já veio aqui. Vocês que dizem quantas vezes ele já veio. A companheira Nilcéa, que é a ministra que cuida das mulheres no meu governo, é também carioca. Eu penso que jamais pensou em vir aqui. O Paulo Okamoto, do Sebrae, que falou, jamais pensou em vir aqui. Da mesma forma que esta senhora que eu mandei chamar aqui em cima, ela jamais imaginou se encontrar com o Presidente da República, aos 86 anos de idade. É apenas para demonstrar que as coisas começam a mudar, meu querido Prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês que eu estou aqui hoje, sobretudo por um pedido do Governador, que insistiu, há mais de 20 dias, que eu não



poderia deixar de vir aqui para inaugurar o começo deste programa lançado pelo Ministério do Turismo – pelo nosso companheiro Luiz Barretto –, pela Secretária de Turismo do Rio de Janeiro e pelo companheiro do Sebrae. Eu não poderia deixar de vir aqui por uma razão simples. Nós, na nossa geração, nós temos que recuperar o tempo perdido para que a gente... daqui a alguns anos os nossos filhos não precisem mais chamar nenhum bairro de favela, que tudo seja bairro, tudo seja comunidade, e a gente tirar esse nome de “favela”, que antes era romântico, dava até samba, mas que com o desprezo do Estado brasileiro de cuidar das pessoas mais pobres, aquilo que dava enredo para escola de samba, aquilo que dava razão para pessoas, como o Noel Rosa, fazerem música bonita, foi virando um lugar violento e começou a aparecer apenas nas páginas policiais dos principais jornais brasileiros.

O que foi feito aqui pelo governo do estado do Rio de Janeiro é um exemplo que está sendo seguido por outros estados, e eu acho que é um exemplo que a gente vai conseguir implantar, nos próximos anos, em todo o território nacional. Na hora... A coisa mais sagrada é demonstrar para vocês que é possível a gente ter paz se o Estado cumpre com o seu papel: se tiver escola, se tiver saúde, se tiver emprego, se tiver lazer, se tiver cultura, mas também se tiver polícia.

A polícia não é para vir de quando em quando, dar uns tiros e voltar. A polícia tem que vir e aprender a conviver com a comunidade, e é isso que é o grande exemplo que está sendo dado no Rio de Janeiro. Portanto, não é uma coisa estranha, que de quando em quando, em época de eleição, sobe o morro, dá uns tiros, mata um bandido, mas mata inocente também, para prestar contas à opinião pública de que está atuando. O que o governo do Rio de Janeiro está fazendo é mostrar que é possível fazer com que a polícia conviva com a comunidade, seja tratada como se fosse da comunidade, e trate a comunidade com respeito e com dignidade. É isso que nós estamos vendo acontecer aqui no Santa Marta.



A segunda coisa importante, eu acho que é esse passo que foi dado agora. Esse passo, duas pessoas receberam dois cheques. Essas pessoas estão tomando empréstimo, não é dinheiro dado, não. Isso aqui são duas pessoas que conseguiram financiamento para aplicar nos seus negócios: uma moça que vai cuidar de estamperia e um cidadão que vai cuidar do seu bar. O paulista já vem dizer que vai fazer pastel e chopp. Não! Vai fazer feijoada aos sábados para a gente comer uma bela de uma feijoada, um torresminho, uma costelinha de porco bem passada, e a gente, aí, vai tomar um choppezinho, porque nós somos filhos de Deus e, então, nós precisamos tomar isso.

Eu, eu, na verdade, acho... acho que esse... essa motivação de cuidar, de criar oportunidades para as pessoas trabalharem e para as pessoas estudarem é condição fundamental para que a gente possa sonhar, um dia, que a violência que possa ter em qualquer bairro do Brasil seja aquela violência normal que acontece em todas as boas famílias do mundo, ou seja, as discussões caseiras, as discussões sobre futebol. Por exemplo, quem é Flamengo está chateado porque perdeu ontem do Guarani; o meu ministro Celso Amorim é do Flamengo, quase chorou. Quem é vascaíno, como o Prefeito, está mais feliz, embora seja minoria neste espaço aqui. Quem é corintiano, como eu, está mais feliz vendo o Ronaldão magrinho, jogando bola, correndo.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: quero dizer que é visitando aqui, andando aqui que a gente passa a ter a certeza de que realmente aqui na comunidade Santa Marta existe paz, e é por isso que eu vim de branco aqui, porque o branco simboliza a paz e não é, não é uma ficção, é uma verdade reconhecida pelo Hilário e por todos os companheiros que moram aqui.

Parabéns a todos os companheiros do Santa Marta. Santa Marta, Prefeito, Santa Marta! É que quem não é daqui não tem obrigação de conhecer, somente nós da comunidade é que sabemos que chama Santa Marta, é isso.



Um abraço, gente. Boa sorte.

_____ : Está encerrada...

Presidente: Todo turista vai ganhar isso aqui quando visitar aqui, olha... vai ganhar. Eu estou ganhando aqui a minha fotografia aqui, em cima, eu espero que venham muitos turistas. Eu ia ler o meu discurso, no meu discurso conta que o seu Antônio, o dono do bar, que o cara foi lá e pediu “*water, water*”, e ele não sabia que era água. Ele vai aprender a falar em inglês para atender o inglês que quer tomar água.

Então, gente, parabéns. Que Deus abençoe todos vocês. E que outros governantes – eu vou pegar aí, meu amor... –, e que outros governantes possam subir muitas vezes aqui, à comunidade da ... o morro, para conhecer o que está sendo feito aqui.

Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no show “Beijo Bandido”, com Ney Matogrosso, em benefício das ações do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase

Rio de Janeiro-RJ, 30 de agosto de 2010

Bem, primeiro, eu acho, Eike, que... espero que o teu gesto possa servir de estímulo, de exemplo para que outros empresários possam, em outros momentos – não apenas para os hansenianos, mas em tantas causas que existem no Brasil –, que possam colaborar de forma desprendida, como você tem colaborado.

Segundo, Adriana, te dar os parabéns. Eu acho que não é sempre que a gente pode presenciar companheiros hansenianos entrando no Theatro Municipal da capital de um estado importante como o Rio de Janeiro.

Eu lembro que a primeira vez que eles entraram no Palácio do Planalto, acho que o Ney Matogrosso estava junto também... Eu quero, aliás, agradecer o engajamento do Ney Matogrosso na causa da hanseníase no Brasil. Mas, muitos companheiros que foram ver a gente pela primeira vez não acreditavam que pudessem entrar no Palácio do Planalto. Lá eles entraram e foram tratados como qualquer cidadão. Do mesmo jeito, Eike, que eu lhe recebo no Palácio do Planalto, eu recebo cada companheiro desses... que é um pouco as coisas que o Brasil tem que mostrar para as pessoas.

Eu digo sempre, companheiros, que cada um desses companheiros aqui... muitos deles, eu já encontrei com eles ou no Pará, ou no Acre, ou no Amazonas. Cada companheiros desses ficou segregado. Eu, no dia em que nós sancionamos a Medida Provisória, que eles tomaram a minha Mont Blanc, uma caneta que eu tinha... quebraram o protocolo e tomaram a minha caneta. Eu, agora, não uso nem caneta mais. Cada vez que eu encontro este baixinho aqui, eu deixo a minha caneta e boto uma Bic no bolso.



Mas eu acho que, Artur, a gente pode dizer que tinha uma política antes e uma depois de um ato como este, porque quem ouve a história de um companheiro que foi segregado numa colônia... Nós fomos ao estado do Amazonas não apenas fazer a titulação da terra, mas dar umas casinhas para os companheiros, e a gente ver a situação em que aquele pessoal viveu, abandonado durante tanto e tanto tempo, e ver essas pessoas hoje aqui no Theatro Municipal, chique, falando, e tanta gente se importando, vendo vocês, eu acho que a gente começa a acreditar um pouco mais que tudo é possível. A única que não é possível seria Deus pecar. O resto a gente vai conseguindo e o avanço é extraordinário.

Queria dizer, Adriana, que certamente tem algumas pessoas que não vão gostar do que você fez, porque trazer hansenianos aqui no Theatro Municipal, isto aqui, que era palco de grandes espetáculos e apenas uma parte da sociedade poderia vir, tem gente que vai dizer: “Mas por que é que a Adriana levou essa gente lá? Por que é que não levou em outro lugar?” Eu acho que esse gesto, de você ter a coragem de trazê-los aqui... Não é para expô-los à sociedade. É para expor a sociedade diante deles, mostrar como se foi cruel neste país, em determinado momento.

Eu tive a oportunidade, Eike, de ouvir alguns depoimentos de pessoas, que a Vigilância Sanitária da década de 40 ia à casa para tirar, separar as pessoas. Eu ouvi depoimentos de mães, de pessoas que foram retiradas, de marido que se matou, de mulher que só foi ver a filha 40 anos depois, e eu acho justa a reivindicação de vocês, que também os filhos que foram separados dos pais tenham direito de receber um benefício do Estado brasileiro, porque é um processo de reparação que nós temos que fazer, temos que fazer. Eu sei que não é uma luta fácil porque você tem que vencer a burocracia interna do estado, depois passar as coisas pelo Congresso Nacional.

Eu lamento profundamente, Artur, que o nosso querido companheiro



Bacurau não esteja presente, junto conosco. Ele, que foi um guerreiro extraordinário, grande líder do Morhan, que morreu em [19]97, não pode estar junto conosco. Mas eu, Artur, ainda tenho, ainda tenho... não acabou o meu mandato, eu ainda tenho quatro meses. Quatro meses e uma caneta.

Então, o que eu acho, (incompreensível), é que, é que... veja, quando nós aprovamos a lei da aposentadoria, a gente imaginava que tinha quatro mil pessoas que iam fazer requerimento. Já fizeram requerimento 11 mil pessoas. Nós resolvemos atender primeiro as pessoas que tinham mais de 60 anos de idade, ou seja, que eram mais necessitadas. O Paulinho Vannuchi, o nosso ministro de Direitos Humanos está aqui. Já foi resolvido, já tem cinco mil e poucas recebendo, das quais 516 aqui do Rio de Janeiro, e agora nós vamos pegar todas as outras pessoas que requereram. Já são 11 mil, e eu peço a Deus que a gente possa, antes de terminar o meu mandato, Paulinho, resolver todas essas que têm requerimento, porque novos requerimentos e novas conquistas devem acontecer para que a gente termine, de uma vez por todas, com o sofrimento de uma geração de pessoas que um dia foram hansenianas.

Que Deus abençoe todos vocês. Eike, meus parabéns. Adriana, parabéns. Sérgio Cabral, parabéns, Pezão, Eduardo Paes.

Eu acho que o que fica demarcado aqui é o seguinte, Adriana. Eu sempre dizia o seguinte: não é possível governar um país apenas com a inteligência da cabeça. É preciso governar um país, um estado e uma cidade com a inteligência da cabeça, mas com muito sentimento no coração, porque isso... sem isso a gente não conseguiria onde nós chegamos.

Parabéns, Arimatéia. Ainda bem que só falaste três minutos porque senão estaríamos aqui te ouvindo até agora. Nós temos que sair porque o nosso companheiro Ney Matogrosso vai fazer... Ô Gilberto, o Arimatéia quer te ver. Deve querer te pedir alguma coisa. Cuidado, hein, cuidado. Nós vamos... Estamos atrapalhando o Ney Matogrosso, já, sabia? Sabia que ele veio aqui para fazer um show? E sabia que muita gente que veio aqui não veio para ouvir



o nosso discurso, não, foi para ouvir o show do Ney Matogrosso? Então, nós vamos...

Gente, eu queria, eu queria pedir desculpas a vocês, eu queria pedir desculpas a vocês, eu vou ter que me retirar pelo seguinte. Eu ainda tenho que ir para Ribeirão Preto, tenho que ir para Ribeirão Preto, e eu tenho um problema: se eu não chegar em São Paulo até umas dez para as onze, eu não posso pousar mais no Aeroporto de Congonhas. Então, eu preciso... lamentavelmente, tenho que ir embora, Arimatéia. Fica para a gente se encontrar em Redenção, em Redenção, no Ceará, quando a gente for lançar a pedra fundamental da Universidade.

Gente, que Deus abençoe todos vocês. Um abraço a todos os companheiros e companheiras do Morhan que estão aqui presentes. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Campus Salgueiro do Instituto Federal do
Sertão de Pernambuco**

Salgueiro-PE, 17 de agosto de 2010

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Meu caro amigo Sebastião Rildo Fernandes Diniz, magnífico reitor do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
– ele exigiu que eu falasse “do sertão pernambucano”.

Senhor Marcones Libório de Sá, nosso querido prefeito de Salgueiro,
Vereadora Raimunda Barros Lisboa, presidente da Câmara Municipal de
Salgueiro,

Nosso companheiro Nilton da Mota, secretário de Educação do estado
de Pernambuco,

Nosso querido companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário de
desenvolvimento econômico de Pernambuco,

Nossa querida e eterna companheira Cleuza Pereira, assessora especial
do Governador de Pernambuco,

Meu querido Amâncio Holanda de Souza, diretor-geral do Campus
Salgueiro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica do Sertão
Pernambucano. Aqui, tudo tem que falar “do sertão pernambucano”.

Meu querido companheiro Reginaldo Bezerra da Silva, estudante do
curso técnico em agropecuária, por meio de quem cumprimento todos os
estudantes aqui presentes,

Companheiros e companheiras,

Senhores e senhoras,

Jornalistas aqui presentes,

Amigas e amigos,



Eu, sinceramente, eu não vou ler o meu discurso. Eu pensei que ia ouvir orquestra. Quem é que proibiu de a gente ver o show da orquestra? Não estava previsto? Ô nosso magnífico maestro, não estava prevista uma musiquinha para nós? Depois que eu ouvir a música, eu falo umas bobagens aqui. Uma ou duas? Vamos lá.

Mais uma, rapaz. Você sabe se eu vou ver vocês tocarem mais alguma este ano? Vamos lá mais uma. Depois eu falo menos, aí vou embora rápido.

Queridos companheiros da Opus 68, querido Luciano, quem é que poderia, há 30 anos, dizer que meninas e meninos tão jovens aqui do sertão estariam tocando a nossa rebequinha, mais conhecida como violino. A gente só sabia que tinha orquestra de Berlin, que tinha orquestra de Moscou, que tinha orquestra de Varsóvia, mas quem sabia que tinha a orquestra de Petrolina?

Eu acho que essa é a coisa nova, Luciano, que está acontecendo no nosso país. Eu acho que nós, um dia, acordamos e descobrimos que a construção de um país, ela se dá quando todas as coisas que você faz naquele país têm como princípio fundamental a valorização humana, o homem e a mulher. Até porque são as pessoas que constituem uma nação; uma nação sem gente não é nação, é um território, é um pedaço de terra, é uma coisa qualquer, mas o que compõe uma nação de verdade é o seu povo, e quanto mais qualidade, quanto mais formação, quanto mais informação tiver o seu povo, mais essa nação será poderosa, mais essa nação será importante no nosso planeta.

Eu, de vez em quando, discuto com o meu companheiro Fernando Haddad. Discuto com ele, porque tem coisas que eu compreendo, mas não entendo. E continuo fazendo um esforço muito grande, continuo compreendendo, mas não consigo entender: por que este país, por que este país ficou tão atrasado com relação a outros países no investimento da nossa educação? Seja do ensino fundamental, seja do ensino médio ou seja do



ensino universitário. Por que cidades como... no Peru, teve universidade 200 anos antes da nossa? Nós somos praticamente o último país da América Latina a ter uma universidade. Quem queria se formar aqui, que era filho de gente rica, poderia ir para Paris, poderia ir para Lisboa, poderia ir para a Inglaterra, mas no Brasil não tinha. Tinha algumas faculdades e não, uma universidade... Eu não conseguia entender por que tanta gente formada... porque este país já foi governado por advogados, já foi governado por professores, já foi governado por acadêmicos, por empresários, já foi governado... Eu não vou dizer a formação de cada um, senão vão dizer que eu estou nominando problemas. Mas a verdade é por que este país demorou tanto tempo para fazer o que qualquer ser humano sabia que tinha que ser feito: investir na educação deste país?

O Fernando Haddad se lembra, o Fernando Haddad se lembra, eu fiz uma pesquisa na nossa Secretaria de Planejamento Estratégico, qual era a coisa mais desejada pelo povo brasileiro. E a coisa mais desejada pelo povo brasileiro, em todos os segmentos da sociedade que a gente perguntava, era a educação de qualidade. Todo mundo compreendia que era necessário investir na educação, que era o melhor investimento que um governo poderia fazer. Agora, quando perguntado se era possível fazer isso no Brasil, ninguém acreditava que fosse possível fazer no Brasil, porque nós tivemos muita gente com doutorado, com mestrado em Paris, em Londres, em Harvard, não sei mais onde, que presidiu este país e que não fez uma única universidade, uma única universidade, possivelmente porque a turma dele já tinha feito e ele não sabia que a nossa turma precisava fazer, ele não sabia. Eles não sabiam que o Brasil não é construído de uma só turma, que o Brasil tem várias turmas e essas diversas turmas têm que ter as mesmas oportunidades. Foi daí que nós assumimos o compromisso de triplicar o dinheiro do Ministério da Educação, como disse o Fernando Haddad. Saiu de R\$ 20 bilhões para R\$ 60 bilhões o dinheiro do Ministério da Educação.



Em uma reunião ministerial, eu proibi utilizar a palavra gasto em educação. Quando a gente dizia: “Vamos fazer uma escola?”. “Ah, não podemos gastar”. Eu, então, proibi: toda vez em que a gente falar em colocar dinheiro na educação, você precisam entender como investimento, porque é o investimento mais estável possível é o que dá retorno mais rápido. Em quatro anos ou cinco anos, você forma um ser humano, qualifica ele e ele vai poder produzir sabedoria e inteligência para o seu país. E aí, a gente deixa de ser exportador de minério de ferro, de suco de laranja ou de soja, ou de qualquer outra coisa e a gente passa junto com isso a exportar sabedoria, conhecimento, inteligência, e aí, a gente se transforma em uma nação rica e poderosa.

Pois bem, mas nós entendíamos que era preciso mudar as coisas. Como disse o companheiro Fernando Haddad, em 1998, um cidadão que tinha sido reitor da Unicamp, em São Paulo, reitor, não era pouca coisa, não. Um cidadão que tinha sido reitor com o título de Magnífico Reitor da Unicamp, fez uma lei proibindo o governo federal de assumir responsabilidades por ensino técnico. Passou a ser uma coisa da sociedade. Quem queria, queria, quem queria, fazia, como se a sociedade pudesse fazer. O Fernando Haddad se lembra de sindicato que nos procurou para devolver, porque tinham dado para ele a responsabilidade de fazer escola técnica, mas ele não tinha nem conhecimento, nem dinheiro e nós (incompreensível) a escola técnica para nós fazemos. Então, nós tivemos que mudar a lei, tivemos que mudar a lei.

Então, quando vocês veem na televisão alguém falando com ódio, quando vocês veem na televisão alguém falando bravo, alguém xingando a gente, é porque essa gente, que a vida inteira governa esse país, desde que Cabral pois os pés aqui, de 1909 a 2003, eles fizeram apenas 140 escolas e nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais. Então, essa gente, essa gente está com medo porque eu posso provar uma coisa, eu posso provar que inteligência não tem nada a ver com a quantidade de anos de



escolaridade. A escola te dá conhecimento, te aperfeiçoa, te especializa, mas inteligência é uma coisa que muita gente tem sem nunca ter ido a uma escola. É uma coisa que é dom de Deus, e na escola ele pode aperfeiçoar a sua inteligência.

Pois bem, nós estamos aqui inaugurando mais um pedacinho que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, do Sertão Pernambucano. O que é importante, companheiros e companheiras, é que faltam quatro meses para eu deixar o governo, mas o que está criado no Brasil é um paradigma, ou seja, antes entrava um, não fazia nada, entrava outro, não fazia nada, entrava outro, porque não tinha paradigma, você não tinha um referencial. Agora, todos vão ter um referencial, todos vão dizer: “Por que desde Dom Pedro, em 1847, que era Imperador todo poderoso, ele não conseguiu fazer o canal de São Francisco e um torneiro mecânico, pernambucano, conseguiu fazer?” Eles haverão de perguntar por que foi exatamente essa pessoa que está fazendo a Transnordestina, que é uma obra divina para o Nordeste brasileiro, eles vão perguntar por que é essa pessoa que está fazendo a Refinaria Abreu e Lima, o Pólo Petroquímico, o Estaleiro. Por que o Nordeste está se desenvolvendo? É porque era preciso.

Prestem atenção em uma coisa: a nossa cabeça pensa de acordo com o chão que os nossos pés estão pisando. Se você vai morar em um lugar pobre, a tendência é, com o tempo, você começar a falar a mesma linguagem e ter os mesmos hábitos. Se você vai morar em um lugar rico, com pessoas ricas, a tendência é você também ir ficando refinado com o tempo.

Eu aprendi uma coisa sagrada: não esquecer o que eu fui e não esquecer o que eu sou, para não esquecer para onde eu vou voltar quando eu não for mais presidente. Então, muita gente, quando conta miséria para mim, nem conte, porque eu já passei por isso, nem conte. Contou miséria para mim, é pouco. Quando eu vou a um lugar, o cara fala: “Ah, porque a minha casa encheu d’água”. Eu cansei de acordar meia noite com um metro de água



dentro de casa, cansei, cansei, cansei. Cansei de tirar a minha mãe no colo uma hora da manhã; cansei de andar em boia d'água salvando gente, procurando velho, procurando criança, vendo cocô passar na minha cara, rato, barata, cansei.

Nego fala de fome, não fale, porque eu cansei de ver a lombriga maior comer a menor, roncando dentro da minha barriga. Nego... Fui catador de tanajura para comer. Não comprava aqueles pacotinhos fritos, não, ia catar as bichinhas para comer, fritar e comer. Nem todo mundo teria coragem de comer tanajura. Mas eu sou de um tempo em que a gente matava até bizunga para comer. Eu falei bizunga, porque o pessoal mais novo não sabe o que é bizunga, só os mais velhos. Até "beija-fulô", porque não tinha o que comer, você fazia... Só saía de manhã, com uma peteca, para caçar, até borboleta você comia se fosse o caso. O que não faz a fome?

Pois bem, foi exatamente por essa minha formação que eu nunca me conformei de o Nordeste ser tratado com o desrespeito que foi tratado durante muitas décadas neste país, muitas décadas. Eu, todo mundo sabe que eu sou nordestino, amo o meu Nordeste, devo tudo o que eu sou a São Paulo, sou agradecido a São Paulo, acho maravilhoso tudo o que tem por lá. Agora, acho que o Brasil tem que ser governado por gente que se preocupe em cuidar deste país. A palavra correta é cuidar, é tratar de cada um dos 190 milhões de brasileiros com carinho, com amor, dando oportunidade.

É por isso que esse moço criou o ProUni. Fernando Bezerra, nesses dias nós fomos a uma festa onde se formaram os primeiros 414 jovens da periferia em medicina, pelo ProUni – pobre virando médico neste país. Agora, nós vimos a turma formada em engenheiro ferroviário; daqui a pouco eu vou ver os engenheiros de Tucuruí formados agora, Fernando. E a gente vai, assim, preparando o povo brasileiro, preparando; o sertanejo vai tendo benefício; a água vai chegando; o trem vai chegando; os benefícios vão chegando, para que a gente pare de ter uma banda rica e uma banda pobre.



Antigamente, todo o dinheiro da cultura do Brasil ia para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Quando a gente resolveu socializar: “Não, vai para o Rio, vai para São Paulo, mas vá um pouco para o Amazonas, um pouco para o Acre, um pouco para Pernambuco, um pouco para a Paraíba, um pouco para o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, ou seja, vamos levar um pouquinho de dinheiro para todo mundo”. Por que só o artista de um lado é que recebe os benefícios e os artistas do outro não recebem nenhum benefício?

Bem, então eu acho que daqui a pouco a gente vai estar vendo as coisas melhores. Não sei se vocês sabem que quando nós entramos no governo apenas 1,3% dos doutores formados, no Brasil, era do Nordeste, apenas 1,3% dos doutores formados eram do Nordeste. Agora, já são 9,5% dos doutores no Nordeste. A coisa mais importante é que, este ano, a maioria de pessoas formadas doutores foram mulheres, 51% contra 49% dos homens.

Então, isso demonstra que começa a ter uma mudança no Brasil. E eu acho que vocês vão colher isso. Leva pelo menos mais uns dez anos para a gente mudar radicalmente, quem sabe, até um pouco mais. O dado concreto é que nós começamos e não tem retorno. E eu queria falar para a juventude: pelo amor de Deus, pelo amor de Deus, meninos e meninas deste sertão nordestino, vocês têm que transformar, quase que em profissão de fé a vontade de estudar de vocês, vocês têm. Sobretudo, e eu falo em todo lugar, sobretudo, a mulher. A mulher, mais do que qualquer outro ser humano, precisa estudar e estudar muito, porque tem muito preconceito contra a mulher. A mulher sempre foi tratada como se fosse de segunda categoria. Então, a mulher precisa estudar, estudar. Não é correto uma mulher viver com um homem porque ele lhe dá um prato de comida, não é correto, não é correto. A mulher tem que trabalhar e ganhar o seu salário para ela ser independente. Ela vai viver com quem ela quiser porque ela gosta de viver, mas não porque depende de um prato de comida ou de um pedaço de pão. E aí, precisa, realmente, estudar, realmente, estudar. Uma das coisas que eu admiro é minha



mãe: é que a minha mãe era analfabeta, mas ela teve a coragem de largar do meu pai, com oito filhos, e ir morar sozinha. Não são todas as mulheres que têm. Algumas sofrem humilhações por causa da casinha para morar, por causa do pão de cada dia, o que não é justo.

E o homem também tem que se formar. Um homem sem profissão, a gente não vale nada, a gente não vale nada. A gente sai para procurar emprego sem profissão, ninguém dá importância para a gente, ninguém. “Ah, o que você sabe fazer? Nada. Não sabe fazer nada? Então não tem vaga.” Você tem que ter uma profissão e a idade de estudar é essa. Não há nenhuma razão para um jovem ter preguiça, não há nenhuma razão para um jovem desanimar. Quando a gente está velho, a gente pode até desanimar porque já está no fim da vida, mas vocês, vocês estão no começo da vida, vocês são uma flor desabrochando. Vocês não sabem ainda o que vocês podem significar. É por isso que não depende apenas do governo fazer escola, depende da gente criar consciência de que essa idade é a idade de vocês formarem o caráter de vocês, vocês se formarem profissionalmente e vocês estão percebendo a quantidade de emprego que está surgindo aqui no sertão.

Eu peço a Deus que, agora, quando vocês quiserem ir para São Paulo, ninguém vai mais falar para trabalhar de pedreiro, saiam daqui para ser engenheiros em São Paulo, no Rio de Janeiro, onde for necessário. Da mesma forma que vem de lá para cá, vai daqui para lá, mais graduado.

Então, eu queria, meu querido Reitor, lhe cumprimentar, cumprimentar o Prefeito de Salgueiro e cumprimentar esse moço aqui, porque esse moço aqui, o Fernando Haddad... a história vai marcar os ministros da Educação neste país e ninguém cuidou mais da educação, ninguém foi mais genial para criar um ProUni. O ProUni, hoje, tem 704 mil alunos da periferia deste país, todos estudantes de escola pública, fazendo curso superior. Já são 118 mil jovens formados neste país pelo ProUni. O ReuUni, nós conseguimos dobrar, em um ano, o número de matrículas nas universidades federais, que historicamente



renovava 113 mil jovens por ano. No ano passado, foram 227 mil jovens que entraram nas universidades particulares. Mais as novas e os campi que estamos fazendo, eu acho que nós começamos e devemos a esse moço. Devemos a esse moço o trabalho. E nós achamos que não fizemos tudo, não, está só começando, está só começando, tem coisas para fazer.

O que eu quero? O que eu quero é que os filhos dos pobres deste país tenham, no século XXI, a chance que eu não tive no século XX. O que eu quero é que este país seja um país onde ninguém deixe de estudar porque não tem dinheiro, onde ninguém deixe de estudar porque é pobre, onde ninguém deixe de estudar porque é negro, onde ninguém deixe de estudar porque está desempregado. É obrigação do Estado brasileiro garantir a todos os seus jovens o direito de estudar, de se formar, para poderem viver e construir uma vida tranquila.

Por isso, meus queridos e queridas companheiros de Salgueiro, o sol está baixando, o aeroporto não tem luz, o avião tem que sair com a luz do dia e eu tenho que me despedir de vocês e ir me retirando.

Um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de 240 unidades habitacionais (condomínios B
e C) do Programa de Urbanização de Favelas/PAC - Paraisópolis**

São Paulo-SP, 31 de agosto de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o amigo e companheiro governador
Alberto Goldman, de São Paulo,

O nosso querido companheiro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

O ministro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

A presidenta da Caixa Econômica Federal, Maria Fernanda Coelho,

O nosso companheiro Alexandre Margosian, subprefeito de Campo
Limpo,

O Augusto Chagas, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Nosso companheiro Donizete Fernandes de Oliveira, presidente da
União Nacional de Moradia Popular,

Nossa querida companheira Bartíria Lima da Costa, presidente da
Confederação Nacional das Associações de Moradores,

Nosso companheiro José Antônio de Araújo, presidente do Movimento
Nacional de Luta por Moradia,

Nossa companheira Julieta Abraão, presidente da Central de
Movimentos Populares,

Nosso companheiro Gilson Cruz Rodrigues, presidente da União dos
Moradores de Paraisópolis,

Nosso companheiro Yann Evanovick, presidente da União Brasileira dos
Estudantes Secundaristas,

Meu caro Ronaldo Luiz Jorge, por intermédio de quem cumprimento
todos os moradores do bairro de Paraisópolis,

Companheiros da imprensa,



Amigos e amigas,

Vocês perceberam que eu estou com o discurso aqui, por escrito, mas eu não vou utilizar o tempo para ler meu discurso, porque já foram utilizados todos os números possíveis de serem utilizados. Acho que nós deveríamos, no dia de hoje... além de ter nascido um neto meu, que eu vou conhecer daqui a pouco, além de ser cem anos de aniversário do Corinthians, além de estarmos entregando 284 casas – e não pudemos entregar a creche porque está em um processo de licitação os móveis, para que a creche funcione –, nós sabemos que o dia de hoje é um dia de consagração. É um dia de consagração porque vocês estão conquistando mais um pedaço do direito que há tanto tempo vocês vêm brigando desde que vocês estão aqui, no Paraisópolis.

Eu sei que quanto mais a gente fizer, Governador e Prefeito, e Ministro das Cidades, e companheiros do Movimento, eu sei que quanto mais for feito, mais vocês vão aprender a querer mais, e é assim que a gente vai fortalecendo a qualidade de vida da sociedade.

Certamente, aqueles que moram em prédio de cobertura não terão mais vergonha quando olhar para baixo e ver que vocês, agora, estão morando em apartamentos dignos de pessoas que trabalham e dignos de pessoas que querem construir a sua cidadania convivendo dignamente com a sua família. Essa é uma coisa sagrada: é a conquista do direito feito pela parte mais pobre da sociedade.

O Governador disse uma coisa importante. Na verdade, o que se tenta fazer hoje é um pouco da reparação do descaso que aconteceu na década de 60, um pouco na década de 50 e um pouco por conta da crise dos 20 anos, da crise de [19]80, em que você teve um crescimento muito grande da pobreza. São Paulo, por exemplo, eu era moleque, eu conheci, em São Paulo, duas grandes favelas: a da Vila Prudente e a favela do Vergueiro. E, depois, São Paulo foi tendo um empobrecimento muito grande, muita gente pobre vinha



para cá. Na crise do petróleo, de [19]73, muita gente deixou a agricultura para vir morar nos grandes centros urbanos, de forma totalmente desordenada, as pessoas morando em encosta de morro, as pessoas morando à beira de córrego, ou seja, o que nós estamos fazendo agora é um processo de reparação.

Ninguém quer tirar ninguém de onde mora para mandar para 40 quilômetros longe da cidade, para essa pessoa, depois, pagar tudo o que ela ganha de transporte para vir trabalhar. As casas têm que ser feitas onde as pessoas já estão habituadas a morar. E, aqui, no Paraisópolis, você, Gilson, e os outros companheiros que participam e que moram aqui sabem quantas vezes tentaram incomodar vocês, desapropriando vocês. “Isso aqui era um lugar bonito, isso aqui, afinal de contas, está muito perto do Morumbi, é tudo muito bonito. Então, veio muito pobre para cá, e nós temos que tirar esses pobres e aqui fazer outra coisa”. Não! A gente aqui está afirmando que os pobres são tão brasileiros quanto qualquer outro brasileiro rico e que têm o direito de morar em um lugar em que eles ocuparam, e a gente tem que trazer para cá é o benefício.

Eu fico imaginando o que era isso aqui e fico imaginando essa avenida aqui, agora, Kassab, isso aqui é uma avenida em que as crianças vão poder andar de bicicleta, em que as crianças vão poder... quem tiver seu carrinho vai poder passar por aqui. E isso aqui, agora, não é mais uma favela, isso aqui agora é um bairro, é mais chique.

Eu, Kassab, digo isso com orgulho, porque quando nós fomos visitar um prédio ali, eu entrei naquele prédio ali e eu fiquei, sinceramente, fiquei orgulhoso de ver a qualidade do prédio. Eu que quando casei, em 1975, fui morar numa casa de 33 m² – eu, Marisa e dois filhos; depois veio o terceiro e depois veio o quarto. Aí a gente como todo mundo faz, vai aumentando o puxadinho para cá, puxadinho para lá, e a casa vai crescendo aos pedaços, aos trancos e barrancos, como é a vida de todos nós.



Mas esse apartamento é de qualidade. O Ministro das Cidades sabe que, daqui para frente, as casas do Minha Casa, Minha Vida têm que ter azulejo, elas têm que ter cerâmica no chão, porque não é possível imaginar que o pobre gosta de pobreza, não é possível imaginar que nós não gostamos de coisa boa, não é possível. De vez em quando a gente vai discutir, as pessoas falam: “Mas colocar azulejo na casa de pobre? Eles gostam de azulejo? Não é coisa de rico?” Não, azulejo é coisa para quem gosta. E todo mundo gosta de ter, na cozinha, azulejo, todo mundo gosta de ter lajota na sua casa.

Então, eu quero dar os parabéns pela qualidade da casa. É um apartamento que tem um visual muito bonito, muito bonito. Eu, sinceramente, quero dizer para você, Gilson, que saio daqui gratificado de ver a qualidade da moradia que as pessoas vão ter daqui para frente. E isso é apenas o começo, ainda falta muita coisa acontecer aqui.

Eu já estou vendo, ali, placa reivindicando mais creches, reivindicando mais hospital, reivindicando uma série de coisas, ou seja, essas coisas vão acontecendo. Nós, que somos governantes, não temos que achar ruim. Cada vez que a gente ver uma placa dessas, a gente tem que voltar para casa e pensar: “É, eu ainda tenho que fazer mais um pouco para poder melhorar a vida das pessoas”.

Eu acho que isso aqui é conquista de vocês. Eu lembro quanto tempo vocês brigaram para chegar ao ponto que nós chegamos, e ainda tem muito lugar no Brasil que a gente está brigando para melhorar, vai mais alguns anos, quem sabe algumas décadas, mas o dado concreto é que o povo ficou esperto, os movimentos de moradia já não aceitam mais meia palavra, já não aceitam mais, ou seja, eles estão preparados politicamente, estão organizados, e eu tenho certeza que todos vocês, Gilson, e o Movimento estão orgulhosos de mais dessa conquista do Movimento de Moradia de São Paulo, do Brasil. Meus parabéns a todos vocês, meus parabéns.



Eu, agora, vou ter que sair correndo, porque eu vou ao hospital ver o meu neto, vou lá ver o meu netinho, depois tem uma festa do Corinthians, no Anhangabaú, que eu vou ter que ir. Então, eu quero me despedir de vocês.

Quero, antes... eu vi que o Wanderley Nunes estava aqui. Eu quero agradecer ao Wanderley. Eu só dei o terno para leiloar, a meia já estava gasta, eu não podia dar, a gravata desapareceu, mas, de qualquer forma, eu acho que vocês juntaram 4 milhões, eu acho que é um bom início para vocês concluírem o sonho de vocês de acabar com o analfabetismo aqui em Paraisópolis.

Que Deus abençoe todos vocês e que a gente possa voltar aqui para entregar mais casas ainda este ano. Agora eu estou vendo que tem um cantador ali, que quer tocar um repente ali, e vamos lá.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de homenagem por ocasião das comemorações do Centenário
do Sport Club Corinthians Paulista**

São Paulo - SP, 31 de agosto de 2010

Doze anos para ganhar as eleições para ser presidente e o cara lá grita: “Lula, Lula, Lula”. Chama de “excelência”, rapaz, para poder...

Olha, primeiro queria cumprimentar a minha companheira Marisa,

Cumprimentar os ministros Orlando Silva, do Esporte; Carlos Eduardo Gabas, da Previdência Social; Marcio Fortes, das Cidades, e Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais.

Quero cumprimentar o companheiro Fábio André Koff, presidente do Clube dos Treze,

Quero cumprimentar o companheiro Andrés Navarro Sanchez, presidente do Sport Club Corinthians Paulista,

Quero cumprimentar os vice-presidentes do Clube dos Treze, Juvenal Juvêncio e Roberto Horcades,

Quero cumprimentar os senhores dirigentes e presidentes de times de futebol aqui presentes,

Quero cumprimentar os atletas aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que é com muita alegria e muita satisfação que eu recebo esse título de Chanceler do Futebol. Hoje, Belluzzo, eu recebi o título de Embaixador do Setor Sucroalcooleiro de São Paulo. Se o Palmeiras quiser me dar um título, eu também aceito, não tem nenhum problema.

Mas, é um dia gratificante para mim, Andrés, poder estar aqui na sede do Corinthians, em uma festa do futebol brasileiro, onde os companheiros



dirigentes do esporte brasileiro estão reconhecendo não o trabalho de um homem, mas o trabalho de uma equipe. De uma equipe que levou em conta a importância do futebol para a nossa economia; de uma equipe que levou em conta o que representa o futebol para o lazer e o divertimento de milhões e milhões e milhões de brasileiros e brasileiras; de uma equipe que entendeu que, em vez de ficar apenas falando, era melhor ficar trabalhando para que a gente pudesse recuperar o prestígio do futebol brasileiro.

E, possivelmente, só poderia fazer isso uma equipe de governo, junto com um presidente da República, que conhecesse as arquibancadas dos clubes e dos campos de futebol do seu país. Só poderia agir assim um presidente da República e uma equipe de ministros que tivessem assistido a um jogo de futebol na Fazendinha, ou que tivessem assistido a um jogo de futebol no tempo em que o Palmeiras era chamado de Academia, no Jardim Suspenso, no Parque Antártica, ou alguém que teve o privilégio que eu tive de ver o Corinthians ser campeão em 1977 contra a Ponte Preta, no Estádio do Morumbi, ou alguém que pudesse assistir o Botafogo ganhar do Palmeiras no Maracanã, ou assistir um Fla-Flu, ou ver o Corinthians, em 1976, invadir o Rio de Janeiro com 80 mil pessoas para disputar com o nosso querido Fluminense, presidido por um pernambucano de Garanhuns e que... A verdade é que o Corinthians tecnicamente era inferior ao time do Fluminense, que tinha o Rivelino jogando no Fluminense e, mesmo assim, com um gol do Russo nós conseguimos ir para a final com o Internacional de Porto Alegre e que, depois, tivemos o azar de perder duas vezes para o Internacional. E, aí, eles nos enganaram: venderam o Caçapava e ficaram com o Falcão e o Paulo Sérgio Carpegiani.

O Corinthians, de vez em quando, tem azar. A Ferroviária de Araraquara tinha um meio de campo extraordinário, com Dudu e Bazzani. O Corinthians contrata o Bazzani e o Palmeiras contrata o Dudu. O Dudu virou um craque enorme e o Bazzani desapareceu, em um momento em que o Corinthians não



andava muito bem das pernas.

Bem, quem viveu tudo isso não poderia chegar à Presidência da República e fingir que o futebol era um antro de maus administradores; alguns diziam que era um antro de bandidos e que, portanto, o futebol brasileiro não podia dar certo.

A verdade é que nós mexemos muito nos marcos regulatórios, a começar do cuidado que tivemos quando estabelecemos o Estatuto do Torcedor, que é o que merece mais respeito, porque é graças a ele que existe o time que nós torcemos, que nós dirigimos e que nós gostamos.

Depois, havia uma inquietação com as dívidas dos clubes de futebol no nosso país. Clubes que estavam tão endividados que todo mundo que conhece minimamente de economia sabia que esses times não tinham como recuperar as suas finanças se não houvesse, por parte do Governo, um gesto. Não uma doação de dinheiro público, mas a criação de mecanismos que pudessem possibilitar aos clubes terem possibilidade de arrecadar o mínimo necessário para, ao mesmo tempo em que pagassem as suas dívidas, começassem a fazer a reformulação que precisavam nos seus clubes.

Ao mesmo tempo, nós tínhamos uma preocupação – e aí me veio uma inquietação cada vez que alguém coloca como ministro alguém para cuidar apenas com uma visão corporativa, e que as coisas acontecem nem sempre como a gente deseja. Eu, por exemplo, teve um momento que me inquietava profundamente o fato de nós tirarmos o jogador de futebol do berçário e ele já ser vendido e a gente só o recebia de volta na aposentadoria. Essa era uma inquietação, que eu penso que é uma inquietação da maioria dos dirigentes.

Obviamente que não está na nossa cabeça tentar criar nenhum mecanismo que proíba a liberdade individual de um ser humano ir para onde bem entender, no momento em que bem entender, sobretudo truncar a possibilidade de um jovem vencer na vida, ganhar um salário em euro ou em dólar, morar na Europa. Longe de pensar que nós teríamos coragem de um ato



de insanidade desses, ou até, muitas vezes, de proibir que um clube fizesse negócio quando o clube quisesse fazer o negócio.

Mas é preciso que tenha a lei da compensação. Muitas vezes, também, um clube investe em um jovem desde os 10 anos de idade, sete anos de idade, oito anos de idade e quando esse jovem começa a despontar alguma coisa ele ia embora, como alguns foram embora e o clube não ganhava nada. Ou seja, compatibilizar essa liberdade de o clube fazer negócio, essa liberdade do jogador ir embora com a compensação por quem criou, por quem apostou. É uma coisa que nós ainda precisamos trabalhar um pouco para que a gente possa chegar em um ponto de equilíbrio em que todos estejam satisfeitos. Eu estou convencido que chegaremos a isso.

Uma coisa que me faz me tornar um torcedor angustiado... já leva de volta... Uma coisa que me faz um torcedor angustiado é que nós ainda não resolvemos o problema de profissionalizar os clubes brasileiros. Eu, às vezes, não consigo entender como é que um clube que tem a torcida que o Santa Cruz tem, em Pernambuco, esteja na terceira série, esteja na quarta ou quinta série – quarta. Eu não consigo compreender como é que um time com a força que tem o Esporte Clube Bahia esteja na segunda. Às vezes, tem time que está na segunda no Brasileiro e está na quarta no estadual ou vice-versa. E, sinceramente, às vezes eu fico com inveja de clubes que têm as coisas todas acertadinhas como em São Paulo, ou um time que tem as coisas como o Cruzeiro tinha, ou o Atlético Paranaense.

Eu ficava imaginando: não é possível – e pode ficar certo, Andrés, porque faltam quatro meses para eu deixar a Presidência do Brasil e eu não quero a presidência do Corinthians, muito menos quero voltar a ter algum cargo –, mas não é possível que o Corinthians não tenha 150 mil sócios aqui em São Paulo, não tem explicação. Se a gente fizer um trabalho, fazer como o Internacional de Porto Alegre, que quase se autossustenta com associados. Nós precisamos fazer com que a nossa torcida seja parte da sustentabilidade



das finanças que o nosso clube tem. Não podemos ficar a despeito apenas do patrocínio que, muitas vezes, se o time está bem vem, se o time não está bem não vem, ou não podemos ficar a despeito, também, apenas da transmissão da televisão. É preciso combinar: nós precisamos da televisão, nós precisamos do patrocínio, mas nós precisamos de uma imensa gama de associados nos clubes deste país. Essa é uma tarefa, uma tarefa importante.

Ô Hélio, você, que é prefeito de Campinas, certamente torcedor da “macaca”, vem aqui torcer porque o seu segundo time é o Corinthians, você sabe perfeitamente bem. Ô Andrés, quando eu entrei no sindicato, as pessoas não queriam ficar sócias do sindicato, as pessoas diziam que dirigente sindical era ladrão, as pessoas diziam que todo dirigente sindical era pelego. Nós fomos para a porta de fábrica trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar e hoje as pessoas sentem orgulho de serem sócias do sindicato.

Eu acho que todos os times, todos os times... Não é ter meia dúzia de torcida organizada que vai lá para provocar briga, não, é ter torcedor que sai com a sua família para ir assistir um clássico, para assistir um jogo, e volta para casa como se tivesse ido para um teatro, para um cinema, para qualquer lugar.

E aí é que eu acho que nós ainda estamos devendo a nós mesmos, e eu não vou ficar procurando culpado, porque possivelmente não saiba quem é o culpado e não tenha solução definitiva, mas eu fico vendo o futebol europeu pela televisão, o Ronaldo é especialista em futebol europeu. Eles têm uma organização, muitas vezes, melhor do que a nossa, porque profissionalizaram melhor do que a gente.

Eu acho que é um caminho que nós vamos caminhar. Não é fácil, é mais fácil falar, é mais fácil ficar em um canal de televisão, em uma rádio, com um microfone falando, porque quando a gente tem uma ideia para falar é muito fácil, o duro é você concretizar. Saber como levanta um tijolo e faz um alicerce todo mundo sabe. Agora vai lá pegar a pá, a colher, mexer a massa e fazer o alicerce para ver se todo mundo sabe fazer.



Eu só quero que vocês saibam o seguinte: eu fico lisonjeado, estou muito orgulhoso de poder ver o Corinthians completar 100 anos. Eu, que há mais de meio século torço para o Corinthians, comecei a torcer para o Corinthians em [19]54, portanto, já faz 56 anos que eu estou torcendo para o Corinthians, ou seja, metade da minha vida... Metade da minha vida, ó! Eu estou com 64 anos, ou seja, a minha vida inteira eu fui corintiano. Aguentei o período “faz-me rir”. Todo mundo sabe o quanto foi duro, Agnaldo, como foi duro aqui em São Paulo a gente enfrentar o Santos toda hora batendo na gente; a gente com um jogador chamado Espanhol, com um jogador jogar no Beirute – parecia mais comida árabe do que jogador de futebol, mas era o que a gente tinha. E a gente vinha aqui... Eu continuo mais corintiano do que nunca, sofro mais do que nunca. A Marisa, de vez em quando, me tira da sala, porque acha que eu sou “pé-frio”. E às vezes eu saio da sala, o Corinthians marca um gol, ela fala: “Está vendo? É porque você saiu da sala, se você fica aqui...” Eu, às vezes, falta meia hora para terminar o jogo, eu sou obrigado a sair para pegar o avião, o Corinthians está perdendo, ela fala: “Vai embora, vai embora que eu te ligo, vai embora que eu te ligo”. Daqui a pouco, ela liga: “Empatou”. Daqui a pouco liga: “Marcou outro”. Então, eu fico com um pé dentro e um pé fora, para ver se eu dou mais sorte do que prejuízo ao meu Corinthians.

Eu, então, quero agradecer a vocês. Quero agradecer, e vocês podem contar comigo. O meu ministro da Previdência, o companheiro Gabas, esses dias a gente estava discutindo e eu pedi para ele fazer um estudo para ver se nós temos condições de criar um plano de previdência para os jogadores de futebol neste país. Porque mesmo nos clubes grandes, não são todos aqueles que ganham muito, e a maioria dos jogadores brasileiros ganha muito pouco. A chance de eles ganharem um pouco é chegar a um time grande ou ir para o exterior. Muitos começam em clubes pequenos e terminam em clube pequeno e, muitas vezes, alguns que ganharam muito dinheiro não souberam



administrar e perderam. Então, eu acho que nós temos que propor e eu pretendo comunicar ao Grupo dos Treze, antes de deixar a Presidência, quem sabe a gente fazer uma reunião em Brasília para apresentar para vocês uma proposta de Previdência para os jogadores de futebol brasileiros, para deixar as pessoas mais tranquilas.

E comunicar a vocês todos, já comuniquei ao Orlando: no dia em que os clubes de futebol quiserem acabar com os cambistas nos estádios e quiserem que o sistema de loteria deste país venda ingressos para o público, estejam certos de que a Caixa Econômica já está pronta para vender quantos ingressos as pessoas quiserem, em toda a rede lotérica da Caixa, em toda a rede lotérica. No dia que vocês quiserem, é só proporem o Orlando, nós convocamos uma conversa e anunciamos para vocês quando e como começa esse trabalho.

No mais, de coração, muito obrigado a vocês. Saio daqui mais corintiano, saio daqui mais comprometido com o Corinthians, com o passaporte corintiano, com uma caneta bonita que eu ganhei, que vocês não viram, corinthiana, a minha mulher com o passaporte corintiano, certamente meus filhos todos terão passaporte corintiano, porque eu não quero ninguém vivendo na clandestinidade na nação corinthiana.

Um abraço a todos vocês e obrigado pelo carinho.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da XVIII Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira (Fenasucro) e da VIII Feira de Negócios e Tecnologia da Agricultura da Cana-de-Açúcar (Agrocana)

Sertãozinho-SP, 31 de agosto de 2010

Bem, meus companheiros e companheiras de Sertãozinho e da região,
Meu querido companheiro Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,

E o companheiro Luiz Dulci, ministro da Secretaria [Secretaria-Geral] da Presidência da República,

Meu caro Nélio Costa, prefeito de Sertãozinho,

Prefeitos e prefeitas Dárcy Vera, de Ribeirão Preto; Marco Ernani Luiz, de Altinópolis; Said Ibraim, de Barrinha; Adelino da Silva Carneiro, de Dumont; Gilberto Barbeti, de Morro Agudo; João Ricardo Fascineli, de Motuca; Ricardo da Silva Sobrinho, de Santo Antônio da Alegria; Oswaldo Baptista Filho, de São Carlos; Nelson Cavalheiro Garavazzo, de Serrana,

Meu caro Alexandre Aguiar, presidente da Conab,

Meu caro Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível,

Meu caro Adézio Marques, presidente do Ceise,

Companheiros Antonio Toniello, presidente de honra da Agrocana,

Rubens Ometto, presidente de honra da Fenasucro,

Nosso companheiro Élio Neves, presidente da Federação dos Empregados Rurais [Assalariados] do estado de São Paulo,

E nosso querido maestro Américo Batista, por intermédio de quem cumprimento todos os integrantes do coral Vozes do Campo, da Usina



Viralcool,

Meus caros amigos e amigas do setor sucroalcooleiro,
Companheiros da imprensa,
Amigos e amigas,

Não se assustem porque o discurso tem letra grande e ele será um pouco rápido, porque hoje o Corinthians completa cem anos e eu terei que estar na festa de cem anos do Corinthians hoje à noite. Como vai nascer um neto meu, agora, eu espero que ele nasça corintiano já e aumente a nossa...

Bem, eu vou ler, vou ler um pedacinho do meu discurso e depois eu queria dizer umas coisas para vocês.

Antes de mais nada, eu queria lembrar que o nosso compromisso com o desenvolvimento do etanol brasileiro não é de agora. Já na campanha de 2002, dissemos que uma das prioridades da nossa candidatura era o resgate da agroenergia brasileira. Por incrível que pareça, Wagner Rossi, isso está escrito no programa da minha candidatura de 2002. Jamais eu imaginei que um ano depois nós estaríamos lançando um programa de biodiesel no Brasil. E dissemos isso num momento desfavorável, em que o combustível da cana-de-açúcar sofria o descrédito do consumidor e parecia abandonado pelo Estado brasileiro.

O preço do petróleo, então, havia recuado para a faixa de US\$ 23 dólares por barril, contra algo em torno de US\$ 76 atualmente. Talvez se imaginasse, naquele momento, que as cotações do petróleo nunca mais subiriam. Por certo, também, não existia no Estado brasileiro a visão estratégica de que o combustível renovável produzido por nós desempenharia um papel decisivo no futuro da agenda ambiental.

O fato é que o nosso governo apostou no resgate do Proálcool e a aposta revela-se cada vez mais acertada. Hoje o Brasil é o segundo maior produtor mundial. Temos a maior frota de veículos movida à base de etanol em



todo o mercado internacional. Nossa agroenergia é referência de competitividade mundial e o etanol já se tornou um eficaz embaixador verde-amarelo nas parcerias que estamos construindo com países amigos da África e da América Latina.

Em todo o mundo, a produção global de etanol é da ordem de 67 bilhões de litros. Nesta safra, apesar da seca, o Brasil fará sozinho o equivalente a 26 bilhões de litros de álcool, um crescimento de 11% sobre o ano de 2009. Em 2020, o consumo mundial alcançará 210 bilhões de litros, ou seja, o etanol será responsável por uma fatia de 20% do uso total de combustíveis no planeta Terra.

Temos credenciais tecnológicas, agrícolas e estratégicas para liderar a escalada de um dos mais promissores combustíveis renováveis do século XXI. O etanol brasileiro já substitui 25% da gasolina utilizada em nosso país. Utiliza para isso menos de 1% da área agrícola brasileira.

Eu sei que a maioria dos empresários do setor têm que conhecer esses números “de cor e salteado” para o nosso embate cotidiano com os nossos concorrentes, mas é sempre importante que a nossa gloriosa imprensa saiba das coisas para ela poder divulgar o que acontece nesse mundo, e que depois eu vou dizer o que vai acontecer na COP-16, no México, este ano.

Nos Estados Unidos, o álcool do milho precisa de pelo menos 3,5% do total das terras agrícolas para substituir somente 0,5% da gasolina consumida pelos norte-americanos. Na União Europeia seria necessário realocar quase 75% do espaço agrícola para alcançar modestos 10% de substituição da gasolina e do diesel para os consumidores.

O fato é que, matematicamente, a indústria brasileira do álcool combustível é a mais eficiente e a mais competitiva de todo o planeta Terra. Além de custar quase três vezes menos que o similar norte-americano, o etanol da cana gera oito vezes mais energia do que gasta na produção e reduz em 60% as emissões de poluentes, em comparação com a gasolina.



Nada disso aconteceu por acaso. Decisões políticas foram tomadas para que chegássemos até a liderança mundial. Criar o Proálcool em [19]75 foi uma decisão eminentemente política do Estado brasileiro. Nós sabemos, nós sabemos que foi exatamente nesse período que a cana-de-açúcar, que em [19]73 estava quase US\$ 1.200 a tonelada, despencou. Todo mundo tinha plantado açúcar e, ao não saber o que fazer com o açúcar, alguém teve a ideia engenhosa de criar o Proálcool. Na época, muitos de nós éramos contra e hoje, muitos que eram contra, eram [são] favoráveis. Pois bem, resgatá-lo em 2003 foi uma iniciativa de natureza estratégica.

Eu queria me pegar aqui um pouco no discurso do representante dos trabalhadores e no discurso do representante dos empresários, para mostrar que o avanço não é apenas do etanol, o avanço não é apenas da qualidade. O avanço é da humanização das relações humanas que nós conseguimos construir nesses oito anos.

Eu sei que muitos amigos tinham medo de mim, medo, dúvidas, incerteza “O que é que esse cara vai fazer? Vai acabar, vai fazer não sei das quantas”, eu sei disso. E eu sei que também nós tínhamos muitas dúvidas sobre o comportamento dos empresários do setor, muitas dúvidas. Eu fiz questão de dizer que usineiro, no Brasil, era tratado como pastor evangélico. Os políticos modernos utilizam os usineiros na época de financiamento de campanha, mas depois têm vergonha de dizer que são amigos dos usineiros. E eles utilizam o voto dos evangélicos e depois não têm coragem de tirar fotografia do lado de um pastor porque acham que isso diminui o comportamento dele.

Como eu acho que isso é puro preconceito, e eu sou um homem sem preconceitos... aprendi, por ser vítima de preconceito, a estabelecer uma tese simplista. Quando é que um homem e uma mulher se casam? Quando se conhecem, quando convivem e quando começam a se gostar, se casam. Se não se conhecessem, não casariam nunca.



Como é que a gente está podendo estabelecer essa relação extraordinária, que já virou até mais do que casamento? Na medida em que nós nos conhecemos, na medida em que o governo descobriu a importância do etanol para a matriz energética brasileira, na medida em que o governo descobriu que já tinha empresários altamente competentes trabalhando no setor, na medida em que o governo descobriu que já tinha tecnologia suficiente, na medida em que o governo descobriu que não precisaria inventar nova roda. Era apenas tentar estabelecer uma relação com aquela roda já existente, e eu não tenho medo de dizer, não tenho medo de dizer: nunca antes na história do país houve uma relação tão sadia como a relação que nós estabelecemos com o setor sucroalcooleiro no Brasil. Uma relação de lealdade, uma relação de trabalho, uma relação em que vocês reivindicam aquilo que vocês entendem que devem reivindicar. O governo atende, com seriedade aquilo que é possível atender e diz não àquilo que não é possível atender.

Mas era preciso construir o segundo passo. Qual era o segundo passo? Humanizar o setor sucroalcooleiro. Por que humanizar? Não apenas porque os trabalhadores gostam de viver melhor, de trabalhar melhor, de ganhar melhor, de comer melhor, de ter água gelada, de ter banheiro, de ter uma comidinha quente, mas também porque quando o Brasil se tornou artista principal no mercado internacional das energias alternativas, o Brasil também passou a ser vítima de ataques injustos.

Quando veio a crise de julho de 2007, a crise dos alimentos, a primeira coisa que fizeram foi dizer que o preço da soja estava aumentando porque o Brasil estava ocupando toda a terra agricultável com cana-de-açúcar. E aí nós não tivemos medo, e é por isso que eu tenho um orgulho imenso de não ter vergonha de dizer que com a mesma ênfase que eu defendo um trabalhador em qualquer lugar do mundo, eu defendo um empresário brasileiro em qualquer lugar do mundo porque eu sei da competitividade.

Quando o Brasil virou o primeiro exportador de sucos do mundo, o



primeiro exportador de café do mundo, o primeiro exportador de carne do mundo, um grande exportador de álcool, obviamente que nós temos adversários querendo vender nos mesmos países que nós vendemos, querendo disputar cada centavo, e aí começam a atacar os nossos produtos.

E nós não tivemos dúvida de ir a Copenhague desfazer a desfaçatez dos países ricos com relação aos países emergentes. Fomos a Copenhague para dizer em alto e bom som que, na verdade, não existia, por parte do mundo desenvolvido, nenhum interesse em cumprir o Protocolo de Quioto. O que eles queriam era inibir os países em desenvolvimento de terem a mesma capacidade de desenvolvimento deles. E nós fomos lá para dizer para eles que a gente não aceitava inibir o desenvolvimento do Brasil, que nós queremos que o trabalhador brasileiro tenha o mesmo padrão de vida que tem os trabalhadores deles, e nós não aceitávamos a ideia de passar mais um século pobres. E fomos mostrar para eles que se tinha alguém que cuidava do meio ambiente era a produção de etanol brasileiro, porque a gente sequestra o carbono quando a gente planta cana e ela está crescendo, e a gente emite menos gases quando começa a utilizar na gasolina. Ora, então, qual é a dúvida que tem? Vai plantar álcool de beterraba, de canola, de milho?

Então, esse é um debate, meu caro, que nós resolvemos enfrentar juntos e essa coisa da União, coordenada pelo companheiro Dulci, de tentar estabelecer a humanização do mundo do trabalho na cana-de-açúcar é uma coisa extraordinária.

Eu, Helio, como você, como você, durante muito tempo eu tinha medo. “Ah, vai vir a máquina agora, e o que você vai fazer com os trabalhadores?” Ora, nós temos consciência de que se o trabalhador puder ter uma oportunidade, em um serviço melhor, mais humano do que ficar cortando cana, nós temos que dar a ele oportunidade e não temos que ter medo da máquina, não temos que ter medo. O que nós temos é que criar, como estamos fazendo, novas oportunidades de trabalho para esses trabalhadores não precisarem ser



cortadores de cana, que eles possam ser outra coisa qualquer para ganhar até um salário maior e ter uma atividade, eu diria, de melhor qualidade.

Por isso, parabéns ao setor, tanto dos trabalhadores quanto dos empresários, por esse amadurecimento. Se eu não tivesse feito nada e tivesse só ouvido os discursos de vocês dois hoje, aqui, eu já poderia ir embora para Brasília tranquilo, dizendo que valeu a pena ser Presidente da República deste país nesses oito anos.

O etanol brasileiro é um caso exemplar de uma parceria bem-sucedida entre o Estado e a iniciativa privada, no desbravamento de uma nova fronteira de desenvolvimento. Vantagens de terra, sol e água existiam, mas nós sabemos que vantagens comparativas não definem, por si só, a história de um país. Depende de como elas são aproveitadas, depende do direcionamento que assumem na engrenagem produtiva da sociedade. Depende, sobretudo, dos seus desdobramentos na geração da riqueza e das oportunidades.

O Proálcool recebeu, do Estado brasileiro, investimentos da ordem de US\$ 16 bilhões desde 1975. Incentivos fiscais e ganhos de pesquisa foram transferidos à indústria sucroalcooleira para torná-la o que é hoje, com muito orgulho, a mais eficiente indústria do mundo.

Os que hoje criticam a capitalização do BNDES pelo governo, para garantir o fomento a diferentes setores da produção brasileira, esses, certamente, não teriam criado o Proálcool em 1975. Se dependesse deles, certamente o Brasil não produziria hoje entre sete a oito mil litros de álcool por hectare, contra a média de dois mil litros nos anos 70. Se dependesse deles, certamente não teríamos criado o biodiesel, que atingimos a cota de 5% no dia 1º de janeiro de 2010, quando a lei previa que seria em janeiro de 2013. Agora nós vamos ter que tomar uma decisão, meu caro Rossetto, de aumentar a meta em vez de 5% para 8% até 2013, para a gente continuar ocupando a nossa terra e produzindo combustível limpo. Se dependesse deles, nós não teríamos criado a usina de Belo Monte, que foi uma coisa marcante que



aconteceu na semana passada no Brasil.

Depois de 30 anos... tem engenheiro que se formou, trabalhou na elaboração da proposta de Belo Monte, se aposentou e não conseguiu sequer ver Belo Monte ser colocada em prática, por covardia de políticos que tinham medo do primeiro que gritasse que não era para fazer. Durante 20 anos foi proibido fazer estudos sobre a hidrelétrica de Belo Monte. Nós tomamos a decisão de fazer Belo Monte, e graças a Deus já foi feita a licitação, já ganharam os empresários, agora estamos só esperando que eles comecem a produzir uma hidrelétrica de onze mil megawatts, dos quais quase cinco bilhões foram destinados para cuidar dos problemas sociais das pessoas que moram em torno da usina.

Nós temos que mostrar para os nossos irmãos índios que eles não precisam ficar pescando de flecha, só. Eles podem aprender a criar (falha no áudio) em tanque, em tanque-rede, eles podem ter muito mais qualidade, podem ter muito mais peixes. Nós não podemos ver o nosso pequeno agricultor do lado de uma hidrelétrica sem ter uma água para irrigar a sua terra. Então, o Estado brasileiro também teve que assumir responsabilidade social para que a gente pudesse garantir Belo Monte ser colocada em prática.

Se dependesse deles, com certeza, não teríamos salvaguardas para garantir a exploração soberana do pré-sal em benefício de toda a sociedade brasileira.

Os acertos que acumulamos na área energética são inegáveis, mas não significa que tudo já foi feito e que não há lacunas a superar, inclusive no caso do etanol. A cana-de-açúcar foi a primeira lavoura do Brasil. Com ela, instalou-se aqui a maior plataforma exportadora de todo o mundo, em plena ordem colonial.

Ao lado da eficiência econômica, porém, sabemos que o ciclo da cana-de-açúcar marcou a nossa história com cicatrizes profundas da escravidão, e que suas consequências ainda condicionam, em certa medida, a desigualdade



brasileira.

Criado na época do regime militar, o Proálcool, originalmente, não teve o impulso de reconciliar a trajetória dessa lavoura com as justas aspirações de igualdade de milhões de homens e mulheres deste país.

A liderança conquistada tecnologicamente pela nossa agroenergia, deve agora vencer o desafio de associar ao etanol brasileiro o selo da sustentabilidade e o primado da justiça social. Estamos falando na criação de sucessivos acordos e protocolos democráticos que propiciem uma reacomodação entre a lógica da produção e as aspirações do interesse público. Creio que avançamos significativamente nesse rumo no passado.

O zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar, que anunciamos em 2009, é uma resposta do Brasil à crítica desinformada, que faz coro ao protecionismo internacional. Todos se recordam que no auge da crise mundial, o alimento foi responsabilizado e tentaram jogar a culpa em cima do Brasil, com vários artigos publicados em jornais e revistas estrangeiras. Depois, descobriu-se que era uma grande farsa. Em boa parte, todo mundo sabia, que a alta nas cotações dos alimentos foi o resultado da ação especulativa, que buscava abrigo nas *commodities* contra a explosão da bolha imobiliária americana.

No caso do etanol brasileiro, a tese do conflito inconciliável entre agroenergia e segurança alimentar era e continua sendo uma falsa leitura da realidade. Mesmo assim, nosso governo definiu medidas preventivas para assegurar que a expansão futura da lavoura canavieira se faça de modo responsável e sustentável em nosso país.

Vetamos a instalação de novas usinas e plantações em áreas de vegetação nativa: no Pantanal, na Amazônia, na caatinga, no cerrado ou em remanescentes da Mata Atlântica. O setor sucroalcooleiro nada perdeu. E, no todo, o Brasil ganhou com isso – preservamos nossas riquezas naturais –, e o etanol continua a dispor de pelo menos 70 milhões de hectares ociosos no



interior da fronteira agropecuária para plantar quantos pés de cana quisermos plantar. Mas houve um outro passo importante nessa reordenação histórica, esse de natureza social. Eu falo do compromisso assumido aqui, que já foi dito pelo Hélio e, portanto, eu não vou repetir, do acordo entre os trabalhadores e os usineiros.

Eu queria terminar dizendo para os companheiros que nós não estamos perdendo nada ao tentar encontrar, definitivamente, uma solução em que mais trabalhadores possam, em um congresso da indústria sucroalcooleira, fazer o discurso que fez o companheiro Hélio, aqui, que foi um dos mais importantes e combatentes dirigentes sindicais que nós conhecemos no setor.

Por último, companheiros e companheiras... Quando o chefe do cerimonial começa a andar para lá e para cá é porque ele está dizendo que está na hora de terminar o meu discurso, que a próxima agenda já está esperando.

Mas eu queria apenas dizer para vocês o seguinte: o Brasil vive um momento que eu considero quase um momento mágico da nossa história. Os que têm a minha idade, aqui, sabem perfeitamente bem do que eu estou falando. Nós somos um país de uma democracia incipiente. A juventude talvez não se lembre, mas nós estamos vivendo o mais prolongado período de democracia contínua da história do Brasil. Se a gente quiser pegar [19]85, quando o Sarney tomou posse, ou teve as eleições indiretas, ou se a gente quiser pegar a Constituição de [19]88, 5 de outubro de [19]88. Portanto, a nossa democracia é muito nova, ela ou tem 22 anos ou tem 23 anos, ela é muito nova. Eu acho que nós estamos dando um exemplo extraordinário, primeiro, de consolidação das nossas instituições altamente democráticas. Segundo, eu não acredito que tenha, no mundo, imprensa mais livre do que a nossa. Duvido que exista, no mundo... aliás, é um artigo do New York Times, deste mês, que mostra que tem poucos lugares do mundo em que a democracia reina tanto na imprensa brasileira, como aqui no Brasil [reina tanto



na imprensa, como aqui no Brasil]. Terceiro, o Parlamento age e funciona abertamente fazendo aquilo que lhe é direito de fazer.

Segundo, nós criamos instrumentos de fiscalização como nunca teve na história do Brasil. Hoje, quem é prefeito, quem é governador, quem é ministro e quer fazer uma obra, sobretudo na área de infraestrutura sabe o sacrifício: é quase que subir uma escadaria de mil degraus, de joelhos, com a vela acesa na mão para pagar uma promessa. Entre fazer o projeto... entre fazer o projeto, decidir fazer o projeto, fazer o projeto básico, conseguir licença prévia, depois passar pela tramitação do Tribunal de Contas, depois passar pela CGU, depois passar pelo Ministério Público, depois passar pelas licitações, depois passar pela briga entre as empresas que participaram da licitação – a que perdeu normalmente entra na Justiça.

Eu vou dar apenas um exemplo para vocês: a Transnordestina, que é uma ferrovia de 1.720 quilômetros que liga o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, e vai até Eliseu Martins, no Piauí, buscar carga de soja do Piauí, essa ferrovia, nós levamos cinco anos construindo a engenharia política, financeira e vencendo todos os processos de impedimento das instituições de fiscalização no Brasil, porque nós criamos muitas instituições de fiscalização. Ora aparece uma borboleta que está em extinção, então tem que parar a obra para estudar a borboleta; ora é uma perereca que aparece ali, no meio; ora é um... É um negócio que... Até vou pedir, Zimmermann, para os ministros descreverem todas as coisas hilariantes. Ora é uma pedra que parece uma machadinha indígena, então tem que parar, e a obra fica parada seis meses para o antropólogo estudar o que é aquela pedra. E assim vai... Ora aparece um osso e para para estudar mais seis meses, e assim vai. Obras que ficam três, quatro anos paralisadas, ninguém assume responsabilidade pela paralisação e ninguém assume responsabilidade pelo prejuízo que o país tem como essas coisas. As pessoas apenas dizem: “Olha, não era o que eu pensava”, e fim de papo.



Então, o Brasil, apesar disso, vocês empresários sabem, os trabalhadores e a imprensa, que o Brasil, depois do governo Geisel, não tinha mais conseguido investir em infraestrutura. O último exemplo de investimento em infraestrutura foi no governo Geisel que combinou com o endividamento do Brasil. Ou seja, petrodólares muito baratos, eurodólares muito baratos. O Geisel foi pegar, contra a vontade do Mário Henrique Simonsen, o Geisel resolveu fazer grandes coisas, só que ele não se lembrou que tinha que pagar, e quando o Figueiredo toma posse, começa a ter que pagar a dívida. O Paul Volcker, que era o presidente do Banco Central americano, para resolver o problema do déficit fiscal americano, elevou os juros de 3% para 21% – portanto, a nossa dívida estourou –, e aí nós tivemos 1980, 1990 e praticamente até 2002 com o Brasil totalmente impossibilitado de fazer investimento.

Nós, hoje, estamos fazendo mais investimento do que em qualquer outro momento da história, e eu sei que falta muito fazer. Hoje, nós pagamos por mês aquilo que o Ministério dos Transportes tinha de orçamento por ano. Hoje nós pagamos por mês, com uma vantagem: nós pagamos em dia, nós contratamos e pagamos e, quando fazemos convênios com os prefeitos, o dinheiro é depositado nas contas dos prefeitos. Nós não ficamos esperando que os prefeitos vão toda semana, com chapeuzinho, pedir ajuda, não. E falo aqui na frente de prefeitos que não são do PT que, portanto, são prefeitos de outros partidos de oposição e que eu duvido que tenha no Brasil um prefeito que diga: “O presidente Lula não me deu R\$ 10,00 porque eu sou de outro partido político”. Às vezes... às vezes, o que eu ouço... às vezes, o que eu ouço são companheiros do meu partido dizendo que eu privilegio os outros porque sou muito republicano.

Mas o dado concreto, o dado concreto é que o Brasil vive um momento mágico que todos nós ajudamos a construir, ou seja, nós estamos em uma situação altamente privilegiada. Eu jamais... acho que qualquer um de vocês



[jamais] imaginou que o Brasil iria ter mais de US\$ 260 bilhões de reservas, jamais vocês imaginaram que o Brasil ia ter trabalhador se aposentando em meia hora. Hoje o trabalhador brasileiro não precisa mais levar um pacote de documentos para se aposentar; ele recebe uma carta na casa dele dizendo: “Meu caro, meu caro Lula, o senhor completou 36 anos de contribuição. Sua aposentadoria é tanto; pode aparecer na agência tal e receber a sua aposentadoria”. Isso, em meia hora. Já temos, Hélio, já temos 5 milhões... já temos 5 milhões de trabalhadores rurais cadastrados, que também não vão ter que apresentar nenhum documento, vão receber uma cartinha dizendo: “Seu Hélio, o senhor completou seu tempo de idade, 60 anos. O senhor pode comparecer à agência tal, sua aposentadoria será de tanto e você pode se aposentar”.

Auxílio-natalidade, que as mulheres demoravam até 120 dias depois de ter o bebê, se vacilar, ela está recebendo até antes de nascer, de tão rápido que é. Vocês nunca mais viram um radialista falar de fila de INSS. Hoje, qualquer consulta, qualquer consulta... eu estou meio chateado porque os peritos entraram em greve: eles ganhavam R\$ 2 mil, nós estamos pagando 14 [mil], portanto, não há nenhuma razão de fazerem greve. Nenhuma. Mas entraram em greve porque querem reduzir a jornada de trabalho. Eu estou achando muito engraçado: no Brasil, as pessoas querem trabalhar 30, 20; daqui a pouco, as pessoas querem ganhar sem trabalhar. É preciso que as pessoas levem em conta... Agora virou mania, todo mundo quer trabalhar 30 horas; enquanto isso, o Presidente trabalha 18, 19, 20.

Então, eu acho... mas hoje você marca... hoje você marca uma consulta médica em um perito – quando eles terminarem a greve – no máximo em três dias. Antigamente demorava nove meses. Por que demorava nove meses? A empresa mandava o trabalhador – os primeiros 15 dias é a empresa que paga. Aí mandava para a Previdência, e aí o trabalhador, para voltar a trabalhar, ele tinha que ir ao perito. Como não tinha perito, ele ficava nove meses recebendo



benefício da Previdência, sem ter o exame para saber se ele estava bom ou não.

Então, tudo isso acabou, e eu acho que vocês podem ter certeza do seguinte: não há nenhuma possibilidade do Brasil voltar atrás. Eu, quando venho ver uma feira dessa, Wagner, o que me chama a atenção é a evolução tecnológica a cada ano; o que me chama a atenção é que hoje nós não devemos nada a absolutamente ninguém do ponto de vista dos avanços tecnológicos. Um país que tem uma indústria capaz de produzir essa qualidade de máquina, um país que tem uma Embrapa, um país que tem a quantidade de solo que nós temos, a quantidade de fotossíntese que nós temos, tem medo do que? Nós não temos que ter medo de disputar com ninguém o mercado agrícola. É por isso que, nesta semana, eu não sei se vocês viram, uma revista americana publica... inglesa, se não me falha a memória. Foi a Newsweek, publica que o Brasil é o dono da cocada nessa questão agrícola, quando o mundo está precisando de alimentos.

Por isso eu quero dar os parabéns aos realizadores desta feira, dar os parabéns aos trabalhadores e dizer a vocês que saio daqui graduado. Depois eu vou entrar na Justiça para receber o salário de embaixador do setor.

Um abraço, gente, que Deus nos abençoe!

(\$211A)